

ALTEROSA





Não é tão fácil fazer batatas fritas!... POR QUE?

Porque para que sejam bem feitas, verdadeiramente, precisam reunir estes predicados: não devem estar secas, nem encharcadas; douradinhas por fora e bem cozidas por

dentro. O óleo "A Patrôa" é super-refinado, proporcionando as condições indispensáveis a que as batatas se tornem não apenas saborosas, mas leves, macias e digeríveis.



SIGA ÊSTES CONSELHOS —

1 - Ponha bastante óleo na frigideira. Poderá usar o mesmo repetidas vezes. Nunca tape a frigideira em que se fritam as batatas.



2 - Enxugue as batatas para não esfriar o óleo e ponha pequenas quantidades de cada vez. Mantenha sempre o óleo bem quente.



3 - Não salgue as batatas antes de fritá-las. É muito melhor polvilhar o sal depois de fritas.



ÓLEO *A Patrôa*

PRODUTO DA Swift do Brasil

CAPA

Irene Dunne, a elegante "star" da Colúmbia, em um trabalho de trieromia executado pelo gravador Gervásio Pinto de Araújo. Nesta edição, às páginas 76 e 77, apresentamos uma detalhada reportagem sobre essa linda estrêla do cinema, considerada "uma das dez damas mais distintas" da América.

CONTOS

Mamãe	
Paulo Sizenando	2
E o Milagre Não se Realizou...	
Ilza Montenegro	6
O Voto	
Júlia Lopes de Almeida	10
A Única Solução	
Paulo Ribeiro	14
Pequenez Humana	
Lady Zoffoli	18
Foi em 1889	
Henry Falk	22
O Segrêdo	
Isabel Moore	26
Raio de Sol	
Neyde Joppert	32
O Guarda-Chaves	
Renée Dulac	38

LITERATURA

A Vida é Assim...	
Mário Matos	39
Vitrine Literária	
Cristiano Linhares	40
Protesto dum Pater Famílias	
Oscar Mendes	52

DIVULGAÇÃO

Miss Bloomer e Sen "Vestido Novo"	
Olga Obry	43
Lady Macbeth	
Dionysio Garcia	46
Cartas dos Estados Unidos	
Huberto Rohden	50
A Vila Mal Assombrada	
Lúcia Machado de Almeida	54
Como Tratar a Cleptomania	
Donita Fergusson	92
O Carnaval e as Mulheres	
Djalma Andrade	98
Recordar é Viver	
Abílio Barreto	110

HUMORISMO

De Mês a Mês	
Guilherme Tell	44
Paisagens Locais	
Fábio Borges	60
Pingos de História	
Joaquim Laranjeira	68

RÁDIO

A partir da página	104
------------------------------	-----

MODA E BELEZA

Moda Feminina	
A partir da página	72
A Mulher e o Perfume	
Redação	86
Sugestões para sua beleza	
Ivete Marion	90

DIVERSOS

Sedas e Plumas	
Esparsos	48
Página das Mães	
Hinterlândia Poética	62
Caixa de Segredos	
Arte Culinária	64
Grafologia	
No Mundo dos Enigmas	66
	70
	114
	122



Idealidade

Uma casinha humilde, entre árvores risonhas,
e dentro — duas vidas principescas:
eu, à noite, a escrever... tu, que bordas ou sonhas...
No ambiente um cheiro bom de rosas frescas...

Um rio a escorregar pelos vales em flor...
... e quando o inverno vier — uma tristeza doce
pairando, em tórno, assim como se fôsse
o perfume de um sonho, um dolente dulçor...

Noite branca vestida de neblina!
Brumas... Brumas rolando mansamente...
E, seguido daquela estrêla pequenina,
— que é a sua companheira — o perfil do crescente...

Duas almas tranquilas e amorosas!
Eu e tu! Vida... Amor... Serenidade...
Nossos beijos, meus livros, tuas rosas...
— Eis o meu sonho!

E tu? Virás, Felicidade?...

Bastos Portela



ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editôra Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal) Cr\$40,00 para 1 ano e Cr\$70,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editôra Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.

mamãe

Conto de Paulo Sizenando
Ilustrações de Rodolfo

Observa-se, atualmente, entre os nossos escritores, acentuada tendência para a focalização de histórias desenroladas nas mais estranhas regiões do mundo. Afigura-se-nos desejo de originalidade e ineditismo, o que é louvável, quando o escritor não perde as suas características próprias...

Paulo Sizenando inicia sua colaboração nesta revista com um conto que comprova a nossa assertiva e nos faz entrever um futuro contista digno da melhor atenção.

LAMBERT olhava, através da vidraça, a chuva incessante que caía. O céu havia se tornado negro e era, de pouco em pouco, iluminado pelo clarão de um relâmpago, ao mesmo tempo que, na terra, escutava-se o ruído agudo de um raio, cujo estalido permanecia no ar por alguns instantes, depois abafado pelo estrondo de outro.

A rua achava-se completamente deserta. A chuva tornava-se, agora, mais forte e o vento soprava violentamente, produzindo silvos prolonhados nas frestas das janelas e obrigando os troncos das árvores a se inclinarem. As folhas eram arrancadas dos galhos, caindo ao chão e levadas dali pela correnteza das águas.

Lambert teria permanecido ali por mais algum tempo, se o relógio da igreja não houvesse soado dez vezes, como que lhe avisando a hora em que tinha costume de se recolher. O velho professor dispunha-se a apagar a luz, quando percebeu que batiam à porta. Sentiu-se um pouco amedrontado. Esperou, julgando ter sido o vento a razão daquele barulho. Alguns segundos depois, porém, percebeu que, na verdade, alguém batia à sua porta. Abriu-a e, antes mesmo de saber quem o incomodava, perguntou:

— Que deseja, tão tarde da noite?

A um canto de sua varanda, viu uma sombra negra mover-se.

— Tenho fome, senhor! Estou a tremer de frio!

Lambert fechou a porta e, pouco depois, voltava, trazendo algum alimento, que ofereceu ao desconhecido. Quando procurava segurar o que Lambert lhe oferecia, o desconhecido tombou ao chão, inerte. O professor abriu, mais um pouco, a porta e, à luz da sala, viu, caído em sua varanda, um rapazinho magro, esfarrapado e sujo.

Lambert carregou-o para a sala. Pouco depois, o rapaz abriu os olhos. Comeu apressadamente o alimento que lhe foi oferecido.

— Como se chama, rapaz? — perguntou-lhe Lambert.

— Ricardo.

— Onde moram seus pais?

— Não tenho pais, senhor. Minha mãe morreu há pouco tempo. Desde então, tenho vivido da caridade dos outros. Eu morava em uma pequenina aldeia. Ontem à noite tomei um trem de carga, que se dirigiu para a Capital. Eu esperava empregar-me lá. No meio do caminho, porém, o guarda do trem descobriu-me em um vagão, entre os animais. Queria deixar-me no leito da estrada. Eu tive medo, pois a noite está muito escura. Pedi-lhe que não me deixasse ali. Ele prometeu deixar-me na primeira estação, por onde passassemos. E deixou-me aqui. Quando o trem partiu e me vi sozinho, senti medo. Tudo estava deserto. Senti, então, a falta que me faz mamãe, a falta que me faz um lar. Senti medo, tinha fome, senti frio. Caminhei pela cidade, mas todas as casas estavam às escuras. Já me dispunha a dormir no umbral de uma porta, sem nada comer, quando avistei luz em sua janela. Bati à porta e... não sei o que aconteceu depois.

— Você dormirá hoje em minha casa, Ricardo. Tenho um quarto, que nunca foi usado.

— disse-lhe Lambert.

— Mas, senhor, eu não quero lhe dar incômodo. — respondeu-lhe o rapaz.

Suas palavras, porém, traduziam sua vontade de dormir ali.

O professor mostrou-lhe o quarto desocupado.

Pouco depois, quando Lambert foi vê-lo, ele já dormia.

✱

Ricardo vinha distraído, quando avistou Lambert, que se dirigia para casa. Acenou-lhe, alegremente, a mão. Lambert deixou escapar um sorriso, que perdurou em seus lábios, até que não mais avistou o rapaz.

Enquanto percorria o caminho que o levaria a casa, o professor recordava-se de tudo que fizera por Ricardo. O rapaz era, agora, graças à sua ajuda, mensageiro do correio. Tornara-se um grande amigo de Lambert. Havia, já há bastante tempo, conseguido aquele emprego.

Mudara-se para uma pequena pensão, com a intenção de não incomodar o seu protetor. Todas as manhãs o rapaz ia entregar-lhe os jornais vindos da Capital e, por muito tempo, ficavam os dois a conversar. Foi numa dessas manhãs que Ricardo lhe entregou um telegrama. Lambert leu-o, tornando-se pensativo e, olhando longamente o rapaz, lhe disse:

— Talvez tenha chegado sua vez de ajudar-me, Ricardo. Este telegrama é da senhora Ester Valdor, que morou aqui, mas que se mudou há muitos anos. Ela me pede um favor, que se torna bastante difícil para mim. Eu penso, entretanto, que, com a sua ajuda, poderei fazê-lo.

— Eu ajudá-lo-ei, senhor Lambert!

Lambert sorriu-lhe, agradecido. Depois, tornando-se sério, disse-lhe:

— Terei que lhe contar todo o caso, desde o princípio.

O professor fez silêncio, procurando recordar algum ponto, do qual pudesse ter se esquecido e principiou:

— A senhora Valdor tinha um filho, que se chamava Fernando. Quando morreu-lhe o pai, Fernando tinha dois anos, apenas. O menino era bastante doente. A senhora Valdor era pobre e não tinha dinheiro suficiente para tratar do seu filho. Confiou-o, pois, à caridade de uma senho-

ra rica, que aqui vivia. Alguns meses depois, deixando aqui o filho tão querido, mudou-se a senhora Valdor para a cidade de Dalle. A senhora que adotara Fernando, logo depois, mudou-se daqui, também. Isso aconteceu há uns quinze anos atrás. Já há bastante tempo, soube-se aqui da morte de Clotilde Codi, senhora que, tão bondosamente, adotara Fernando. Mas, quando procurei saber notícias do rapaz, disseram-me que ele havia desaparecido, após a morte de sua benfeitora. Disseram-me, ainda, que Fernando nunca soube a verdade sobre sua verdadeira mãe. Fernando sempre julgou que Clotilde Codi fôsse sua mãe. Aliás, o próprio rapaz não sabia que se chamava Fernando. Sua mãe adotiva mudara-lhe o nome. Nunca eu soube qual era ele. A verdadeira mãe de Fernando sempre pedia notícias do filho. O rapaz foi, desta maneira, crescendo, ao mesmo tempo que o seu amor filial era dedicado a quem não era sua mãe. Percebeu, porém, que iria morrer, a senhora Codi escreveu à mãe de Fernando, dizendo-lhe que o rapaz havia voltado para aqui, onde esperaria a vinda de sua verdadeira mãe. O senhora Codi esperava, antes de morrer, poder contar a verdade a Fernando. Mas a morte não lhe deu tempo para isso. O rapaz não ficou conhecendo a verdadeira história de sua vida. Desapareceu, julgando que perdera sua verdadeira mãe. A mãe de Fernando recebeu a carta, pela qual ficou sabendo da vinda de seu filho. Contou-me, numa delas, ter sabido da morte da senhora Codi. Eu não poderia deixar de ajudar a verdadeira mãe do rapaz. Escrevi-lhe, muitas vezes, dizendo-lhe que ele aqui estava. Eu pedia, às vezes, a um dos meus alunos para escrever, como exercício de aula, uma carta para sua mãe. Quando m'a trazia, eu ficava com ela. Trocava os nomes e, depois, a remetia à sra. Valdor, como sendo de seu filho Fernando. Eu não procedia bem, Ricardo, mas eu precisava ajudá-la.

Lambert calou-se, sentindo-se cansado de repetir aquela longa história. Ricardo mostrava-se absorto em algum pensamento, olhando tristemente para um ponto fixo no chão. O professor continuou:

— Mas, agora, a senhora Valdor telegráfa-me, para dizer-me que vem se encontrar com o filho. Esse filho existe, Ricardo, mas nunca mais o vi. Eu nem o conheço. Você terá que me ajudar. Temos que arranjar um filho para a senhora Valdor. Imagino seu desespero se não o encontrar aqui.

— Professor, eu poderia ser...

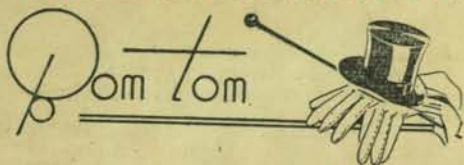
Ricardo foi interrompido por Lambert:

— Não, Ricardo. Você não poderá ser o filho da senhora Valdor. Todos aqui o conhecem.

*

Lambert olhava, através da vidraça, a chuva que caía. O céu havia se tornado negro e era, de pouco em pouco, iluminado pelo clarão de um relâmpago...





A verdadeira dama possui bom gosto e jamais retoca, em público, a pintura de seu rosto. Sabe que pode utilizar-se do "baton" ou do pó de arroz, no restaurante, no cinema ou no teatro, porém, reserva o emprêgo dos cosméticos para a intimidade de seu vestuário.

*

A moça bem-educada jamais menciona o nome de um homem quando está conversando com outro. Nunca faz crítica de outra pessoa, afim de divertir o seu interlocutor.

Aos homens distintos não agrada essa crítica.

Tão pouco fala de si a jovem bem educada. Deixa aos outros o encargo dessa tarefa amável.

*

A senhora educada é aquela que tanto sabe tratar bem o cabeleireiro, como a caixa, a quarteira ou os seus amigos, em reuniões. Nunca se deixa aminorar pela impressão falsa de mostrar-se desagradável àqueles que se acham em situação inferior à sua.

*

Afabilidade no trato, modos corretos e discretos, gestos comedidos, espontaneidade em todos os seus atos, elegância e boa conversação — são traços que distinguem a verdadeira dama daquela que julga sê-lo somente pela sua fortuna e posição social.

A educação e finura de trato, não é patrimônio exclusivo dos ricos. Depende apenas da vontade.

*

A moça que permite muita liberdade aos seus admiradores, expõe-se a perder um bom partido. Mostrar-se sensata, inteligente e distinta, é a melhor maneira de despertar interesse em algum rapaz.

*

Durante uma palestra, num grupo de pessoas, constitui deslize social desviar-se os olhos demoradamente da pessoa que fala, num evidente indicio de desinteresse. Deve-se lembrar quanto nos ofenderia tal demonstração de apatia...

*

A mulher deve ter cuidado para que o seu olhar não seja provocativo ou incitante, erro em que caem frequentemente as adolescentes. O olhar deve ser natural, mas não ávido, curioso ou cheio de intenções ambíguas.

*

Chamar uma pessoa, na via pública, aos gritos, como muita gente faz, é simplesmente... gritante, fora de linha.

Sabem que você não é Fernando Valdor. Alguém contaria a verdade a ela e... tudo estaria perdido.

— Mas, professor, eu...

Novamente Lambert interrompeu:

— Não, Ricardo. Eu sei que você é órfão. Eu sei que você deseja ter uma mãe. Todos os órfãos desejam isso. Mas, infelizmente, você não passará como sendo Fernando Valdor.

Nos olhos de Ricardo nasceram algumas lágrimas. Desceram pela sua face, molharam-lhe os lábios, salgaram-lhe a boca.

— Eu ajudá-lo-ei, professor. Tenho um amigo, órfão como eu, que mora onde eu morava. Somos da mesma idade. Tomaremos o trem para lá e o trarei. Ele querará, por certo, ser filho da senhora Valdor.

*

A senhora Valdor chegaria à tarde.

Já há alguns dias, Ricardo trouxera, para a casa de Lambert, seu amigo Henri, o órfão. Henri fôra devidamente instruído. Ele se chamaria, de agora em diante, Fernando Valdor. Tudo fôra preparado e estudado. Ricardo tornara-se tristonho.

Quando Ester Valdor desceu na gare, Henri correu a abraçá-la, gritando:

— Mamãe! Mamãe!

Mostrando a felicidade daquele encontro, a senhora Valdor sorria, exclamando:

— Meu filho! Meu querido filho!

Quando o trem partiu, alguns minutos depois, mãe e filho continuavam abraçados.

Lambert virou-se, esperando encontrar Ricardo ao seu lado. Mas o mensageiro não estava ali. O professor procurou-o por toda a gare, só o encontrando mais tarde, assentado num banco, com o rosto entre as mãos, a chorar. Lambert levantou-se, docilmente.

— Que significam essas lágrimas, Ricardo? Por acaso não fizemos bem agindo assim? Não demos felicidade a uma mãe, cujo filho desapareceu, e a um filho, cuja mãe morreu? Sorria, meu rapaz!

Ricardo acompanhou-o, ainda chorando. Teve vontade de gritar, de dizer a verdade. Mas as palavras não saíram. Em seu pensamento, porém, elas se agitavam, como se alguém, lá dentro, lhe dissesse:

— "Fale. Conte-lhe que ela é sua verdadeira mãe. Conte-lhe que você é Fernando Valdor. Mostre-lhe que êle mesmo lhe contou toda a história, que você desconhecia. Você vai dar a outro o seu maior tesouro? Vamos, rapaz, conte-lhe tudo!"

Ricardo procurou esquecer-se daquelas palavras. Atrasou-se um pouco, deixando Lambert seguir à frente, e disse consigo mesmo:

— Não, eu não direi. Ela nunca acreditaria que sou seu filho. Todos lhe diriam que não o sou.

Ricardo não percebeu que Lambert caminhava, agora, ao seu lado.

— Mamãe! Mamãe! — exclamou o rapaz.

Lambert o escutou, mas julgou que Ricardo se recordava de sua mãe e a chamava agora, como se ela pudesse voltar de onde estava. Sorriu para o rapaz, que o percebera ao seu lado. Ricardo esforçou-se para sorrir, também. Em vez de um sorriso, nos seus lábios nasceu, porém, vinda do coração, a palavra "mamãe". E êle a repetiu:

— Mamãe!

Numa bela manhã de domingo Lambert lia o jornal, quando, ao correr a vista pela lista dos novos convocados, levantou-se nervosamente de sua cadeira de molas. Olhou para Ricardo, que estava à sua frente. Procurou dizer-lhe alguma coisa, mas as palavras só vieram mais tarde.

— Ricardo, tudo está perdido! Fernando Valdor foi convocado. Terá que se apresentar amanhã na Capital, seguindo depois para o "front".

Ricardo olhou-o espantado, sorrindo depois.

— Ele apresentar-se-á amanhã, senhor Lambert. A senhora Valdor não precisará saber que ele foi convocado.

— Você não vê, Ricardo, que Henri terá que se apresentar como sendo Fernando Valdor?

— Talvez não, professor. Fernando Valdor aparecerá agora.

— Mas seria pior se isso acontecesse. Nós precisamos evitar que isso aconteça. Eu penso, entretanto, que Fernando Valdor não aparecerá. Ele é um covarde.

— Eles remeterão a "carta de convocação", mas eu não a entregarei. O senhor é a única pessoa que lê os jornais da Capital. Ninguém ficará sabendo que Fernando Valdor seguirá para o "front". Só nós dois o sabemos.

— Mas, assim, Fernando Valdor passará por desertor e, nesse caso, Henri será processado.

— Se Henri se apresentar como sendo o verdadeiro Fernando Valdor, mais tarde saberiam toda a verdade e, por certo, a senhora Valdor ficaria sabendo de tudo, também. O verdadeiro Fernando Valdor aparecerá, estou certo disso.

Foi a última vez que Lambert viu Ricardo. Sentiu falta do rapaz, que amava como a um filho. Os dias passaram. Um mês, dois, três. Ricardo havia desaparecido de Santa Fé.

*

Principiou as primeiras linhas, vagarosa e des-
preocupadamente. Súbito, estacou, surpreso...

Lambert recebeu o jornal das mãos de Carlos, o novo mensageiro do Correio. Esperou que o rapaz se afastasse e, assentando-se em sua cadeira de molas, principiou a ler as primeiras linhas vagarosa e despreocupadamente. Súbito estacou, surpreso. Leu, então, em voz alta:

— "... entre os mortos encontrava-se Fernando Valdor, antigo mensageiro do correio de Santa Fé. Esse rapaz, que era conhecido pelo nome de Ricardo Martin e que deu a vida, heróicamente, nos campos de batalha, em defesa de sua pátria, era filho de Ester Valdor, mas...

Lambert deixou o jornal cair ao chão, não procurando saber como fora descoberto o verdadeiro nome de Ricardo. Olhou, tristemente, para a rua, sentindo que o chamavam. Seus olhos tornaram-se úmidos de lágrimas, quando viu Ester Valdor e Henri passando alegremente. Sorriu-lhes quando lhe sorriram. Mas, de longe, seus dois amigos não viram as lágrimas descerem livremente pela sua face, quando ele murmurou:

— Você é um herói, meu rapaz. É pena que seu heroísmo seja desconhecido por ela, que se orgulharia dele. Ela não ficará sabendo que você era seu verdadeiro filho!





VELHO, alquebrado de corpo e de espírito, voltava ele agora à sua cidade natal. Não sabia se fizera bem em regressar. Algo porém mais forte que a sua vontade impelira-o ao lugar onde passara a sua infância e os melhores dias da sua mocidade até que...

Quinze anos eram já passados.

Ao descer do trem na gare, as pernas tremiam-lhe, não estava certo se de fraqueza ou de emoção. Sentiu a garganta seca, o coração oprimido, os olhos rasos de lágrimas, revendo as mesmas ruas estreitas e tortuosas, a la-deira ingreme que conduzia à igreja antiga, mas pintada de novo tal como a vira pela última vez. Era como se impassível e forte houvesse

enfrentado as intempéries e a força demolidora do tempo.

Foi caminhando devagar.

Uma garça fina e espessa envolvia o casario e as velhas árvores. O vento zunia, gelado e úmido. As ruas estavam desertas.

Levantou a gola do sobretudo já desbotado pelo uso, enfiou as mãos nos bolsos e deixou-se vagar sem destino, indiferente ao frio e à umidade, absorto em profundos pensamentos.

A praça da estação com seu jardimzinho modesto, mas bem cuidado, ficara já para trás. Seu espírito, porém, ainda lá andava, levado pelas reminiscências de sua meninice. "Seus pais

E o Milagre Não Se Realizou...

Conto de Ilza Montenegro

Ilustração de Rocha

eram pobres. Desde garoto vira-se forçado a prestar pequenos serviços parcamente remunerados. Mas, as poucas moedas que lhe davam serviam para comprar um pão, uma gulodice qualquer. E então o serviço mais rendoso era carregar as malas dos viajantes que chegavam ou partiam, ou prestar informações aos que ali vinham pela primeira vez. Seu ponto de estacionamento era, pois, no jardim da estação. Ali ficava horas e horas com outros garotos jogando bolinhas ou brincando de cabra-cega, à espera da chegada dos trens...

Agora... o Grupo Escolar. Estivera ali pouco tempo. O suficiente para aprender a ler e escrever alguma coisa. Parou e ficou contemplando o singelo e velusto edifício. Um ruído forte de sineta fê-lo estremecer e dar alguns passos incertos. Mas, um alarido maior de vozes infantis o fêz deter-se. E ficou olhando as crianças risonhas que saíam apressadas dando gritinhos e gargalhadas, como um bando de aves pipilando alacramente. Mais uma vez seu espírito tornou ao passado. Também ele saíra dali muitas vezes, feliz na sua inocência, rindo, falando, ávido de liberdade depois de 4 horas de prisão, farto de ouvir falar em matemática, história, geografia... Embirrara sempre com os algarismos. Não compreendia por que os mestres o obrigavam a decorar aglomerados de números que se misturavam e baralhavam no seu cérebro, irritando-o.

As lágrimas... Estremeceu. E como que movido por mola invisível, pôs-se a caminhar de novo. Subiu, então, a ladeira íngreme que ia dar à igreja. O esforço da subida o fêz parar, ofegante. Voltou-se. Olhou para baixo. "Quantas vezes por ali descera em desabalada corrida!..." Suspirou. E seus olhos voltaram para uma casa já antiga e bastante maltratada... "A casa de seus pais!... Já não existiam." — "Quem a habitaria agora?" — indagou a si mesmo. Tinha as janelas e portas fechadas... Talvez devido à chuva, que aumentara.

Atravessou o pequeno adro a passos rápidos e entrou na igreja. Tudo como dantes. Indeciso, como que temeroso, foi caminhando devagar, o chapéu já surrado apertado entre as mãos, e parou diante do modesto altar-mor. Ajoelhou-se, mas seus lábios não se descerraram para a oração. Tinha os olhos levantados para a Santa que lá do alto o fitara com acolhedora expressão de bondade e ternura. Não sentiu as lágrimas quentes que lhe rolavam pelas faces macilentas e se iam perder entre os fios da barba encanecida e maltratada. E' que lhe acudira à lembrança uma visão ingênua, simples, mas, comovente. Ali, naquele mesmo lugar onde estava agora, ajoelhara-se anos antes ao lado daquela que amara, para receber a bênção do velho pároco. E tão nítido voltou-lhe ao pensamento esse quadro, que pareceu sentir junto dele uma leve respiração, a sensação da presença de alguém ao seu lado e até — seria ilusão? — o doce e expressivo perfume das flores de laranjeira.

Quanto tempo assim esteve? Ele nunca o soube. Estático, quase hirto, ali ficou de joelhos, temeroso de que por um movimento seu, se

desfizesse a indefinível e agradável sensação. Mas, se o corpo permanecia imóvel, o espírito movia-se através das lembranças que se sucediam. Naquela igrejainha implantara com o decorrer do tempo, os principais marcos de sua vida. Fôra batizado ali. Diante daquele altar fizera sua primeira comunhão. Sob o olhar compassivo da Virgem recebera a doce amada por esposa. Dois anos mais tarde, um anjinho louro e rosado, fruto do seu amor, fôra trazido ali para receber as bênçãos de Deus pelo batismo. Mais algum tempo e voltara à velha igrejainha acompanhando pela última vez aquela que fôra sua esposa, pálida e fria num caixão mortuário.

Ficaram sós, ele e seu anjo louro, que então palrava numa linguagem quase incompreensível, mas cômica, cheia de termos engraçados, que o faziam rir apesar da inconsolável tristeza que lhe ensombrecia a alma. Passaram a morar em casa dos padrinhos da garota que a estimavam deveras.

Seu pensamento enveredou aqui por uma senda mais negra, mais espinhosa, mais dorida à sua lembrança.

Do seu modesto emprêgo de caixa na casa de um judeu usurário que negociava perfumarias, fazendas e roupas feitas, obtinha o necessário para dar ao compadre uma quantia para auxiliar na despesa da casa, e vestirem-se, ele e a sua Laurita. Eis que um dia há um desialque na Caixa. Havia mais dois empregados no estabelecimento, mas a culpa recaiu sobre ele. Houve queixa, processo e, por fim, a condenação, embora não fôsse provado quem fôra o verdadeiro ladrão. — Oh! a justiça humana. Quando persiste em acusar e é escolhida a vítima, a verdade é deturpada, vilipendiada. Convencem mais as aparências. E pelas aparências, ele cometera o roubo. Fôra condenado a 12 anos de prisão. Aumentou-lhe a pena o fato de, vendo baldados seus esforços em afirmar que estava inocente, no momento em que seu ex-padrão respondia às perguntas do juiz no Tribunal, revoltou-se pelo seu modo cínico de falar e investiu sobre ele para esmurrá-lo. Impediram-no alguns guardas e mais pessoas, pois, ficara como um possesso e decuplicaram-se-lhe as forças. Só a custo foi dominado. E isso lhe valeu mais três anos de castigo.

Não quis se despedir da filha. Só seus compadres criam na sua inocência. Sentiu isso pelas lágrimas que os viu chorar quando vieram à cadeia vê-lo antes da sua partida para a penitenciária de S. Paulo. Agradeceu-lhe, pois, essa demonstração de amizade e confiança, deixando-lhes entregue a garotinha. Pediu, entretanto, que guardassem sigilo sobre o que passara. Ela agora nada compreendia disso. Mais tarde, porém, iria indagar...

— Quinze anos valem por uma existência, meu amigo, — disse ele ao compadre, — e é possível que eu não volte mais de lá... Sei que a Laurita será feliz em sua casa e que não lhe farei falta. Talvez até me esqueça. Mas... se algum dia ela perguntar por mim, diga... diga que morri.

♦ OS GRANDES CONTOS BRASILEIROS



Júlia Lopes de Almeida, a grande escritora brasileira, nasceu no Rio de Janeiro em 1862 e faleceu em 1934. Romancista e contista das mais inspiradas, sua trajetória pelo cenário da literatura nacional marcou um dos grandes momentos da influência da inteligência feminina no panorama intelectual do país.

Sua obra reflete, com brilho, uma época da vida da burguesia rica do Brasil, com profunda compreensão dos nossos costumes, preconceitos e falhas.



AS pitangueiras, garridas com as suas frutinhas de coral, estavam ainda molhadas da chuva da véspera. O sol, que ia subindo, punha uma larga barra cor de laranja no céu, de um azul violeta; cantava um bem-te-vi na copa alta de uma paineira, e a aragem da manhã vinha toda perfumada de manacá, e de ervilhas de cheiro.

Com o samburá na mão, a saia redonda mostrando os tornozelos finos, a Ginoca, saltitante e mimosa como a juriti, enterrava na grama orvalhada os pezinhos delicados, sem pena de molhar os seus sapatos amarelos.

Ela passava risonha, cantando num débil, mas agradável fio de voz, uma cantiga da roça.

Das grandes folhas das bananeiras rolavam, como contas, os pingos de água, e de fragmento a fragmento, as formigas iam levando para as suas tocas os arachas de que a chuva tinha alastrado o chão.

Ginoca escolheu com cuidado os melhores marmelos e os figos mais maduros. Suspendeu-se depois, alegre e ágil, num galho de pitangueira, e foi então uma chuva de corais e de orvalho sobre a sua blusa de linho branco e sobre os seus cabelos corredios e negros.

Cheio o samburá, ela subiu o pomar até perto de casa.

O pai, um homem atlético, estava de pé no meio do terreiro, saboreando um copo de leite. Ao pé dele a vaca silenciosa esperava submissa, com o focinho voltado para a luz. Ginoca deu-lhe um figo.

O animal estava acostumado àquelas gulodices, comeu a fruta e lambeu a mão da moça.

Acabado o leite, o pai entregou o copo à filha, e esta, abaixando-se, tomou na palma da mão a teta da vaca e ia mungi-la para encher novamente o copo, quando o pai exclamou:

— Olha, Ginoca, aquele que vem acolá é o Camondongo! Ora se é! conheço-o, perfeitamente, pelo trote!

Ginoca levantou-se de um salto; estendeu as mãos sobre as sobranceiras para ver melhor, e depois de um segundo de observação disse com ar de triunfo:

— E', sim; lá vem Mauricio!... assobie para ver se ele ouve!...

O velho assobiou estridentemente. Não se ouviu resposta. Houve um bater de asas apressadas no pomar, e o bem-te-vi calou-se. Ginoca respirou com força, enchendo o peito com o ar impregnado de manacá e de ervilhas de cheiro.

O coração batia-lhe, as faces cor de jambo maduro fizeram-se-lhe vermelhas como rosas de Alexandria.

— Pois você não vê como o pobre Camondongo vem depressa. Aposto em como o diabo do Mauricio traz esporas! Vai abrir a cancela que o teu noivo não tarda... Também, se ele tiver esporeado o Camondongo, há-de se haver comigo!

— De Friburgo até aqui é longe... respondeu ela, desculpendo o noivo.

— Longe! Duas léguas mal medidas... Deus me dê anos de saúde, como de vezes as tenho andado a pé... Quando tua mãe era viva...

Não continuou; o rumor das patas do cavalo aproximava-se e Ginoca deitou a correr para a cancela; o pai seguiu-a sorrindo, e a vaca avançou vagarosamente para o samburá esquecido no chão, e, com toda a calma, devorou os figos.

Maurício era noivo e primo de Ginoca; estudava medicina e só pelas férias ia passar um tempo em casa do tio.

Ginoca adorava-o e o pai aceitava com alegria aquele casamento, porque era doido pelo sobrinho. "Um rapaz de mão cheia", dizia ele aos amigos, e "sabe tantas coisas! Tem ciência para dez!"

O que ele temia era que o moço se corrompesse com os livres pensadores...

Religioso, arraigado à igreja, ele queria para genro um homem de crenças seguras no poder infinito do Ser Supremo.

— Ora viva o Sr. Mauricio! — gritou ele ao sobrinho, que era todo olhos para a Ginoca.

— Tio Guilherme... — murmurou abraçando-o, o moço.

Trocadas as primeiras expansões, entraram. Na pequena sala de jantar, alegre e rústica, alvejavam a toalha e a louça para o almoço; na parede caiada, ao fundo, sobre uma prateleira de pinho coberta de croché um boião de barro sustinha um ramo de rosas de todo o ano, de hortênsias azuis e de alecrim cheirosos. No alto, um quadro da Virgem, em oleografia, com a sua túnica branca e o manto flutuante, sorria no meio daquela pobreza alegre. O tio Guilherme benzeu-se antes de sentar-se a mesa; a filha rezou de mãos postas, e Mauricio desviou o olhar pela janela, onde uma borboleta azul batia de encontro aos vidros.

*

O tempo das férias voou alegremente.

Às vezes iam a uma propriedade vizinha, de uns *sitiantes* suíços, comprar manteiga fresca ou assistir à colheita das batatas. Ginoca levava sempre uma cestinha que enchia de framboesas da estrada para dar às crianças que encontrasse. Mauricio auxiliava-a, e o pai ria-se, alegrado pelo amor e mocidade de ambos. Era bem certo que Deus tinha criado aqueles dois um para o outro!

Na maior parte das manhãs não saíam do sítio, mas nem por isso se levantavam mais tarde. Quando abriam as janelas, as montanhas de Friburgo estavam ainda envoltas num nevoeiro espesso, que o sol ia desfazendo numa polvilhação dourada. A estrada, vermelha, serpenteava ao longe entre a verdura dos campos e o espreguiçar azulado e frio das águas da cachoeira. Os carneiros balavam à distância e no ar fresco

O VOTO

Júlia Lopes de Almeida

Ilustração de Rodolfo

e leve cruzavam-se cantos de aves e aromas de flôres.

Ginoca, lépida, como uma cabrita, descia ao curral e vinha puxando a vaca, a grande vaca branca e preta, que a seguia com o olhar melancólico e meigo.

Dai eram as partidas no pomar; os assaltos às pitangueiras. Mauricio trepava à árvore. Ginoca aparava as frutas no avental; enfeitava as tranças negras com as pitanguinhas vermelhas, desfolhava nos seios as flores dos limoeiros, e era tudo alegria e risadas.

Quando voltavam para o almoço, iam impregnados dos aromas das ervas e com o rosto ainda úmido da água, muito transparente e fria que atravessava a horta, levando na corrente um ou outro junquilha ou as florinhas douradas dos pés de hortaliça.

*

Expirado o tempo das férias, Mauricio voltou ao Rio, e a Ginoca começou a trabalhar com afino no enxoval.

Iam as coisas assim, quando tiveram notícia que o estudante estava à morte no Rio, com febre amarela.

Foi um terror.

Ginoca suplicava ao pai que a levasse para junto do noivo; o pai negava-se, e as horas passavam lentas e amarguradas. Cessaram as notícias e o pressentimento da morte tolheu os corações do pai e da filha; ele queria disfarçar-se mas não o conseguia, e a Ginoca, já sem lágrimas, muito pálida, parecia uma louca. Uma noite, enquanto o pai dormia, ela ajoelhou-se em frente ao quadro da Virgem e fêz-lhe, com toda a fé de sua alma, uma promessa. Quando se levantou, os seus olhos resplandeciam de lágrima.

Rodolfo
1946





Para as donas de casa

As nódos de verniz e alcatrão tiram-se facilmente com essência de terebentina.

*

Com uma flanela umedecida em azeite limpam-se perfeitamente bem tanto os quadros a óleo como as molduras doiradas.

*

O amoniaco adicionado à água morna, na proporção de uma colher de sopa de amonea para cada litro de água, dá excelentes resultados para lavar cortinas e colchas, evitando o processo de corar ao sol ou o de esfregar a peça, exaustivamente.

*

Para evitar que o espinafre, a couve-flor e outras verduras exalem cheiro desagradável enquanto estão cozinhando, põe-se um pouco de açúcar na água.

*

Em todos os casos de envenenamento, enquanto não chega o médico, deve-se fazer com que o paciente beba um pouco de chá ou café concentrados. E um auxílio provisório, que não cura, mas retarda a ação do veneno.

*

Para separar-se, com facilidade, a clara da gema do ovo, é necessário fazer dois buracos no ovo: um em cima e outro em baixo; por este último, sai a clara, ficando a gema, intacta, dentro da casca.

*

O bórax, dissolvido em água, serve perfeitamente para lavar móveis, portas e janelas, sendo até mais indicado do que o sabão, pois não estraga a pintura.

*

Os alimentos que contêm vinagre ou suco de limão não devem ser guardados em recipientes de metal, pois os ácidos atacam o zinco das paredes internas dos recipientes, formando sais de ação muito tóxica para o organismo.

*

O melhor lubrificante para máquinas de costura consiste numa mistura de azeite doce e querosene, em partes iguais, a que se junta dez por cento de parafina.

*

Quando se põe naftalina num recipiente, deve-se também colocar junto um raminho de plantas aromáticas, afim de suavizar o cheiro penetrante exalado por aquele afugentador de insetos.

*

Batem-se melhor as claras de ovo quando se lhes junta uma pitada de sal.

mas, mas tinham uma esperança de confiança e de paz. Nem um soluço quebrou o silêncio da noite.

Dois dias depois receberam uma carta. Mauricio estava salvo.

O velho disse à filha que escrevesse ao noivo, dizendo-lhe para vir convalescer em sua casa. Ginoca ria, relendo e beijando a carta...

— Sabe que mais? disse-lhe o pai, o casamento vai fazer-se já... isto de cuidados e demoras não são coisas do meu agrado. Ele que venha e trataremos disso. O padre Benedito aí está e um altar arma-se num momento!

Ginoca suspendera subitamente o riso e tornou-se branca como o linho.

— Casar?...

— Então?!

— E' impossível! Oh! Não me pergunte por quê; é impossível!

— Ora esta!

O velho supôs que a filha delirasse e tomou-lhe o pulso. A moça correu para o interior da casa, e ele, atônito, ficou olhando para o buraco vazio da porta por onde ela tinha fugido.

Passou todo o dia aflito.

Que teria a Ginoca? Resolveu-se a chamar o médico; mas antes disso quis ainda consultar a filha.

As Ave-Marias desceram ambos ao pomar. No galho florido de um pessegueiro cantava um sabiá, e no fundo azul pálido do céu as montanhas de Friburgo desenhavam-se muitas escuras.

— Olha, Ginoca... por que é que já não queres casar com teu primo?... Perguntou tio Guilherme com ar constrangido e tímido.

A filha baixou a cabeça, silenciosa, vencida pela comoção.

— Ele fez-te algum mal, ofendeu-te?

— Oh! não!

— Então que teima é essa? O pobre moço adora-te, eu, francamente, estava satisfeito...

— Eu já não posso casar!

— Hein?! Já não podes casar! que diabo de linguagem é essa?!

Ginoca parou, ergueu para o pai os olhos úmidos e murmurou:

— Fiz um voto... prometi a Nossa Senhora que, se salvasse Mauricio da morte, eu ficaria solteira a vida toda...

O pai recuou, como se tivesse levado uma pedrada no coração. Rolaram no ar sereno da tarde as badaladas das Ave-marias; ele respeitoso e triste, tirou o chapéu. A Ginoca apoiou-se a um tronco da árvore, soluçando alto.

Extinta a última vibração do Angelus, o velho disse trêmulamente à filha:

— Já que fizeste um voto... tens de cumpri-lo...

Ela abanou afirmativamente a cabeça.

Voava por todo o pomar o doce aroma das ameixeiras em flor.

*

SUPERSTIÇÃO INGLESA

NA COROA REAL das rainhas da Inglaterra se encontra uma pequena e humilde flor, dessecada, que foi colhida em 1666 por uma soberana, durante uma das periódicas aparições do cometa Halley.

E' crença geral entre os britânicos que a essa flor se deve o resultado feliz da batalha de Hasting, que marcou a era do apogeu inglês; afirmava a rainha Vitória que devia a essa florzinha engastada em sua coroa o largo período de paz e prosperidade que desfrutava o seu longo reinado.

Eduardo VII, respeitando a fé maternal e seguindo a tradição de seus antepassados, determinou que a flor, mascote, continuasse figurando na coroa de sua augusta esposa. Até agora a modesta flor não foi retirada da real coroa onde se encontra há séculos.



Chamado à Perfeição

LIMPE... TONIFIQUE... SUAVISE...

Aqui estão os Essenciais de Elizabeth Arden, os elementos básicos para a rotina da beleza diária, a verdadeira base de uma cutis perfeita.

Eles representam — Limpar — Tonificar — e Suavizar — com os incomparáveis preparados de Elizabeth Arden, com os quais toda a mulher pôde conservar-se bela e se tornar mais atraente

Eles lhe ajudarão a conservar sua pele fresca, clara e bela. Pelo prazer de usa-los, pela deliciosa fragrância, encantadora consistência, estes Essenciais não têm paralelos



Os melhores preparados são os mais econômicos, você usa menos, eles duram mais.

ARDENA CREME DE LIMPEZA - Cr\$ 30,00 - 56,00 - 90,00 - 140,00
ARDENA TONICO PARA A PELE - Cr\$ 32,00 - 78,00 - 145,00
ARDENA CREME DE LARANJA - Cr\$ 24,00 - 45,00 - 50,00 - 66,00 - 100,00
ARDENA CREME VELVA - Cr\$ 30,00 - 56,00 - 90,00 - 140,00

Elizabeth Arden

RIO DE JANEIRO: AV. PRESIDENTE WILSON, 165
SÃO PAULO: 1ª SOBRELOJA CASA ANGLO BRASILEIRA BUENOS AIRES: HARROD'S

Rebord Propaganda

A ÚNICA SOLUÇÃO

Conto de **PAULO RIBEIRO**
Ilust. de **FÁBIO**



O DOUTOR Edmundo Moreira andava desanimadíssimo. Também não era para menos. Recém-formado em odontologia, alimentou, por algum tempo, esperanças de uma vida bem mais confortável. Via, porém, com certa desilusão, que nem mesmo com um doutor enfeitando o nome, os contratempos desapareciam; pelo contrário, como que se ampliavam, pois raro o dia que não surgia um para amargurar-lhe a existência. Os proventos arrancados a boticão de uma magra clientela muito mal davam para as despesas, já por demais comprimidas. Parecia até castigo! Ao seu gabinete chegavam apenas clientes portadores de cáries de primeiro grau. Onde as bocas mobiladas de tocos encardidos de dentes? Onde os granulomas difusos? A realidade não correspondia nem de leve aos seus sonhos.

E como se tudo isso não bastasse, d. Umbelina, proprietária da pensão, dera para o perseguir de modo desalmado, dizendo-lhe a todo instante indiretas cáusticas. Constantemente irritada, nem lhe trazia mais, como nos velhos tempos, as inesquecíveis compotas de pêssego. Passava agora até fome!

Antes, quando estudante, era tratado melhor, com mais consideração. A viúva tornava-se até importuna de tanta meiguice. Esperava-o todas as tardes no corredor. Ali, na semi-obscuridade, o abraçava com fúria e paixão. Via-se obrigado a suportar nos braços, aborrecidíssimo, oitenta quilos de banhas fofas e úmidas de suor, sob pena de encontrar, à noite, trancada a porta da alcova, na qual era aguardado sempre com um Ramos Pinto alourado e cheiroso. Sim, em troca de dois cálices do vinho divino seria capaz dos maiores sacrifícios. No quarto, a sós, d. Umbelina derretia-se em amabilidades. Tirava do fundo da mala a garrafa almejada. Enchia dois copos do nectar tentador. Bebião...

Agora tudo estava mudado. Nem sorrisos, nem vinho. Nada! D. Umbelina, espinhenta como um cactus, passava por ele pisando duro, duro, a testa enrugada, os lábios franzidos. Era outra. E logo que o via, punha-se a choramingar, fazendo cara de mártir. Que os tempos estavam difíceis, mais isto, mais aquilo. Afinal descobriu a razão das lamúrias: devia-lhe dez meses de pensão. Ingrata!

Nem o cumprimentava mais. Esquecera-se felizmente daquele invariável: "Então, doutor, como vão as coisas?" E, acompanhando

o cumprimento, um olhar camará e expressivo.

Naquela dia tudo lhe corria às avessas. Logo pela manhã, quando pretendia sair, se viu cercado. No corredor, aguardando-o com atitudes suspeitas, estava a viúva. Olhou-a bem no fundo dos olhos. Neles não havia amor; havia ódio. A situação estava longe de ser agradável.

— Espiga! — resmungou, contrariado. “Como sair de liso, sem provocar a jaraça?” Porém, não havia ainda arquitetado o menor plano de fuga, quando d. Umbelina, sem outro preâmbulo, rompeu as hostilidades.

— Em que ficamos, meu caro doutor?

O dentista fez força para não perder a calma. Em lugar de violência, o momento exigia cérebro. Sem compreender muito bem o que a mulher lhe queria dizer com aquela “em que ficamos”, tinha entretanto, um vago palpite de que tudo não passaria afinal, de outra referência à dívida.

— A pergunta é por demais complexa e misteriosa, — fez ele com um sorriso forçado. — Francamente que não a estou entendendo. Explique-se.

A cólera da viúva explodiu:

— Vejo que preciso ser mais clara, — disse com ironia — Pois bem; a questão é esta: já resolveu pagar o que me deve? E' preciso dar um jeito, e quanto antes melhor. Se achar ruim, mude; mas pague antes a dívida.

Edmundo conhecia-a muito bem. A discussão era um tônico para ela. Para fazê-la calar só se lhe enchesse a boca de beijos ou de tapas. Que falasse à vontade.

— Onde tinha a cabeça quando abracei este saco de carne velha? Recordava intimidades: o Ramos Pinto bebido a dois num só copo; o quimono de seda amarela cheirando a gordura e cebola; o retrato de Charles Boyer pregado na parede... “Isto nem parece mulher; parece presunto”.

A viúva continuava:

— Do modo que vai indo é que não me convém. Esperei muito tempo. Até que tenho tido muita paciência. Outra em meu lugar não faria o que estou lhe fazendo.

Que língua! Via, sem esforço, quando abria a boca, que tinha duas cáries enormes, uma na face distal e outra na lingual, do canino esquerdo. E no maxilar superior, entre o pre-molar e o canino, sobre as falhas, podia-se colocar uma ponte de dois elementos.

— Quero uma solução!

O dentista não prestava a mínima atenção ao que ela lhe dizia. Quando procurava fazer o cálculo

do lucro que lhe poderia dar uma ponte de dois elementos, foi despertado por um dedo, erguido quase à altura do seu nariz:

— Você está me ouvindo?

— Perfeitamente, d. Umbelina. A senhora tem toda a razão. — O dentista sorria com malícia. — Longe de mim o pensamento de querer negar o meu débito. Fique tranquila a este respeito, porquanto tenho motivos para acreditar de que ainda não desci a tanto...

Tomou fôlego e prosseguiu:

— Assisti-me o direito de afirmar alto e bom som, aliás sem receio de contradição, que nesses seus oito anos passados nesta pensão, jamais deixei de cumprir com as minhas obrigações. Ultimamente, porém, por motivo de força maior, vejo-me obrigado a pedir-lhe um pequeno prazo.

D. Umbelina ficou encabulada. Ouviu com certa amargura o pedido do prazo. Estava mais do que convencida de que daquele encontro não sairia sem receber todo o atrasado.

— O doutor sabe que as minhas despesas não são pequenas. Tudo está muito caro. Os viveres estão pela hora da morte. Depois é disso que a gente vive. Não tenho ninguém por mim. Se o senhor soubesse o que tenho sofrido!

Houve uma pausa.

Já não se mostrava tão arrogante. As lágrimas corriam por sua face.

— Se tivesse alguém que olhasse meus negócios talvez não estivessem em tão precária situação, — continuou, suspirando profundamente. — No tempo do meu falecido Fortunato, jamais passei provações. Fui feliz, muito feliz. O meu inesquecível marido só faltava adivinhar os meus pensamentos. Hoje, sozinha, passo pelos mais duros transe. Ando de tal forma atarantada que quase perco a cabeça. O senhor compreende...

— Sim; compreendo.

Revelou-lhe por sua vez segredos que até então uns restos de orgulho o impediram de contar. Não é que lhe faltasse clientela, não. A que tinha, para quem estava principiando na arte, era bem

boa. Mas os clientes, nem todos, se lembravam também de solver os débitos. Tivesse um pouco de paciência, esperasse alguns dias mais. Quem esperou dez meses, pode esperar um ano. Talvez de repente as coisas tomariam um rumo colorido. Duas dentaduras anatômicas resolveriam o problema.

— De hora em hora Deus melhora. Não devemos forçar o destino, d. Umbelina, concluiu com ar de quem havia acertado no bicho.

Aquelas palavras inspiraram na viúva sentimentos de piedade. O seu coração encheu-se todo de ternura.

— A crise é uma maçada. Estamos vivendo dias muito difíceis, — disse ela, envolvendo-o num olhar quase amoroso.

Edmundo, ao ver-lhe nos olhos o brilho dos velhos tempos, pensou: “Está cedendo terreno. Está mais humana. Não seria nada mau se voltasse aquela tempo das compotas de pêssego, dos sanduíches de tomate e mortadela, do Ramos Pinto...”

— Estou com a senhora quando disse que estamos vivendo dias difíceis. Quando a ouvi falar assim pensei comigo: “Pois aí está uma pessoa com quem se pode conversar. Diz muitas verdades em poucas palavras”. Realmente, enorme é a confusão do momento presente. Não se sabe o rumo a seguir. Os nossos patricios, mal saídos da noite da ditadura, aguardam ansiosos o novo dia que surge...

A mulher estava aparvalhada. Quis dar um aparte; porém Edmundo não lhe deu tempo. Perorava agora com gestos imponentes, os dedos enristados no ar, teatralmente, à moda dum orador querenista:

— Tudo nos leva a crer, minha boa amiga, que caminhamos a passos firmes para um mundo melhor, onde todos possam viver à sombra das quatro liberdades. A democracia...

E pretendia tecer longas considerações em torno do tema, quando a viúva, visivelmente enfadada, o interrompeu de modo brusco:

— Isso é lá possível! Em lugar de pagar uma dívida, joga-se areia aos olhos do credor falando-lhe em democracia, liberdade! Acho melhor o senhor mudar de disco, porque comigo não arranjan nada. Por quem me está tomando? Por alguma tola? Por sua mãe? Graças a Deus não tenho filho do seu tamanho.

E apoplética, vermelha com um pimentão:

— Não faltava mais nada. E'



Pequenez Humana

Conto de Lady Zoffoli

Ilustração de Érico

A chuva aumentara de repente e as bategas fortes entraram pela janela do carro molhando a jovem passageira, indiferente. Não se mexia e, com os olhos perdidos no negrume da noite, parecia não sentir nem ver a chuva.

— Com licença!

E o rapaz, companheiro de poltrona, ergueu-se e suspendeu a vidraça da janela. A moça murmurou rápido agradecimento e continuou fitando a noite. Intrigado com aquele estranho alheamento, o moço pôs-se a observá-la, com profunda emoção, viu que de seus olhos desciam lágrimas.

— Que terá essa moça para chorar assim? — Perguntou a si mesmo, surpreso. Para não ser indiscreto, continuou lendo a revista que tinha nas mãos, mas, de vez em vez lançava um olhar para a moça, observando-a. Era ela de altura mediana, cabelos escuros, olhos de côr indefinida, entre cinza e azul. Seu olhar denotava profunda tristeza.

— Alguma desgraça íntima, — pensou o rapaz.

Como as dores alheias devem ser respeitadas, não lhe dirigiu a palavra.

O trem prosseguia, lentamente, parando em todas as estações e a moça continuava sempre com os olhos perdidos na noite, não vendo nada. Dir-se-ia que estavam voltados para o seu interior. Muito tempo continuou, sem notar que o olhar curioso do moço a observava, vigilante.

Repentinamente, como se acordasse de um pesadelo, estremeceu e levantou a cabeça. Olhou para fora, mas a noite era tão escura que não conseguia localizar o lugar por onde o trem passava.

Tirou uma pequena maleta que estava em seu colo e, pondo-a de lado, levantou-se e caminhou em direção da porta do carro, cujos bancos estavam quase todos vazios. Viajavam, quando muito, oito passageiros. A moça, após rápido olhar para os lados, abriu a porta e passou.

O moço, cada vez mais intri-

gado, seguia aquele movimento e perguntava a si mesmo o que teria ela ido fazer lá fora. Lembrou-se de que a vira chorando e, no instinto da curiosidade, seguiu-a. Quando transpôs a porta, apenas vislumbrou um vulto que se atirava entre um vagão e outro. Pulou rapidamente e, firmando-se numa varra de ferro, ainda conseguiu segurá-la por um braço, enquanto ela se debatia, tentando livrar-se do pulso forte que a sustinha, como garra de ferro.

— Deixe-me, deixe-me! ... murmurou.

Apesar dos seus protestos, o moço reunindo todas as suas forças, conseguiu suspendê-la e colocá-la a salvo ao seu lado.

Ela o olhava com raiva:

— Por que se meteu comigo? Que direito tem? — perguntou bruscamente.

— Primeiramente, senhorita, quero que me responda: que direito tem de acabar com a vida?

— Tenho direito sobre a minha vida e só eu sei o que devo fazer dela!

O moço olhava-a penalizado, e, refletindo um pouco, perguntou:

— A senhorita não crê em coisa alguma?

— Fui criada com religião, mas acho que não creio em coisa alguma...

— E por quê? — se me permite a indiscreção.

— Pelo muito que me sucedeu. Como pode Deus permitir tanta coisa, se realmente é bondoso? Na certa Deus não existe; portanto, não há necessidade de religião.

— Escute, quando acreditava, nunca ouviu falar que somente Deus pode fazer o que quiser de nossa vida? Todo o mundo pode nos pertencer, mas o direito à nossa vida, não temos. Portanto, senhorita, peço que me desculpe. Muitas vezes, quando nos sentimos moralmente abatidos, essa vontade de morrer é comum. Entretanto, passadas algumas horas, vemos que não havia razão de ser para isto. Se me permitisse a indiscreção, poderia responder-me: por que teve repentinamente esta idéia louca?

Ela o olhava, não mais com raiva, mas sim como a um amigo, um confidente a quem poderia confiar o seu segredo, sem receio algum.

— Meu senhor, as nossas desditas, às vezes, para outras pessoas são consideradas como pequenas banalidades e, no entanto, torturam tanto a alma, que nos vimos numa única contingência: morrer. Era assim que eu me sentia, há pouco. E se eu lhe disser o motivo creio que até vai rir-se de mim; por isso, prefiro calar.

— Não senhorita, muitas vezes, quando confiamos a alguém nossas mágoas, encontramos também quem as compreenda, ajudando-nos a voltar à razão.

— O senhor é curioso e insiste em saber; portanto, vou satisfazer sua vontade: fiz isto porque acho que a vida não me comporta mais. Tudo o que já vivi, foi o bastante para sofrer muito e não encontrando conforto em lugar algum. fui procurá-lo.

— Onde talvez não o encontrasse... A morte até hoje é um segredo inviolável e somente a religião consegue explicá-la, pois as ciências até hoje não o conseguiram. E, pela religião, a senhorita, justamente procurou o lado que não lhe daria conforto algum.

— Ora, depois que morresse nada me importava mais. Depois, eu não faria falta a ninguém. Não tenho amigos, não tenho parentes, sou completamente so.

— Eu acho que está sendo um tanto injusta. Analise bem; procure se lembrar de alguma pessoa que lhe queira bem e verá que faria falta a esse alguém.

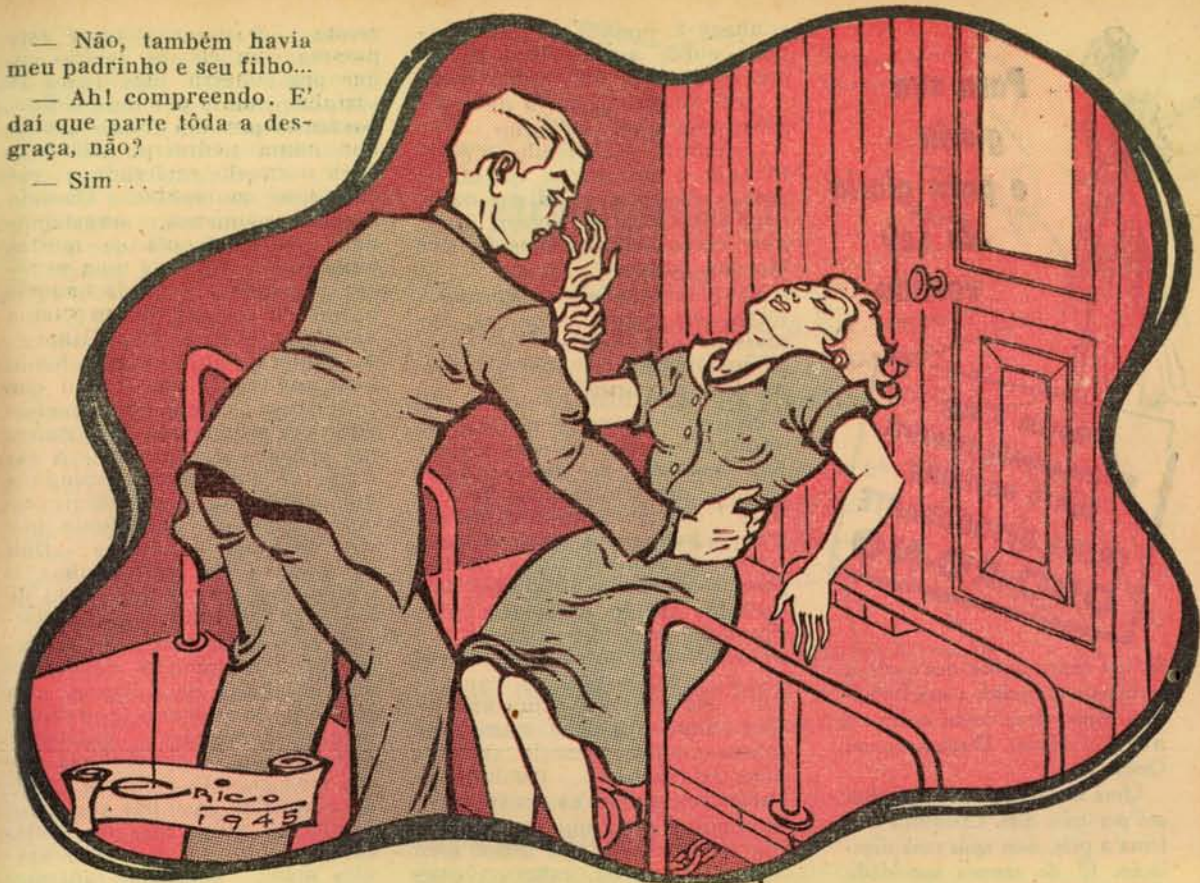
— Não, não tenho quem me queira... Minha mãe faleceu quando eu era pequena e meu pai me deixou em companhia de minha madrinha e foi-se embora. Foi em sua casa que eu vivi até ontem. Mas... antes meu pai não me tivesse deixado nesta casa! Foi o que arruinou a minha vida...

— Arruinou sua vida? Como assim? Vivia só com sua madrinha?

— Não, também havia meu padrinho e seu filho...

— Ah! compreendo. E' daí que parte toda a desgraça, não?

— Sim...



— Como sempre, a mesma história. Foram criados juntos, cresceram, amaram-se, mas houve um obstáculo. Os pais dêle, por exemplo.

— Não, está enganado. O senhor me inspira confiança, por isso vou lhe contar o que aconteceu. Mas tenho certeza que depois de me ouvir, já não será tão bondoso.

Eu o amei, sim. Parece-me que desde criança. Tinha seis anos, quando meu pai me deixou. No principio gostava muito de brincar com Nelson, mas depois tive que me acostumar e acabei tornando-me muita sua amiga.

Fomos crescendo e então comecei a notar que sentia qualquer coisa que me incomodava quando Nelson conversava com outras meninas. Mas não dizia nada.

Ele me tratava como a uma irmã muito querida... e nada mais. Às vezes, me beijava e me acariciava dizendo:

— Você é o meu anjo bom. Não sei como seria minha vida se não estivesse sempre junto de você.

Era só uma grande amizade. Quando terminamos o curso ginasial, fui sua madrinha e ele meu padrinho. Dançamos a valsa. Como eu estava conten-

te naquele momento! Mas depois poucas vezes dançou comigo. Fiquei o resto da noite observando-o todo contente com a sua namorada.

Era sempre assim. Contava para mim suas aventuras amorosas, enquanto eu o escutava com o coração oprimido.

Como seu pai quisesse que continuasse os estudos, foi para a Capital. Senti muito sua falta. Para mim, foi como se uma parte do meu ser fôsse com êle. Mas ainda tinha esperança. Voltaria dentro de algum tempo e talvez gostasse mais de mim. Pensei que a ausência fizesse com que me estimasse, não como irmã, mas com o sentimento que eu lhe dedicava.

Voltou e, com sua volta, mais desafiada fiquei. Parece até que a ausência fêz com que se acabasse aquela intimidade que havia antes. Voltou sério. Não gostava mais de passear pelos campos, nem dar corridas malucas de charretes. Vivia dentro de seu quarto e se ia procurá-lo para conversar, dizia que estava ocupado.

Certa manhã, quando entrei para arrumar seu quarto vi sobre sua estante um retrato de uma mocinha. Segurei-o entre as mãos e observava sua fisionomia, quando êle entrou.

— Então que tal minha namorada?

E passando o braço sobre o meu ombro falou baixinho.

— Juro-lhe, Susana, como agora estou apaixonado. Vou ficar noivo dela. Vou lhe contar como foi que a conheci.

Ouvi toda a sua história, embora estivesse com uma vontade louca de chorar. Certa hora, não pude me conter; estremei e apertei os lábios. Ele me olhou bem de frente e perguntou:

— Que é Susana? Está sentindo alguma coisa?

— Não, foi apenas a surpresa. Não pensei que você...

— Tonta... Já estou com idade de casar. Preciso ajudar papai aqui na fazenda, e depois não dou mesmo para estudo.

Voltou para a cidade e ficou noivo. Escreveu-me uma linda carta, fazendo os maiores elogios à sua noiva. Só faltei morrer quando recebi esta carta. À noite, quando passava pelo corredor, ouvi sem querer o que dizia minha madrinha:

— E eu tinha tanta vontade, que êle se casasse com Susana. Quantas vezes eu lhe falava que Susana fora criada desde pequena em nossa casa e devia



**Para sua
glória
e para gloria
do seu
vestido**

**PROTEJA A SUA
PERSONALIDADE ELEGANTE
COM O NOVISSIMO
CRÊME DESODORANTE
ODO-RO-NO**

Evite a tempo o suor, que mancha a roupa e prejudica a sua formosura. Antes de se vestir, aplique o novo Crème Desodorante. ODO-RO-NO.

Uma simples aplicação protege até por três dias. ODO-RO-NO não irrita a pele, nem após uma depilação. É da mesma suavidade dum Crème vaporoso. Não é preciso esperar que seque. Não mancha a roupa.



Crème ODO-RO-NO

Desodorante e Corretivo da Transpiração
Proporciona uma suavidade que perdura!

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.



**PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA**

**Combate as Feridas,
Espinhas, Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismo**

conhecê-lo melhor do que qualquer outra moça. Mas, dizia-me, só gostava dela como irmã.

— E Susana, gostava dêle? — perguntou meu padrinho.

— Muito. Eu a conheço muito bem e sei que o quanto o ama. Mas nunca disse nada, nem insinuou ao Nelson qualquer coisa. Eis porque êle era tão seu amigo.

Senti um apêto no coração. Então êle sabia, como as demais pessoas, que eu o amava... Naquela noite não dormi, chorando sem parar.

Nelson casou-se no fim do ano e foi morar em nossa casa. Sua esposa era boníssima e sempre me tratou com delicadeza. Comecei então a me retrair. Procurava mais os meus livros e sempre tinha cartas para escrever, para poder sair da sala. Minha madrinha compreendia isto, mas Ana, às vezes me perguntava porque razão eu não gostava de conversar. Eu respondia que não tinha tempo. Nelson, quase não falava comigo quando sua esposa estava perto. Quando me encontrava sozinha conversava animado e dizia que eu era uma ingrata por não falar quase com êle. Certa vez, estava costurando na sala, quando êle entrou. Dali a pouco levantei.

— Aonde vai, Susana? perguntou.

— Preciso ir lá dentro.

— Não, Susana, você não gosta de falar comigo. Há muito tempo que venho notando isto. Evita a minha companhia. Diga-me Susana, você não é feliz em nossa casa?

— Por que está me perguntando isto, Nelson?

— Bem, porque desejaria que fôsse feliz. E vejo que não tem mais aquela alegria dos nossos tempos de criança. Parece mesmo que vive oprimida.

— Qual nada, você está é com história. Até logo, preciso ir.

Afastei-me dali, já com a certeza de que alguma coisa tinha acontecido a Nelson. Por que vivia me procurando ultimamente e aproveitando ocasiões para ficar a sós comigo? Teria algumas intenções? Tudo isto eu perguntava sem saber responder. Talvez fôsse imaginação minha, pensava.

Isto que lhe contei aconteceu há um mês atrás. Desde êste dia passei a evitar ficar a sós com Nelson.

Ontem, sai de manhã e fui dar um passeio a cavalo, pela fa-

zenda. Costumava fazer êste passeio com êle, no tempo em que era solteiro, mas agora ia sózinha. Subia por uma colina, passando por um trilho que ia dar numa pedreira. Ali deixava o cavalo amarrado e escalava a montanha. Quando éramos pequenos, arrastamos uma pedra, depois de muitas tentativas e fizemos uma espécie de banco. Sentada naquele banco, eu gostava de apreciar a paisagem que se descorria. A fazenda, muito longe, tendo logo em frente um riacho que se despencava em linda cachoeira, era espetáculo que nunca me cansava de admirar. A estrada de automóvel circundava um morrinho, para surgir no outro lado, até que sumia por trás de outra montanha. Dali eu gostava de acompanhar o trajeto dos carros que, visto de tão grande altura, assemelhavam-se a brinquedos de criança. Viam-se também dali algumas casinhas de colonos, mas tão longe, que era completamente impossível distinguir uma pessoa. E eu sonhava que era uma gigante e aquela estrada e aquelas casinhas eram dos pequenos anões que eu podia colocar sobre a palma de minha mão. Formava fantasias com aquelas personagens. E quando descia, sentia-me tão pequena e via que também era uma anãzinha daquelas e sómente me tornava gigante quando no alto da montanha. Ontem, como ia dizendo, subi para a montanha do gigante, como a chamávamos. Há muitos meses que não ia ali. O banquinho, como sempre, estava a minha espera. Não sentei. Percorri a montanha em todos os setores e mergulhei meus olhos naquela paisagem tão querida. Cansei enfim e voltei para o banquinho, onde havia deixado as frutas que trouxera. Recostada no banquinho eu comia, enquanto olhava um automóvel que surgira na estrada.

— Será que foi saudade ou o que aconteceu para a anãzinha querer ser gigante novamente?...

Voltei bruscamente e dei com Nelson.

— Que veio fazer aqui? — perguntei.

— Posso usar a mesma interrogação?

— Ora, vim porque estava com saudade.

— Saudades... Você estava com saudades, Susana?

— Como não hei de ter? Gos-

to de vir admirar a pequenez humana do alto desta montanha gigante. Gosto também de vir lembrar que foi aqui que eu me criei. E não existe mesmo coisa mais linda do que poder olhar de cima...

Nelson sentou-se ao meu lado. Depois virou-se para mim e ficou me olhando.

— Que é, Nelson? — perguntei para disfarçar o embaraço.

— Nada, Susana. Você disse que gosta de ver a "pequenez humana" do alto desta montanha. Que você qualifica de "pequenez humana?"

— Não quis dizer nada, mas está vendo aquele caminhão que surgiu lá na curva? Olhe como daqui parece um verdadeiro brinquedo. Entretanto, se eu for vê-lo de perto, é um "chevrolet" gigante. E' mais ou menos isto o que quero dizer.

— Entendi. Os homens querem ser muito grandes e importantes. Mas essa grandeza, vista de um certo ângulo, é tão pequena, que não vale a pena vangloriar-se dela. Está muito certa, querida Susana. Eu também fui assim. Queria ser grande e importante. Queria ser tanta coisa, que me esqueci de olhar para o que se passava ao meu lado. E foi por isso que cometi as maiores asneiras. O pior Susana é que estava consciente delas. E agora é tão tarde...

— Mas, Nelson, eu não estou entendendo o que quer dizer...

— Está entendendo sim... estou falando de você. Sei e sempre soube que gostava de mim. Mas gostava de fazer ciúmes a você. Sabia que cada vez mais gostaria de mim. Tinha um grande prazer em ver a mudança de sua expressão, quando me ouvia falar em minhas namoradas. Eu não sabia que gostava tanto de você. Procurava outras moças, mas logo fazia um paralelo e via que era muito difícil encontrar quem tivesse os seus traços e ao mesmo tempo possuísse as suas qualidades. Mamãe, muitas vezes me falou que tinha vontade que eu me casasse com você. Mas eu não sabia o que queria. Encontrei finalmente uma moça boa e digna. E me casei... casei-me Susana, sabendo que ia lhe trazer uma grande tristeza. Chegava, muitas vezes, a ficar apreciando a sua fisionomia, para ver a sua reação. Pensei que, com minha esposa aqui, ficasse muito enciumada e o demonstrasse. Mas, não. Sua dignidade foi bem maior do que a minha mesquinhez. Nunca murmurou uma palavra.

NOTURNO

O dia já passou pelos umbrais do poente; acompanhou-o a luz. Agora, abriram-se, na sombra, outros portais, por onde a noite avança, espaço a fora...

Tenho a impressão que tudo se evapora chocando-se, pelo ar, em eterais amplexos que retêm uma sonora composição de choques musicais...

A voz das horas distribui compassos. É meu ouvido, atento às impressões das musicalidades dos espaços,

diz que essa noite emocional contém as puras e emotivas vibrações dos imortais Noturnos de Chopin! ...

MARIA ANTÔNIA SAMPAIO

* * *

E teve para minha esposa um tratamento carinhoso que eu nunca esperei. Eu fui covarde e egoísta. Apesar de casado, fazia questão de possuir o seu amor. Mas você foi sublime. E eu sou tão covarde que ainda tenho coragem de lhe dizer, agora, que a amo... Mas, não sei. Precisava de desabafar com alguém. E agora, Susana eu compreendo a tristeza do seu olhar, o retraimento e a sua bondade para com minha esposa. Sabia que ela não tinha culpa. Eu procurei tanto em outros lugares, o que possuía ao meu lado. Hoje, quando eu a vi dirigindo-se para a montanha, não pude resistir e acompanhei-a. Por que, Susana, só depois de tanto tempo vim a descobrir que a amo tanto? Por que, apesar de minha esposa ser boa e meiga, não tenho ao seu lado conforto e coragem? Por que embora eu tenha tudo, sempre me está faltando alguma coisa? Essa coisa inexplicável é você, minha Susana. Quero que me diga, apenas uma vez, que me ama.

Diga-me Susana, isto para mim seria grande conforto...

Durante este tempo todo fiquei imóvel. Meu rosto queimava e sentia um aperto na garganta que me impedia de falar.

— Nelson, — minha voz saiu, mas tão rouca que não a reconheci, — não fale mais neste assunto. Por que me veio falar disso agora? Eu sempre o amei e nunca lhe disse nada. Não disse porque esperava que algum dia havia de descobrir. Mas você descobriu demasiado tarde. Que adiantaria eu dizer que o amo? Não podemos, nunca mais, viver sob o mesmo teto. Lembre-se que possuí uma esposa... Não, eu não teria coragem de fitar sua mulher nem meus padrinhos.

Comecei a chorar e quase com desespero falei.

— Para quê, Nelson, veio me atormentar mais uma vez? Você deseja é que eu viva chorando. Não chegam as mágoas e tudo o que sofri até hoje? Nem calar você sabe... Não tem coragem para sofrer nada...

(Conclui na pag. 24)

Foi em 1889

Conto de Henry Falk

Ilustração de Rodolfo

FOI em 1889. Albert Sorbier tinha então vinte anos e estava-se preparando para prestar exames do seu curso jurídico. Tomava tôdas as manhãs o ônibus Estação-Sain-Lazare-Saint-Michel, para ir à Universidade, pois morava na Rue de Rone com seus pais, burgueses honrados e pacatos. Era um jovem muito aplicado, mas tinha, como é frequente em sua idade, tendências romanescas. Há três semanas que lhe chamara a atenção uma moça loura, que também tomava o mesmo ônibus na Ópera, tôdas as manhãs. Era esbelta, de braços roliços e muito simpática, capaz de despertar todos os sentimentos românticos que jaziam ainda sob forma latente no seu companheiro habitual de viagem.

O chapéuzinho que cobria aquêles cachos sedosos era um verdadeiro poema. Quando procurava o lençinho no bôlso, acontecia apparecerem finíssimas rendas da combinação, por cima de meias de seda muito transparentes, e os pezinhos mimosos que deixavam advinhar uns tornozelos...

Nessa manhã, Alberto a saudou e ela respondeu ao cumprimento com um sorriso franco. No dia seguinte, procurou o primeiro pretexto para lhe dirigir a palavra, e dali a momentos estavam em plena palestra.

Chamava-se Adele e era caixeira em uma loja de cintas. Morava com a mãe, mas tinha certas liberdades, podendo até sair à noite, com a condição de não chegar depois de meia-noite.

Quando saltou no Chalet, Alberto pediu-lhe para marcar um encontro e, no dia seguinte, já êle a aguardava pontualmente às sete horas na esquina da Rua Rivoli com o Boulevard Sebastopol. Vinha da loja rindo das freguesas muito gordas que almejavam uma cintura de marim-bondo. Aceitou, sem grande relutância, o convite para uma ceia no Café Vachette.

Alberto pediu uma canja de perdizes assadas, apontando, cheio de respeito, Verlaine e Moreas numa mesa vizinha, e durante a sobre-mesa pegou-lhe a mãozinha. Depois da ceia foram ao Scala, para ouvir o conhecido cantor Paulus. No carro em que Alberto a conduziu para casa, trocaram o primeiro beijo.

O acadêmico apaixonou-se loucamente pela coleteira. Mas os cem francos que sua família lhe dava mensalmente para suas pequenas distrações, foram devorados por essa grande paixão em poucos dias: começou a fazer dividas, desleixou nos estudos e só vivia para Adele.

No começo, a rapariga comoveu-se com os seus sacrifícios, mas em breve se habituou, achando tudo muito natural e recebendo, às escondidas, pois receava os ciúmes de Alberto, uma gorda mesada de um sexagenário.

Seus receios foram justos. Numa tarde, quando jantava com o velho no Café Rinche, Alberto que, de alguma coisa suspeitara e a seguira sem ser pressentido, entrara no reservado, exclamando com uma voz estridente, deformada pela raiva:

— Tu, que eu adorava tanto, que eras o meu idolo, não passas de uma leviana! Rou-

baste-me as ilusões! Só a morte poderá trazer-me o esquecimento!

E quis atravessar o peito com uma grande faca de trincar que estava sobre a mesa. O velho, porém, conseguiu arrancar-lhe a faca, evitando assim aquêlo ato de desespero. E enquanto Adele, assustadíssima, fugia apressadamente do reservado, o velho obrigou o estudante a sentar-se a seu lado. Não encontrou grande resistência, pois Alberto estava soluçando, com a cabeça entre as mãos. O sexagenário falou-lhe com toda a brandura:

— Meu jovem amigo, perdeu então a razão para querer dar semelhante passo? E por quê? Por um nada, por uma rapariga! E' possível que uma rapariga possa influir tanto na vida de um homem?

— Uma rapariga, uma rapariga! — exclamou Alberto ainda em lágrimas. Para mim não é uma rapariga, é uma mulher que eu amo. Por que ma tirou? Por que ma tirou? Só com o seu dinheiro imundo!

— Tem toda razão, é isso precisamente! — respondeu o velho com toda a calma. Com o meu dinheiro imundo! E creio que é bastante para lhe mostrar a estatura moral da nossa Adele. Pode crer-me, meu jovem amigo, uma mulher não merece que se sofra por sua causa!

— Mas como pode o senhor dizer semelhante heresia! Nunca foi moço? Nunca amou?

— E' possível que sim — respondeu o velho. Mas tudo isso é de tão somenos importância! Dou-lhe a minha palavra de honra, que não me lembro bem!

— Mas o senhor é destestável. Que cinismo horrível!

— E' apenas a experiência. Aceita uma taça de champagne para afogar essa mágoa tão grande?

E cheio de compaixão estendeu ao pobre Alberto a taça que êste virou suspirando.

*

No ano de 1929, Maxime contava vinte anos. Estava se preparando para prestar exames do curso jurídico que frequentava na Universidade. Tomava tôdas as manhãs o Metro na Place des Ternes, com destino à Universidade. Durante três dias consecutivos encontrou na Estação Villiers uma lourinha que lhe agradou imensamente. No quarto dia, dirigiu-lhe a palavra e ela respondeu-lhe com um sorriso muito franco. Chamava-se Nanon e era manequim num grande estabelecimento de modas. Morava com a mãe, mas gozava de certa liberdade e podia dispor de suas noites à vontade, contanto que não chegasse muito depois da meia-noite.

Ela saltou em Barumartin. Maxime pediu-lhe para marcar um encontro e se fez esperar na mesma tarde na esquina do Boulevard com Rue Daunon. Jantaram juntos em um bar dos Champs-Élysées, e Maxime mostrou-lhe Mistiquet e Maurice Chevalier. Depois de terem passado a noite em Montparnasse foram juntos para casa.

O estudante apaixonou-se loucamente por Nanon. Mas os mil francos que sua família lhe dava mensalmente para suas pequenas distrações, foram devorados em poucos dias pela grande paixão.

Começou a fazer dividas, relaxou nos estudos e só vivia para a sua Nanon. No principio esta se comovia com tamanhos sacrificios, mas depois os achou muito naturais, recebendo muito às escondidas — pois receava os ciúmes de Maxime — uma boa mesada de um rico sexagenário.

Seus receios eram bem fundados. Numa tarde, quando ceava com seu velho protetor num salão reservado, Maxime penetrou no compartimento, fora de si de raiva e pesar, exclamando:

— Tu, tu que eu adorava tanto, que eras toda minha vida, não passas de uma leviana! Que golpe terrível, só me resta a morte. E tirando uma *Browning* do bolso faz menção de atirar sobre Nanon. O velho conseguiu tolher-lhe o braço e, enquanto Nanor fugia espavorida, arrastou o estudante sucumbido para um divã, onde o fez sentar a seu lado.

— Meu jovem amigo, perdeu então a razão inteiramente? Que importância pode ter na vida de um homem uma rapariga?

— Mas o senhor nunca foi moço, nunca amou?!

— E' possível que sim, respondeu o velho.

Mas, tudo isso é tão insignificante. Dou-lhe minha palavra de honra que não me lembro bem. Se está pesaroso, vá visitar-me, conversaremos como bons amigos e hei de lhe dar bons conselhos. Eis aqui o meu endereço.

Mecanicamente, Maxime apanhou o cartão que o velho lhe estendia e leu:

"Albert Sorbier."



No próximo
numero de

Alterosa

- * Magníficos contos nacionais e estrangeiros, especialmente escritos ou traduzidos.
- * Crônicas e artigos de palpitante atualidade, firmados pelos mais consagrados escritores do Estado e do país.
- * Maravilhosos figurinos para o bom gosto da mulher brasileira.
- * Moda, beleza, arte, sociedade, humorismo, etc.

CR\$3,00 EM TODO O BRASIL

PEQUENEZ HUMANA

CONCLUSÃO

— Susana, não é tanto assim... Juro que estou disposto a fazer tudo para que seja feliz. Vamos, Susana, não vê esta longa estrada? Vamos caminhar juntos agora. Deixarei tudo e irei com você...

— Nelson, cale-se por favor!... Está se tornando cada vez mais inconveniente. Não seja louco!

Ele se levantou, parou perto de mim e me olhava. Repentinamente, tomou-me em seus braços e começou a me beijar nos olhos, no rosto, na boca. Tentei desvencilhar-me, mas cada vez me beijava mais. Seus braços fortes me envolveram... Fiquei zonha. Perdi a razão.

...
Cheguei a casa já noite, entrei para o meu quarto e não sai mais.

Minha madrinha bateu. Abri a porta. Ela entrou e ficou aterrada quando viu as malas que eu já havia aprontado.

— Mas minha filha que é isto? Que tem você?

— Nada madrinha, não me pergunte, nem me fale nada. Preciso ir-me embora desta casa. Pense o que quiser de mim, mas não ficarei aqui nem mais um dia. E peço que não comente nada. Quando alguém perguntar, diga que fui visitar uns parentes no Rio.

— Então vai mesmo, minha

filha? Não posso segurá-la... Vou dizer ao seu padrinho que quer passear e arranjarei as coisas. Mas, promete que me escreverá sempre? Promete que ainda virá me visitar, algum dia?...

Minha madrinha chorava. Não resisti. Atirei-me em seus braços e desabafei toda a minha mágoa. Acho que ela desconfiou o que se passara. Ajeitou tudo ontem mesmo e eu parti de manhã cedo. Não me despedi dele. Não sei também se Ana desconfiou de alguma coisa. Tratou-me muito bem e até me deu um cartão de sua família, para procurá-la.

*

Susana fitou o rapaz que estava à sua frente.

— Depois disso tudo que lhe contei o senhor ainda acha que não tenho direito sobre a minha vida? Ainda acha que eu devo enfrentar o mundo? O mundo, que nem conheço...

— Ainda assim, não acho que possui o direito sobre a sua vida. A fatalidade feriu com dureza seu coração, mas teve coragem para seguir até ao meio do caminho, por que não tentar um pouco mais? Diga-me. Que pretende fazer agora? Quer ainda se atirar debaixo do trem? Tente, porque eu a segurei mais uma vez...

Susana riu.

— Eu não sei, francamente, o que vou fazer. Tenho por enquanto algum dinheiro. Vou para um hotel e quando acabar o dinheiro, trabalharei.

— Ótimo, as intenções já estão melhorando. Mas, por que não procura essa família, de que tem o cartão aí?

— Não, irei mesmo para um hotel.

— Quero lhe propor uma coisa. Gostei muito da senhorita, se me permite a franqueza. Tenho uma casinha na Tijuca, que acabei de mobilar. Poderá morar lá. Conheço também uma senhora que lhe fará companhia. E se me permitir far-lhe-ei uma visita de vez em quando. Peço que aceite.

— Mas o senhor, por que tem tanto interesse em mim? Mesmo depois de lhe contar tudo que aconteceu e ainda sem saber o que me espera, tem coragem de me tratar assim?

— Não procure se aprofundar. Mais tarde, talvez tenha alguma explicação. Vamos para o carro.

Os dois jovens sentaram-se na poltrona e seguiram a viagem conversando animadamente. Susana já não tinha mais aquele olhar tristonho que não via nada. O moço ria alegre e feliz.

Quando desceram do trem ninguém que os olhasse seria capaz de imaginar o que se havia passando. E foram juntos, tão amigos, que pareciam conhecidos de longo tempo.

A senhora, para companhia de Susana, era sua mãe, e ele era irmão da esposa de Nelson...

A UNICA SOLUÇÃO

CONCLUSÃO

pre todas as suas dificuldades de ordem financeira; e como a felicidade constitui a aspiração máxima de todo o ser vivo, entendo que não seria justo se os privasse do direito de orientar o curso da vida de acordo com os seus desejos e os seus sonhos.

Porém, desde já quero deixar bem claro que não assumirei nenhuma responsabilidade quanto às demais loucuras dos pombinhos".

Está datado e assinado.

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo • Remessa pelo reembolso postal

S. S. Publicidade

QUANTAS VEZES
A SENHORA TERA
PENSADO NO
FUTURO DE
SEUS FILHOS ?



E CERTO que uma das mais constantes preocupações das mães reside no futuro de seus filhos. E os recursos para a sua perfeita alimentação, a constante assistência médica, seu vestuário, e, principalmente, as diferentes fases de sua educação, constituem a interrogação mais aflitiva que assalta o espírito das senhoras ao pensar no futuro das suas crianças queridas. Mas todas essas aflições podem desaparecer,

desde que se recorra ao método de ensinar à criança o hábito de economizar. Praticando a economia, seus filhos estarão provendo o seu próprio futuro, acautelando-se, desde crianças, contra as surpresas do destino. Abra, hoje mesmo, uma caderneta da Caixa Econômica Estadual para os seus filhos, e vá acostumando-os a fazer seus pequenos depósitos regularmente.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO GOVÊRNO DO ESTADO

Rua da Bahia, 1649 — Telefone 2-0151 — Belo Horizonte
Agências em todas as cidades do Estado de Minas Gerais



ÀO faltava muito: apenas uma hora. Dentro de uma hora, sua esposa, a culpada, estaria ali no escritório. Entraria com seu andar gracioso e elegante. Deter-se-ia em frente à secretária para contemplá-lo com seus olhos escuros e lindos, expressivamente suplicantes... Numa última tentativa para convencê-lo. Mas nada já adiantava. Ele sabia de tudo. Pouco se lhe dava Lorenza jurar mil e uma vezes que ele estava enganado, que ela, absolutamente, não amava o doutor Pablo Dier...

Andrés Stimson, sentado numa poltrona do seu luxuoso escritório, sentia-se profundamente desesperado: abria e fechava as mãos como se com esse movimento quisesse despedaçar alguém...

Para dizer a verdade, não suspeitava da esposa. Sabia-a honradíssima. Ela amava o doutor Pablo Dier; não podia, contudo, condená-la por isso. Se a fatalidade fizera Lorenza apaixonar-se por seu próprio médico, ela devia dizer-lhe tudo. O amor sempre foi inevitável. Somente recriminava a esposa pelo seu silêncio, vendo nisso uma grande falta de fidelidade. Por que continuar enganando-o se realmente já não mais o queria.

Andrés Stimson sentia a cabeça pesada e dolorida; fixar a vista em qualquer ponto era-lhe verdadeiro suplício. O escritório parecia enevoado. Seus nervos não suportariam mais. Uma coisa somente conseguia ver nitidamente: a carta que estava em cima da escrivaninha...

Lorenza o chamara por telefone. Com um estranho tom de voz perguntara:

— Andrés! Tens a carta?...

— Sim — apressou-se em responder — “a carta” tenho-a eu aqui... — concluiu bastante significativo.

— Andrés! — gritou ela, desesperada — Por favor, não leias! Suplico-te! Pelo bem que me queres, não leias! Juro-te que não se trata do que pensas... É uma carta que foi parar em tuas mãos



CONTO DE ISABEL MOORE

ILUSTRAÇÕES DE FÁBIO

por um erro fatal. Em vez de subscrever o nome do doutor Dier, escrevi o teu... Ultimamente, me sinto tão cansada e nervosa, que não dou conta do que faço. Devia ter pôsto no envelope aqueles recibos que me pediste anteontem.

*

Sim, compreendia perfeitamente o nervosismo de Lorenza. Ele também se sentia assim. E que homem não experimentaria os mesmos sofrimentos em semelhante circunstância? Era terrível a realidade! Lorenza não o amava, não o amava... E depois, para

ele, a atitude de sua esposa o colocaria mais tarde numa situação insustentável e ao mesmo tempo ridícula. Daqui há pouco todo o mundo saberia... Até já parecia ter notado olhares de compaixão de alguns dos seus melhores amigos. Estava claro: deviam saber, deviam saber que Lorenza não mais o amava.

Quando sua esposa falou na carta, ele lhe disse com brutalidade:

— Naturalmente escreveste ao dr. Dier dizendo que o amavas! Sim, não negues! Disseste também que esse amor era impossí-

vel e que ele devia partir... Não, não protestes! Então, por que és-se receio de que eu leia a carta? Se não te sentisses culpada não estarias agora tão alarmada! Como pudeste ser tão distraída a ponto de enviar-me, a mim, uma carta escrita para ele?

Andrés calou-se repentinamente pois se deu conta que, em vez de falar, gritava. Recobrando um pouco o domínio, procurou falar com mais calma e serenidade:

— Bem, se não é o que imagino, por que não me dizes o que escreveste a Pablo Dier?

— Não posso dizer-te, Andrés. Suplico-te! Tens que acreditar-me! Tens que confiar em mim!

— Confiar em ti! — repetiu ele

— Irei ao teu escritório, Andrés. Prometes-me não abrires a carta em minha ausência? Tenho que explicar-te algo... Prometes?

— Bem, esperar-te-ei. Mas logo aviso-te que desejo saber o conteúdo dessa carta! — disse ele cortando a ligação bruscamente.

— Sim... — pensou ele mais calmo — Que venha...

Podia esperá-la. Uma hora passava logo. Não fora mais cruciante a angústia das semanas anteriores? Uns minutos mais, mais uns minutos...

*

Quando Lorenza chegasse fá-la-ia sentar-se bem à sua frente afim de melhor o encarar. Depois, enquanto ela o observasse com os

tado o coração de uma mulher a quem considerava intangível, e humilde porque, sinceramente, não julgava merecê-la...

— Querido, não deves te portar assim — ela costumava dizer-lhe.

— Assim como? — perguntava ele entre sério e sorridente, já antevendo a resposta.

— Quero dizer que não deves te mostrar assim... quase humilde comigo. Bem sabes que me casei contigo por amor, Andrés. E te quero pelo que és, pelo que realizaste à custa do próprio esforço. Querido meu, deixa-me dizer-te: és dos poucos que realmente merecem o título de triunfador.

— E' que, — dizia ele então com sinceridade — eu não te mereço, Lorenza. Não tenho cultura, nem parentes, nem...

— Nada disso te desmerece, Andrés. Tens uma alma generosa, nobre e boa. E' o bastante.

Palavras, somente palavras... Andrés sentia agora a amargura da realidade. Por que então se apaixonara por Pablo Dier? Mas, a rigor, podia condená-la por amar outro homem? Não, não podia. Lorenza continuava fiel, boa e honrada. O que o fazia infeliz era saber que o coração de sua esposa já não lhe pertencia.

*

Não custou a descobrir o segredo. A princípio, começou a notar troca de olhares furtivos quando eles pensavam não serem observados. Uma vez mesmo, teve oportunidade de escutar pelo telefone da biblioteca o que conversavam. Foi na época em que Pablo Dier aconselhou que ele ficasse de cama por muitos dias e pedira aquelas radiografias... Sim, percebia a intenção do médico: sugestioná-lo, convencê-lo de que estava doente, de que devia tratar-se... a doença poderia agravar-se e... poderia morrer. Sim! Por que não? Fazê-lo morrer para casar-se depois com Lorenza e gozarem juntos a fortuna que conseguira à custa de trabalho e sacrifício...

Lembrava-se bem: Lorenza discara o telefone da sala e ele corra para a biblioteca, ligando com muito cuidado a chave do aparelho afim de que ela não percebesse. E se pôs a escutar. As primeiras palavras que ouviu foram pronunciadas por sua esposa. Dizia numa voz trêmula, como se receiasse ser ouvida:

— "Não, Pablo; sou eu quem deve dizer-lhe. Não me negues esse direito. Saberei como fazer. Procurarei uma oportunidade bem propícia. Receio fazê-lo sofrer muito dizendo-lhe duma maneira cruel...."



cruelmente como se esse fosse o maior absurdo do mundo.

— Sim, Andrés, confiar em mim!

— Isso já não é possível sabes bem.

Houve então um silêncio entre ambos, no qual Andrés pressentiu a angústia de sua esposa. Mas não teve a menor compaixão. Por fim, Lorenza, quase desesperada, replicou:

— Bem, então... ao menos, espera-me.

— Esperar-te! Não compreendo. Que vais fazer?

olhos suplicantes, ele abriria a carta numa calculada lentidão... Lorenza precisava sofrer, conhecer o martírio que ele experimentara semanas e semanas.

Sua vingança consistiria em humilhá-la, humilhá-la até onde pudesse... Lorenza, orgulhosa, a nobre, a aristocrática... E pensar que lhe pedira em casamento quase de joelhos, como quem pede perdão por uma grande ousadia! Depois, quando teve o seu assentimento, sentiu-se ao mesmo tempo orgulhoso e cheio de humildade: orgulhoso por haver conquis-

Ganque puro

com o uso de

INHAMEOL

REI DOS DEPURATIVOS DO SANGUE

A Sífilis é produtora e origem de muitas afecções graves. Use para combate deste flagelo o grande auxílio no tratamento da Sífilis e suas manifestações.

INHAMEOL

CONTRA: REUMATISMO —
ULCERAS NAS PERNAS —
FERIDAS — MANCHAS DA
PELE — DORES DE ORI-
GEM SIFILITICA — PUR-
GAÇÃO DOS OUVIDOS —
PURGAÇÃO DOS OLHOS
COM ARDENCIA E LACRI-
MEJAMENTO.

A VENDA EM TODAS AS
FARMACIAS E DROGARIAS DO PAIS

As mãos femininas e o tratamento Velmán

VELMÁN é um creme maravilhosos que acaba de ser lançado para o tratamento das mãos femininas.

Composto de uma grande quantidade de ingredientes benéficos, "VELMÁN" defende e protege as mãos femininas, combatendo manchas e rugas precoces, removendo impurezas, evitando suores excessivos e odores desagradáveis ocasionados pelo fumo.

"VELMÁN" clareia, amacia e rejuvenesce as mãos. Logo às primeiras aplicações, "VELMÁN" torna as mãos alvas, perfumadas, sedosas e deliciosamente juvenis.

"VELMÁN" espiritualiza as mãos da mulher moderna.

— "Por favor, Lorenza — contestou a voz de Pablo Dier. Tu não avallas a responsabilidade de se ato; é algo muito mais serio e mais doloroso do que imaginas. Quando éle o suspeitar, e desgracadamente há-de chegar esse momento, a vida te será impossível. Por isso, quero dizer-lhe. Sou homem e estou na posição de comunicar-lhe algo tão grave. Por favor, Lorenza, por favor! Deixa-me que lhe revele tudo!"

— "Não, não, não!" — contestou ela angustiosamente. Não digas nada ainda. Quando chegar o momento em que não se possa ocultar mais nada... então reclamarei o direito de contar-lhe tudo..."

— "Não é direito..." — insistiu o médico.

Mas ela começou a soluçar e mal pode dizer:

— "Não, Pablo! Estou sofrendo muito... Não digas nada ainda... peço-te por mim..."

Os soluços de Lorenza aumentaram. Houve uma pequena pausa e finalmente Pablo Dier concluiu resignado:

— "Está bem, Lorenza, seja como quiseres".

A comunicação foi cortada. Pálido, com a fronte a latejar, Andrés virou por sua vez a chave do aparelho. O que acabara de ouvir era tão terrível que se sentiu entontecer. Trêmulo e vacilante, foi para o quarto. Recostou-se num sofá. Ficou assim bastante tempo. A janela aberta, deixava ver o imenso jardim que se estendia para além de sua casa. Mas éle olhava sem ver.

Lá fora, a alegria reinava; o sol brilhava doirando a manhã. Uma brisa cariciosa lá e vinha entre as árvores frondosas... Somente éle sofria, havia treva em sua alma, o desespero de saber não ser amado pela mulher querida. Ela pensava noutro homem.

— Porque — dizia de si para consigo, com o olhar a vagar pelo quarto — trabalhara tanto, por que mandara construir aquela casa tão luxuosa e confortável para Lorenza, se agora ela não o amava?... Não o amava...

*

Pouco a pouco, foi recobrando a calma. E então começou a ligar fatos, pequenas cenas (sem importância das quais tirava terríveis conclusões... Sim, fôra um cego: precisara ter ouvido aquela conversa pelo telefone para descobrir a verdade.

A dor seguiram-se a indignação a cólera, a raiva. Rápido, foi à sala em busca da esposa.

— Andrés, por que não ficaste mais tempo repousando? Pablo recomendou que ficasses na cama até que teus nervos se acalmas-

sem...

Enquanto ela falava, éle a contemplava fixamente. Lorenza não pôde resistir ao seu olhar. Por que? Porque se sentia culpada...

Com a voz cheia de amargura e de ódio ao mesmo tempo éle replicara:

— Ora essa! Tolices! Estou tão doente como tu. O que vocês ambos queriam era impresionar-me convencer-me de que estou seriamente doente afim de que eu não atrapalhe o idílio amoroso... porque enquanto eu viver não poderá sair do platônico... Não me negues! — insistira éle com violência ao notar-lhe no olhar assombro e medo — E' inútil. Sei de tudo. Amas a Pablo e éle te ama. Por isso vem aqui todas as tardes com o pretexto de observar-me. Visita médica... Por ora, enquanto não morro, procura conformar-se em ver-te e falar-te... Sim, eu sei...

— Andrés, isso não é verdade — protestou ela com pena e indignação.

— Não continues a mentir! — gritou éle. E sem poder conter-se, applicou-lhe uma bofetada em pleno rosto.

Lorenza empalideceu intensamente. Sem dizer palavra, voltou-se e dirigiu-se ao seu quarto. Mais tarde, ao passar pela porta, Andrés ouviu seus abafados soluços.

Toda essa recordação, era-lhe torturante. Quase não podia conter-se. Impacientava-se e começava a andar de um lado para o outro do escritório. Decidiu não mais permitir a entrada de Pablo Dier em sua casa. Não necessitava da atenção de nenhum médico. Precisava mais de descansar, acalmar aqueles nervos, vencer o ciúme que lhe punha o coração. Nada de indigno suspeitava da esposa. Apenas o ciúme, o ciúme o torturava como uma mão de fogo...

Lorenza prometera explicar tudo e éle com isso se sentia quase alegre. Talvez se separassem. Seguiriam rumos diferentes. E, se éle morresse antes, Pablo se casaria com ela. Não! Éle não permitiria tal coisa! Tomaria todo o cuidado com a saúde afim de não dar essa satisfação...

Andrés levou a mão à frente e sentiu-a úmida de suor. Tirou então um lenço do bolso, mas ao fazê-lo notou a marca da queimadura no dorso da mão. Fôra Lorenza, ao entregar-lhe descuidadamente o cigarro. Entre os dois sempre houvera esse costume: toda a vez que éle desejava fumar ela acendia o cigarro.

Pablo Dier estava presente nesse dia.

— Oh ! querido! — exclamou ela aflita
— Que descuidada sou eu! — Queimei-te
a mão!

— Oh! não foi nada, querida! — replicou
êle sorrindo. (Isso ocorrera um ou dois
dias antes daquela conversa telefônica).
Minhas mãos estão endurecidas pelo tra-
balho pesado dos primeiros anos. São mãos
cheias de calos, mãos de trabalhador —
ajuntou com satisfação dirigindo-se tanto
à espôsa como ao médico. Este último toma-
va um coquetel que Loreza acabara de pre-
parar.

Andrés continuou:

— São mãos de estivador. Sabia você,
Pablo — prosseguiu com satisfação — que
eu comecei a vida como estivador? Depois
graças à força de vontade
e ao árduo trabalho con-
segui tornar-me proprie-
tário da maior compa-
nhia de navegação do
país. Triunfei depois de
uma luta difícil, sem tré-
guas. Mas tenho agora
minha recompensa. Sou



Fábio

rico e feliz. E possui por esposa a mulher mais encantadora do mundo.

Pablo o olhou e respondeu:

— Sim, Andrés, você é um verdadeiro triunfador. Um triunfador em todos os sentidos.

— No entanto, — continuou Andrés satisfeito de poder falar em seus êxitos — dos meus triunfos o que mais admiro é o de haver conquistado o coração de uma mulher como Lorenza; sei que não a mereço... mas farei o possível para recompensá-la nos dias que ainda tenho para viver ao seu lado.

— Não digas isso querido! — exclamou Lorenza. Aproximou-se e beijou-o no rosto. Depois acrescentou: — Eu é que não sei se realmente te mereço. Quando me conheste, estava quase na miséria. A fortuna dos meus pais desaparecera. Era uma mulher sôzinha no mundo, sem outro bem que a educação recebida e um nome honrado. Graças a ti pude desfrutar novamente de tudo que a vida tem de agradável; graças a ti soube outra vez o que era o luxo, a comodidade, o viver sem preocupações. Oxalá, algum dia, possa eu pagar-te todo o bem que me fizeste, Andrés!...

Lorenza terminou com tal entonação na voz que Andrés con-

templou-a meio aturdido. Pablo Dyer a fitava como se houvesse compreendido bem...

Andrés voltou a pensar no dia em que ouviu a conversa pelo telefone. Ele humilhara, insultara a esposa e, todavia, Lorenza não demonstrara o menor constrangimento. Andrés deduziu que o aceitar insultos fazia parte do código de vida de Lorenza; sua esposa pertencia a esse mundo chamado o da "gente fina". Jamais se deixava dominar por sentimentos mesquinhos. Lorenza permaneceria fiel ao ser ideal que consistia indubitavelmente em manter, de qualquer maneira, a felicidade de seu lar. Por isso, suportaria seu mau humor e continuaria a suportar suas suspeitas sem sequer defender-se ou acusá-lo. Além disso, talvez Lorenza alimentasse a certeza de viver mais do que ele; acariciando a idéia de uma prematura viuvez... para poder entregar o coração e o dinheiro que ele ganhara a outro homem... Sim, isso era bem possível de acontecer. Pablo era jovem e forte, e ele, bem mais velho do que Lorenza, já se sentia cansado. Quando morresse, Pablo se casaria com Lorenza e os dois, juntos e felizes, viveriam ricos e ditosos... Ah! era terrível! Precisava dispor as coisas de modo a im-

pedir a realização de tal plano. Deixaria Lorenza sem um centavo embora isso lhe custasse muito sofrimento, pois a amava loucamente. Suportaria, saberia suportar, contanto que esse amor não se realizasse. Arriscaria tudo; pediria separação da mulher alegando que ela era indigna, diria que Pablo e ela... Enfim, faria as coisas de uma tal maneira que os tribunais não o condenariam a dar-lhe pensão. E ainda por cima arruinaria a reputação de Pablo Dyer. Assim se ele acaso desaparecesse, os dois casariam, mas, pobres, amargurados e deshonrados. Esse era o seu projeto de vingança...

✱

— Andrés!...

Andrés Stimson voltou-se e contemplou sua esposa. Lorenza tinha a cabeça orgulhosamente erguida, o olhar ativo e ao mesmo tempo quase suplicante.

— Como não deve amar Pablo! — pensou Andrés — para poder passar por tantas humilhações e padecimentos! Sentiu, nesse momento, que a odiava profundamente.

— Por que não vieste antes? — disse com rispidez. — Não sabias que te estava esperando?

Sem responder à pergunta, Lorenza murmurou:

— Andrés, a carta...

— Justamente, é da carta de que se trata. Quê tens a alegar?

— Nada, Andrés... Poderás entregá-la?

Ele a olhou com ódio. Sentiu que lhe vinham aos lábios torrentes de palavras injuriosas. E quando quis abrir a boca para falar não pôde fazê-lo. Permaneceu silencioso. Por que? E' que Lorenza adivinhara-as antes de ouvi-las, e, disposta a tudo suportar, ergueu a cabeça e adquiriu uma posição rígida como quem sabe que vai receber o golpe do veredicto.

Milagrosamente, como se a luz se fizesse em seu cérebro, Andrés compreendeu que não era por amor a Pablo Dyer que sua esposa tolerava seus insultos, senão por amor a ele! Não, não era por Pablo que Lorenza resistia às humilhações; era por ele, Andrés! Tudo lhe pareceu então tão claro que a alma se lhe inundou de paz inesperada, de imensa beatitude. A nobreza de Lorenza tocara enfim o coração de Andrés. Agora, resolvera: dissesse o que dissesse a carta, nela não podia haver traição ou indignidade. Numa palavra: Andrés voltou a depositar confiança em sua esposa. Se lhe houvessem perguntado o motivo, talvez não o precisasse bem. Era provável que respondesse:

— Sómente sei de uma coisa:

✱ ✱ ✱

CONSOLAÇÃO

Sê mais confiante no destino obscuro:
Derrete a idéia e amolda o pensamento
Na transfiguração do teu tormento
Para a ressurreição no teu futuro!

Quando, abrandado, o coração sedento
Sorver a luz num manancial mais puro,
Verás altear-se, acima do teu muro,
A torre chûrnea do deslumbramento!

Notarás a accentuada diferença
Na tela do futuro, emoldurada
Pelo clarão confortador da crença...

Tudo no mundo te será mais brando...
E, embora tenhas a alma vergastada,
Teu coração soluçará cantando!



EDISON PINHEIRO

se Lorenza não me quisesse mais já me teria dito. Ela é incapaz de mentir-me. E' verdade que agora tem um segredo; mas se não quer revelar-me possui suas razões para agir assim.

André inclinou a cabeça e levou a mão à fronte. Quando ergueu-a, adivinhou na expressão dos olhos de Lorenza a transformação que se operara em seu animo.

Dando graças a Deus pelo que considerava um verdadeiro milagre, a jovem esposa esperou, contendo os soluços que lhe agitavam o peito. Por fim, Andrés, com a voz carinhosa e suave falou:

— Lorenza, — murmurou — tenho que te pedir perdão...

— Perdão a mim, Andrés?? Não, nada tenho que perdoar.

— Sim, deves perdoar-me o haver suspeitado de ti. Jamais me mentiste. Só posso alegar uma coisa: o amor que te tenho me cegou.

— Sei... Andrés... eu também te amo. Mas, não falemos mais nisso.

— Agora vou para a outra sala descansar um pouco — disse Andrés compreensivamente. Poderás destruir a carta. Não desejo mais lê-la. Confio em ti. Perdão-me.

Os soluços impediram que Lorenza respondesse.

Andrés dirigiu-se lentamente à sala contigua, cerrando com cuidado a porta atrás de si.

— Graças, graças... — balbuciou Lorenza, quando se viu sózinha. — Graças, meu Deus! — E deixou-se cair na poltrona, soluçando. A sua dor nascera da desesperação, a dor de quem sabe que algo vai acontecer, algo inevitável e terrível.

Acalmou-se pouco a pouco e enxugou as lágrimas. Sentia agora um grande alívio. Teria sido cruel e doloroso, depois de tudo, que ela suportara se Andrés tivesse se inteirado da verdade. Felizmente, ela convencera o marido de sua fidelidade, não a fidelidade no sentido que geralmente se toma, mas fidelidade espiritual. Graças a Deus conseguira pôr fim à última suspeita.

Suas mãos, pálidas e delicadas, abriram a carta. Depois, tomou o isqueiro que Andrés deixara sobre a secretária e, acendendo-o, levou o papel à chama. Enquanto o fogo consumia lentamente a carta, Lorenza relia as palavras que ela própria escrevera.

A carta dizia assim:

"Estimado Pablo:

Não, não posso dizer-lhe. Seria uma crueldade terrível. Ele não o merece. Por que o destino é, às vezes, tão irônico? Tu e eu vivia-

(Conclui na página 118)

Quando o senhor deixar de existir,
**QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS**

Educação dos filhos... Cr\$
Manutenção da família... "
Aluguel da casa... "
Assistência médica... "
Hipoteca... "
Impostos de transmissão... "
Despesas eventuais... "



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Providência do Sul", que há mais de 39 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida

"PREVIDÊNCIA DO SUL"

PORTO ALEGRE Andradas, 1046 (Sede)	B. HORIZONTE R. Rio de Janeiro 418, 1.º	R. DE JANEIRO Candelaria 9, 9.º
SÃO PAULO J Bonifacio 93, 6.º	SALVADOR Chile 25/27, 4.º	CURITIBA 15 de Nov. 300, 2.º
		RECIFE 10 de Nov. 147, 4.º

A "Providência do Sul", já pagou a segurados e beneficiários mais de 75 milhões de cruzeiros e a sua Carteira de Seguros de Vida em vigor sobe a mais de 700 milhões



TINTURA FLEURY

**DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO**

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - 3.º. Rio
Nome
Rua
Cidade Estado ALT

Raio DE SOL

CONTO DE
NEYDE JOPPERT

ILUSTR. DE RODOLFO.



TERRI acordou lentamente, sentindo a enorme fadiga que a imobilidade da perna provocava em todo seu ser. O braço também lhe doía, a cabeça parecia inchada, as fontes lhe latejavam. Abriu os olhos mas apenas encontrou aquelas trevas aterradoras que o envolviam desde o momento em que uma culatra de canhão explodira-lhe a menos de trinta passos. E já fazia quase três meses. Três meses de angústia, de esperanças e desesperos numa sucessão sem fim. Cego, com duas fraturas na perna e um braço todo queimado, Terri fôra enviado a um hospital de Burma para receber os primeiros socorros. Aí vivera seus piores momentos. Lembra-se ainda de quando recobrou os sentidos, de quando pudera entender o significado da escuridão que persistia embora lhe batesse no rosto a brisa forte que entrava pelas janelas abertas. Fôra terrível a sua dor! Seus vinte e nove anos não puderam resignar-se ante aquela desgraça. Era moço, tinha uma existência a viver; e de que serviriam todos os seus dias de vida se era agora um inútil, um cego!

Depois veio a primeira esperança; disseram-lhe que uma intervenção cuidadosa poderia dar-lhe a vista novamente. Mas isto só numa grande clínica, só quando voltasse à pátria. Os hospitais de sangue não dispunham de tempo e material para um serviço tão delicado.

De Burma, Terry embarcou num navio-hospital que levava feridos para os Estados Unidos. A viagem foi longa, acidentada, por mais de uma vez recolheram naufragos de navios afundados por japoneses. Em certos momentos precisavam suportar os ataques de caças amarelos pois a enorme cruz vermelha pintada no tombadilho, ao invés de afastá-los, servia-lhes de alvo. Na friagem das noites o transporte seguia pelas zonas perigosas do Pacífico apenas protegido pela bruma e pelo auxílio de Deus.

Junto com Terri iam centenas de feridos, gente de todas as classes, de todos os cantos, procedente de todos os fronts.

Foi-lhe dada uma cabine no segundo convés e teve por companheiros um aviador e um técnico de artilharia, ambos mutilados.

Servia aos três uma enfermeira do exercito de Guadalcanal que junto a mais meia dúzia de colegas fôra evacuada do inferno vivo em que se convertera aquela zona. O comandante em chefe dispensára-lhe o serviço. Os homens que lá lutavam já não tinham necessidade de ir a hospitais. Era uma luta decisiva. Ou terminavam por vencer ou morreriam todos.

Izabel ia para sua terra. Conseguira uma rápida licença e dispunha-se a gozá-la enquanto não a destinavam a um lugar mais distante.

Ia prestando serviços a bordo porque o excessivo número de feridos mobilisava os esforços de todos.

Dedicara-se a Terri em particular. Comovêra-se com aquêl sofrimento mudo, com a resignação, com a esperança ardente que punha brilho em seus olhos sem luz.

Terri era forte, atraente, a cicatriz na testa não chegara a lhe alterar o rosto agradável. Apenas quando deixava escapar uma ou outra palavra podiam-se-lhe ver os dentes muito claros; os olhos sempre baixos eram de um verde intenso, um verde cloro, grandes e profundos. Os traços firmes davam-lhe um aspecto rude; diminuiam-lhe a simpatia mas denotavam uma personalidade irredutível, comedida, firme como aço.

Quando Terri acordou, Izabela chegava à cabine. Escutando o ruído da porta que se abria, Terri indagou.

— Quem é?

— Sou eu, Terri.

— Ah! Izabela.

A moça abriu a vigia e o cheiro de mar invadiu a cabine. Depois inspecionou os frascos de remédio que estavam na mesma junto à cama.

— Como dormiu você?

— Razoavelmente.

— Teve bons sonhos?

Terri sorriu amargamente.

— E' tudo que me resta, não?

Ela tomou-lhe as mãos.

— Já proibí estas idéias pessimistas, lembra-se?

— Perdôe-me, Izabela. Que horas são?

— Quase seis. Seus companheiros foram ao convés assistir o sol nascer. Parece que teremos um lindíssimo dia.

— E a viagem?

— Estamos a terminá-la. E você, Terri? que pensa fazer quando chegarmos a Nova York?

— Ficarei internado em qualquer hospital até convalescer das fraturas. Depois tentarei operar-me da vista.

— Não pensa em seguir até Valey City?

— Não, Izabela; só irei lá depois de curado.

— Você ainda não me falou de sua terra.

— Valey City é um paraíso, Izabela. Tenho uma plantação de cacau e a vida é boa, farta; a gente é humilde mas muito alegre, muito prestativa. E você para onde vai?

— Brooklyn; moro lá. Devo ter uns três meses de férias.

— Então será fácil vir ter comigo em Nova York; gostarei de que me venha visitar.

— Estarei sempre com você, Terri.

✱

Já em Nova York, Terri foi para o Center Hospital e lá esteve durante quatro meses. A perna curou-se de todo e as queimaduras desapareceram quase totalmente. Izabela conseguiu desligar-se do Exército e pôde assim continuar indo a Nova York volta e meia.

Do Center Hospital, Terri foi removido para uma clínica particular onde passou a preparar-se afim de enfrentar a operação que decidiria de seu destino.

Três vèzes por semana, Izabela tomava um ônibus em Brooklyn e vinha ter com êle. Achava-o sempre muito disposto, muito alegre e cheio de esperança.

Por outro lado, aquelas visitas se iam tornando indispensáveis. Terri não suportava dois dias sem a presença de Izabela e esta gostaria de não deixá-lo um só momento naquela silenciosa casa de Garden Square onde à janela, guardada pelos galhos de um pinheiro, Terri sonhava com o reencontro da felicidade. Sonhos que ultrapassavam os limites de seu mundo de trevas e iam se convertendo na imagem de seus campos floridos, de sua casa branca na barra da serra.

Terri, na curiosidade de sua cegueira, tentava adivinhar como seria Izabela. Sua voz era doce, quente; suas mãos eram macias e seu riso de uma sonoridade envolvente. Mas faltava-lhe tanto para saber como eia era; qual o formato de seus olhos, qual a cor de seus cabelos?

Chuviscava naquela tarde em que Izabela chegou atrasada.

Terri sentiu sua presença quando a porta girou nas dobradiças e veio até êle a primeira onda de um perfume inconfundível: o perfume de Izabela. Uma deliciosa mistura de lírio e canela que parecia entrar em todas as fibras de quem o sentisse, penetrando como um elemento do próprio oxigênio que se respira.

— Izabela?

— Eu mesma.

Suas mãos se estenderam tateando o espaço até encontrarem as mãos da jovem.

— Que a fez demorar tanto tempo?

— Fui ter com o Dr. Even; saber quando será sua operação e que pensa êle do resultado.

— E então?

Izabela refletiu antes de responder. Viu a enorme ansiedade que havia em seus olhos sedentos de luz e não pôde evitar uma piedosa mentira.

— Tudo sairá bem, Terri.

— Ficarei bom?!

— Sim; completamente bom.

— Oh! Izabela! que grande alegria você me trouxe! enfim vou tornar a viver!

— Por Deus, Terri; não se exalte assim!

Terri conteve-se, puxou-a bem para si.

— Izabela você tem sido tão boa, tão amiga! Que poderei lhe dar em troca?

— Sua amizade, Terri; é a melhor das gratidões.

— Tenho a impressão de que não poderei viver sem você, Izabela.

Houve um silêncio.

Mas, Terri, você tem tanto que ver, tem que voltar a Valey City, rever sua terra, sua casa.

— Não gostaria de vir comigo, Izabela?

A jovem recuou, como se houvesse recebido uma agulhoadada, mas êle a reteve pelas mãos.

— Seria bom, Izabela. Viveríamos bem, com fartura; Valey City é um pedaço do céu.

— Terri...

— Acaso você...

— Não. Terri. Não pense que existe outro.

— Então, Izabela. Casemo-nos; venha comigo para Valey City.

— Mas Terri você nem me conhece, não sabe quem sou nem como sou.

— Sei que é a creatura mais adorável do mundo; sei que foi meu maior amparo, minha maior esperança. Que preciso mais? Vejo-a melhor do que se a visse com os olhos. Vejo-a com a alma,

Você
será
mais linda...
mais sedutora...



Com o Novo Método
PALMOLIVE
dos 14 dias



1 Para conservar sua pele sempre jovem e bonita, Palmolive lhe oferece o famoso Método Palmolive dos 14 Dias, que está sendo usado por milhões de mulheres lindas em 72 países! É simples: umedeça uma toalha, esfregando o sabonete Palmolive até formar bastante espuma.

2 Com esta toalha cheia de espuma vitalizante do Sabonete Palmolive, faça leve massagem no rosto, durante Um Minuto. Para pele gordurosa, faça esta Massagem 3 vezes por dia... para pele seca ou normal, 2 vezes por dia.



3 Em seguida lave o rosto. Comece hoje mesmo a usar esse novo tratamento de beleza e EM 14 DIAS APENAS a pele do seu rosto estará mais suave, mais limpa e mais bonita. PALMOLIVE tem uma espuma diferente, cremosa e agradável, que penetra profundamente nos poros limpando a pele de verdade.



Peça Palmolive em tamanho gigante! Mais econômico! Dura o máximo!

PALMOLIVE EMBELEZA DA CABEÇA AOS PÉS

com o coração, e sei que você é linda, boa, sublime.

— Oh! Terri...

— Por que chora, Izabel?

A jovem limpou os olhos ao perceber que ele notara.

— Nada Terri; tolices. Afinal você está me propondo casamento.

Ele abriu os lábios num sorriso irresistível. Havia uma felicidade incontida em cada uma de suas expressões, em cada detalhe de seu rosto.

Izabela fitou-o um momento cheia de compaixão. Passou-lhe a mão pelos cabelos dourados e ele beijou-lhe as pontas dos dedos.

— Então, Izabela?

— Que, Terri?

— Casamo-nos?

— Você gostaria realmente?

Ele puxou-a, prendeu-a nos braços, sorveu fundo aquele perfume delicioso que fluía de seus cabelos.

— Minha tola!... pensa que eu proporia tal coisa se ela não me tornasse feliz?

— Oh! Terri... murmurou Izabela cedendo à pressão dos braços que a prendiam. E deu-lhe a resposta num longo beijo.

*

Duas semanas depois, nas primeiras horas de uma quente manhã, entrou o Dr. Even no quarto de Terri para tirar-lhe a venda dos olhos. Havia dez dias que o rapaz se operara. Agora, ali estava a decisão. Sucesso ou fracasso?

Foi rápida a retirada das gazes. Além do cirurgião, apenas uma enfermeira e ainda Izabela assistiam ao trabalho. Fechou-se a janela para evitar qualquer deslumbramento aos olhos do paciente.

Dois ou três minutos foram bastantes. Terri descerrou as pálpebras lentamente e bateu em cheio com os olhos numa figura de mulher.

Indiscretivel aquele momento!

Terri deixou-se de olhos presos naquele primeiro vulto que lhe ia até o cérebro após tão longos meses de escuridão. A penumbra do quarto pareceu-lhe um dia de sol radiante, de sol ardente, como eram os dias de Valey City, já tão distantes, mas que haviam ficado em sua memória como páginas preciosas.

O que batia em seu peito já não era um coração: era um motor desordenado, violento, sufocando-o com a celeridade de suas palpitações. Um suor frio banhava-lhe a testa; era o relaxamento dos nervos tensos desde muito, tensos pela dúvida, pela expectativa em que vivia desde Burma.

Pensou gritar; deixar que sua felicidade estourasse em palavras; que a voz lhe cascatesse dos pulmões desenvolta e potente para que metade do mundo escutasse seus brados. Mas a voz travou-se-lhe na boca, ficou-lhe presa nos dentes como se não pudesse tornar a falar.

E Terri deixou-se de olhos presos naquele vulto de mulher. Era Izabela. Dizia-o seu coração, seu senso de adivinhação que se aguçara com a cegueira como se lhe fôsse um sexto sentido. E como era linda a sua Izabela! A pele branca como as magnólias de Valey City. Uma boneca de louça, de cabelos de ouro e lábios cor de lacre.

*

Terri estava em sua casa na barra da serra. Ao longe a cordilheira azulada fundia-se com o céu na linha do horizonte. Em baixo, no vale, crescia luxuriante a folhagem dos cacauzeiros.

A casa branca, pequena e baixa, tinha as telhas escuras onde se perdiam os últimos ramos de uma trepadeira cerrada.

Ali vivia o casal mais feliz d'este mundo. Sós os dois, Terri e Izabela, haviam feito de Valey City um cantinho dourado de sol, vestido de flores, coberto de neve no inverno, viçoso de frutos na entrada do outono.

Que poderia haver de melhor para os dois? Amavam-se, tinham fartura, paz, tranquilidade como em nenhuma outra parte do universo.

Estavam ali a mais de um ano. Os negócios prosperavam, a vida lhes sorria.

Passava de meio dia quando Terri desmontou do baio que o levára ao vilarejo de Valey City plantado entre montanhas nuns três ou quatro quilômetros distantes dali.

Izabela foi recebê-lo. Ajudou-o a desencilhar o animal e soltaram-no no pasto. Depois vieram até a casa. Na sala fresca da frente, Terri jogou-se num divan enquanto Izabela ia buscar-lhe o almoço.

Comeram juntos e alegres. Depois, Terri estirou-se para a sesta costumeira e trocou algumas palavras com Izabela que cuidava da louça.

— Querida, temos tóda a safra do próximo verão vendida para Nova York.

— Esteve com Mr. Dolei?

— Tomamos um drinque no rancho de Barners e assentamos o negócio. Por sinal que o tal drinque deixou-me bem ruim.

Izabela achou graça.

— Você que é dos mais duros, Terri! Que foi isso?!

— Sei lá. Tive uma tonteira.

Izabela estacou. Levava um choque ante aquelas palavras. Voltando-se para o marido, quis saber mais detalhes.

— Uma tonteira, Terri? Conte-me o caso.

— Ora, querida; uma coisa sem importância. Penso que estava meio quente de sol e a bebida deu-me vertigem. Com uns goles de água fresca senti-me completamente bem.

— Está certo de que foi devido ao sol?

Terri puxou-a para seu lado.

— Não se preocupe; não foi coisa grave.

Na manhã seguinte, quando tomava café, Terri teve outra vertigem. Izabela acudiu-o. Após os primeiros momentos de terror, passou o mal e Terri mostrou-se o mesmo; apenas um tanto abatido.



Moderno Fixador

LOÇÃO FIXADORA HERÚ

Reunindo qualidades técnicas insuperáveis, a LOÇÃO FIXADORA HERÚ perfuma delicadamente, fixa, dá brilho e não engordura os cabelos.

A LOÇÃO FIXADORA HERÚ não suja, não mancha nem estraga os chapéus.

DELO HORIZONTE - Helió Pimentel & Cia. - C. P. 242
RIO: J. R. de Almeida Filho - C. P. 3488
CAMPOS: M. D. Mambuco & Cia. Ltda. - Rua Carlos de Lacerda, 11.

Ao fazer suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.

Izabela não deixou que ele saísse. Durante todo aquele dia, passou a seu lado, enquanto ele dormia. Engolfou-se em pensamentos, em idéias aterradoras.

Estaria se concretizando aquele temor que o Dr. Even mostrara na tarde chuvosa em que haviam conversado sobre a cura de Terri? Mas já se havia escoado o prazo que ele estipulára. De seis a sete meses, dissera ele. Mas já fazia mais de um ano.

No dia imediato, Izabela levantou-se cedo e desceu afim de preparar a primeira refeição.

Estava entregue à sua tarefa quando Terri a chamou. Teve a impressão de que acontecia alguma coisa e subiu rapidamente as escadas.

Abriu a porta. Entrou no quarto. Terri estava de pé, os olhos muito abertos fitando o vale através da janela.

— Que houve, Terri?

Ele voltou-se, tateando o espaço com os olhos; parecia não vê-la.

— Izabela!

— Que há, Terri; sente alguma coisa?

— Izabela, parece que não estou enxergando bem.

Ela ficou momentaneamente lívida. Depois correu até ele, fê-lo sentar-se.

— Calma, querido; isso passa.

Terri esfregou os olhos.

— Mas Izabela, não estou vendo bem; há uma névoa em tudo.

— Calma, Terri; tenha resignação.

— Resignação?!

E ele deu um salto.

— Então você sabe o que está se passando! Que há comigo, Izabela? Estou ficando cego novamente!

Ela tentava contê-lo.

— Terri, coragem!

— Você sabia! Diga, Izabela; você sabia?!

— Sim, Terri... Isto é... Não...

Izabela misturava as respostas. Terri crivava-a de perguntas, sacudia-a pelos ombros e ao mesmo tempo sentia que ela chorava. Por fim deixou-a e sentou-se na cama. Já mais calmo suplicou.

— Diga-me a verdade, Izabela. Conte-me tudo, seja o que fôr; estou pronto para ouvi-la.

Por algum tempo, apenas se ouviram os soluços da moça. Depois, ela decidiu-se.

— Pois bem, Terri. Vou dizer-lhe a verdade. Quando foi feita a sua operação o Dr. Even falou-me da incerteza dos resultados. Havia um prazo de seis a sete meses para uma inteira confirmação. Se você nada acusasse de anormal durante este tempo podia-se dá-lo como curado.

— Caso contrário...

— Caso contrário você tornaria...

Foi ele quem terminou.

— A cegueira, Izabela.

— Terri...

— Por que não me falou a verdade naquela época?

— Você não teria sido feliz estes meses todos.

— E pensa que a despreocupação destes meses pode me servir de consolo neste momento?

— Foram meses de uma felicidade completa, infinita!

— E você sabia que pesava sobre mim a ameaça de cegueira, Izabela?

— Sabia...

— E por que se casou comigo?!

— Terri! porque o amava! amo-o ainda! Estamos acima de qualquer adversidade, Terri! amamos-nos!

ONTEM TOSSINDO

HOJE SORRINDO

PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

EM 24 HORAS DEIXO DEFLUXO E SUAS MANIFESTAÇÕES.

ANTISARDINA

uma feliz descoberta

Sou mais uma fã de
ANTISARDINA que deseja pro-
clamar a excelência do creme
ANTISARDINA para livrar-nos
das imperfeições da pele.

ANTISARDINA é uma
feliz descoberta para o embele-
zamento da cutis.

Outubro de 1944

(Ass:) Miralva de Assis



Ele tentou não ouvir aquelas palavras. Doía-
lhe mais a sorte dela que a sua própria. Não po-
dia exigir resignação tamanha a ponto de prendê-la
junto a ele.

Houve um silêncio. Depois ele falou.

— E agora, Izabela; que pensa fazer?

— Agora?!... Oh! Terrí, por que díz "agora"?!..

Não há diferença! somos os mesmos: amamo-nos!
Ela sentou a seus pés. Olhou detidamente aque-
le rosto agradável, aqueles olhos verdes-cloro.

Quando tornou a falar sua voz era doce e grave
como nunca até então.

— Que poderia fazer, meu querido?! Adoro-o,
isto é tudo.

Terrí abraçou-a fortemente.

— Minha Izabela! Minha adorada Izabela!...

O sol entrou pela janela aberta. Uma nesga
de céu refletiu-se no espelho de um móvel e um
bando de garças selvagens passou grasnando sobre
a casa. Em baixo, no vale, crescia, luxuriante, a
folhagem dos cacaveiros.

E O MILAGRE NÃO SE...

CONCLUSÃO

mada de comisseração. Parou diante d'ele sor-
rindo meigamente e depois o cumprimentou, ti-
rindo porta-niqueis algumasmoedas e ofere-
ceu-lhas dizendo:

— Hoje está muito frio, meu velho. O dia
está frio e triste, mas, sinto-me contente. Ca-
so-me amanhã. Parece ter fome. Aceite estes
niqueis para um café.

Ele, como autômato, ergueu a mão na qual
tinha o chapéu para receber as moedas que ti-

lntaram. Esse ruído metálico foi como se lhe
cravassem ponteaguda lâmina no coração, mas,
diligenciou sorrir. Com a voz embargada pela
emoção conseguiu ainda dizer:

— Muito obrigado!

Ela o fitou sorridente:

— Não me deseja felicidade? Disse-lhe que
me caso amanhã.

E foi quase num soluço que ele falou.

— Deus a abençõe, minha filha; seja fe-
liz!...

Ela agradeceu rindo e afastou-se.

O pobre homem pôs de novo o chapéu à
cabeça e ficou olhando para as moedas que ti-
nha entre as mãos. Não as via, porém. Seu
olhar nublára-se e grossas lágrimas rolavam-lhe
pelas faces.

— Deus não quis... Deus não quis... —
pensava.

Já nada mais devia esperar. Ir-se-ia embora
dali. Mas, ainda a queria ver vestida denoiva.
Seria a última vez. Depois... depois iria em-
bora para qualquer lugar... para longe... pa-
ra onde o destino o levasse.

Pôs-se a caminhar de novo, e sem querer,
seus passos o levaram ao pequeno cemitério, um
pouco mais além.

*

E lá o encontraram no dia seguinte, hirtó,
já sem vida, junto à sepultura da espôsa.

Tinha uma das mãos fortemente cerrada.
Abriram-na a custo. De entre os dedos crispados
e frios, rolaram as pequenas moedas que, na
véspera, a filha lhe dera por esmola.



Moderno Fixador

LOÇÃO FIXADORA HERÚ

Reunindo qualidades únicas insuperáveis, a LOÇÃO FIXADORA HERÚ perfuma delicadamente, fixa, dá brilho e não engorçura os cabelos.

A LOÇÃO FIXADORA HERÚ não só não mancha nem estraga os chapéus.

BELO HORIZONTE - Helió Pimentel & Cia. - C. P. 242
RIO DE JANEIRO - Almeida & Figueira - C. P. 3485
CAMPOS - M. D. Menezes & Cia. Ltda. - Rua Calisto de Lacerda, 11.

Ao fazer suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.



ONTEM TOSSINDO

HOJE SORRINDO

PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE

EM 24 HORAS, DESTROÍ O DEFLUXO! E TUA INFLAMITAÇÃO!

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

Izabela não deixou que ele saísse. Durante todo aquele dia, passou a seu lado, enquanto ele dormia. Engolfou-se em pensamentos, em idéias aterradoras.

Estaria se concretizando aquele temor que o Dr. Even mostrara na tarde chuvosa em que haviam conversado sobre a cura de Terri? Mas já se havia escoado o prazo que ele estipulára. De seis a sete meses, dissera ele. Mas já fazia mais de um ano.

No dia imediato, Izabela levantou-se cedo e desceu afim de preparar a primeira refeição.

Estava entregue à sua tarefa quando Terri a chamou. Teve a impressão de que acontecia alguma coisa e subiu rapidamente as escadas.

Abriu a porta. Entrou no quarto. Terri estava de pé, os olhos muito abertos fitando o vale através da janela.

— Que houve, Terri?

Ele voltou-se, tateando o espaço com os olhos; parecia não vê-la.

— Izabela!

— Que há, Terri; sente alguma coisa?

— Izabela, parece que não estou enxergando bem.

Ela ficou momentaneamente lívida. Depois correu até ele, fê-lo sentar-se.

— Calma, querido; isso passa.

Terri esfregou os olhos.

— Mas Izabela, não estou vendo bem; há uma névoa em tudo.

— Calma, Terri; tenha resignação.

— Resignação?!

E ele deu um salto.

— Então você sabe o que está se passando? Que há comigo, Izabela? Estou ficando cego novamente!

Ela tentava contê-lo.

— Terri, coragem!

— Você sabia! Diga, Izabela: você sabia?!

— Sim, Terri... Isto é... Não...

Izabela misturava as respostas. Terri crivava-a de perguntas, sacudia-a pelos ombros e ao mesmo tempo sentia que ela chorava. Por fim deixou-a e sentou-se na cama. Já mais calmo suplicou.

— Diga-me a verdade, Izabela. Conte-me tudo, seja o que for; estou pronto para ouvi-la.

Por algum tempo, apenas se ouviram os soluços da moça. Depois, ela decidiu-se.

— Pois bem, Terri. Vou dizer-lhe a verdade. Quando foi feita a sua operação o Dr. Even falou-me da incerteza dos resultados. Havia um prazo de seis a sete meses para uma inteira confirmação. Se você nada acusasse de anormal durante este tempo podia-se dá-lo como curado.

— Caso contrário...

— Caso contrário você tornaria...

Foi ele quem terminou.

— A cegueira, Izabela.

— Terri...

— Por que não me falou a verdade naquela época?

— Você não teria sido feliz estes meses todos.

— E pensa que a despreocupação destes meses pode me servir de consolo neste momento?

— Foram meses de uma felicidade completa, infinita!

— E você sabia que pesava sobre mim a ameaça de cegueira, Izabela?

— Sabia...

— E por que se casou comigo?!

— Terri! porque o amava! amo-o ainda! Estamos acima de qualquer adversidade, Terri! amamos-nos!

ANTISARDINA

uma feliz descoberta

Sou mais uma fã de
ANTISARDINA que deseja pro-
clamar a excelência do creme
ANTISARDINA para livrar-nos
das imperfeições da pele.

ANTISARDINA é uma
feliz descoberta para o embele-
zamento da cutis.

Outubro de 1944

(Ass:) Miralva de Assis



Ele tentou não ouvir aquelas palavras. Dofa-
lhe mais a sorte dela que a sua própria. Não po-
dia exigir resignação tamanha a ponto de prendê-la
junto a ele.

Houve um silêncio. Depois ele falou.

— E agora, Izabela; que pensa fazer?

— Agora?!... Oh! Terrí, por que diz "agora"?!..

Não há diferença! somos os mesmos: amamo-nos!
Ela sentou a seus pés. Olhou detidamente aque-
le rosto agradável, aqueles olhos verdes-cloro.
Quando tornou a falar sua voz era doce e grave
como nunca até então.

— Que poderia fazer, meu querido?! Adoro-o,
isto é tudo.

Terrí abraçou-a fortemente.

— Minha Izabela! Minha adorada Izabela!...

O sol entrou pela janela aberta. Uma nesga
de céu refletiu-se no espelho de um móvel e um
bando de garças selvagens passou grasnando sobre
a casa. Em baixo, no vale, crescia, luxuriante, a
folhagem dos cacaveiros.

E O MILAGRE NÃO SE...

CONCLUSÃO

mada de comisseração. Parou diante d'ele sor-
rindo meigamente e depois o cumprimentou, ti-
rindo porta-niqueis algumasmoedas e ofere-
ceu-lhas dizendo:

— Hoje está muito frio, meu velho. O dia
está frio e triste, mas, sinto-me contente. Ca-
so-me amanhã. Parece ter fome. Aceite êstes
niqueis para um café.

Ele, como autômato, ergueu a mão na qual
tinha o chapéu para receber as moedas que ti-

laram. Esse ruído metálico foi como se lhe
cravassem ponteguda lâmina no coração, mas,
diligenciou sorrir. Com a voz embargada pela
emoção conseguiu ainda dizer:

— Muito obrigado!

Ela o fitou sorridente:

— Não me deseja felicidade? Disse-lhe que
me caso amanhã.

E foi quase num soluço que ele falou.

— Deus a abençoe, minha filha; seja fe-
liz!...

Ela agradeceu rindo e afastou-se.

O pobre homem pôs de novo o chapéu à
cabeça e ficou olhando para as moedas que ti-
nha entre as mãos. Não as via, porém. Seu
olhar nublara-se e grossas lágrimas rolavam-lhe
pelas faces.

— Deus não quis... Deus não quis... —
pensava.

Já nada mais devia esperar. Ir-se-ia embora
dali. Mas, ainda a queria ver vestida denoiva.
Seria a última vez. Depois... depois iria em-
bora para qualquer lugar... para longe... pa-
ra onde o destino o levasse.

Pôs-se a caminhar de novo, e sem querer,
seus passos o levaram ao pequeno cemitério, um
pouco mais além.

*

E lá o encontraram no dia seguinte, hirtó,
já sem vida, junto à sepultura da esposa.

Tinha uma das mãos fortemente cerrada.
Abriram-na a custo. De entre os dedos crispados
e frios, rolaram as pequenas moedas que, na
véspera, a filha lhe dera por esmola.

o conto expresso



O GUARDA-CHAVES

Renee Dulac

No entanto, três daquelas vezes o incomodavam menos. Era quando tinha que almoçar e jantar, e quando tinha que dar de comer a seus cerdos. Uns animais que se haviam apropriado das idéias filosóficas de seu dono e comiam deitados. Eram uns bichos encantadores para quem os contemplasse com o pensamento na época da matança.

Deronleur vivia só e feliz e os dias passavam sobre ele como passam os aeroplanos sobre os campos: sem deixar sinal.

Provavelmente o guarda-chaves viveria eternamente em sua casinha, com suas bandeiras e com seus cerdos, se a existência humana não fosse tão efêmera. E alguma coisa foi perturbar a vida plácida de Deronleur.

Uma tarde, achava-se ele deitado junto à passagem de nível, aguardando um expresso: o 3007. Meia hora antes havia passado o trem que descia, o 3401, e o que subia não podia tardar. Era impossível que tardasse.

Nesse momento, Deronleur viu vir para ele um homem muito mal vestido, com um surrão no ombro e um garrote na mão. Era um desses homens que andam quinze ou vinte quilômetros todos os dias, e a quem ladram, infalivelmente, todos os cães que têm boa voz.

O viajante aproximou-se e deteve-se a dois metros de Deronleur. Depois grunhiu o nome do guarda-chaves. Este, meio levantado, exclamou: — Pituye!

Era Pituye em pessoa. O grande Pi-

tuye, um ente divertidíssimo, anos antes, mas que, como não soubesse explorar suas qualidades humorísticas, estava sujeito agora a uma miséria positivamente negra.

Os dois velhos amigos abraçaram-se com esse vigor próprio dos homens que usam colarinhos 39.

— Que andas fazendo por aqui, Pituye?

— Vou a Dixon — respondeu o outro brevemente. — Tenho que vender ainda quarenta quilômetros.

— Fuxa! E' uma distância regular. E por que não tomas o trem?

— Não tenho dinheiro.

Como resposta, Deronleur meteu a mão no bolso e tirou sete francos.

— Toma — disse ao amigo — com isso poderás ir a Dixon. Não duvides nunca dos verdadeiros amigos da infância.

— Ah, a infância... — suspirou Pituye.

Fêz uma pausa e ajuntou:

— Mas terei de ir à estação mais próxima comprar a passagem. O trem não para aqui.

— Pára, sim — declarou Deronleur.

— Não pode parar — obstinou o outro.

Pituye se recolheu em si mesmo para gritar que o trem não parava, em um tom mais alto que o seu amigo, mas naquele momento o expresso apareceu na curva.

Verás como pára! — concluiu o guarda-chaves.

E, ganhando o centro da via, apresentou a bandeira vermelha.

Grandes rechimentos se perceberam na locomotiva. Viu-se o maquinista e o fogista trabalharem ativamente nos maquinismos incompreensíveis da máquina. O combóio gemeu dolorosamente e foi perdendo a velocidade. Afinal, se deteve, e muitas pessoas saltaram imediatamente.

O maquinista inquiriu, alarmado, o guarda-chaves:

— Que há?!

— Nada, nada! — respondeu, sorrindo, Deronleur, como homem que dá pouca importância às coisas.

E assinalando Pituye, concluiu:

— E' que... é que meu amigo precisava embarcar. Anda, toma o trem, Pituye!

Todo mundo diz que foi por esse fato sem transcendência que Deronleur deixou de pertencer à importante companhia ferroviária a que prestava seus filosóficos serviços...

DERONLEUR era guarda-chaves havia três anos, trabalhando para a mesma companhia e na mesma linha. O trabalho era intenso mas pouco penoso. Diante da guarita onde Deronleur prestava seus serviços, passavam diariamente setenta e cinco trens. Essa circunstância obrigava Deronleur a sair da guarita setenta e cinco vezes por dia, para se colocar em sua passagem de nível, e para apresentar, outras setenta e cinco vezes, uma pequena bandeira, cuja cor só um espírito forte podia adivinhar, porque o sol havia tratado impiedosamente a anilina daquele pedaço de pano tão importante.

Importante? Importantíssimo! Pois indicava, nada mais, nada menos, que havia *via-livre*. Os maquinistas ao passar, quase não o olhavam. Ah! outra coisa seria se a bandeirinha que Deronleur apresentasse fosse vermelha! Porque Deronleur tinha na casinha uma bandeirinha vermelha à vista da qual os trens paravam imediatamente, porque significava *perigo*.

Deronleur estava contente porque dispunha de bastante tempo, e era um filósofo. O lema de sua escola filosófica podia se resumir neste simples parágrafo: *Nada no mundo vale o incômodo de levantar a mão quando se está deitado e tranquilo*.

Segundo e obedecendo esse lema, Deronleur passa o dia deitado, e as setenta e cinco vezes que se levantava eram setenta e cinco *amolações* profundas, que mordiam cruelmente seu coração de filósofo.

DESENHOS
STUDIO
Rodolpho

AVAFONSO PENA.774
2º AND.-S/201-203
ED. CRUZEIRO
TEL. 2-7122
BELO HORIZONTE

DESENHOS E CLICHÊS
PELO REEMBOLSO POSTAL



A vida é assim...

Mário Matos

EU me esqueci do tempo, a conversar com os amigos no café e quando vi já era quase meia-noite. Larguei os companheiros e fui para o poste-de-parada, ali defronte, esperar o bonde. A rua era deserta, a noite serena. Silêncio enorme de cemitério. Os arranha-céus estavam de janelas fechadas. Uma ou outra se conservava aberta, com as luzes internas acesas. Numa delas um vulto de mulher sonhava, olhando as estrelas. De vez em quando um retardatário aparecia ao longe e os seus passos solitários ressoavam cavamente dentro da rua. Nisto, saíram de uma casa perto duas pessoas, um mulato e uma mulatinha, e foram se aproximando de mim sem me dar importância. Embebidos nêles mesmos, faziam abstração de tudo. Eram namorados, já se sabe. Mas brigavam, ouvi bem. Pararam, a dois passos. O rapaz dizia:

— Há muito tempo que Você está mudada...

— Não mudei, Nequinho. Gosto de Você como irmão, lhe digo sempre.

— De primeiro não era assim.

— Como não era? Sempre foi...

— Não era não senhora. Você não é a mesma.

— Escute. Vamos ficar amiguinhos. Eu não posso casar com Você. Nelito já me pediu, e até a manãe está inclinada a consentir. Pra quê que eu hei de casar com Você para lhe enganar mais tarde? Não fica direito não.

— Você vai se arrepender. Depois não se queixe...

— Quer que eu minta, quer? Diga...

O mulato entristeceu e até se pôs a chorar baixinho no silêncio, calculei. Mas logo os dois foram indo, se afastando, gesticulando, discutindo, e dobraram a esquina. Foi então que pensei comigo: — "Eis aí uma honesta mulher, e talvez por isso mesmo ganhará o ódio desse rapaz, o qual nunca lhe perdoará a sinceridade. A vida é assim."

Ora, quando cogitava dessa maneira, veio o bonde, tomei-o e me assentei. Estava quase vazio, somente eu, um casal e um amigo do casal. iam os três juntinhos no banco da frente, a mulher, o marido e o outro. Estavam alegres e, pelo que falavam, se via que voltavam de uma festinha em família. Uma hora, a mulherzinha passou o braço direito pelas costas do marido, deu um sinal com o dedinho, na cabeca do outro, ele compreendeu e apanhou-lhe o bilhete da mão. Depois, voltando o braço da traição, ainda fez uma carícia no pescoço do marido. Eu vi tudo. Uma cena executada com técnica. Daí a pouquinho, a mulherzinha deu o sinal de parada e o carro parou. Antes de o casal descer, o marido falou para o outro:

— Não se esqueça, hein? Esperamos Você amanhã pro almoço. Tem frango de mólho pardo. Não falte.

— Ah não faltarei. Boa-noite...

— Boa-noite.

Desceram. Quando o bonde foi saindo, o casal agitou as mãos para o outro e ela — eu vi — sorriu para ele com esse modo significativo e demonstrativo que nós conhecemos bem e não engana a ninguém mais.

Eis aí uma mulher como muitas outras, concluí. E o marido vive feliz, ela também vive feliz, o marido gosta dela e corre tudo às maravilhas. Talvez que se fôsse como aquela mulatinha, ele, quando noivo, a tivesse matado com um tiro de revolver, num bonito crime passionnal. E mesmo hoje, se fôr franca, se fôr sincera, ele será infeliz com toda certeza.

Ora-ora, pensando bem, é melhor que seja mesmo assim. Que culpa têm as mulheres de os homens preferirem a mentira à verdade em questão de amor? Culpa nenhuma. Assim é a vida, e fomos nós, nós, os homens, que a fizemos desse jeito. Pensamos que o amor é obrigatório. O resultado é isso que se vê toda hora por aí. Nossa felicidade se assenta na ilusão, na hipocrisia das pessoas mais próximas. Nem podia ser por outra forma. E' assim a vida...



VITRINE LITERÁRIA



● CRISTIANO LINHARES ●

VOCÊS estão perdendo o tempo à-tó-a, lendo esses livros que agora saem publicados quase que todo o dia. A maioria deles é escrita despressa, não tem observação nenhuma, não tem o sinal das obras bem acabadas. Leitura assim até vicia o leitor. E não pode agradar nem instruir. O melhor é ouvir um bom conselho de sujeito experiente, quer dizer, de sujeito que vive a ler, como eu, que afinal faço isto por dever de ofício. Por menos que a gente entenda, sempre entende alguma coisa. Não falo por vaidade, já não estou mais na idade dessas coisas, passei dos quarenta há um pedaço de tempo — puxa como a vida corre veloz! — mas faz pena, faz pena ver Vocês comprando livros nas livrarias sem critério, só porque se diz que é best-seller. Isto é invenção de americano, é bluff... E depois, dinheiro não cai do céu não. Nunca caiu, quanto mais agora que, segundo estão falando, o dinheiro não vale nada.

Não vale o quê! Vai viver sem ele para ver se vale. O caso é que é preciso economizar. Dizia um amigo meu de infância, me esqueci o nome dele agora, um rapaz de sagacidade, dizia ele que vintem poupado, vintem ganhado. A razão estava com este moço. Portanto, o conselho que dou aqui a todos, sem distinção, é que, pra comprar livros, o remédio é consultar entendidos de bom gosto. Não se fiar nos elogios dos autores que saem nos jornais.

I II

Tudo isso é mais ou menos camaradagem, como no comércio. E' anúncio. Confiar desconfiando sempre, conforme insinuava o nosso memorável Marechal. Eu, há muito que já tomei minha deliberação. Obra nova não leio, senão depois que me convencer que se trata de coisa muito boa. Assim mesmo, leva tempo.

Ainda esta semana que passou, aproveitei os dias de chuva — "chove, chuva, choverando" — pra ler, deitado na cama, como nos tempos de estudante, a Cabocla, romance de Ribeiro Couto. Não sei se é porque gosto muito dele ou se é porque a chuvinha ajudava, o caso é que a leitura me agradava de mais. Fiquei com uma pena quando o livro acabou! Disse: ora! podia durar mais, tão bom! E não reli o livro, porque na verdade a chuva passou.

E quando a chuva passa depois de muitos dias, não há ninguém que agüente não sair de casa. E foi o que eu fiz, como aliás, Vocês também. Mas fiquei pensando: — vou aconselhar às meninas a ler este livro. Quando uma obra me agrada, fico doído para contar.

Agora, se cuidarem que estou mentindo, leiam o romance para ver como é daqui, da pontinha. Ribeiro Couto escreve bem como o diabo!

★ LIVROS NOVOS ★

SOL E SOMBRA — Claudio de Souza — Livraria Valverde — Rio — 1946.

Claudio de Souza, consagrado escritor e nosso ilustre colaborador, cuja fecundidade literária é digna de especial registro, acaba de acrescentar à sua já vasta obra mais um livro de contos: "Sol e Sombra". Nesse livro, o emérito intelectual rea-

firma, com o mesmo brilho de sempre, as suas apuradas qualidades de observação e se impõe como exímio dissecador de almas. Sua pena é histuri rasgando tumores sociais e expondo, com clareza meridiana, os vícios e as virtudes da criatura humana. Mas a característica desse homem de letras é o apuro da linguagem aliada à perfeição com que constroe as cenas, movimentando, com maes-

tria, as personagens e dando-lhes, com o poder do seu vocabulário, escoreito e vibrante, o fogo da vida.

Claudio de Souza é um criador de emoções. Confirma, dia a dia, a fama que faz seu nome atravessar fronteiras, suscitando os mais honrosos e justos cometários para a sua obra e sua personalidade literária, cujo conceito se firma cada vez mais mercê do seu talento, sua capacidade de trabalho e bom gosto estético.

"Sol e Sombra" é um livro de contos que merece leitura atenta pelas grandes emoções que contém.

OS MAIS BELOS SONETOS BRASILEIRO — Edgard Rezende — Livraria Freitas Bastos — 1946.

A poesia existirá enquanto houver na terra o sentimento do amor, que é a chama vital da existência humana. Nela, o homem se desdobra, encontra o conforto espiritual necessário à luta e exterioriza suas emoções.

Essas considerações vêm à pena durante a leitura da antologia que Edgard Rezende organizou para a Livraria Freitas Bastos, do Rio, que a imprimiu com gosto.

Realizou o jovem escritor e poeta um trabalho digno de encômios, reunindo, com critério seletivo, quase trezentos sonetos, todos acrescidos de uma sucinta nota bi-bliográfica. Fêz bem o autor não adotar o sistema de seleção por escolas, mas sim todo trabalho que lhe pareceu à altura de figurar na coletânea. Há um provérbio popular que se adapta a este ligeiro registro: *gosto não se discute*. Mas qualquer discussão sobre o merecimento de alguns sonetos incluídos no livro seria ridícula, de vez que o autor acertou uma percentagem evidentemente expressiva e que compensa, sem dúvida, seus sinceros propósitos.

Resta-nos agradecer ao nosso brilhante colaborador Edgard Rezende a oferta do livro que, segundo nos informou a editora, já vai circular em segunda edição, provando que no Brasil o público ainda lê bons sonetos...

O MOINHO DO RIO FLOSS — George Eliot — Livraria Editora José Olimpio — Rio — 1946.

George Eliot, a extraordinária romancista inglesa, oferece-nos, nesse lindo romance, a história poética e comovente da infância de duas criaturinhas, através de sadio, inconfundível realismo.

Magnificamente traduzido pelo poeta Oliveira Ribeiro Neto, esse livro encanta os espíritos pelo elevado sentimento humano que contém e enleva o coração pela dose romântica com que a autora impregna suas páginas.

Estamos na época do romance e do conto. A humanidade procura avidamente a literatura de ficção, com dois propósitos opostos — ora o de compreender melhor a realidade, ora o de fugir a esta. “Façamos contos — dizia Diderot — pois enquanto os fazemos a vida passa e se torna menos dura para nós”. Foi pensando nisto, talvez, que o escritor brasileiro Aurélio Buarque de Holanda e seu confrade húngaro Paulo Rónai, já também perfeitamente adaptado ao nosso ambiente intelectual, resolveram organizar uma antologia do conto mundial em cinco volumes, sob o título “Mar de Histórias”, o primeiro dos quais aparece hoje, correspondente ao período “Das origens até o século XVIII”, em edições da Livraria José Olímpio. Convem acentuar, antes de tudo, tratar-se de um trabalho bem diferente e dos que vêm aparecendo por aí, no gênero. Obedecendo a ordem cronológica, os autores procuraram fazer com que cada conto refletisse não só as transformações do gênero, como o ambiente e a época de onde provém, dando-nos assim, através dessas narrativas imaginárias, uma idéia das mais diferentes civilizações.

“Mar de Histórias” constitui uma bela realização.

O SANTO DO DESERTO — Marquilha Jacobina Rabelo — Editora Agir — Rio — 1945.

Eis um livro, que se fazia necessário, pois a própria autora confessa, referindo-se a Charles de Foucauld, “nada há em nossa língua sobre a extraordinária vida deste rommem”.

Nas páginas deste “livrinho admirável” — como o denominou S. Excia. Revdma. D. Frei Henrique G. Trindade, Bispo de Bonfim — o leitor tem sempre muito viva diante dos olhos, aureolada pela leveza do estilo de D. Marquilha Jacobina Rabelo, — a história singular do “Monge-soldado”.

O cenário é múltiplo: a França do fim do século XIX; a África francesa, insurreições árabes, o sol castigando na imensidão das areias coruscantes do deserto tão monótono à vista e à vida, repetindo ontem com os fenícios, os romanos e os árabes, hoje, com os alemães e aliados, a mesma luta pela vida, o mesmo choque de idéias — depois Jerusalém onde “... soava a palavra de um Deus e o silêncio lembrava Sua paixão e morte”; Nazaré, mais tarde uma cela trapista; a Síria, a Argélia, a França de novo, e depois Argel, Orão, Beni-Abbés e outros tantos aglomerados humanos, esquecidos nas dobras brancas do Saara imenso... As personagens se condensam e se formam numa só: apenas uma alma solitária e insatisfeita, um coração saudoso da unidade perdida...

Poeta e Propagador



Wanderley Vilela

ESTAMOS na época da propaganda e nada se faz sem propaganda. E' a lei da imposição e da valorização das coisas e dos homens. Os Estados Unidos é que compreenderam bem a situação, de modo que ali o cartaz é adotado a torto e a direito, tanto para popularizar uma artista de cinema como para introduzir no mercado um novo tipo de automóvel. Está aí um dos segredos do seu triunfo.

Agora, pergunta-se: — nas letras se deve também adotar o reclame? Nemi há duvida, contanto que o elogio, o preconício, a propaganda de um escritor se façam com exato espírito de justiça. E' pois inadmissível que um poeta, um prosador de mérito se encolha no seu canto, se enconche na sua modéstia, e não lance mão de recursos razoáveis e perfeitamente explicáveis para pôr o nome em foco. Isto é um mal e até, vamos falar assim, um desserviço feito ao público. E depois os outros, os cabotinos passam na frente e vão pregando peças, vão impingindo tretas por letras aos leitores. Estamos fazendo essas considerações, que aliás estão no conhecimento de todos, para salientar o feito recolhido e silencioso de Wanderley Vilela, homem de letras, trabalhador, sabedor da língua, que maneja com desenvoltura, autor de belos contos, senhor de estilo claro e que, no entanto, se mostra inteiramente avesso a aparecer, a dar que falar, a se impor como prosador limpo e sincero, como de fato ele é. Vive no seu silêncio, publica os seus livros de vez em quando, não frequenta rodas literárias, não pede elogios aos colegas. Esta atitude é virtuosa, isto não há duvida, representa mesmo certa dignidade intelectual. Mas, que diabo, virtude em exagero é prejudicial.

Esta revista já lhe tem premiado vários trabalhos, procurando pôr em evidência os seus méritos, porém é preciso que este escritor honesto, que leva a arte a sério, faça também um esforço sobre si mesmo e rompa com a sua modéstia.

Como tantas vezes temos dito, esta secção foi fundada para animar os escritores, para fazer-lhes justiça com aquela dose de benevolência que é, positivamente, a feição mais fecunda da crítica.

(Conclui na pag. 119)

BEST-SELLERS

Lo Bêl

PARA orientação dos nossos leitores, oferecemos, aqui, uma estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital através dos serviços de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax e Rex.

- 1.º — *Agarre seu homem* — Verônica Dengel — Divulgação — Editora Cruzeiro.
- 2.º — *Entre o amor e o pecado* — Kathleen Winsor — Editora Assunção Ltda.
- 3.º — *Vigilias de uma nação* — Lin Yutang — Documentário — Ed. Civilização.
- 4.º — *O Sheik* — Romance — E. M. Hull — Editora Nacional.
- 5.º — *Nossa vida sexual* — Fritz Kahn — Científico — Edit. Civilização.

**Mais apreciada que nunca...
e maior quantidade
está chegando!**

PARKER "51"

Escreve seco com

tinta líquida!

A precisão de funcionamento que o senhor admira na Parker "51" é uma razão da sua atual escassez no mercado. É que esta caneta não pode ser produzida às carreiras. E os operários especializados da Parker, treinados para obtenção de padrões exatos, estavam ocupados na fabricação de produtos vitais para a vitória das Nações Unidas.

Mas, aqui estão boas notícias — já estão chegando em maior quantidade! Estas canetas manterão sempre a sua reputação de partida instantânea. A ponta de raro osmírdio exige menos esforço para a escrita. E são as únicas canetas especialmente desenhadas e construídas para usar a tinta de secagem mais rápida que existe no mundo... a tinta Parker "51".

Se o seu revendedor não possui nenhuma, deixe a encomenda. Maior número destas canetas, as "mais desejadas" do mundo, está em viagem!

Parker "51"

Preços: Cr\$ 375,00 e Cr\$ 450,00
em tôdas as boas casas do ramo.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., Rua 1.ª de Março, 9-1.ª, R. de Janeiro
J. W. T. Em Belo Horizonte: Sr. José Harry Leite & Rua São Paulo, 554

915-P

Miss Bloomer e seu "VÊSTIDO NOVO"

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY



SE fôsse o suficiente uma mulher usar calça para ficar célebre, imaginem só quantas moças que andam lá pelas bandas de Copacabana e de Guarujá poderiam aspirar a uma glória mundial e eterna! Nos tempos de Amélia Bloomer, há um século, era porém outra coisa: só pelo fato de ter adotado o que ela chamava de "o vestido novo" a Bloomer-girl ingressou na história. Mais ainda: na temporada do último ano, a comédia musical "Bloomer-Girl" foi o maior sucesso teatral da Broadway, de Nova Iorque, de todos os Estados Unidos.

O "vestido novo" de Amélia Bloomer nada tinha de masculino: constava de "uma saia acabando a meio caminho entre o joelho e o tornozelo; debaixo desta uma calça de feitiço bastante amplo, franzida acima do calçado, o qual deveria ser ricamente bordado", tudo em branco e vermelho; acima do cinto drapeado e amarrado de um lado, com as pontas flutuantes, o corpinho, de mangas tres quartos, era entreaberto sobre uma camisola de mangas compridas. Este modelo bastante enfeitado era, porém, o que Amélia Bloomer recomendava às suas leitoras — pois era diretora de uma revista "The Lily" — "O Lirio" — enquanto para si mesma ela preferia o preto e a sóbria ausência de bordados.

"O Lirio" pregava a temperança e a pureza de costumes; era editado em Seneca Falls, Estado de Nova Iorque, a partir do ano 1849. Para lançá-lo, a editora procurava um meio de publicidade inédito. Foi então que Amélia Bloomer se lembrou ter visto num comércio feminista, no ano precedente, uma senhora usando calça de feitiço turco sob um vestido meio-comprido. O nome desta inovadora era Elizabeth Cady Stanton, mas também ela não tinha inventado o modelo, cuja autoria atribuiu à sua prima Elizabeth Smith Miller. No fundo o modelo não passava de uma imi-

tação da indumentária infantil daqueles tempos, pois todas as meninas retratadas nas gravuras contemporâneas estão vestidas da mesma maneira.

Os tempos de menina de Mrs. Bloomer, porém, já andavam longe. Ela estava na casa dos quarenta, o que naqueles tempos era considerado uma idade bastante respeitável (ainda não se tinha inventado a fórmula dos "duas vezes vinte"). Nascida em 1818, ela havia começado sua carreira como professora, desposando mais tarde um editor que pertencia à austeridade dos "Quakers". Isto não o impediu de aplaudir a iniciativa da esposa, quando esta, depois de escrever para "O Lirio" um artigo entusiasta sobre "the new dress", resolveu adotar pessoalmente a moda ousada da calça turca.

"Logo que souberam que eu tinha adotado o vestido novo, cartas vieram chegando de todas as partes do país, escritas por mu-

lheres que se diziam prontas e impacientes de libertar-se da carga pesada das saias à moda antiga". contava Miss Bloomer no seu diário, e a tiragem do "Lirio" florescia.

E' excusado dizer que o "vestido novo" nada tinha de particularmente confortável, apresentando todas as desvantagens da moda precedente: era também pesado, talvez mais quente ainda nos dias de canícula, complicado, difícil a costurar e a lavar. Amélia Bloomer, porém, continuou a usá-lo durante oito anos, resistindo heroicamente às censuras e críticas que não lhe foram poupadas. Confessou mais tarde que sua teimosia era principalmente alimentada por estas, já que nunca verdadeiramente gostou da moda audaciosa que lançava.

"Havia outras questões de maior importância em discussão naquele tempo do que o comprimento de uma saia", escrevia ela, ao abandoná-la, "e eu entendi que a minha influência seria maior, passando a usar o vestido comum às mulheres, ao invés do que estava envergando".

Mas a celebridade tem cada coisa: Amélia Bloomer, que nem inventou nem gostou da moda das calças, tem seu nome citado em todos os dicionários de língua inglesa, desde fins do século passado, como sendo sinônimo de: calça de mulher...

Tapete de Pérolas

OS Tesouros do Marajah de Barrada são considerados como os mais valiosos da Índia.

Nos dias de grandes cerimônias em sua corte minúscula, porém faustosa, usa o príncipe um colar de grandes diamantes tendo alguns o tamanho de uma noz. Remata esse rico colar, como pendente principal, um grande brilhante conhecido por "A Estrela de Decan". Destacam-se ainda do rico tesouro grande quantidade de fios de pérolas e anéis e pulseiras, onde se acham engastados safiras e rubis do tamanho de bagos de uva. Entretanto a maior maravilha do soberbo tesouro é um tapete de três metros de largura por dois de comprimento, tecido todos com os fios de pérolas pequenas, sendo os desenhos feitos com diamantes de vários tamanhos. Para a confecção desse tapete, cujo valor intrínseco é incalculável, foram precisos três anos seguidos.



NOTICIAM os jornais que foi vaiada, no Rio, provocando grave conflito, uma francesa jovem e linda que apareceu, em público, trazendo apenas um leve tecido de seda transparente sobre o corpo escultural.

Arma celeuma e contenda,
Provoca sério conflito,
A mulher que, sob a renda,
Mostra o seu corpo bonito.

O protesto da cidade
Torna o escândalo maior,
E a mulher, como a verdade,
Quanto mais nua, melhor...

Era francesa, e isso passa
Como um requinte elegante:
— Embaixadora da graça
Da sua pátria distante.

Bela e nua à luz do dia!
Festa de arte, pura festa!
Feia sim, é a hipocrisia
De quem tão alto protesta.



ANUNCIAM os telegramas que, antes de beijar os soldados ingleses, as mulheres alemãs põem veneno nos lábios.

Boato, simples boato
A notícia do jornal;
Com o beijo matam, de fato,
Mas veneno natural...

O inglês a dama arrebatou
E o desejo enlaça os dois:
O beijo, apenas, não mata,
Mas mata o que vem depois...



NAS repartições públicas de Pernambuco, dizem os jornais, doravante, nenhuma funcionária, em serviço, poderá fazer uso de baton.

Há-de ser logo atendido
O aviso discreto e bom:
Muito tempo era perdido
No manêjo do baton.

O conselho austero e sábio
Foi bem lembrado, pois não:
— Não trará tinta nos lábios
Nenhum chefe de seção...

Versos de Guilherme Tell —
Bonecos de Fábio

MÊS

OS CLUBES cariocas, para maior animação do carnaval, desejam que a polícia permita o uso da máscara.

Você me conhece? — Tola
Conheço sim, muito bem;
Esse peitinho de rôla
Só tem você, mais ninguém...

Essa bôca, aí se conheço!
Foi feita para traição,
Nas horas em que padeço,
Tem sempre me dito — não.

Conheço essa fantasia
Azul celeste, anjo meu,
E, mais dia, menos dia,
Hel-de matar quem lha deu.

Você sempre foi, de fato,
Bem liberal no carinho:
— Há marcas do seu sapato
Na areia do meu caminho...

Fábio

Lady Macbeth

A ESCÓCIA SINISTRA — DUNCAN, O REI SANGUINÁRIO — A VERDADEIRA HISTÓRIA DE MACBETH — WILLIAM SHAKESPEARE CONSIDERADO DIFAMADOR DA MEMÓRIA DE LADY MACBETH — QUANTO VALIA A VIDA DE UM REI ESCOCÊS

DIONYSIO GARCIA

A ESCÓCIA, a velha Caleadônia, triste e selvagem, sombria terra de lugubres charnecas e florestas tenebrosas, vivia os seus mais terríveis dias. Corria o ano de 1037. O terror espalhava-se por toda parte da Europa. As regiões do Ocidente europeu eram assoladas pelas cruéis invasões dos Normandos, que, em seus barcos guerreiros, arrostavam os temporais através dos mares. A carnificina, o saque, a ruína, a cobiça desgraçavam as populações. Nenhum freio moral detinha os homens em sua imensa crueldade. A peste e as várias doenças também não poupavam aqueles que escapavam ao ferro dos bárbaros.

O despeito feroz, a cega ambição ou a simples perversidade impelia para o crime os mais altos dignitários — justamente aqueles que estavam obrigados a uma vida exemplar. Roberto, cognominado o Diabo, numa festa, em Falaise, envenena o irmão, Ricardo III, e assim se torna duque da Normândia. Em França, Henrique I se revolta contra o pai, e obtém a coroa real, mas seus irmãos, Roberto e Eudes, lhe fazem guerra. Na Dinamarca, ausente Kanut (Canuto), o conde Ulph, seu cunhado, insufla contra ele uma insurreição. Volta Kanut, e consegue debelá-la; e, vingando-se, manda assassinar o traidor numa igreja. Na Rússia, trava-se tremenda luta fratricida pela conquista do poder, entre o duque Jeroslav e seus irmãos. Romano II, na Grécia, envenena o pai, para deste modo apressar a herança do trono, mas por sua vez morre envenenado pela mulher. Romano III, na hora em que se deliciava no banho, é assassinado a mando de sua esposa, a imperatriz Zoé. Na Inglaterra, Edmundo, filho de Ethrelder II, é assassinado por seu cunhado Eðric, e a viúva, para retomar o poder, não teve pejo de se casar com Kanut, o homem que vencera e destronara o marido.

E por aí vai a longa esteira de crimes e ódios, façanhas temerosas e sórdidas ações, como se as portas dos infernos estivessem abertas para a Terra, e por elas desembocassem todas as pestilências e todos os poderes do mal.

Nesse período obscuro, de confusão, de intolerância e de massacre, passa-se também o drama de Macbeth, no castelo feudal de Inverness, condado escocês, lugar pavoroso, de onde se ouve o lamento longínquo do Tweed, o pequeno rio que separa a Escócia da Inglaterra.

Triste é a vida nos castelos, centro de defesa, de reunião e de domínio, no qual se abrigava o senhor com a família e os seus homens de armas. Durante o tempo de paz, para matar a monotonia, há as caçadas, os trabalhos caseiros, uma ou outra leitura edificante, as justas, os torneios, quando não um banquete entre os guerreiros de volta de expedições vitoriosas, para comemorar-lhes os feitos.

Os homens permanecem com as vestimentas de aço, espada à cinta e esporas nos calcanhares. Deitam-se de corselete, tendo por travesseiro o braquel, duro e frio. Com as mãos enluvadas de ferro, trincham à mesa e bebem vinhos especiais, cada um por sua vez, numa grande taça de prata. De-

pois, embriagados, dormem profundamente; mas, sempre armados, estão prontos para partir ao primeiro sinal, ou repelir qualquer ataque de surpresa. A esposa, quando o marido parte para as expedições, retira-se para o seu gabinete particular, a-fim-de-se ocupar nalgum trabalho de agulha ou nas orações; e assim se conserva encerrada no castelo, enquanto o homem não volta da peleja para visitá-la, e partir novamente.

Esta era em geral a tristonha existência que levavam os habitantes dos castelos feudais. Durante o tempo que o general Macbeth andava longe, nos campos de batalha, Lady Macbeth vivia, em seu castelo de Inverness, cheia de tédio, dominada pela profunda melancolia daquelas horas de isolamento.

*

Lady Gruoch — nome dos mais nobres da velha Escócia — vem refugiar-se no condado de Ross. O príncipe de Moray, seu marido, fôra assassinado, há pouco, em seu castelo, pelo avô de Duncan, o rei Malcom II, que se fizera acompanhar de 50 asseclas. Ela, para escapar à morte certa, fugira com seu pobre filhinho Lulach, que, doente, sucumbiu em consequência da fuga precipitada através dos máus caminhos. Com a morte do filho adorado, Lady Gruoch ficou abatidíssima. E, ainda não refeita do pungente golpe, um ano após recebeu outro, com a morte de seu único irmão, também assassinado pelo mesmo rei Malcom II.

Toda a família de Lady Gruoch ia sendo assim exterminada pelo sanguinário rei, pois, este, em 1003 já havia destronado e assassinado também o avô de Lady Gruoch, Kenneth III. O assassinio do irmão de Lady Gruoch foi, porém, a última façanha do rei Malcom II, porque já se achava muito idoso.

Reina agora, entretanto, um genuíno herdeiro da índole sanguinária, o rei Duncan, neto de Malcom II. Duncan é outra excelente bisca. Não nega os exemplos que devia ter recebido de seus velhos e façanhudos antepassados e dos célebres Vikings, os intrépidos "reis do mar", que devastavam aquelas



WILLIAM SHAKESPEARE

regiões e triste fama deixaram.

Libera nos a furore Nortmannorum, o Domine! (Livrai-nos, Senhor, do furor dos Normandos), rogavam em suas preces as populações aterrorizadas. Vê-se assim como eram queridos os tais heróis do mar — ladrões, impiedosos e assassinos — que pelas constantes rapinas e selvagerias — a colheita estival, como eles clinicamente denominavam essas expedições de saque e morticínio, iam-se tornando reis absolutos daquêles lugares, formando dinastias e deixando os piores exemplos de barbaridade.

Lady Grouch, a infeliz proscrita, cheia talvez de ódio contra os seus perseguidores, encontra no condado de Ross, onde está refugiada, o general Macbeth, que é o governador. Gruoch é jovem, loura e linda. Os compridos véus de crepe, além de torná-la mais fascinante, causam particular atração. O general Macbeth, solteiro, enamora-se dela, e casa-se com a encantadora viúva.

O rei Duncan, no trono da Escócia, parece inclinado a prosseguir na senda de crimes do seu antecessor. Homem sujeito a constantes impulsos de crueldade, pusilânime e desconfiado, na sua única preocupação de desembaraçar-se de seus inimigos não descança enquanto não os elimina. Assim é que manda matar o **thane** (espécie de prefeito) de Cawdor, porque este o desagradava.

Duncan é um verdadeiro homicida, frio e impiedoso, e bastante covarde. Vêmo-lo ansioso à espera dos que se encarregaram de executar o **thane** de Cawdor, e quando recebe a notícia de que o homem fôra morto, torna-se alegre. Ao saber da morte de um de seus generais, que ele mandara assassinar, risonho, irônico, mudando de assunto, diz:

— Este castelo é realmente magnífico. Está muito bem localizado. O ar, leve e suave, acaricia os sentidos.

Apesar de tudo, os seus súditos apelidaram-no de "Santa Sopa de Leite", mas tanto nêle havia de fraco, falso e ingrato, como de sanguinário, velhaco e ambicioso.

O general Macbeth, não obstante os seus valiosos serviços ao trono da Escócia, havia sido ludibriado pelo rei Duncan. Senão vejamos. A corôa da Escócia não era absolutamente hereditária. Os filhos legítimos do rei não seriam investidos do título de príncipe de Cumberland, símbolo de hereditariedade, se fôsem de menor idade. Nestu hipótese, sucedia no trono o parente mais próximo. Duncan, porém, trapaceiro, para prejudicar o general Macbeth, seu primo, com direito à corôa por ser o parente mais próximo, desig-

nou príncipe de Cumberland o próprio filho mais velho, que não havia ainda atingido a maioridade. Lesara, dêste modo, o general Macbeth, impedindo-o de ascender ao trono escocês caso o rei falecesse. A cólera de Macbeth devia ter sido grande, tanto mais que sofrera ao mesmo tempo, tremenda ingratidão, pois os seus serviços ao rei Duncan eram consideráveis, tendo sempre pôsto sua espada à disposição da corôa.

Quando Duncan ascendeu ao trono da Escócia, os súditos se revoltaram no firme propósito de não pagarem impostos. Um **thane** rebelde, Mac Donald, marchou contra o rei, derrotando o general Banquo e o príncipe Malcolm. O rei achou-se em perigo, e já pensava em refugiar-se num convento. A situação era premente. Mas Macbeth chegou comandando um exército, que dispersou os revoltosos e forçou Mac Donald à fuga. Para escapar à captura, Mac Donald não teve outro recurso senão o suicídio.

Era a primeira vez que o general Macbeth salvava o rei. Entretanto, outras ocasiões de mostrar dedicação e lealdade ao trono se apresentaram.

Da segunda vez, Macbeth salva a corôa de cair nas mãos cobiçosas dos terríveis piratas escandinavos, que atacavam a Escócia. Duncan tenta combatê-los à frente de seus homens; mas, derrotado, foge para Perth, onde se torna iminente sua captura. Outra situação delicada. Macbeth, porém numa arrancada, corre em socorro do rei, surpreende os inimigos e massacra-os; e o pirata Suênon foi forçado a embarcar precipitadamente, levando os seus restantes soldados — dez apenas.

Mas as coisas não ficaram por aí. Esses **homens do Norte** não eram só ferozes e audazes, impedidos pela índole guerreira e suas velhas crenças. Eram também vingativos e teimosos. Quando queriam conquistar uma região, um país, um reino, não desistiam da empreza enquanto não pusessem tudo a ferro e fogo, e não conseguissem os seus objetivos. Por isso, durante séculos, arrasaram cidades inteiras em quase todos os países do Ocidente europeu.

Macbeth teve, pois, de enfrentá-los novamente, em defesa da Escócia. Kanut o Grande, soube da derrota do irmão Suênon, e quis vingá-la, o que seria ao mesmo tempo vingar a derrota dos invencíveis e orgulhosos noruegueses. Kanut era o valente escandinavo que havia cometido a audácia de desembarcar na Inglaterra e apoderar-se da corôa real. Eis que,

(Continua na página 126)



Sedas e Plumas



VELHO, quando ama, topa qualquer parada. Não vê o ridículo, a zombaria, a maledicência, o descrédito. Não vê nada. Em vez de procurar lugares ermos para seus idílios seródicos, marca encontros nas avenidas, praças, jardins públicos. Quer que todos saibam que está amando, que está por conta.

E' exatamente essa a situação de um senhor de certo relevo na nossa sociedade. Uma paixão retardatária fê-lo perder o juízo. E o pior é que está doido por uma jovem que poderia, com folga, ser sua neta. Mas o homem está cego. Não vê gastos nem sacrifícios.

Encontramo-lo, ontem, radiante. Vai esbanjar suas últimas energias no carnaval. Faz questão de que a pequena seja a mais bela colombina do ano. Custou-lhe a fantasia dois mil cruzeiros. Confessou-nos, sorridente:

— Vim do meu médico. Estou ainda em boa forma. Você sabe, a gente deve despedir-se da vida alegremente. E' o galope final. Mas as minhas artérias ainda resistem um carnaval movimentado.

Até já. Vou ali comprar um par de meias para a pequena. Que pernas!

E saiu, trôpego, pela avenida, sonhando como um jovem de 18 anos.

Saberá a garota que está cometendo um crime? Que está matando o pobre homem que vive a tomar estimulantes, na idade em que as criaturas sensatas jogam o gamão e desfilam o rosário?...

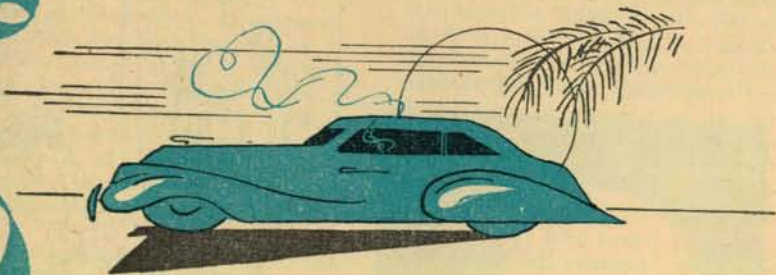
*

ENCONTRAMOS o jovem advogado abatido e triste. Ao ver-nos, foi logo dizendo:

— Sinto a consciência carregada. Cometi um verdadeiro crime. Como você sabe, tenho um grande interesse por fulana. (Citou o nome da morena mais venenosa da Capital). Pois bem, para obter certas concessões, resolvi embriagá-la. Champanha. Dei-lhe champanha até que ficasse "toca-da", estrôina, insensata. Sou um bandido, como você vê.

— E, afinal, conseguiu o que desejava? perguntamos.

— Sim, abracei-a e beijei-a. Mas, passado o momento de ebriedade, arrependi-me. Que pensará ela de mim? Como defrontá-la? Que desculpas poderei dar? Só vejo uma saída digna. Pedir-lhe em casamento. De todo que isso não estava nos meus planos. Vou estragar meu futuro. Você sabe, para espôsa a gente deve ter mais cuidado na escolha. Mas não vejo outra solução honrosa. Caso-me, e está acabado.



O pobre rapaz se mostrava tão decidido que não tivemos coragem de dar palpites sobre o seu caso de consciência. A tragédia será consumada. O desgraçado se casará por causa de uma garrafa de champanha e de um beijo. Há muitas espécies de suicídio...

O moço praticará essa tolice por falta de um amigo que tenha coragem de abrir-lhe os olhos. A garota que ele embriagou para obter um beijo, o faria em plena lucidez. Não precisaria, para isso, gastar tanta champanha. Outros têm ido muito além com um simples passeio de automovel em noite de lua por estradas ermas. E tudo sem qualquer espécie de compromisso...

AS piscinas tornaram-se centros de exibição de plástica. Não há menina bonita que não queira mostrar que, além de um belo palminho de rosto, dispõe de pernas esculturais.

Certa loura que frequenta uma das mais famosas piscinas da Capital tornou-se um número de grande atração. Ela não é apenas bela, é, também, nadadora incomparável. Mergulha admiravelmente. Seus companheiros de esporte, para não ficarem humilhados, treinam o dia inteiro.

Um jovem universitário, o moço da sua preferência, quase a iguala em habilidade e fôlego. Vale a pena vê-los mergulhar. Desaparecem da superfície e ficam longo tempo no fundo da piscina. Quando a assistência já está inquieta, surge a sereia ao lado do tubarão, ambos risonhos e felizes. Que fizeram debaixo d'água tantos minutos? Ninguém faz a pergunta indiscreta, mas todos têm vontade de fazê-la...

Fabiô





A SUMA

Um perfume nascido
de um sonho oriental

Coty

EXTRATO • ÁGUA DE COLÔNIA • LOÇÃO •
BRILHANTINA • PÓ DE ARROZ • SABONETE



como estou outra agora...

★ Foi só aplicar Brylcreem e meus cabelos ganharam outra vida! Agora sim, estão brilhantes, sedosos, são e juvenis. Experimente você também! Brylcreem é usado no mundo inteiro pelas pessoas de bom gosto. Fixa sem emplastar, evita a caspa e a queda do cabelo. Depois do permanente quando o cabelo fica ressecado, Brylcreem completa porque dá cor e brilho natural. Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

COMPLETE A SUA ELEGANCIA

USANDO DIARIAMENTE PARA ASSENTAR E DAR BELEZA AOS SEUS CABELOS

• Acaba com o
queda do cabelo,
caspa e o seu uso
aviva os cabelos
brancos.

EUTRICHOL

MULTIFARMA - PRAÇA PATRIARCA, 36 - S. 6 - S. PAULO
REMESSA PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

CONCORRE
PARA O SEU
SUCESSO

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905

Belo Horizonte - Minas

TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO

E PRESTEZA NA

EXECUÇÃO DE CLICHÊS

TRICROMIAS E DOUBLES - CLICHÊS EM ZINCO E
COBRE - APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO

EXISTEM em Nova Iorque, não somente fábricas de locomotivas, automóveis, aviões e de matéria plástica—mas existe também uma moderníssima fábrica de romances. No início de cada ano literário, convoca o diretor geral uma assembléia de todos os seus secretários, agentes e caixeiros viajantes. Na parede do fundo está suspenso um mapa dos Estados Unidos, pontuado de numerosos botões de diversas cores, que marcam as cidades que, no respectivo ano fiscal, devem ser trabalhadas pelos caixeiros viajantes da fábrica: — Washington, Miami, New Orleans, S. Luis, Los Angeles, Holliwood, San Francisco, Chicago, Boston, e, possivelmente, também o Alasca, Hawai e outras possessões americanas. Cada agente e caixeiro viajante recebe instruções minuciosas, sobre o tipo de romance para o qual deve arranjar material fotográfico, literário, emocional, geográfico, social, etc. Suponhamos o caso que, no respectivo ano fiscal, devam ser lançados ao mercado, para o consumo do público, 24 ou 48 romances estandardizados pela empresa. Sendo que o diretor geral é um formidável expert em matéria de psicologia, está ele em condições de precisar de antemão o conteúdo exato de cada livro em ordem a satisfazer os variados gostos da freguezia: tantos romances de caráter escandalosamente erótico; tantos de conteúdo lacrimoso e sentimental; tantos de fundo religioso e místico; romances em torno de ideologias protestantes, católicas, judias, romances de colorido ditatorial, democrático, fascista, revolucionário, futurista, utópico, visionário, idílico tipo Shangri-la, etc. etc.

Expirado o prazo marcado para a coleção de matéria-prima e fundo geral dos livros, regressa cada agente para Nova Iorque e entrega o seu material ao diretor geral da empresa, que o distribui aos diversos secretários especializados no assunto. Estes encarregam-se da ulterior elaboração do romance em embrião, e, depois da competente gestação, entregam o feto literário ao chefe supremo, que, finalmente, num parto, fecundo e coletivo, dá à luz toda essa prole romântica.

Há, todavia, um ponto importante a considerar. E' indispensável que um genuíno romance americano seja stream-lined, termo técnico que se usa nas fábricas de veículos, como automóveis, locomotivas, aviões, e que pode-



Cartas dos ESTADOS UNIDOS



por HUBERTO ROHDEN

riamos traduzir pela palavra "aero dinâmico". É necessário que um aparelho destinado a movimento rápido tenha linhas retas e lisas e uma forma que favoreça o mais possível a sua velocidade, opondo resistência mínima às correntes aéreas. É o que se chama — **stream-lined**. A propósito, entre parêntesis, fui perguntado, há pouco, por um colega americano, porque meu patricio fulano não **aero-dinâmizava** o seu nome: — "Why does not your friend stream line his name?" É que o tal brasileiro, recém-chegado, usava nada menos de quatro nomes para sua única pessoa, sendo dois prenomes e dois sobrenomes, coisa incompreensível aqui, onde todo o mundo só tem dois nomes, e abrevia para uma única letra o prenome, conservando completo apenas o sobrenome. É o que se chama aqui **to stream-line** o nome, reduzi-lo ao volume mínimo, uma vez que o nome da gente é uma espécie de veículo em contínuo movimento, e **time is money**. Outro amigo meu viajou, há pouco, via aérea do Rio para Miami, em companhia de uma senhorita bahiana que tinha nada menos de seis nomes para sua única pessoa, que, além de tudo, era bem insignificante, fisicamente. "Senhorita, — disse-lhe meu amigo, — reduza o seu nome hexaédrico a dois vocábulos; senão torna impossível a sua estadia num país essencialmente estenográfico".

É, pois, de capital importância que um romance estandardizado tenha forma **aero-dinâmica**, uma vez que tem de percorrer com grande velocidade os 48 Estados da Federação, e, possivelmente, atravessar o Atlântico e o Pacífico para outros países de idioma inglês, ou vertido para línguas estrangeiras. Livro que não atinja logo de início uma tiragem de 100.000 ou 200.000 exemplares não é um "best-seller", e pouco interessa aos produtores em série.

Há, além disto, outro fator importantíssimo. Livro que chegue a meio milhão de exemplares tem abertas as portas de Hollywood,

tem suma probabilidade de ser filmado, porque a propaganda da película está meio feita pelo livro. E, como as empresas cinematográficas pagam preços fabulosos por direitos autorais e editoriais, é desejo ardente de cada autor e editor que seu livro entre nos estudos. Tem de ser, por isto, fabricado de molde a ser facilmente fotografado e sincronizado. Portanto, cenas rápidas, incisivas, de cores violentas, frases curtas, **aero-dinâmicas**, tipo **standard**!

Daqui a pouco, os fabricantes de literatura romântica por atacado se verão face a face com um novo problema, no tocante à forma dos seus produtos. A televisão está progredindo a largos passos. Em breve será necessário que o romancista disponha de tal modo os acontecimentos que seu livro seja de fácil transformação televisonária. Assim terá ele mais uma "chance" para fazer fortuna rápida com o seu parto intelectual. Terá de escrever romances **standard, stream-lined, televison-minded** — e tudo isto, **made in U.S.A.** Vejam lá os nossos linguistas se arranjam termos vernáculos para essa salada americana!

✱

No andar que as coisas levam, acho possível que, daqui a mais uns decênios, vamos entrar no paraíso cultural de uma completa e universal despessoalização. Reduziremos todos os encantos da personalidade humana a um perfeito clichê, mercadoria

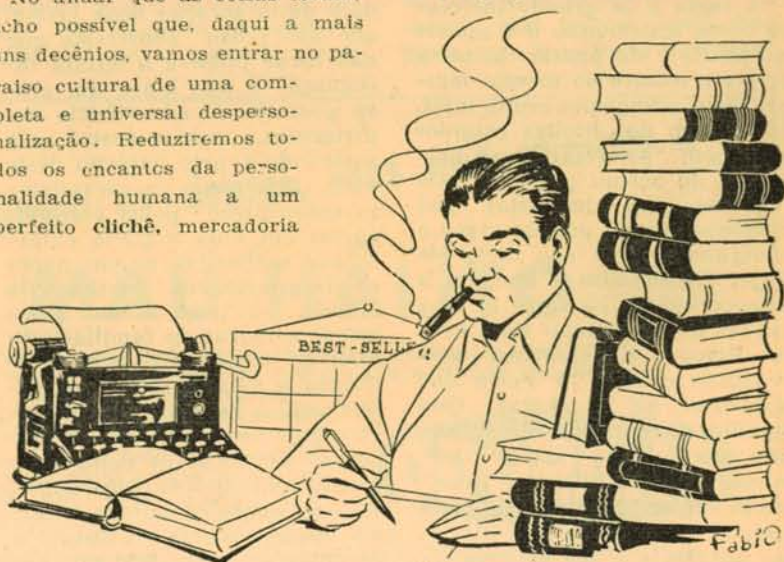
em série **made in U. S. A.**, e possivelmente também **made in Brazil**.

No formidável artigo "Die Monotonisierung der Welt" disse Stefan Zweig umas verdades tremendas sobre a ameaça da "monotonização do mundo", já em franca evolução.

No meu livro inédito "Psicologia da Amizade Inter-Americana" escrevi uns capítulos incisivos sobre o mesmo assunto, discutindo a possibilidade ou impossibilidade, as conveniências e inconveniências da tal amizade pan-americana. Se esse namoro coletivo de todas as Américas significa um nivelamento de todas as arestas e a chapeação de todas as pitorescas propriedades nacionais de cada povo, reputo o tal inter-americanismo como o maior mal para o nosso hemisfério.

Nada mais belo e estimulante do que a harmonia na diversidade — e nada mais entediante e insuportável que o nivelamento de todas as diferenças e o aplainamento de todas as arestas — a apoteose do clichê humano!

Seja cada um fiel a si mesmo — e seja plenamente o que é!





Por OSCAR MENDES • Para ALTEROSA

VENDO há dias num jornal falado de cinema algumas cenas de praias cariocas, lembrei-me logo daquele "Pater Familias" inglês que, há quase um século, em julho de 1847, endereçava a "The Westminster Gazette", de Londres, indignada carta de protesto contra a pouca vergonha dos costumes londrinos daqueles dias. O bom do homem estivera longa temporada numa das colônias inglesas da Índia Oriental, separado da família e, ao regressar, ficara de queixo caído diante do que via na Inglaterra, em questão de liberdade e costumes. Não se conteve. Pegou da pena de pato e escreveu longa missiva ao jornal londrino, protestando contra tudo aquilo e pedindo enérgicas providências aos responsáveis pelos destinos da nação inglesa.

A carta é de grande interesse como testemunho dos modos de sentir e de pensar de certa época e mostra ao mesmo tempo como avançamos muito mais, para além dos limites exigidos pelo bom "pater familias" britânico do século passado. Os excessos dos banhistas são censurados com grande vigor e indignação. Que não diria ele hoje! Escandaliza-o também a semi-cerimônia com que as moeiras do seu tempo lêem certos livros. E descarrega suas censuras contra "A Feira das Vaidades" de Thackeray. Que rugidos de horror e de vergonha não soltaria ele, se visse nossas "jeunes-filles en fleur" lendo num bonde, sem mais aquela vergonha de fazê-lo, como acontecia à sua própria filha, que andava lendo "subrepticamente" "A Feira das Vaidades", romance diante dos

quais o livro de Thackeray é duma ingenuidade de criança, e mais parecem afrodisíacos para rapazinhos viciosos e velhos descarados do que obras de arte.

Mas talvez os leitores preferam a estes nossos comentários, os próprios termos em que o "pater familias" de 1847 extravazou sua puritaníssima indignação. Aqui vão eles, em tradução mais ou menos fiel:

"Senhor: "Acabo de regressar à Inglaterra, depois duma temporada em uma de nossas colônias da Índia Oriental, aonde minha família não me podia acompanhar por falta duma sociedade que lhe conviesse e de perspectivas de boa situação para minhas filhas, bem como por causa da malária, e venho encontrar tão alarmante mudança nas maneiras e conduta desta geração mais jovem, que não posso conter-me que não torne pública a minha indignação e não lance um grave protesto de advertência aos dirigentes responsáveis pela sociedade e pelo governo deste país. Refiro-me ao escandaloso menosprezo pelas conveniências em toda a parte exibido por senhoritas, ao que parece das melhores famílias da cidade, ou pior ainda, pelas moças solteiras de famílias do interior, cujos pais sem juízo trazem a Londres para passarem aqui a Estação. Permitem-lhes hoje usar trajes que até mesmo as moças da moda e de famílias nas Índias detestariam, embora naqueles climas remotos nossas regras rigorosas e decentes de casta tenham, hesito em dizê-lo, fracassado na conservação de nosso puro sangue inglês, permitindo, em vez,

que as faces de muita moça loura sejam maculadas pelos sombrios, embora belos, matizes nativos.

"Não faz muito, em Brighton, o espectáculo de virtuosas donzelas inglesas emergindo das saasas ondas, gotejando, e com suas roupas finas coladas e acompanhando por demais os contornos de seus jovens corpos, era demasiado chocante. Na minha mocidade, as senhoras de qualquer idade banhavam-se privadamente. Mas a vista de jovens donas andando de bote sobre o Tâmesa, em companhia apenas de um jovem de Oxford, que o empurra à vara, e sem uma dama de companhia sequer, é bastante significativa como falta de senso comum e de decência. Na verdade, não há lugar ou mesmo conveniência nessa diabólica embarcação para qualquer senhora de meia-idade e vigilante sentar-se a salvo. Que impedirá, indaga um pai ansioso, que algum rapaz ardente pare de remar e impila seu bote e a carga linda e inconsciente que conduz para baixo da galhada que luxuriosamente pendente sobre as margens do Tâmesa? Perto de Richmond, testemunhei cenas que poderiam ter sido perigosas à moralidade pública, não fôsem os estreitos vaus e a notória instabilidade do barco em questão, porquanto o primeiro passo descuidado e impetuoso, a primeira luta de alarme, lançariam dentro do rio moça e rapaz, com terrível perigo para a jovem donzela que, afundada ao péso de seus volumosos trajes, não poderia esperar voltar à tona do fundo daquele tumulto aquoso.

"Nos dias de minha mocidade, tais cenas e tais perigos para as moças não teriam sido possíveis. Vigiávamos nossas filhas e nossas irmãs ciumentamente. Anos mais tarde, com seus filhos nos joelhos, guardiões das famílias felizes, agradeciam-nos elas, estou certo, a nossa providência e a nossa tolerância.

"Referir-me-ei apenas *en passant* ao abuso ou ao novo formato do espartilho, ocorrido durante meus anos de ausência destas formosas ilhas, a essa peça de vestuário destinada a comprimir as formas femininas, mas agora confeccionado de modo a revelar-lhes os contornos, duma maneira exagerada e esquisita. Não continuarei, porque isto não é assunto próprio para a pena dum pai, ou para qualquer pena masculina. Mas, certamente, como pai, posso permitir-me protestar contra a perigosa literatura que está caindo sob as vistas de nossas filhas e corrompendo as jovens mentes femininas de hoje. Ainda ontem encontrei minha segunda filha lendo subrepticamente "A Feira das Vaidades", por trás do biombo, na biblioteca. A má reputação deste romance difama a moralidade de nossas melhores classes, o fato de que o seu principal personagem feminino, de mais a mais sua heroína, é uma mulher de virtude fácil, já me chegou aos ouvidos. Mas encontrá-lo nas mãos duma mocinha de dezesseis anos e de minha própria filha que me chamou de velho maluco, causa-me horror. Vi-me forçado a tomar-lhe das mãos a força e a lê-lo. Não deixa de chocar-me que o sr. Thacker-

ray, cujos artigos para o "Punch" tanto me divertiram naquele semanário, por outros aspectos tão aborrecedor, tenha perdido de tal maneira a medida. O sr. Dickens, cujas exageradas descrições da vida entre os elementos mais pobres e mais depravados de nossa sociedade devo deplorar, nunca fez descer assim tão baixo sua atitude corretamente respeitosa para com o sexo feminino. Pergunto a mim mesmo até que profundezas estamos descendo?

"Minha filha mais velha está noiva dum rapaz de excelente família e boa situação futura e que faz parte dum regimento de lanceiros na Índia. Está combatendo pela Rainha e pela Pátria e foi recentemente condecorado, depois de ter sido ferido num covarte ataque inimigo contra nossas forças de vanguarda, no qual seu rifle conteve uma vintena de fanáticos nativos, armados de lanças selvagens. Espera, como muitos de nossos jovens heróis, que combatem pela Inglaterra em terra pagã, receber sua jovem esposa na Índia, tão pura e tão imaculada como quando lhe fez a corte, há cinco anos, em sua casa, na Inglaterra. Ali, protegida e inocente, ignorante dos ardis do homem e dos males do mundo, foi que ele a encontrou e assim deve ir ter com ele através dos mares.

"Senhor, a menos que os homens responsáveis da Inglaterra tomem cautela, o próprio coração e cerne de nossa nação e império está em perigo. Nossas filhas devem ser repostas no bom senso, coibidas de seguir seus impulsos perversos e seus pais devem assumir a reta

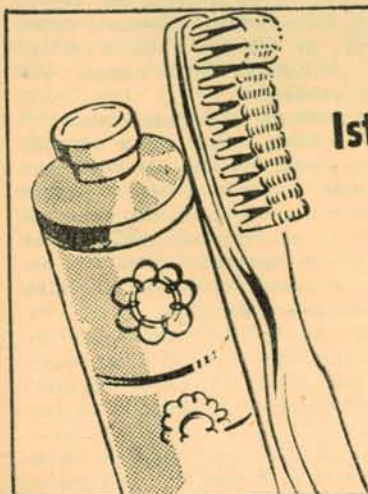
direção de sua conduta e de seus destinos.

Subcrevo-me,

Pater Familias,

Londres."

Pobre Pater Familias! Morrerias dum ataque apoplético se ouvisse as filhas de hoje chamarem seus pais não de "velho maluco", mas de coisas muito piores, se visse os livros que elas lêem, os assuntos que discutem e as exiguas peças de roupa que usam, quando se banham, não privadamente, como nos tempos de tua mocidade, mas em público e promiscuamente. Embalde apelarias para os homens responsáveis. Eles não te ouviriam porque estariam também tomando seus banhos de sol nas barrigas proeminentes e nas perninhas delgadas. Não imaginarias coisas por baixo das galhadas do arvóreo, porque qualquer esquina de rua, de dia ou de noite, exhibe cenas que o puritano sr. Thackeray não ousaria descrever nos seus "escandalosos" romances. E se fosses a uma praia de banhos e tua virtude resistisse, talvez só te restasse o recurso de regressar apressado e vermelho de indignação e de vergonha ao teu século morto, ou de mergulhar para sempre no "túmulo aquoso", ali bem pertinho de ti. O mundo está terrivelmente mudado, meu bom Pater Familias!



Isto limpa os dentes, mas não elimina o

MAU HÁLITO

● Para assepsia completa da boca, use Odorans — o dentífrico medicinal, que penetra em todos os interstícios dos dentes não atingidos pela escova, impedindo a fermentação de partículas alimentares — principal causa do mau hálito. O poder germicida de Odorans evita a piorreia, gengivites, etc. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

A vila mal assombrada

Lucia Machado de Almeida

Ilustração de Rocha

IA ANIMADO o jantar no palácio do Conde de Assumar, em Vila do Carmo. (1).

Em torno da mesa de banquete, senhores de casaca de seda e barba em ponta conversavam animadamente com damas elegantíssimas. A prata rebrilhava entre os cristais coloridos e a porcelana chinesa, havendo mesmo alguns objetos de ouro espalhados pela sala. Sim, ouro puro. Ouro que vinha em abundância no meio do cascalho dos rios; ouro que os escravos africanos buscavam no fundo úmido e escuro das minas...

Festejava-se naquela noite do ano de 1720 o esmagamento completo da revolta chefiada por Felipe dos Santos, na vizinha Vila Rica.

— “Agora um brinde aos meus valentes soldados, que fizeram esse belo trabalho!” exclamou Assumar, levantando-se.

Era um homem alto e bem apessoado, com qualquer coisa de hipócrita e cruel na fisionomia.

Os presentes o acompanharam erguendo as taças e saudando aos “Dragões” do conde que estavam agrupados num canto da sala, envergando as decorativas e vistosas fardas.

— “Protestar contra os impostos! Que desaforo! Povo não tem o direito de ter opinião! Deixem estar que o castigo foi bem aplicado!...” exclamou o perverso Martinho Vieira dos Freitas, com um sorriso de ironia.

— “Senhor Ouvidor!” interrompeu uma dama de vestido decotado, que tinha no colo um bellissimo aderêo de ametista e crisólitos. “Não suporto essas coisas! Desmaiei quando vi o corpo ensanguentado de Felipe dos Santos passar em frente à minha casa, arrastado pelos cavalos!”

— “Nervos, minha senhora... tornou o Ouvidor Geral da Comarca. Nervos femininos são muito frágeis... O miserável teve apenas o que merecia...”

Na extremidade da mesa achava-se D. Rodrigo de Sousa, chegado, havia pouco, do Rio de Janeiro. O fidalgo escutava tudo em silêncio, e via-se logo que estava contrariado naquele ambiente. Homem inteligente e humano, indignara-se com a injustiça praticada contra Felipe dos Santos. Uma importante missão diplomática junto ao Conde de

Assumar obrigára-o, entretanto, a calar o seu protesto e a participar daquele banquete.

— “Parece que agora vamos ter sossêgo. Até que enfim!”, suspirou o Ouvidor, aliviado.

— “Sossêgo! tornou Assumar, irônicamente. Essa é uma palavra que não conheço! Ainda há pouco acabo de saber que Manuel Nunes Viana recebeu os meus Dragões a tiros! Escrevi uma carta a El-Rei contando o que está se passando. Hei de arrancar aquele miserável do seu castelo da Tabda, custe o que custar!”

Uma das senhoras executou um minueto ao cravo, e D. Rodrigo de Sousa contou cenas que presenciara alguns anos atrás do ataque de Dugay-Trouin, o corsário, ao Rio de Janeiro.

Falava-se de uma cantora célebre que acabava de chegar da França, quando alguém comentou:

— “Dizem que é feia como um fantasma!”

— “Por falar em aparições, continuou Assumar, não sei se vocês já ouviram contar que Vila Rica está ficando mal-assombrada. Dizem que à meia-noite das sexta-feiras saem do cemitério fantasmas esbranquiçados, com asas e chifres, soltando gemidos medonhos.

— “Fantasmas! Que horror!” exclamou a dama que tinha o aderêo de crisólitos e ametistas, arregalando os olhos.

— “Não vá Vossa Senhoria dizer-me que acredita nessas tolices!” disse Assumar.

A senhora não respondeu e ficou pensativa.

O assunto era interessante, e a conversa derivou para os fatos sobrenaturais. Cada qual sabia uma história inédita e assim, nessa prosa, ficaram até cerca de onze horas.

Findara o banquete e já era tempo de se retirarem os convidados. O conde acompanhou as visitas até a varanda e desejou a todos uma boa noite. D. Rodrigo, que estava hospedado em Vila Rica, ofereceu-se para levar em sua carruagem dois outros senhores que também se dirigiam para lá. A dama do colar de crisólitos e ametistas, que era esposa de um deles, assentou-se no fundo, perto do marido, e D. Rodrigo e o outro homem instalaram-se no banco da frente.

Fazia frio e havia neblina. Uma neblina vaporosa, que punha um halo de irrealidade nas pessoas e nas coisas.

*

— “A Vila Rica!” ordenou D. Rodrigo.

O cocheiro assustou-se e, depois de algum tempo de hesitação, falou com voz rouca e distante:

— “Não seria melhor irmos para um outro lugar qualquer? Com certeza os senhores ignoram que...”

— “Os fantasmas!” — interrompeu, horrorizada, a dama do colar. Pelo amor de Deus, fiquemos por aqui! Lembrei-me agora de que estamos numa sexta-feira!

— “Que ingenuidade, minha mulher. Você deveria ter vergonha de acreditar nessas bobagens. Aí está o resultado de ouvir conversas sobre coisas que não existem.

A senhora não disse nada.

— “Bem, continuou o marido. Não quero insistir. Se você está mesmo decidida a ficar, poderá passar a noite aqui, em Vila do Carmo, em casa de sua prima Adelaide. Quanto a mim, vou assim mesmo, pois tenho trabalho amanhã muito cedo.

A dama do colar resolveu acompanhar o esposo e encolheu-se toda no fundo da carruagem.

— A caminho! ordenou D. Rodrigo.

O cocheiro chicoteou os cavalos, e lá se foram eles pela estrada.

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as *Pilulas Carters* para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as *Pilulas Carters* para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

da afora. Dir-se-lia que a paisagem, feita de montanhas e arbustos havia adormecido como um ser vivo dominado pela calma da noite. De vez em quando um coelho ou outro animal qualquer, despertado pelo ruído da carruagem, atravessava a estrada de um lado a outro, assustado.

— Os senhores são de coragem! exclamou o cocheiro a certa altura, quebrando o silêncio. Se querem voltar, ainda está em tempo...

— Responsabilizo-me pelo que acontecer, tornou D. Rodrigo.

A senhora do aderço de crisólitos estremeceu e apertou a mão do marido.

— Estamos chegando, comentou o cocheiro.

A cerração, naquele fim do mês de junho, parecia mais forte do que nunca e envolvia inteiramente Vila Rica.

— Já é meia noite? — indagou com voz débil a senhora inquieta.

Um uivo longo e dolorido deixou sem resposta aquela pergunta. Os cavalos começaram a relinchar e desabalaram numa corrida louca até chegarem a um largo, perto da rua do Ouvidor, onde estacaram!

— Os fantasmas! gritou o cocheiro, chicoteando os animais, na ânsia de fugir para bem longe. Os cavalos, entretanto, como que magnetizados, não saíam do lugar e empinavam, completamente desorientados.

— Não é possível! exclamou d. Rodrigo, perplexo, diante da incrível cena que presenciava; dezenas de criaturas fantásticas, envoltas num sudário branco saíam em fila do cemitério! Dir-se-lia que pousavam apenas no solo, tão leves pareciam os seus passos. Algumas tinham asas transparentes; outras, chifres demoníacos... Uma estranha luz aureolava-lhes o rosto, que era lívido como o dos mortos! Traziam nas mãos uma espécie de prato, para o qual olhavam fixamente, e seu andar era lento e ritmado como o dos sonâmbulos.

— Minha mulher desmaiou! gritou nervosamente o marido da senhora do colar de crisólitos e ametistas. Saíamos daqui!

— Calma, calma, insistia d. Rodrigo, procurando sossegar o companheiro e controlar-se a si próprio. "Cocheiro, chicoteie bastante os cavalos. Vamos para o outro lado da cidade.

Indul. Os animais empinavam, mas não davam sequer um passo adiante.

Depois de fazer uma volta na

Ansioso por esclarecer o caso, D. Rodrigo afastou-se cautelosamente...



praça deserta, a procissão de fantasma dirigiu-se novamente para o cemitério e desapareceu.

— Estão voltando para os túmulos! exclamou o cocheiro, com voz trêmula.

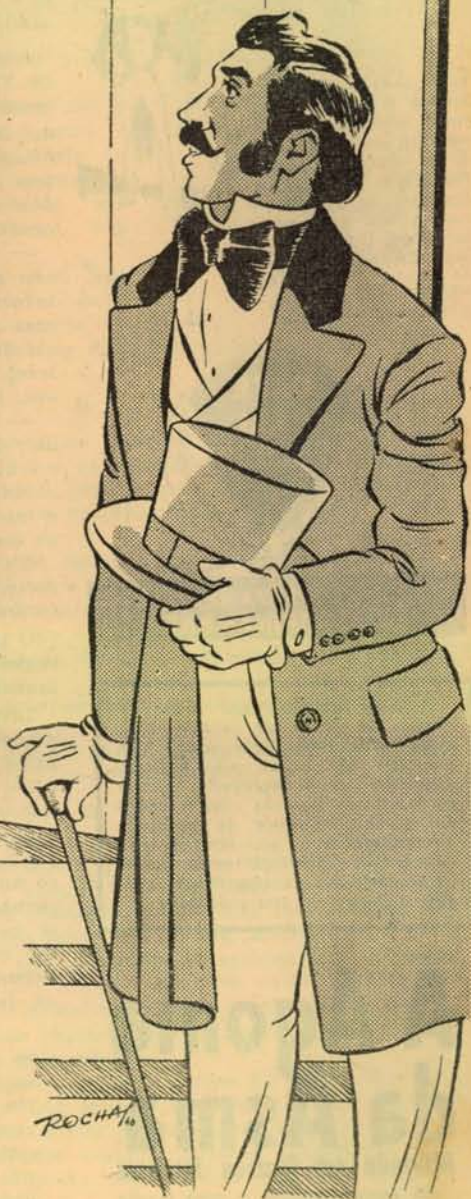
Os cavalos acalmaram-se e começaram a andar.

— Vamos levar este casal a casa, ordenou D. Rodrigo.

— Ninguém me apanha mais na rua em noite de sexta-feira, exclamou o cocheiro, afastando-se.

A senhora custou a voltar a si e, quando pôde dizer qualquer coisa, viu-se que delirava, presa de febre alta.

D. Rodrigo de Souza, homem inteligente e bem equilibrado, ficou profundamente impressionado com a procissão de fantasmas. Não era mentira, ele o ve-



rificara com seus próprios olhos! O que sua razão não podia absolutamente admitir é que fôsse aquele um fato sobrenatural. Impossível! Apesar da atmosfera que envolvia o acontecimento, deveria haver uma explicação "possível" e esclarecedora para ele. E D. Rodrigo jurou a si mesmo que haveria de descobri-la, custasse o que custasse!

Não se falava noutra coisa em Vila Rica.

— E' castigo! exclamavam al-

BEBIDA Diplomatica...

Onde quer que se encontre o CAFÉ promove logo um ambiente de cordialidade. E' o diplomata por excelência nas reuniões de gabinete ou no seio das mais humildes famílias. Mas CAFÉ diplomata só é o "CAFÉ FINO" sem mistura, preparado tecnicamente no



PUBL. ARAUJO

RUA RIO DE JANEIRO, 390
ESQ. TUPINAMBÁS

A dona de casa que possui o necessário senso de responsabilidade para zelar pela saúde dos que lhe são caros, não aceitará sugestões de fornecedores menos escrupulosos quando interessados em forçar a venda de produtos desconhecidos e, por isso mesmo, capazes de constituir séria ameaça à saúde dos consumidores. Exigirá a marca de sua confiança.

A Agonia da Asma

Aliviada em Poucos Minutos

Em poucos minutos a nova receita — **Mendaco** — começa a circular no sangue, aliviando os acessos e os ataques da asma ou bronquite. Em pouco tempo é possível dormir bem, respirando livre e facilmente. **Mendaco** alivia-o mesmo que o mal seja antigo, porque dissolve e remove o muco que obstruía as vias respiratórias, minando a sua energia, arruinando sua saúde, fazendo-o sentir-se prematuramente velho. **Mendaco** tem tido tanto êxito que se oferece com a garantia de dar ao paciente respiração livre e fácil rapidamente e completo alívio do sofrimento da asma em poucos dias. Peça **Mendaco**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Mendaco Acaba com a asma.

AGORA TAMBÉM A
Cr\$ 10,00

guns. Castigo pela crueldade praticada contra Felipe dos Santos.

Outros viam no caso um aviso dos céus e comentavam:

— "Só se pensa em ouro nessa terra. Todo mundo quer enriquecer à custa dos pobres negros africanos que trabalham noite e dia, apanhando surras e passando fome..."

Algumas pessoas mudaram-se de Vila Rica e toda a gente que morava nas vizinhanças da rua do Ouvidor abandonou as residências, transferindo-se para outros bairros. Apenas o ourives José Vitor, cuja casa ficava na praça, continuou no mesmo lugar.

— Estou muito velho para viver ora aqui, ora ali, dizia ele brincando. Além disso os fantasmas não me fizeram mal algum até hoje. A não ser o susto que levei quando os vi pela primeira vez, não posso me queixar deles.

— Olhe lá que você se arrepende! diziam os amigos, procurando dissuadi-lo de continuar ali.

Mas José Vitor, que era viúvo e morava sozinho, não quis ouvir os conselhos e ficou lá mesmo.

Na sexta-feira seguinte, à meia noite, o fato repetiu-se tal e qual as outras vezes.

O pavor aumentava. Foram até registrados casos de alucinação e loucura.

Livros antigos e empoeirados descenderam das estantes, retirados pelos seus donos, que procuravam nêles velhas fórmulas de exorcismo.

Organizou-se uma comissão que foi à Vila do Carmo pedir socorro ao Conde de Assumar. O Governador da Capitania, apesar de se confessar impotente para lutar contra forças sobrenaturais, baixou um decreto, datado de 13 de julho de 1720, que dizia:

"Para evitar todo gênero de desasoscego que têm como os mascarados, atirem-se contra êstes e os matem, por serem perturbadores do sossego público, e se lhes declara que não ficarão incursos em crime algum os que matarem os ditos mascarados, antes, sim, se lhes dará um prêmio de cem oitavas de ouro, a todo aquele que constar que matou algum mascarado que apareça no morro, ou na Vila, a qualquer hora da noite". (1)

De nada valeu o decreto.

Alguém atirou contra os fantasmas e a bala atravessou-lhes o corpo como se tivesse passado no vácuo.

(1) Transcrevo êsse documento na íntegra, conservando o português da época.

O povo resolveu então recorrer ao auxílio divino. Alguns sacerdotes foram consultados e aconselharam à população que construísse oratórios à porta das casas, nas entradas da vila e no cruzamento das ruas. Assim foi feito. Diante desses nichos os habitantes de Vila Rica se reuniam, rezando terços e cantando hinos desde o anoitecer.

Deus ouviu os rogos daquela pobre gente e auxiliou-a de um modo indireto, através de D. Rodrigo de Souza.

Levado pela mão da Providência, o fidalgo do Rio de Janeiro dirigiu-se a casa de José Vitor. Perdera a medalha de ouro com a imagem de Nossa Senhora, que o acompanhava sempre, e queria adquirir outra em casa do ourives. D. Rodrigo bateu palmas, e, como ninguém viesse atender, empurrou de leve a porta, que estava apenas encostada, e foi entrando assim mesmo. O que viu fê-lo recuar, sustento a respiração com medo de fazer ruído:

Inteiramente absorvido pelo que fazia, estava José Vitor em frente a um espelho, tendo nas mãos um prato do qual saía um fogo esverdeado. Sua imagem refletia-se no cristal polido lívida e macerada como a de um cadáver...

— Parece um dos fantasmas! pensou d. Rodrigo com seus botões. Pela fresta da porta que o escondia ele observava tudo. José Vitor segurou uma colher, meteu-a no pequeno saco que estava no "console" perto do espelho e depositou no prato o pó branco que retirara do pacote. A chama do prato reavivou-se e seu rosto ficou mais lívido ainda! Súbito, os olhos de D. Rodrigo brilharam, e seu coração começou a bater depressa. Lembrara-se de uma brincadeira que vira fazer quando pequeno: seu tio, que conhecia truques e mágicas, costumava colocar sal puro e álcool numa vasilha, acendendo fogo em seguida. O reflexo que a luz provocava tornava as pessoas que estavam perto extremamente pálidas e abatidas...

— E' isso o que os tais fantasmas levam no prato! pensou ele, exultante.

Ignorando que a porta estivesse entreaberta e sem saber que era observado, José Vitor olhava para a própria imagem refletida no espelho e dava risadas, achando graça no que via.

Ansioso por esclarecer o caso, D. Rodrigo afastou-se cautelosamente e resolveu examinar o pormenor da casa. Verificou então que

o terreno, cheio de árvores frutíferas, tinha cerca de cinquenta metros e era em forma de "L" maiúsculo. Notando que o fim do quintal dava para o cemitério, D. Rodrigo exclamou: — "E' isso mesmo o que eu estava pensando! José Vitor é cúmplice dos "fantasmas"..."

Satisfeito com a descoberta, o fidalgo tirou a pistola que trazia no bolso do casaco e dirigiu-se novamente à casa. O homem estava na sala, divertindo-se em frente ao espelho.

— Mão ao alto! falou energicamente, d. Rodrigo, apontando a arma para José Vitor.

Vendo-se apanhado em flagrante, o ourives começou a tremar, dizendo:

— Eu explico tudo. Ouça-me. Espere um pouco... Estou apenas fazendo uma brincadeira.

— Será inútil disfarçares a verdade, tornou d. Rodrigo. Melhor será contar tudo de uma vez. Se assim fizeres, dar-te-ei uma oportunidade de sair da vila. Do contrário, prendo-te agora mesmo.

— E' que... é que... gaguejou o outro.

— Os "fantasmas" partem de tua casa e saltam para o cemitério pelo muro do fundo, não é?

— E'... Depois que o senhor guardar a pistola eu conto o resto. Fico nervoso quando vejo armas...

D. Rodrigo assim fez e o ourives, sempre trêmulo, acabou contando a história:

Ele, José Vitor, fôra procurado há dois meses atrás por um grupo de homens de fora, que haviam chegado a Vila Rica, atraídos pelo ouro das minas. Essa gente, sem moral e sem escrúpulos, vivia do roubo, e havia feito um plano ousado e criminoso. Sabendo que a população da Vila era em grande parte composta de pessoas ingênuas e supersticiosas, decidiram amedrontá-las, simulando uma aparição de fantasmas à meia noite das sextas-feiras. Traziam consigo túnicas brancas, cabeleiras e bigodes postiços, máscaras, enfim, todos os apetrechos necessários à caracterização das "assombrações". Além disso, ficou combinado que cada qual levaria nas mãos um prato com sal e álcool aceso, truque pouco conhecido e que era suficiente para dar aos espertalhões uma fisionomia cadavérica e sobrenatural. Para executar esse plano, eles precisavam de um cúmplice, e este foi encontrado na pessoa de José Vitor, que, além de prometer comprar-lhes o ouro furtado

AMORES HISTÓRICOS

SOB a luz de um sol radioso, a catirze de outubro de 1822, Vitor Maria Hugo, no esplendor de seus vinte anos de idade, unia-se, pelos laços matrimoniais, em São Sulpício, com a linda Adélia Júlia Foucher, de dezenove anos.

Esse enlace realizava uma predição.

Havia vinte e cinco anos que o pai do genial poeta, que possuía a patente de major e fazia parte do Conselho de Guerra, ao servir de testemunha do casamento do seu amigo Pedro Foucher, dissera aos recém-casados:

— Tenham vocês uma filha, que terei um varão e casá-lo-emos. Bebo pois, à saúde dos futuros noivos!

E o marido nasceu sob os melhores auspícios. E, pouco depois, a esposa...



O grande jardim do vistoso convento que Madame Hugo havia alugado em 1808, foi o cenário dos primeiros encontros dos futuros noivos. Adélia ia para a casa de Hugo e este, seu irmão Paulo e ela, felizes e despreocupados, brincavam o dia todo.

A mocidade chegava na floração dos sonhos e, numa languida tarde de verão, Vitor e Adélia sentaram-se num banco sob frolidosos castanheiros, para ler um livro de viagens de Spallanzani. Súbito, um longo beijo interrompeu a deliciosa leitura... Foi um momento de êxtase... Dezesseis anos depois, o genial Hugo o evocava:

"Nossas cabeças se tocaram, nossos cabelos misturaram-se. As faces se encontraram numa carícia envolvente. Sem compreendermos, sentimos nossas bocas unidas, numa ebriedade. Havia, em plena tarde, fulgurantes estrelas no céu..."

Vitor Hugo, já célebre, certa vez diz:

— Viverei longe da glória, tendo, no entanto, por ela, o respeito que merece. Se chegar até mim, como mo predizem, não a terei esperado nem desejado, porque não tenho outra esperança nem outro desejo senão tu, minha Adélia!

Nas suas poesias, o titã, genuflexo, murmurava à criatura adorada: "Es tu, cujo olhar ilumina a minha noite sombria, tu cuja imagem resplandece sobre meus sonhos felizes; tu, a que me leva pela mão quando caminho por entre as sombras e os raios do sol vêm-me de teus olhos".

O primeiro filho expirou aos três meses de idade. No lar, que era um paraíso, a dor entrou impiedosamente. Mulher mãe e esposa admirável, Adélia quase enlouqueceu quando o segundo fruto do seu grande amor, a menina Leopoldina, sucumbiu trágicamente. O poeta buscou, nos versos, o lenitivo para o seu desespero recalcado.

Mas o destino é vário.

Outra mulher deslumbrou o poeta, cujo nome já era universalmente consagrado.

E deu-se o rompimento.

O romance do genial poeta francês e a meiga Adélia Júlia Foucher, tão estranhamente vaticinado, terminou dolorosamente e de modo humilhante para ambos.

E aquele beijo lírico sob os castanheiros em flor, na distância dos anos vividos e sentidos, ficou brilhando como uma estrela perdida na tarde daquelas duas vidas que as sombras da noite já envolviam...

(Conclui na página 118)

NÃO PROCURES

Não procures, no amor, essa ventura
que tanto almejas, em teu sonho vão...
Pois se a encontrares, nesta vida impura,
Perderás, fatalmente, o coração!...

E sofrerás de estranho mal, sem cura...
Mal que perturba o espírito e a razão,
num delírio febril de quem procura
alcançar as estrelas na amplidão!...

Não procures um bem que não se alcança...
Que é menos a ilusão de uma esperança
do que a desilusão de uma promessa...

E a angústia de esperar, que te devora,
não vale essa ventura que demora
numa vida que passa tão depressa...

Nelson de Araujo Lima

REBELDIA

Gosto dos vendavais, das tempestades;
Das cachoeiras em fúria, dos oceanos;
Amo os gestos viris e soberanos,
As rebeliões, as helicosidades!

Detesto os maus, os pérfidos tiranos
Que retardam o curso das Idades!
E aos réptis, aos vendilhões profanos,
Digo, bem alto, intrépidas verdades!

E, assim, como um eterno rebelado,
Me arrasto pela vida, maisinado
De um deus perverso, irônico, jocundo.

Não tendo a paz que envolve a humani-
Crendo sómente na felicidade,
Se um novo César reformasse o mundo!

Bahia de Vasconcelos

CARAVELAS

Lancei ao mar as minhas caravelas
— ligeiras náus das visionárias frotas,
para, vencendo a fúria das procelas,
levar meu sonho às plagas mais remotas.

Mas, temeroso pela sorte delas,
meu coração, nas asas das gaivotas,
seguindo, sem sossego, as brancas velas,
foi se arrastando, assim, nas mesmas
[rotas...

Os perigos que, aos nautas temerários,
podem surgir, nos maus itinerários,
deixam minha alma em grave desconforto:

Lutas de heróis, ataques de corsários,
Chorando, assisto, em prélíos tumultua-
rios,
sem ver, de volta, a frota entrar meu
[pórtol

Júlio Ribeiro

FRAGMENTOS DA POESIA
Nacional



Assensure

com POND'S
rigorosa limpeza
intra-cutânea

Para ostentar uma cutis

mais clara

mais alva

mais bela!

★ A limpeza *exterior* da pele é importantíssima para a beleza e suavidade da *cutis*; mas, mais importante ainda, é a limpeza *intra-cutânea* — a limpeza dos poros, através dos quais a epiderme respira, renova-se, vive! Assensure, pois, a limpeza *integral* de sua epiderme, com Cold Cream Pond's. Graças à sua poderosa ação dissolvente, o Cold Cream Pond's dissolve e remove completamente o sujo, os detritos, os resquícios de pele morta e as camadas envelhecidas de *make-up* que se depositam sobre

a epiderme. Pela ação ultra-penetrante de seus componentes, infiltra-se nos poros, assegurando rigorosa *limpeza da pele*. Adote este duplo tratamento Pond's e verá, deslumbrada, sua *cutis* se transformar rapidamente, tornando-se mais clara, mais alva, mais bela. Use o Cold Cream Pond's religiosamente, todas as manhãs. E, para obter suavidade e beleza *extra*, para sua *cutis*, aplique-o, também, à noite.

POND'S



PALSAGENS LOCAIS

O feijão está
queimando...



A MULHER

JUAN MONTALVE, insigne pensador equatoriano, opinava que o respeito à mulher não consiste no cego avassalamento aos seus caprichos ou à sua vontade. Afirmava que o seu império é inegável, mas que deve ser brando, porque a mulher pode mandar usando apenas de ternas insinuações e castigando somente com benignos sorrisos.

"Se nos deixássemos conduzir por ela — afirmava — seríamos menos desgraçados, porque é ela o melhor árbitro do que os homens. E mesmo sem ser o juiz das questões humanas, ninguém poderá negar o freio que ela representa aos disparatados impulsos do outro sexo".



O SEGRÊDO DA FELICIDADE

O CAMINHO que nos conduz à felicidade é o do trabalho.

Trabalhar com todo coração, com alegria, orgulhando-se do que faz e procurando realizar da melhor maneira possível.

Se cada um, desde o mais obscuro operário até o de maior responsabilidade, fizesse as coisas da melhor maneira possível; se cada um compreendesse que a verdadeira independência e a intangível dignidade é realizar com amor e dedicação a tarefa cotidiana, seja qual for, e que há em todas as funções igual nobreza; se cada um tivesse estas verdades profundamente gravadas no coração, sobre a terra existiriam paz e felicidade.



A ORIGEM DAS CABELEIRAS

AS CABELEIRAS, que os elegantes usaram durante tanto tempo, nos séculos passados, tiveram uma origem bem prosaica: tendo ido o imperador Carlos V a Roma, afim de ser coroado pelo Papa, foi ali atacado de uma doença do couro cabeludo, ou parasita, que o obrigou a raspar inteiramente o crânio. E para não se apresentar ante o Sumo Pontífice de queijo à mostra, cobriu-se com uma cabeleira postiça. Por servilismo, os seus cortesãos começaram imediatamente a fazer a mesma coisa, e logo a moda se espalhou a outras cortes, tornando-se uma nota elegante dos nossos longínquos avós.

A BATEDEIRA NÃO É TUDO...

diz a BENEDITA



...é preciso usar ingredientes que ajudem a tornar a massa fina e delicada!

Poupe tempo e energia, usando o Composto "A Patrôa", que já vem batido 2 vezes. Sua delicada textura facilita a liga da massa, tornando os quitutes mais crescidos, macios, de aparência tentadora e paladar delicioso!

É excelente, também, para frituras leves e digeríveis. Mas insista em obter o Composto "A Patrôa", único que traz a garantia do tradicional bom nome Swift!



BOLINHOS CORINTO

2 colheres bem cheias de Composto "A Patrôa" batido com 250 gr de açúcar 500 gr de farinha de trigo peneirada e, depois de bem misturada, 1 xícara de leite, 1 colherinha de bicarbonato de sódio, 1 ovo, noz moscada, canela e 250 gr de passas corinto. Assa-se em forminhas untadas com Composto "A Patrôa".

COMPOSTO

A Patrôa

PRODUTO DA Swift do Brasil

Que bom!
que bom!
que bom!
que é...





Página das Mães

★ MATERNIDADE ★

A MATERNIDADE hoje em dia não é mais um fato, pôde-se dizer que é um aborrecimento, em regra geral, no seio de muitas famílias burguesas. Em verdade, sabemos muito bem que as crianças é que pagam, a quase todo momento, a neurastenia, os aborrecimentos, as indisposições, o mau gênio das mães, vamos dizer mesmo, do pai e da mãe, que nisto um não se diferencia do outro. São ambos iguais.

Se a esposa briga com o marido por qualquer motivo sem importância, logo o esposo sai. E ela, abandonada em casa, se não resolve a imitá-lo, saindo também, permanece em casa num estado tal de nervos e irritabilidade, que a todo instante explode ou com os filhos ou com os criados. Geralmente com os filhos pequenos, que as criadas, agora, por dá-cá-aque-la-palha, pedem as contas, arrumam as trouxas, vão-se embora, batendo porta. Emprêgo não lhes falta, cada qual com maiores garantias e ordenados maiores. Estamos na época dos empregados, não dos empregadores. Como ia dizendo, as mães então descarregam nos filhos o recálque. E como eles não se podem defender, são as vítimas indefesas dessas injustiças absurdas.

Pois em verdade lhes digo, mães e pais de família: — eis aí um mal terrível, uma cruel impiedade com os inocentes. Vocês, oh, pais irritados, não sabem o que fazem. E só por esta inconsciência é que merecem um pouco de escusa, mas assim mesmo desde que queiram aceitar bons conselhos.

Advertimos-lhes que não devem ceder à irritação contra as crianças. Isto as põe inseguras, assustadas, timidas e sofredoras. Isto lhes torna a vida insuportável. Ao cabo, ficam com medo de tudo, acentua-lhes o sentimento de inferioridade, que é o fator mais decisivo de desânimo e insucesso na vida.

A timidez nos guris, além de outras causas, em geral de ordem fisiológica, advém do medo que

os pais lhes infundem. A lei é esta: — pais rigorosos, filhos assustados.

Ao par dêsses inconvenientes graves, é de notar ainda que a irritação, a aspereza com os filhos é pura crueldade, é até uma atitude criminosa. Criminosa porque gratuita, maléfica e sobretudo injusta.

Do ponto de vista moral, representa também uma fraquesa lamentável. Pois se uma mulher ou um homem não consegue dominar

os próprios nervos, como é que quer dominar as crianças? Uma exigência ridícula.

Vamos portanto romper com esses hábitos maus, vamos ter paciência com os filhos. Nós, os pais, somos afinal as únicas criaturas no mundo que têm obrigação de aturá-las e o dever de educá-las.

E gritar, esbravejar, demandar-se, é estúpido, e não adianta nada, ao contrário, traz resultados contraproducentes.



Criança não deve ser uma planta de estufa. Precisa habituar-se ao ar, ao calor e ao frio, tomando-se, no entanto, as precauções aconselháveis. Deve-se permitir que brinque com outras crianças de sua idade. O seu constante contacto com pessoas adultas não é conveniente. O criança enfastia-se e sofre com isso a sua alegria e até o seu moral.

Criada entre algodões e agasalhos, a criança está sempre predisposta a adoecer; a que goza do ar livre está menos exposta a doenças.

✱

As mães devem vigiar cautelosamente seus filhos, desde o início dos estudos, afim de que não trabalhem nunca em ambientes de pouca luz, pois a esta causa se devem muitas enfermidades da visão.

Outro costume nocivo, e que é aliás o de muitas crianças, é ler na cama, com iluminação quase sempre deficiente, que castiga implacavelmente os músculos dos olhos.

Tampouco devemos permitir às crianças que desenhem ou escrevam exageradamente recurvados sobre o papel. Este mau hábito traz, como consequência, a miopia.

✱

Um bebê, ao completar um ano, deve pesar, mais ou menos, nove quilos.

✱

Não é aconselhável às mães continuarem a anular todas as iniciativas das crianças maiores, banhando-as, levando-lhes a comida à boca e impedindo-lhes que o façam por si mesmas.

✱

Deve-se revolver a lã ou a pãina dos colchões pelo menos uma vez por ano. Evita que se tornem duros, constituindo medida de higiene.

✱

Boa medida para tirar das mãos o cheiro de cebola é lavá-las com água salgada.



CLAPAREDE assinala que os jogos infantis desempenham todos uma função psicológica ou fisiológica, e divide os jogos em três categorias: sensoriais, motores e psíquicos.

A corrida de sacos, que sugerimos hoje às mães para entretenimento da petizada, se inclui entre os jogos motores, isto é, os que se caracterizam pela atividade muscular e estabelecem a coordenação dos movimentos. Engatinhar, jogar bola, pular, pronunciar frases difíceis e jogar peteca significa movimento e, consequentemente, saúde.

A corrida de sacos é um jogo interessante. Todos nós sabemos que as brincadeiras ao ar livre são as mais aconselháveis e, desde que provoquem algazarras, merecem a preferência absoluta da garotada.

Para dar mais graça ao páreo, coloquemos no extremo da área em que se vai realizar o espetáculo, uma caixa contendo o prêmio ao vencedor, isto é, àquêle que, por meios lícitos, alcançar primeiro.

Cada concorrente entrará num saco cuja boca será presa por sólida tira de pano ou cordão na cintura. Os braços devem ficar livres...

O terreno da disputa deve estar limpo, sendo desaconselháveis as áreas cimentadas, e preferidas as gramadas.

O número de corredores deve ser relativo à largura da pista, afim de ser evitado atropêlo muitas vezes de consequências bem desagradáveis.

A corrida é, como sabem, engraçada, porém, mais gozada se tornará se à caixa do prêmio se amarrar, às escondidas, uma cordinha, para puxar no momento exato em que o vencedor, aos gritos, já estiver convicto de tê-la entre as mãos...

*

O LUXO DE HENRIQUE III

Conta Voltaire, numa das suas notas à *Henriade*, que o rei de França Henrique III (assassinado em 1 de agosto de 1589 por Jacques Clement) era tão dado aos excessos do luxo e da afetação, como a mais coquette das mulheres; dormia com luvas numa pele especialmente fina para conservar a beleza das mãos, que ele tinha mais bela do que nenhuma das damas da corte e untava o rosto com um preparado especial e sobre ele ainda colocava uma máscara de cera perfumada. Era tão exigente no seu vestuário como nos dos seus cortezãos, a ponto de uma vez expulsar do palácio um alto dignatário por se lhe ter apresentado com um colête mal abotoado.

O que tôdas as mulheres devem saber

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc. mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: — elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando **REGULADOR XAVIER** — o N. 1 ou o N. 2 — o N. 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O n. 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas, e suas consequências.

O REGULADOR XAVIER tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

HINTERLÂNDIA POÉTICA

DESCRENÇA

Pelo caminho aspérrimo da vida,
dentro da escuridão desta descrença,
buscando vou a Terra Prometida,
com a vida presa a esta miséria imensa.

A alma tão pecadora e já vencida,
é agora um negro véu que se me adensa
em cada grande falta cometida...
Mas que devo fazer para ter crença?

Se a dor, o sofrimento não se fina,
se a miséria me avilta a mocidade,
se a pura luz da Fé não me ilumina,

a vista lanço ao céu: nada aparece!
E imploro em vão a Deus felicidade,
mas Deus mesmo não ouve a minha prece.

Rodrigo Silva

BERÇO

No berço de rendas, tão lindo e pequeno,
que a mãe amorosa de leve balança,
ninando baixinho, num canto sereno,
— rosada e mimosa, dormita a criança.

Balança de leve, ninando baixinho,
a mãe amorosa, balança, balança...
Balança de leve, com todo o carinho,
o berço suspenso, num mar de bonança.

Dormiu. Então ela, feliz, num suspiro,
retém o balanço, retém... mal se atreve...
Contempla o filhinho que ri através
de sonhos ingênuos... — E foge de leve,
com o dedo nos lábios, no bico dos pés.

Oswaldo de Figueira

O SERTANEJO

A memória de Euclides da Cunha

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte".
Mal se crê que a "postura" "combatida",
Sua "fealdade típica" comporte
Uma "energia" apenas "adormida".

Nem há sorte pior que a sua sorte,
Na mesma "intercadência" repetida...
Este "Hercules-Quasimodo" do Norte,
O sertanejo, "é um condenado à vida".

O seu ar de "fraqueza", a lassitude,
"Esta aparência de cansaço ilude";
A "vaquejada", "as sêcas" são notórias...

Que "figura vulgar"! Como é "canhês"
[tro] — Antes de ser "titã", — e ágil, e destro
— Herói "de uma batalha sem vitórias"!

Sebastião Noronha





Surpreendente!

— suco de 8 VEGETAIS FRESCOS !

Seu paladar vai conhecer uma surpreendente delícia: — Cocktail V-8! Porém, não é só! Cocktail V-8 é um poderoso energético! Sua provisão diária de vitaminas e minerais dos mais apreciados vegetais frescos é indispensável... Pois bem, tal provisão está ao seu alcance, já pronta, pelo modo mais fácil, econômico e gostoso, graças ao Cocktail V-8! Complete e enriqueça a nutrição da família, com Cocktail V-8, que proporciona alegria, saúde e vitalidade a crianças e adultos! Tome gelado ou quente. Não contém água! Não contém álcool! Não é cozido! É pasteurizado para conservar todas as propriedades e sabor dos vegetais frescos!

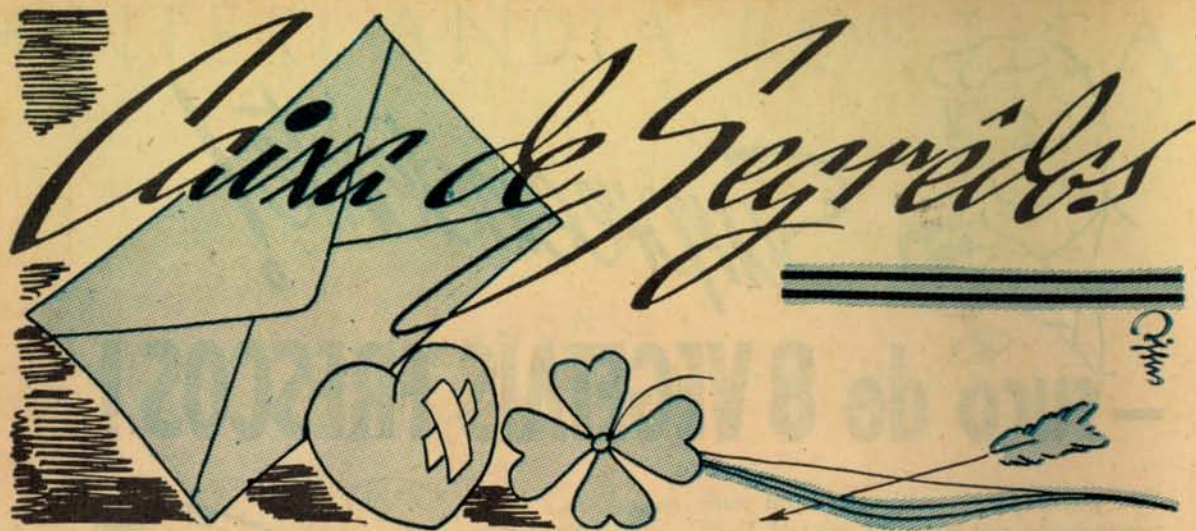
- ★ Tomates
- ★ Cenouras
- ★ Espinafres
- ★ Alface
- ★ Agrião
- ★ Aipo
- ★ Beterraba
- ★ Salsa



PRODUZIDO E ENLATADO
NOS ESTADOS UNIDOS
Preço bem moderado

Cocktail V-8

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. — RIO DE JANEIRO



• CONSUELO SAN MARTIN •



ções psicológicas.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Consuelo San Martin, "Caixa de Segredos" — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte.

*

J. F. S. — CACHOEIRA DE MACACOS — MINAS — Infelizmente não é possível atendê-la, senão por intermédio de ALTEROSA. Aqui estou, pois, para dizer-lhe sobre a sua prezada missiva.

Minha amiga: os seus receios são inteiramente infundados. O fato de gostar o seu namorado de bailes e outras diversões, não é motivo para um rompimento. Longe da família, longe da terra natal e, sobretudo, longe da moça que elegeu para sua companheira, é justo que procure alguma distração. Não é aconselhável que você, só por esse motivo vá desistir do rapaz. A menos que o não ame. Seja paciente. Aguarde a promessa que lhe foi feita e creia numa felicidade muito próxima.

MONJA TRISTE — CAPITAL — Não lhe dizia, Monja Triste, que muito breve você viria a realizar um sonho feliz?

Como estou contente com as

CAIXA DE SEGREDOS é uma seção permanente que esta revista oferece aos seus leitores desejosos de solucionar os seus problemas sentimentais, proporcionando-lhes conselhos sinceros e baseados na experiência e observação da existência humana, através das suas múltiplas manifesta-

suas notícias. Até a sua letra tomou um aspecto mais iluminado. Quanto às dificuldades que parecem surgir no seu caso tenho a dizer-lhe o seguinte: primeiro, que você deve ter paciência e esperar os dois meses de prazo. Que custa isso, em troca de uma felicidade integral? Segundo, que a diferença de idade entre vocês, não é motivo para receios. Quanto ao fato de ser ele filho único, não se alarme. Diz um psicólogo americano que os melhores esposos são os filhos únicos. Ter sido um pouco farrista não é, também, motivo para sobressaltos, principalmente em se tratando de um homem ainda muito moço e, portanto, capaz de modificar hábitos. Não acho que você deva exigir que o seu namorado frequente a sua casa, antes do tempo oportuno.

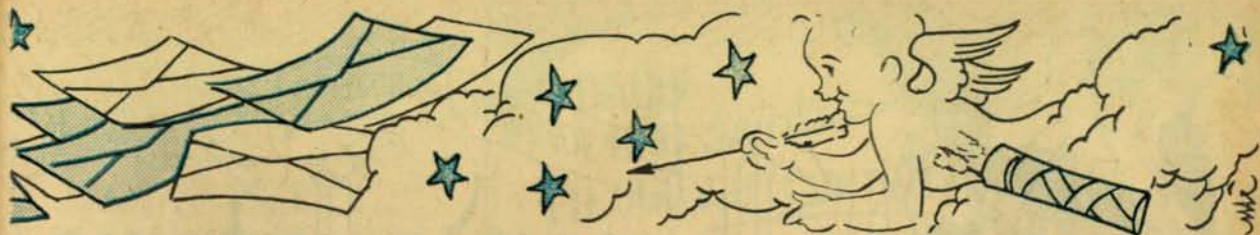
Orientando-se do modo acima exposto, acredito, muito breve, ter o prazer de felicitá-la pela realização do seu grande sonho.

PACIÊNCIA — MONTES — CLAROS — MINAS — Minha inteligente patricia. — Com o carinho que me merecem todas vocês, leio a sua prezada missiva. Analiso o seu problema e passo a comentá-lo.

Antes, porém, permita-me uma pergunta: por que fazem o seus parentes oposição ao casamento? Por acaso não é o seu afeiçoado, digno do seu amor?

Se não há um motivo sério para essa oposição, por que não toma você mesma todas as providências no sentido de realizar essa união? Não acho que você age acertadamente, pensando em abandonar a sua profissão. O que me ocorre, no momento, é aconselhá-la a escrever ao seu noivo, solicitando-lhe uma decisão sincera, no que diz respeito à vida dos dois. Não procure soluções violentas, minha querida. A sua mocidade e os seus dotes intelectuais merecem uma felicidade que já vem perto. Escreva dizendo-me do resultado obtido e creia nos meus votos muito sinceros pela realização do seu grande sonho.

MARLENE (?) — Minha boa amiga. A sua carta merece francos elogios. Nessa época de tanto desequilíbrio moral, é você uma exceção amável, com a sua conduta elegante e sensata. Não se arrependa do modo, pelo qual tratou ao seu ex-namorado. Se fôr um homem digno (tenha esse consolo), jamais conseguirá esquecê-la. A sua timidez, creio, é mais fruto da sua imaginação. O seu jeito



inteligente e claro de dizer as cousas, a maneira afável de tratar as pessoas, são indício indiscutível das ótimas qualidades sociais de que dispõe. O seu primeiro caso está resolvido. Não creia, contudo, que a felicidade se afastou do seu caminho. A nobreza dos seus sentimentos e das suas atitudes não poderá deixar de ser recompensada. E eu tenho a certeza de que, muito breve, receberei de você uma carta, confirmando as minhas previsões.

MARIA HELENA — DIAMANTINA — MINAS — Minha prezada desconhecida. Não sei se a minha resposta agradará à sua sensibilidade.

Conta-me você o seu fracasso amoroso e se considera a mais infeliz das mulheres, porque não é correspondida no seu afeto.

Na realidade, Maria Helena, o seu amor próprio deve estar sofrendo, com o que vem se passando com você. Mas, pense bem, minha amiga, não é muito melhor que essas incompreensões apareçam nesse período de namoro, quando o remédio existe e nenhum prejuízo experimenta você, a não ser um abalo sentimental? O fato de supor imensa a sua afeição pelo moço é mais uma questão de imaginação. Procure dominar-se. Se ele se afastou, sem que você desse motivos, para isso, não o procure. Deixe-o entregue aos seus caprichos. Se gostar de você, voltará. Se não, é melhor que se afaste do seu caminho. Moça como é, não lhe faltarão pretendentes dignos de seu afeto e da sua sensibilidade.

Lembre-se da velha quadrinha portuguesa que termina assim: "olha que o mundo é bem grande e não falta quem queira bem."

J. T. — MUZAMBINHO — MINAS — Infelizmente não é possível escrever-lhe diretamente. Vai, pois, aqui, a resposta da sua amável cartinha. Penso que você anda bem orientada, quando pretende terminar o seu curso, antes de casar-se. Uma moça mais instruída, será melhor companheira e melhor mãe. Procure, hábilmente, convencer ao seu noivo da sua deliberação e, na certeza, se gostar de você, não se oporá a este seu desejo, tão justo, quanto sensato. Se insiste em desfazer o compromisso só pelo motivo aludido, então não é uma pessoa digna do seu afeto, por quanto estaria, apenas, à mercê dos seus caprichos e de decisões razoáveis. Em todo o caso, pode você apresentar-lhe uma outra solução: terminar, depois de casada, os seus estudos. Que tal? A outra pergunta que me faz, não posso respondê-la porque foge à minha especialidade.

WALSON — STO. ANDRÉ — SÃO PAULO — Minha gentil desconhecida. — Pedeme, como tantas outras, um conselho. Fala-me que é muito moça e tem um amor, um grande amor na vida. Acrescenta que, com a energia de que dispõe, já conseguiu, com muito sacrifício, realizar-se no mundo intelectual. Surge-lhe agora um problema difícil de ordem sentimental e você ape-la para "Caixa de Segrêdos",

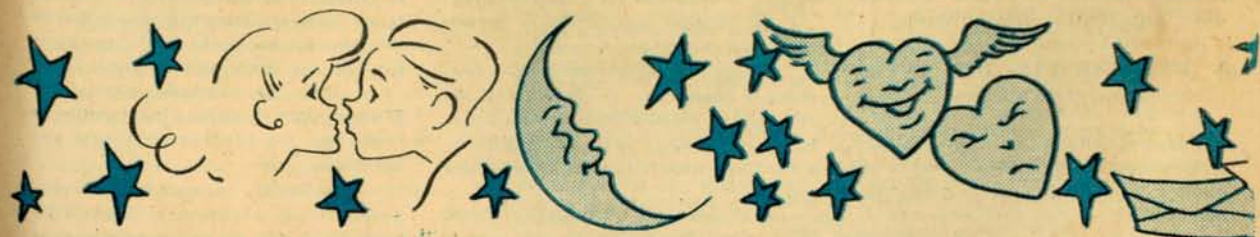
confiante numa solução satisfatória.

Minha jovem Walson, o amor de uma moça solteira por um homem casado, mesmo desquitado, é um erro. Condenamo a sociedade, em nome da moral, a Igreja, em nome de Deus e o bom senso, em nome da tranquilidade pública. Se no Brasil já houvesse divórcio, restar-lhe-ia a esperança de uma união legal. Na situação, porém, em que nos encontramos, seria uma loucura, alimentar um sentimento que levaria, fatalmente, a um rompimento com a família e com a sociedade em geral. Não sei se devo aconselhá-la à renúncia e, consequentemente, a ser infeliz.

Não sei se me assiste êsse direito. Mas, se você se sentir com forças para resistir a essa paixão, faça-o na certeza de que, além de evitar dissabores futuros, você crescerá ante os seus próprios olhos e viverá, serenamente, na contemplação do seu belo sacrifício.

CLEOPATRA — ITABIRA — MINAS — Minha amiga, antes de qualquer atitude é preciso que você se convença de que uma dose de serenidade não faz mal a ninguém. Não é nada sensato pensar uma moça em pôr termo à vida aos vinte anos, só porque brigou com o namorado. Não creio que êsse moço tenha se afastado de você, só por ter ouvido intrigas de terceiros. Não. Acho, sim, é que você deu inti-

(Conclui na página 124)





PAGANINI E O ALDEÃO

No dia imediato a um concerto em Leipzig, onde patenteara sua fama, foi Paganini, com o seu acompanhador, excursionar pelos arrabaldes da cidade. Perto de Rosenthal, encontrou um velho, pobre tendeiro com pretensões a artista, arranhando deploravelmente um violino. Ainda embebido pelo sucesso da véspera, Paganini pediu ao campônio lhe confiasse alguns instantes o instrumento; logo, afinou-o a rigor, fazendo ouvir as passagens, os arpejos, os trilos mais eletrizantes. Extasiado, o acompanhador perguntou então ao campônio, que escutara indiferente a magnífica execução:

— Que diz a isto, bom velho?

E o campônio, para quem os prodígios de Paganini não passavam, com certeza, de arcadas desafinadas, respondeu em tom complacente:

— Sofrível, senhor. Se o seu amigo estudar um pouco mais, poderá ainda fazer alguma coisa de aproveitável.

PERFÍDIA ACADEMICA

Saindo de uma sessão da Academia de Madrid, Ayala e Echegaray trocaram, casualmente, os respectivos chapéus de feltro. Ao cobrir-se Echegaray com o que tinha apanhado, notando, surpreendido, que lhe entrava até às orelhas, ouviu o confrade dizer-lhe sorridente:

— Vê?... Isto prova que eu tenho mais cabeça.

— Nada! replica Echegaray, no mesmo tom. — Prova, apenas, que tem muito mais chapéu...

A EXPERIÊNCIA DE ANTÍSTENES

Perguntando alguém ao filósofo Antístenes de que modo havia de chegar ao pé dos príncipes, respondeu-lhe:

— Como se chega ao fogo; nem tão perto para se queimar; nem tão longe para se arrefecer.

O BISPO E O CORTEZÃO

Filho de um simples fabricante de velas, Fléchès, bispo de Nîmes e célebre orador sacro, foi abordado por um fidalgo muito orgulhoso de seu nascimento, que se confessou surpreendido de vê-lo sair da tendinha do pai para elevar-se — o que lhe parecia milagre — à cadeira episcopal.

Foi esta a resposta do modesto prelado:

— Com tais sentimentos, senhor, é natural que, se tivésseis nascido em condição idêntica, ainda hoje estarieis fabricando velas.

ALEXANDRE E O POETA

Chérilo, poeta grego, tencionando fazer sua independência, escreveu uma epopéia das campanhas de Alexandre, o Grande, pedindo-lhe se dignasse ouvir-lhe o primeiro canto de seu poema. Embora não estimasse tal gênero de homenagem, acedeu Alexandre, ficando, porém, assentado que Chérilo receberia uma moeda de ouro a cada bom verso, e um pontapé a cada erro ou imperfeição. Valdoso, confiante no seu talento, o poeta procedeu à leitura. Ao terminá-la, felicitou-o Alexandre da seguinte maneira:

— Muito bem. Contei sete versos magníficos, e aqui estão sete moedas. Agora meus soldados vão te pagar os outros, conforme combinamos...

O EMBAIXADOR DO REI

Narrava Basompiérre, embaixador francês na Espanha, ao rei Henrique IV, sua entrada em Madrid, bordando-a de minúcias insignificantes.

— Imagine Vossa Majestade — disse — que eu fiz minha entrada na cidade montando o menor asno do mundo...

— Sim? — interrompeu-o, pérfido, o monarca. — Devia ser interessante o maior do mundo montado no menor que se conhece.

E Basompiérre, sem se dar por achado:

— E' que eu precisava fazer uma bela figura, pois ali estava justamente representando Vossa Majestade.

NATURAL

Representava-se em Paris, pela primeira vez, uma peça escrita de colaboração por uma senhora de alto nascimento profundamente católica e um jovem escritor judeu, cheio de esperanças.

Abel Hermant, no teatro entre os assistentes, falou, pérfido, a um grupo de amigos:

— A mim não admirará que da união dessa dama católica com um cavalheiro judeu nasça um "protestante": o público.

Assim sucedeu, com efeito; a peça foi valada logo ao iniciar-se o primeiro ato...

POR CAUSA DA CIÊNCIA

A esposa do professor Agassiz, famoso naturalista, estava certa manhã a calçar as botinas quando, soltando um grito de pavor, atraíu a atenção do sábio seu marido que, soerguendo-se dos traveseiros, pois estava ainda deitado, perguntou-lhe o que sucedia.

— Uma pequena cobra, que me saiu de dentro da botina! — respondeu amedrontada a senhora Agassiz.

— Só uma, minha querida! assustou-se por sua vez o professor saltando logo do leito. — Mas deviam ser três! Meti-as dentro das botinas para aí ficarem agasalhadas durante a noite, as pobrezinhas!

OUSADIA

Ante uma sociedade de homens de letras, vangloriava-se um dia o grande Frederico de ser ateu. E, como Armand Beauclair combatte acaloradamente semelhante heresia do soberano, este perguntou-lhe de certo modo irônico:

— Pois na verdade persiste o senhor, um homem inteligente e moderno, no agarrar-se a tais velharias!

— De certo, magestade — respondeu com afouteza o célebre literato — Nós do povo precisamos acreditar que haja um ser superior aos reis.

ADVOGADOS

Em controvérsia com um colega provinciano, o famoso advogado francês d'Ouriot interpelou-o à certa altura:

— Saiba o colega que estou a cavaleiro no Código.

E o da Província, com espírito:

— Pois olhe que deve ter muito cuidado. E' perigoso montar a gente em animais que desconhece...

FRANCOS OU LIVROS

Os artistas da Opera, convidados pelo Imperador Napoleão I, foram a uma festa no paço, e Chaptal, ministro do Interior, recebeu ordem de apresentá-los. Fê-lo enviando-lhes livros, ricamente encadernados.

Tempos depois, de novo receberam os artistas ordem de comparecer noutra festa imperial. Antes de ir, porém, Beaupré, célebre dançarino mais amigo do dinheiro que da glória, perguntou a Chaptal:

— E dessa vez, senhor ministro, pagam-nos em livros, ou em francos?

O AGOURO

Abdias, o Grande, caçando nos arredores de Neithení, pequeno burgo sito num estreito vale entre duas montanhas, encontrou certa manhã, ao romper d'alva um homem desmedidamente feio e disforme, a cuja vista seu cavalo espantou-se, cuspindo fora da sela o monarca persa, que teve a cabeça quebrada. Agarrado imediatamente, o pobre diabo, estando a ponto de ser ali mesmo justificado, rogou que lhe explicassem o seu crime.

— Teu crime — disse o rei — é a tua figura sinistra, a tua feia cara, primeiro objeto de mau agouro que eu vi logo pela manhã, ocasionando o desastre em que quase perdi a vida.

— Ai de mim, senhor! — exclamou o infeliz. — Dêsse modo, que nome darei à cara de Vossa Majestade, o primeiro objeto visto hoje pelos meus olhos e que vai ser a causa de minha morte?

A presença de espírito e o gracioso repente do homem abrandaram a cólera do príncipe, que mandou o soltassem, dando-lhe ainda dinheiro.

O VALOR DA VIDA

Aconselhado a largar o governo, por um grupo de amigos que lhe davam noticia duma conjuração maquinada contra ele, e vendo, acaso, no mesmo instante, um cozinheiro matar um boi de um golpe, Dionísio, o tirano, limitou-se a responder, alçando as espaldas:

— Fraca alfaia é a vida, senhores, para que a não arrisquemos por um Império!



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Rejuvenescimento pelas Glândulas

A velhice não é uma doença, é uma infelicidade. Com o correr dos anos, o nosso organismo vai deixando, aos poucos, de corresponder às exigências normais da vida. Nossas funções tornam-se irregulares; algumas mesmo deixam de existir. A existência, assim, é um sacrifício. Só a idade jovem nos permite viver alegremente. É por isso que a maior preocupação da Humanidade sempre foi a de conservar a juventude. Sabemos, hoje, que a regularidade de nossas funções depende essencialmente dos **hormônios**, substâncias produzidas pelas **glândulas** de secreção internas. Essas glândulas trabalham em perfeita harmonia e em estreita colaboração. Qualquer perturbação ou falha em uma delas provoca um desequilíbrio geral do organismo. Na idade avançada, ou por outro motivo, no moço, quando as **glândulas sexuais** são atingidas em sua vitalidade, a deficiência ou a falta dos **hormônios** correspondentes provocam, além de outros distúrbios, a perda da virilidade. Quando isso acontece, o recurso está em OKASA. OKASA é um

produto de alta reputação mundial e de eficácia comprovada no tratamento de todas as formas de insuficiência das glândulas sexuais, onde se acham associados os **hormônios sexuais** e as **vitaminas essenciais**. OKASA, restabelecendo a função sexual, rejuvenesce, revigora, e restitue a Alegria de Viver. OKASA é apresentado sob a forma de drágeas, fáceis de tomar e fabricado pelos famosos Laboratórios Hormopharma de Londres, de onde é diretamente importado. OKASA combate com sucesso todas as perturbações originadas pela insuficiência das glândulas sexuais tais como: fraqueza sexual, debilidade orgânica, senilidade precoce, fadiga, perda de memória, neurastenia, no homem; frigidez, irregularidades da menstruação, males da idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e enrugamento da cutis, na mulher. A venda nas boas Drogarias e Farmácias. Peça formula "Prata" para homem e formula "Ouro" para mulher.

Informações e pedidos ao Distr. Repres. Pac Ltda., Rua Guarani, 164-B. Horizonte

★ Arte Culinária ★

Aproxima-se a Quaresma, o ciclo histórico e religioso que evoca os magnos acontecimentos da antiguidade, período doloroso que criou para o mundo novas e luminosas diretrizes espirituais.

Os nossos sentimentos, profundamente cristãos, levam-nos, nesses dias melancólicos, ao recolhimento e à prece.

Para essa época de meditação, impõe-se uma alimentação especial em obediência à nossa tradicional formação religiosa.

Sugerimos, pois, aqui, os seguintes pratos que nos parecem adequados a esse período de abstinência:

PESCADA COM VINHO

Cozinha-se uma pescada grande com água, vinagre, vinho, sal, cebolas picadas, cravo da Índia e cenouras cortadas em rodela. Depois de bem cozido, deixa-se o peixe esfriar nesse molho. Escorre-se bem o peixe e coloca-se no centro de uma travessa. Ao molho juntam-se algumas folhas de gelatina já desmanchadas, num pouco de água fria e mais cem gramas de peixe batidas.

Leva-se ao fogo e retira-se quando abrir a fervura. Deixa-se desmanchar e passa-se este molho num guardanapo. Em seguida, vai para a geladeira e, quando estiver bem gelado, guarnece-se a travessa na qual se pôs o peixe.

PUDIM DE PEIXE

Toma-se um pedaço de peixe que pese 300 gramas, depois de tiradas as espinhas e peles. Depois de bem socado, passa-se por uma peneira, juntam-se três gemas e um ovo inteiro, depois 200 gramas de manteiga. Depois de trabalhar bem esta massa, vai se juntando pouco a pouco, continuando a mexer, meio litro de creme batido, nata fresca. Enche-se com essa mistura uma forma untada com manteiga. Põe-se dentro duma panela com água quente. Coloque-se a panela em fogo forte. Assim que a água ferver, cobre-se a vasilha e põe-se em fogo brando. Doze minutos depois destampa-se a panela e põe-se no forno para endurecer o pudim. Cinco minutos depois de retirada a fôrma do fogo, pode-se virar o pudim para um prato.

SOPA DE PEIXE

São necessárias duas sardas, duas tainhas, uma pescadinha, um pregado ou qualquer outro peixe. Cortem-se em rodela quatro batatas e três cebolas. Ponha-se a alourar na manteiga, com dois dentes de alho. Obtido esse resultado, juntem-se um copo de vinho e dois copos d'água a ferver. Tempere-se com sal e pimenta. Coza-se durante vinte minutos. Juntem-se os peixes e deixe-se ferver meia hora mais. Passe-se, depois, tudo pela peneira, sobre uma terrina guarnecida de fatias de pão.

Sirva-se o peixe à parte.

PUDIM DE BACALHAU

Põe-se de molho uma ou duas postas de bacalhau. Depois de algumas horas, parte-se tudo em lascas finas.

Faz-se um refogado com azeite e cebolas; coloca-se dentro o bacalhau cortado e mexe-se, juntando-se aos poucos mais azeite até que ele fique bem cozido.

Juntam-se, então, fora do fogo, para cada duas partes de bacalhau, uma de arroz já cozido e passado no espremedor. Tempere-se, amassa-se e juntam-se dois ovos.

Despeja-se numa fôrma e deixa-se assar no forno, coberto com queijo ralado.



-Faça Bolos!!!



...e “veja” os olhos de seus filhos!

Eles se iluminarão de alegria... E, assim, a senhora encontra a forma mais agradável de enriquecer a alimentação de seus filhos. Está comprovado! Vale a pena fazer bolos! E se pode ser a todo o momento, por que deixar somente para as grandes datas o prazer de proporcionar mais alegria aos seus filhinhos? Para garantia do êxito, utilize sempre o “Livro de Receitas Royal”, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

- a chave de mil e um pratos deliciosos!

PROD. DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

BÔLO RUBRO

5	colhs. (sopa) manteiga	4	colhs. (chá) Royal
2	chics. farinha peneirada	1 3/4	chics. açúcar
1	colh. (chá) sal	3/4	chic. cacau em pó
1 1/2	colhs. (chá) bicarbonato	1 1/4	chics. leite
		3	ovos
		1	colh. (chá) baunilha

Misture bem a manteiga com 1 chic. da farinha. Peneire 6 a 8 vezes o resto da farinha com os demais ingredientes secos. Junte-os aos poucos à primeira mistura, alternadamente com 1/2 chic. do leite e os ovos, um a um, batendo muito bem, depois o resto do leite e a baunilha. Ficará um tanto rala. Use formas rasas untadas. Forno regular, uns 30 minutos. Quando frio, aplique o seguinte recheio e glacê: sobre fogo baixo, dissolva 1 chic. açúcar em 1/2 chic. água. Deixe cozinhar lentamente até ponto de fio. Bata 1 clara em neve e derrame a calda devagar sobre a clara, batendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) Royal, 1/2 colh. (chá) essência e 1 chic. côco ralado; bata até ter consistência para ser espalhado. Cubra com côco ralado.



Pega hoje mesmo ao seu fornecedor um “Cartão-Royal”, que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso “Livro de Receitas Royal”. Se não encontrar o Cartão, escreva hoje mesmo para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.



Diferente!
Fascinante!

Cintilante

Uma nova criação
PEGGY SAGE! Contém um
mágico ingrediente que fará
suas unhas cintilarem como
jóias coloridas. Acrescente
à beleza de suas mãos
o brilho estranho deste
esmalte *diferente!*

Tons cintilantes:

VICTORIAN ROSE
DARK FIRE - PSYCHE PINK
HEARTBREAK PINK
GINGER TEA



★ TENDÊNCIAS DA MODA ★

EVIDENTEMENTE, entre os gêneros de sua melhor indumentária, a mulher moderna tem preferência especial pelo "tailleur". E talvez essa preferência seja oriunda da hora febril de reivindicações que atravessamos: a mulher demonstra, até no vestuário, o seu invencível desejo de estar sempre próxima do sexo oposto...

Mas, o que é interessante obser-

var é a vitória da graça feminina sobre as linhas algo masculinizantes do "tailleur": adquire um donaire especial, que fascina.

O "tailleur" ligeiro, muito em voga, aliás, confeccionado por costureiras hábeis, renova o "tailleur" clássico — gênero alfaiate, introduzindo-lhe a graça de fantazias originais como o feitio dos bolsos, ora redondos, ora franzidos, estufados ou em forma de interessantes sacolas. Substitui-se a gola masculina por golas guarnecidas de festões ou pelas golas singelas que abotoam até o pescoço e ocultam, sob os paletós, a leve blusa branca ou de cor. De tais originais modificações resultam verdadeiras "jaquettes" brancas de sugestiva apresentação, com a pronunciada tendência de se fecharem verticalmente, sem o clássico cruza-

mento de abas do paletó masculino.

São também moderníssimos os "tailleurs" sem gola, como o que apresentamos, confeccionado em linho, muito próprio para a estação atual, ao qual se adaptam, maravilhosamente, leve chapéu de palha, luvas de pelica brancas e, para imprimir ao conjunto rara nota de originalidade e colorido, sapatos e bolsa de crocodilo com fechos dourados, que estão muito em moda.

Afigura-se-nos também interessante, pelo parentesco próximo com o "tailleur" ligeiro, é o "man-teau-tailleur", que segue ao primeiro na evolução de seu tipo e de suas linhas. Aparece este, às vezes, acentuadamente masculino, outras vezes, porém, ostenta um alegre meio cinto nas costas, além de lapela e gola estreitas, permitindo abotoar bem próximo ao pescoço. Acompanham esse tipo de "tailleur", mais pesado e solene — próprio para as nossas tardes duvidosas — as tradicionais luvas de pelica, de rara elegância e distinção.

Alia, assim, a mulher moderna, à leveza de suas linhas, o apuro do talhe masculino que, às vezes, lhe empresta envolvente e indefinível encanto...



Fabio-

MODELO DO MÊS



DEANA DURBIN, a
querida estrela da
Universal, num fas-
cinante modelo para
o encanto de nossas
leitoras.



SUSANA FOSTER, a loura estrela da Universal, exhibe uma linda toalete cuja nota original é a blusa em seda leve, com o peito branco e as mangas negras, combinando com a saia.

MODELOS EM VOGA





Cinema tem sido, de algum tempo para cá, o absoluto ditador da moda feminina. A América do Norte, através da sua arte maravilhosa, arrebatou o cetro que Paris empunhava, triunfante, inspirando toaletes e nos mandando em seus figurinos um pouco da graça da mulher parisiense. Hoje, conquanto Paris renasça para a elegância, após uma guerra dolorosa, a América impera, sem dúvida, proporcionando figurinos animados cujos modelos constituem o deslumbramento das criaturas elegantes...

Na fotografia ao alto, Merle Oberon, a magnífica estrela da Universal, está realmente maravilhosa na moderníssima toailete com que aparecerá num próximo filme. Ao lado, a trêfega Betti Hutton veste um admirável conjunto em linho branco.



Um modelo
de distinção

ELZA MAXWELL coloca Irene Dunne no primeiro lugar da sua lista das dez maiores damas do mundo contemporâneo. E enquanto muita controvérsia anda por aí a respeito das outras nove, nem uma só voz se levanta para discutir o "direito de conquista" de Miss Dunne.

Realmente Irene Dunne é uma comediante sem par. Nenhuma outra estrela a ultrapassou na dignidade com que sempre exerceu a sua profissão. Agora mesmo, nessa esplêndida comédia romântica "Passaram-se os Anos" que a Colúmbia nos vai deliciar, Irene atinge à sua mais perfeita "forma" sem a menor ruga na elegância do seu "role".

Irene Dunne nasceu no velho Kentucky, em Louisville, numa aristocrática mansão colonial. Foi num dia 20 de dezembro. Lá viveu até à sua juventude, quando se transferiu para Chicago para cursar o Chicago Musical College. Fez um curso brilhantíssimo, graduando-se com "Honors and Diamonds". Seguiu depois para Nova York, onde a sua linda voz arrasou-a para o palco. Estrelou algumas comédias musicadas, entre as quais "Clinging Vine". O célebre Florenz Ziegfeld viu-a e não mais sossegou enquanto não pôde contratá-la. Fez-la então estreiar na Broadway naquele inesquecível "Show Boat", que Irene mesmo havia de estelar alguns anos depois no cinema e que vimos aqui com o nome de "Magnólia".

Os produtores de Hollywood passaram então a namorar a estrela de Ziegfeld. Até que um dia a "roubaram" e ei-la na Meca do Cinema. Deram-lhe primeiro um pequeno papel num filme intitulado "Present Arms" e logo em seguida estreou "Cimarron", até hoje considerado um dos clássicos do cinema. Esse filme tornou-a, do dia para a noite, um dos ídolos do público no mundo inteiro e, desde então, Irene Dunne soube manter esse prestígio dando-nos filmes inesquecíveis, como "A Esquina do Pecado", "Duas Vidas", "Serenata Prateada", "Os Pecados de Theodora", "Cupido é Moleque Teimoso", "E o Amor Voltou" e tantos outros que o fã guarda fielmente na memória.

Em sua vida particular Irene Dunne diz que é apenas a feliz esposa do Dr. Francis Griffin, de

Nova York, com quem se casou no dia 16 de julho de 1927. No princípio do casamento eles viveram algum tempo separados, visto que Irene tinha de permanecer em Hollywood e o doutor estava prêso a Nova York pelos

seus afazeres. Mas logo Griffin mudou-se definitivamente para a Califórnia e desde então nunca mais se separaram.

Irene Dunne diz que a coisa que mais a embarça neste mundo é alguém fazer menção a tal

lista de Elza Maxwell, aquela em que ela, Irene, aparece em primeiro lugar entre as dez mais distintas damas de hoje. E a gente fica pensando — por que êsse embarço? Pois isso é apenas a verdade, não?



Irene Dunne, da Colúmbia, cuja beleza outonal torna ainda mais requintada a sua distinção pessoal.



ELLA RAINES, a sugestiva estreia da Universal, ostentando um bellissimo pijama em cetim cristal sem golas e com mangas largas e compridas. Observe-se o originalissimo cinto confeccionado com lantejoulas e pedras.





A pesar da enorme procura,  a produção

das Meias LOBO não pode atualmente ser aumentada. Isto

porque os seus fabricantes continuam dedicando todos os

seus esforços à



tarefa de produzir as melhores

meias que é possível obter no momento.



Portanto, quando adquirir Meias LOBO, limite-se a comprar



sòmente o necessário, para que maior número de

consumidores possa ser servido.

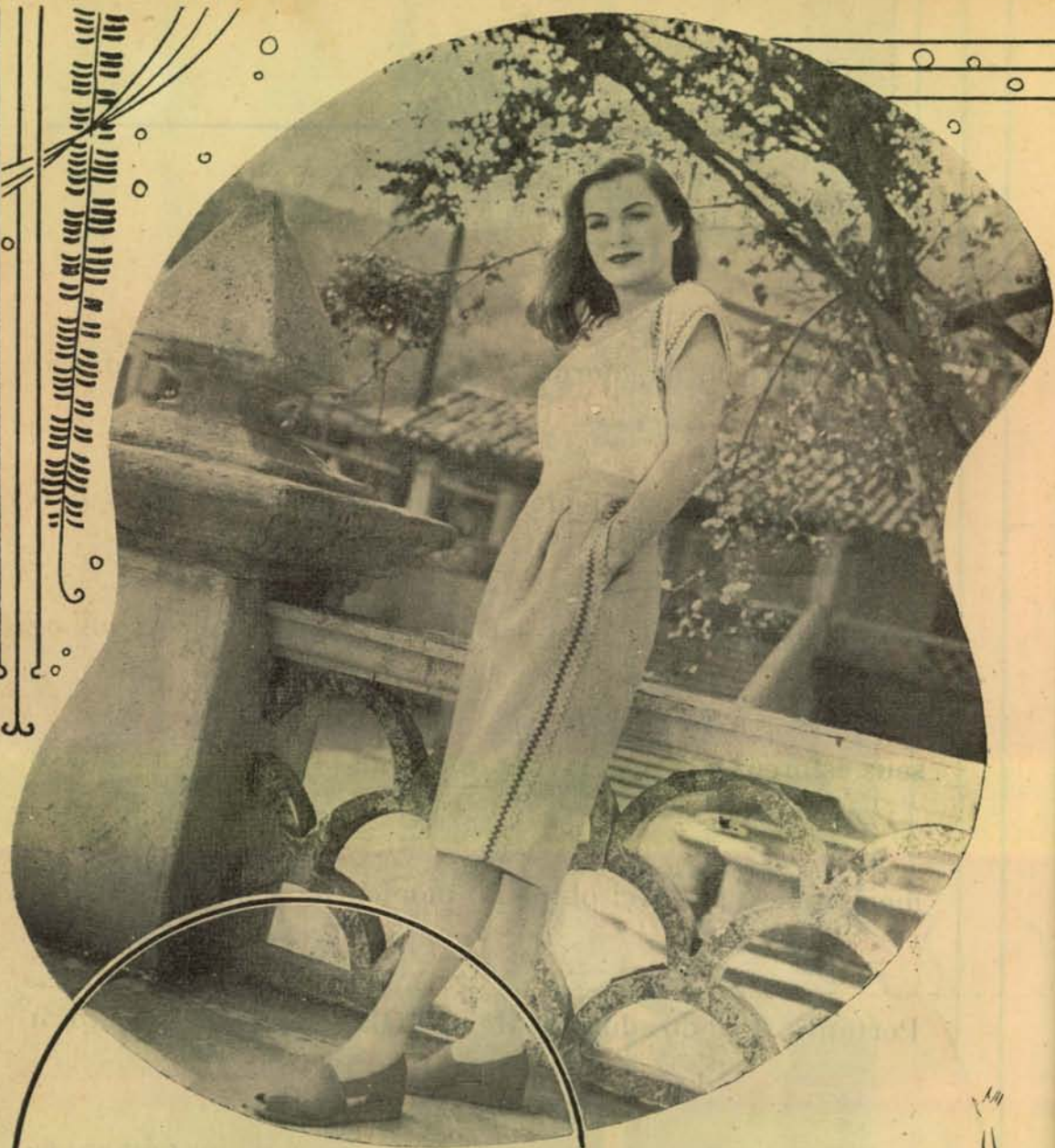


Meias

Lobo

UM PRODUTO DA
FÁBRICA LUPO

Standard Propaganda



ELLA RAINES, a bela e grande artista da Universal, nos apresenta esta encantadora sugestão: um modelo esportivo simples mas bem interessante, a que enfeites laterais emprestam uma nota aristocrática.

A beleza do talhe e simplicidade do conjunto, se alia, evidentemente, o bom gosto com que foram feitas as aplicações.



Esportivos

Para as tardes quentes de nossa terra, nada mais agradável às jovens que um vestido em linho branco a cuja simplicidade se alie a característica esportiva do talhe.

Mocidade é esportividade e alegria, como nos sugere este lindo e original modelo que a bela IVONE DE CARLO, a mais recente aquisição da Universal, apresenta à admiração de suas fans brasileiras.

Vêmo-la, aqui, à porta de sua residência de verão, em Hollywood, descansando da filmagem de "Salomé", a sua estréia no cinema.





*Sinceramente,
Paul Muni*

Para o seu
Album

PAUL MUNI, o notável artista cujo esplêndido desempenho em "A Noite Sonhamos", da Colúmbia, mais o impôs à admiração pública.

Seja moderna — use Modess !

— **MODESS é mais higiênico, mais cômodo,
mais seguro, mais discreto.**



MODESS é mais higiênico, porque cada absorvente é utilizado apenas uma vez. É mais cômodo, porque é macio como uma pluma — não irrita. É mais seguro, porque possui extraordinário poder absorvente e face impermeável que elimina situações embaraçosas. É mais dis-

creto, porque é invisível mesmo sob os vestidos mais justos. É econômico, porque cada caixa contém 12 absorventes. É fácil de adquirir, porque basta pedir Modess. E todas estas vantagens, porque Modess foi planejado ponto por ponto para seu conforto, segurança e conveniência!

Veja porque MODESS é diferente!



1. A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!



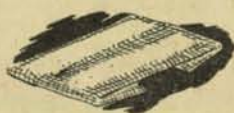
2. Três camadas de papel impermeável protegem por fora o enchimento e evitam, por completo, o perigo de nódoas na roupa!



3. Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macias, que evitam que o fluido se espalhe!



4. Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!



5. Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!



6. Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!

★ PRODUTO DA JOHNSON & JOHNSON

Amostra Grátis:

Envie-nos Cr.\$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve Saber"
CAIXA POSTAL 152 - BELO HORIZONTE 4- YY - 246

NOME..... RUA.....

CIDADE..... ESTADO.....

N. B. - Este cupom e a importância de Cr. \$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados.



J. W. T.

A MULHER e o perfume

O PERFUME, definiu-o um poeta, é a alma da matéria inanimada. "É uma forma espiritual de ser átomo. A flor que perde o seu perfume, é uma flor que se torna cadáver. As dalias não são menos belas que as rosas, mas são mortas porque não têm perfume. O que faz a glória dos cravos não é a forma de sua corola, mas a fragrância do seu odor. A violeta poderia ser roxa toda uma eternidade se não tivesse esse perfume tímido que marca a sua personalidade e a sua aristocracia no reino das flores... Dai a paixão das mulheres pelos perfumes..."

O poeta tem razão, mas talvez ignore a ciência sutil que constitui a criação dessa harmonia que deve existir entre o perfume escolhido e o tipo da criatura que vai usá-lo. E, por não possuir essa ciência, é que temos visto tantas rosas com perfumes de violeta e tantas dalias que, na primavera da vida, bem poderiam ser rosas...

Escolher acertadamente um perfume — já o disse um famoso especialista — é bem mais difícil que decidir-se por um creme, um *baton* ou um *hom rouge*. Por quê? Porque nem sempre se concede a uma essência a importância que ela tem, tanto para o realce da maquiagem, como para definir um tipo feminino. Assim, é muito comum encontrarmos lindas mulheres imprópriamente perfumadas, isto é, que escolheram perfumes em completa desarmonia com o seu físico, com a ocasião e ambiente em que o usam, e até com a sua idade.

As loiras devem escolher um perfume diferente do que se harmoniza com as morenas, e vice-versa. Não importa que coincidam, às vezes, em um gosto determinado; mas, do ponto de vista do embelezamento estético, cada uma deve escolher um perfume, ou melhor, o seu perfume. Não há, como pode parecer, exagero na recomendação de três perfumes distintos para outras tantas ocasiões. Exemplo: para as atividades esportivas, para o dia e para a noite.

A finalidade do perfume, como toda criatura de bom gosto sabe, não é atrair a atenção, vivamente, mas sim a de conferir encanto, dar espiritualidade à beleza física. As jovens tem, nas fragrâncias florais, uma variedade estonteante, cada qual mais agradável, começando pela conhecida água de lavanda. Há aromas sugestivos, combinações esquisitas, que dão vigor à personalidade; são como eflúvios misteriosos, produtos, na maioria dos casos, de uma infinidade de misturas. Estas essências complicadas somente devem ser usadas pelas morenas e pelas senhoras, pois nas loiras e nas mocinhas de pouca idade, despessoalizam, envelhecendo-as.

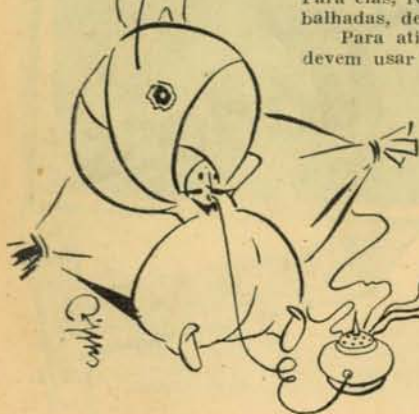
Perfumar-se exageradamente constitui deslegância que tende ao ridículo, quer se trate de jovens ou senhoras. A sobriedade dá, sempre, um realce que o exagero, ao contrário, empana. Essas ondas de perfume ativo que certas pessoas deixam após sua passagem, não constituem, absolutamente, uma nota elegante. A escolha de um perfume que contrasta com o físico, pode servir para chamar a atenção, mas, evidentemente, é desagradável e de muito pouca elegância. Uma fricção, após o banho, constitui um meio magnífico de perfumar-se, sendo, além disso, notoriamente higiênico, de vez que provoca uma reação completa no organismo, acelerando a circulação superficial.

Cada perfume para cada tipo. Aconselhamos, pois, às loiras de cutis branca e cabelos louro-platinado, albinas ou louro-claro, conseguidas com preparados à base de água oxigenada, — escolherem essências que ponham em relevo sua feminilidade, como os extratos à base de jasmim, de rosas, de heliotrópio e, por extensão, todos os perfumes florais vigorizados pelo âmbar e seus derivados.

Um célebre perfumista francês classificou, recentemente, entre as morenas, as mulheres de cutis rosada, as de cabelos castanhos e, por extensão, as de cabelos louros muito escuros. Para elas, recomendou os perfumes secos, na grande maioria à base de essências muito trabalhadas, de chipre e almíscar, que poucas vezes contêm fragrâncias florais.

Para atividades esportivas, passeios, excursões, etc., aconselhou o referido perfumista, devem usar muito pouco perfume. As pessoas que trabalham em escritórios comerciais devem perfumar-se, também, moderadamente. Para uma festa, um baile, um banquete ou uma sessão de teatro, o limite será aquele que o bom gosto e a discrição impõem.

Perfumar-se, todo mundo se perfuma. Saber perfumar-se, no entanto, constitui uma arte delicada de que nem todas as criaturas que se julgam elegantes são possuidoras...





JUNE ALLYSON, a nova e encantadora estrela da Metro, que nos deliciou com o seu magnífico desempenho em "Duas Garotas e Um Marujo" e convenceu-nos que realmente possui talento em "Musica para milhões".

Criatura simples, temperamento folgazão de moça moderna, JUNE ALLYSON possui, no entanto, o gosto requintado de uma dama experiente na escolha de uma toalete e do perfume próprio para cada momento.

Vêmo-la aqui numa das suas mais recentes fotografias, irradiante de graça para o encantamento dos nossos olhos que já se habituaram a admirá-la em películas a que sua linda figura torna ainda mais interessantes...



Srta. Vanda Vieira, da sociedade da Capital



Srta. Suzana Cortez, da sociedade da Capital



Srta. Isolda Garcia de Paiva, da sociedade da Capital



Srta. Elizabeth Ferreira, da sociedade da Capital



Srta. Lucrécia Soares, da sociedade de Teófilo Otoni

Senhoritas



Frescôr
para seu hálito...

Beleza **para seu sorriso...**

Na espuma abundante e perfumada do Creme Dental Gessy, encontrará a solução para os dois pontos básicos de seu sorriso: dentes alvos, limpos, sedutores e um hálito fresco, agradável e puro. Assegurando rigorosa higiene da boca, combatendo as cáries, a fermentação e o excesso de acidez, Gessy é a segura proteção de seu lindo sorriso.



**A ESPUMA GOSTOSA
QUE CLAREIA OS DENTES!**



Óleo Palmolive

APRESENTA

o penteado do mês



Creação do famoso
cabeleireiro

Acessato



Este maravilhoso penteado de Acessato inspira-se no estilo clássico. Muitos cabeleireiros famosos recomendam o Óleo Palmolive para manter a permanente e conservar os cabelos com mais brilho, mais suavidade e fáceis de pentear. O fino Óleo Palmolive, tão bom para dar vida e beleza à permanente, é naturalmente maravilhoso também para conservar a ondulação mais perfeita, melhor conservada e atraente. Óleo Palmolive garante estes resultados porque é feito de óleos minerais super-refinados, importados dos Estados Unidos. Comece hoje mesmo a usar o Óleo Palmolive para o seu penteado e adquira nova e fascinante beleza para os seus cabelos.



Palmolive

AMACIA E
PERFUMA OS CABELOS

SUGESTÕES PARA

IVETE

★ A PELE ★



A PELE deve merecer da mulher que é verdadeiramente ciosa de sua beleza, um permanente cuidado, com atenção que nenhum motivo deve perturbar, sob pena de desgostos profundos.

A mulher deve, portanto, envidar todos os seus esforços para conservar-se jovem e bela e, em todas as idades, deve aparecer sempre bem preparada e com distinção.

E' lógico que o preparo do rosto depende da idade, precisando, conforme seja ela (ou conforme a que se aparenta ter) ser discreto, preservando sempre o seu encanto característico.

Para manter a pele sempre fresca e bonita faz-se mister possuir muita força de vontade. Quer um exemplo? Af o tem: ao retornar, de madrugada, exausta e às vezes contrariada, de um baile que a não alegrou, ou de um cassino, você terá que retirar a maquiagem e preparar convenientemente a pele, pois, levando em consideração os prejuízos que a preguiça ou a negligência poderão causar, à sua cutis, compreenderá o valor de quinze minutos de dedicação, que em nada podem prejudicar o seu sono.

Eis um método eficaz para essas ocasiões: passe sobre a pele uma boa camada de óleo de oliva, fazendo uma massagem rotativa. Em seguida, com um pano fino ou papel de seda, retire essa camada, demaquiando-se. Depois, passe outra camada para ser absorvida pela sua pele durante o sono. A manteiga dá ótimo resultado e inúmeras pessoas lhe dão preferência.

Há uma combinação muito simples e de efeitos seguros para amaciar a pele, torná-la sedosa e louca. E' a seguinte: colocam-se num potezinho de louça duas colheres das de sopa de óleo de amêndoa doce, junta-se um tablete de manteiga de cacau e leva-se ao banho-maria para derreter. Mistura-se bem e, ao retirar do fogo, adicionam-se três ou quatro gotas de essência de benjoim e deixa-se esfriar. Após demaquiarse, passe este preparado sobre a pele e verá como se torna aveludada e rejuvenescida.

Estando o rosto seco, põe-se o rouge gorduroso nas maçãs do rosto. Quanto mais avançada for a idade, mais alto ele deve ficar, clareando-o habilmente até a base do rosto. São os olhos que devem chamar a atenção e não a parte baixa da fisionomia. O pó de arroz deve ser usado sem excesso e de preferência numa tonalidade mais escura que o natural. As sobancelhas devem ser alargadas, porém pouco acentuadas. Os cosméticos pronunciados envelhecem muito. Por isso, o sombreado das pálpebras deve ser bem leve.

A SUA BELEZA

MARION

★ O "ROUGE" ★

O ESTUDO do emprêgo

do "rouge" é detalhe essencial à beleza fisiológica, pois o seu uso já se tornou generalizado, constituindo, mesmo, atualmente, uma necessidade para a mulher que deseja sempre seguir a moda. Não o usar hoje em dia é chamar a atenção sobre si. E, embora seja o "rouge" uma coisa usual, cotidiana, inúmeras são as moças e senhoras que não o sabem usar, amontoando-o, até, sobre determinado ponto das faces em rodé-las, o que se torna ridículo e anti-estético.



A cor do "rouge" deve ser sempre escolhida atentando-se no tom da pele. Outra questão que merece atenção, porque é importante, é a consistência do "rouge" a ser usado. Algumas mulheres preferem-no seco, em tabletes, enquanto outras o preferem em pasta, gorduroso. É inegável que o último adere muito mais, sendo recomendado, portanto, para as moças que trabalham fora e têm que passar o dia inteiro pintadas. Para as que têm a pele muito gordurosa é aconselhado o emprêgo do "rouge" líquido, que possui a vantagem de não empastar.

Para as criaturas que usam o "rouge" oleoso, são necessários alguns conselhos especiais. Tira-se um pouquinho do pote, coloca-se na palma da mão esquerda e com o dedo médio da direita vai-se retirando e passando com cuidado na face, de forma a ficar bem espalhado.

Quanto ao "rouge" seco, deve ser usado em cima do pó de arroz.

Quanto ao processo da aplicação do "rouge", deve-se atentar na conformação do rosto.

Rosto oval, quase comprido, nariz longo — "rouge" bem no alto, logo abaixo das pálpebras, espalhando-o até à nascente do cabelo.

Rosto largo, de maçãs proeminentes, colocar o "rouge" mais perto do nariz, espalhando-o para baixo.

Rosto regular, — mais ou menos espalhado, nem muito no alto, nem para a boca.

Finalmente, resumindo, estabeleçamos seis itens para o emprêgo do "rouge":

1.º — Para as morenas bronzeadas — muito pouco "rouge"; as claras podem aumentar o colorido, sem exagero;

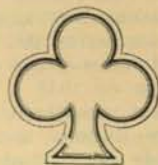
2.º — Passar o "rouge" no rosto, tendo o cuidado de distribuí-lo.

3.º — Passar em seguida o pó de arroz;

4.º — De manhã pintar-se menos que à noite;

5.º — Se o "rouge" for seco, passar primeiramente o pó de arroz;

6.º — O baton deve sempre combinar com o colorido do rosto.



Sua amiga receberá carinhosamente
uma sugestão para sua elegância.
Conte-lhe o segredo da distinção contido
na lingerie Valisère, tecido indesmalhável
e corte individual rigoroso.

LINGERIE
Valisère
CONTACTO QUE É UMA CARICIA

PANAM — Casa de Amigos

QUANDO a Polícia, finalmente, conseguiu capturar o "Ladrão Fantasma", mal podia acreditar no que tinha diante dos olhos. O homem que havia arrombado 403 dormitórios de mulher e realizado saltos mortais para neles penetrar era uma estroplada vítima da paralisia infantil.

Joalheria barata, pom-pons de pó-de-arroz, lenços finos e, mesmo cartas de amor, foram seus roubos confessados. Disse ele que sabia estar procedendo mal, mas não podia conter-se; as coisas que ele roubava davam-lhe uma sensação de plenitude que, de outro modo, não podia atingir. E porque conhecia a diferença entre o direito e o errado, tão bem como a natureza de seus atos — "test" padrão da sanidade mental em 29 Estados da União — a atenuante de insanidade não pôde lhe ser reconhecida. O júri julgou-o culpado e enviou-o a Sing-Sing.

Todavia, não era um ladrão vulgar. Era um enfermo, era um cleptômano. Necessitava tratamento psiquiátrico e não castigo. Por uma sorte rara teve o tratamento. E' que foi posto sob os cuidados do dr. Ralph S. Banay, psiquiatra-chefe da prisão de Sing Sing de 1940 a 1943 e agora diretor associado de pesquisas sobre desvios sociais da Universidade de Colúmbia.

No curso de muitos interrogatórios, o dr. Banay descobriu porque aquele homem era cleptômano. Havia ela contraído paralisia infantil quando rapaz e fôra, então, incapaz de competir com os companheiros. Para piorar a questão, tinha uma irmã de compleição atlética que provocava um constante contraste com sua inhabilidade. Uma vez que seus pais não se esforçaram em guiá-lo para objetivos em que pudesse se avantajá-lo, cresceu nutrido suas aflições. Então sentiu que era desagradável às mulheres.

Numa confusa tentativa de auto-afirmação, penetrou na senda do crime. Suas ginásticas para roubar davam-lhe a sensação do domínio físico. A baratas bugangas femininas que roubava eram substitutivos para o amor que lhe era negado.

O dr. Banay fé-lo compreender a conexão entre as decepções de sua infância e sua con-

duto de adulto. E a compreensão é, quase sempre, meia batalha ganha no rumo da cura. Uma vez compreendido que os atos frustos de sua infância tinham produzido sua determinação de roubar, começou ele a encarar meios normais para realizar seus desejos.

O dr. Banay acredita que seu paciente está agora inteiramente ajustado à sociedade. Mas não tem este a "chance" de prová-lo. O "Ladrão Fantasma" está ainda servindo sob o regime de prisão.

Nem todos os cleptômanos têm tal fado. Cinco anos atrás, um próspero clérigo foi mandado a juízo como um comum ladrão de automóveis. Seu advogado argumentou que nenhum ladrão de automóvel possuía automóvel nem podia comprar outro, se precisasse; logo seu constituinte era, obviamente, um desequilibrado. Mas o clérigo estava mentalmente sã no sentido legal e, ademais, era reu confesso. Afortunadamente, o juiz sentenciou internamento em sanatório de doenças mentais. Um ano após dei-

xava o estabelecimento, apto a retomar seu lugar na sociedade. Hoje é nacionalmente conhecido sob novo nome, ganha um salário de cinco algarismos, e tem um incansável talento para ajudar os necessitados.

A descoberta do que causava sua cleptomania foi como meia cura. Ele havia, inconscientemente se desgostado com a carreira que abraçara e abraçara só porque sua admirável congregação satisfazia seus anseios de aprovação, os quais lhe tinham sido, desde criança, exagerados por uma mãe sumamente rigorosa. Seus anseios foram mais tarde agravados pela esposa, a qual constantemente acusava-o de faltas, como marido.

Divórcio e confissão de sua duplicidade religiosa teriam sido o meio óbvio de libertação, mas não ousou atingi-los. Roubando automóveis ele satisfazia secreto desejo de ser um homem cruel sem ter de admiti-lo publicamente ou, mesmo, a si próprio. Uma vez que compreendeu e aceitou seus conflitos interiores, estava apto à própria reabilitação.



Cleptomania



De "Coronet"

Os médicos reconhecem a cleptomania pelo que é: — um sinal de enfermidade comparável à piromania e à mentira patológica. A cleptomania não é doença e, sim, um sintoma. Os distúrbios que são conhecidos como causa da cleptomania (ou roubo impulsivo, como é propriamente chamado nos casos mais abrangentes), provêm de irregularidades fisiológicas: desordens cerebrais semelhantes à epilepsia, parésia, fraqueza mental e conflito mental agudo.

Numerosos detetives e legistas-psiquiatras acreditam que muito do roubo impulsivo em mulheres é devido a distúrbios fisiológicos. Mulheres que roubam no curso da gravidez, por exemplo, são realmente vítimas do desejo gravídico. Alguns tribunais sabem disso e tratam os furtos cometidos naqueles períodos com extrema brandura.

O roubo impulsivo entre epiléticos, paréticos, ou vítimas de outras desordens cerebrais, é muito semelhante ao sonambulismo. Tais pessoas não, sabem, literal-

(*) A sociedade tem tardado em reconhecer que o furto impulsivo é sintoma de enfermidade.

mente, o que estão fazendo, mas muitos cleptômanos têm inteira consciência de seus atos.

Os cleptômanos são, frequentemente, pessoas cujas emoções foram postas fora de equilíbrio pelo fracasso dos pais em manterem relações felizes. Quando tais pessoas são incapazes de sobrepujar suas decepções infantis, o roubo impulsivo pode ocorrer.

"A pessoa normal", diz o dr. Sandor Lorand, psiquiatra de renome mundial, "é aquela que pode fazer sua adaptação social, ao trabalho e ao meio familiar. O cleptômano fracassa em tudo isso".

Os modos que se exprimem os fracassos são numerosos, mas têm tais fracassos, usualmente, uma relação com os desajustamentos maritais ou o celibato. A falta de atenção dos maridos já levou muitas mulheres ao furto. Moças abaladas por ásperas relações entre seus pais, desenvolvem, muita vez, anormais sentimentos

de solidão, evitam o matrimônio e encaminham-se para o roubo. Os cleptômanos solteiros geralmente sofrem de um complexo de inferioridade.

Embora tais conflitos mentais possam ser reajustados, o sucesso do tratamento depende largamente do desejo do paciente de sobrepujar sua conduta associada. Uma abastada senhora que recentemente foi presa por furtar velocípedes foi um desses pacientes que desejaram curar-se. Não era ela, obviamente, má criatura. Furtava bicicletas, triciclos, carrinhos, levava-os para casa, pintava-os e vendia-os, a baixos preços, às mães cujos filhos estivessem privados do auxílio paterno devido à ausência de guerra. E, então, dava o dinheiro à Cruz Vermelha.

Ela era a única irmã de cinco outros, todos, homens e mais idosos. Estes gostavam de atormentá-la e chamá-la de "bonequinha". Quando moça, tentou desesperadamente captar admiração mediante uma conduta masculinizada. Um dia em que conseguiu vencer um de seus irmãos numa corrida de bicicleta, experimentou uma emoção nunca dantes conhecida. Subconscientemente, lembrou-se dessa emoção até a idade adulta.

Foi feliz no casamento até que seu marido passou a cuidar mais dos negócios do que de seus deveres conjugais. Então a decepção transformou-se em roubo impulsivo e o objetivo de sua ação delituosa aquilo que tanto a satisfizesse quando criança.

Foi presa e enviada a um psiquiatra. Quando lhe foi feito compreender a causa de seu conflito, passou a canalizar seus impulsos num sentido construtivo.

O roubo, para um ladrão que não é cleptômano, é um meio visando um fim. O roubo de um cleptômano é um fim em si mesmo. Por essa razão, os cleptômanos muitas vezes tiram coisas de nenhum valor. O objeto tem mais valor simbólico que valor material.

O meio de prevenir a cleptomania é ensinar aos pais a compreender seus filhos e a manter satisfatórias relações familiares. Desde que as relações de família possam ser intrincadas, a tarefa dos pais demanda uma conscienciosa atenção.





“52 Lições de Catecismo Espirita”

— ELISEU RIGONATTI —

UMA LIÇÃO DE ESPIRITISMO - EVANGÉLICO PARA CADA DOMINGO

★

ELEGANTE VOLUME CARTONADO, COM 120 PÁGINAS — Cr\$ 8,00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL A

LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.

RUA ARAGUAIA, 65 - CAIXA POSTAL 696 - SÃO PAULO

TRIÂNGULO

Ninguém sabe como a cleptomania predomina, em parte porque muitos cleptômanos não são detidos não havendo, portanto, relação deêas, e em parte porque os confessor aparecem na lista dos furtos comuns. Nos Estados e cidades são presos cerca de 200 mil ladrões por ano. E nesse número não figuram as prisões da polícia federal, as prisões de batedores de carteiras e dos que fazerem mão fácil nas lojas.

O caso típico do cleptômano em lojas é o de uma tímida moçinha, cuja irmã mais moça era de grande beleza. Ela encontrava uma compensação para seu complexo de inferioridade furtando jóias de fantasia. Nunca as usava ou as vendia: escondia-as fora de casa.

O psiquiatra, a quem foi enviada para tratamento, reconheceu que, tendo ela as jóias próximas a si mesma, nisso encontrava uma fonte de consolo. Durante cerca de um ano foi submetida a tratamento. Hoje, como bem sucedida desenhista de modas, ganhou a admiração da irmãzinha, neste ponto menos dotada.

A cleptomania tem sido chamada de privilégio dos ricos. O cleptômano que é pobre, comumente fica amarrado às evidências circunstanciais do roubo vulgar. O rico obtém o benefício da dúvida. Todavia o “Fantasma” era pobre, o mesmo acontecendo à jovem profesora de música tratada pelo dr. Lorand.

Esta moça, de 22 anos, começou a ensinar piano ainda aos 14 anos. Furtava ninharias da casa de seus alunos e, mais tarde, dinheiro de seu pai e de sua madrastra. As ninharias, ela as escondia numa gaveta da secretária; o dinheiro, enviava-o a uma tia pobre.

O tratamento revelou que seus furtos eram causados por um inconsciente ressentimento para com seu pai, que abandonara o

lar quando ela estava com nove meses apenas. A mãe foi a sacrifícios extremos, para obter recursos de manutenção. Quando morreu a mãe, a criança foi mandada para a casa da tia que, por sua vez, também fez sacrifícios para sustentá-la.

O pai casou-se novamente. Quando a moça estava com 19 anos, ele mandou buscá-la. Desde logo ela passou a odiá-lo e à madrastra. Todas as vezes que seus furtos eram descobertos, jurava não mais voltar a furtar. Mas sempre reincidia.

O psiquiatra fez o pai compreender que tais furtos eram uma expressão de desconfiança e insegurança. Não eram cometidos com objetivos de ganho. Pobre, como era a moça, nunca obtinha lucros por esse meio. E nem gastava ela o seu dinheiro consigo mesma, nem vendia as coisas furtadas para delas desfazer-se. Se não tivesse obtido a atenção de um psiquiatra teria sido enviada à prisão.

Desde que a cleptomania é devida a um desajustamento pessoal, obviamente não é hereditária. Também o impulso cleptômano não é frequente entre crianças, embora muita delas o pratiquem enquanto não são ensinadas.

Se, quando jovens, continuam a furtar a despeito dos ensinamentos, é que lhes faz falta o afeto ou há excessivo domínio dos pais.

O dr. William Healy, em seu livro “O Delinquente Individual”, descreve outro tipo de caso. É o de uma menina de dez anos que aprendeu a xingar com um companheiro de brinquedos, o qual além disso, lhe dava explicações erradas acerca de tudo.

O dr. Healy convenceu a mãe que tal coisa era a causa dos furtos da criança. Devotando mais tempo à filha, respondendo com

exatidão as suas perguntas e mantendo-a ocupada, a mãe pôde efetuar uma cura completa.

O verdadeiro fatuno raramente invoca a inocência dos domínios da cleptomania. Prefere ele ser mais conhecido como herói que como vítima. Muito bem observou o dr. George S. Stevenson, diretor do Comité Nacional de Higiene Mental: Ninguém, de certa cultura, aceita a idéia de insanidade mental com satisfação. Todos aceitam a conduta criminosa com certa satisfação.

Uma vez que os simuladores são poucos e fáceis de ser desmascarados, já é tempo, na opinião da maioria dos médicos, da atitude legal diante da cleptomania influir na atitude da medicina sobre o mesmo problema. Dezesete Estados e o Distrito de Columbia aceitaram o princípio do “Impulso Irresistível” que envolve a defesa da insanidade mesmo quando o defendido pode distinguir entre o bem e o mal. Na maioria dos Estados tem havido pouca ou quase nenhuma modificação na processualística sobre cleptomania.

Os dois melhoramentos recentemente sugeridos pelo Dr. Gregory Zilboorg, perito psiquiatra criminal, são estes: ter um informe psiquiátrico sobre cada caso de dolo confesso; introduzir o serviço psiquiátrico em cada instituição penal ou correcional.

Não são estas sugestões nem violentas nem meramente humanitárias. Visam, parcialmente, proteger os desajustados da influência de contactos com criminosos profissionais, eliminando o respectivo recrutamento nas hostes destes e, ao menos, até essa extensão. E visam ajudar pessoas, como o “Ladrão Fantasma”, que, uma vez reajustadas retornam prontamente ao convívio social, ao invés de esperarem o fim das sentenças nas prisões, à custa do erário publico.

SYLVIA SIDNEY,
no film distribuído pela
UNITED ARTISTS
"SANGUE SOBRE O SOL"



*Pan-Cake
Make-Up*



A BELEZA da pele das estrêlas
que você vê na tela é devida
ao Pan-Cake Make-up de Max-Factor-Hollywood.
Experimente-o e, instantâneamente, você obterá
uma pele suave, aveludada e de aspecto perfeito.

Max Factor
HOLLYWOOD

À VENDA NAS CASAS DO RAMO

Representantes exclusivos para o Brasil — CHARLTON AMES & CIA. LTDA. — Caixa Postal 2775 — RIO



DISTRIBUIDORES
DROGARIAS RAUL CUNHA
RIO E BELO HORIZONTE

Perca a Gordura

Um método novo, usado pelas
Estrêlas de Cinema de Hollywood.
Pode-se obtê-lo agora nas
farmácias.

Um médico da Califórnia que atende as Estrêlas de Cinema de Hollywood descobriu um método seguro e novo para reduzir o excesso de gordura antiestética. Esta descoberta chamada FORMODE dissolve a gordura de um modo seguro e rápido. Comece a perder peso na primeira semana e muitos quilos ao mês. Basta tomar 2 pastilhas 3 vezes por dia. FORMODE estimula a saúde, a energia e proporciona uma figura atraente, de modo que possa parecer e sentir-se 10 anos mais jovem. FORMODE é um preparado garantido para remover o excesso de gordura. Peça FORMODE, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Distr. S. I. P. Caixa Postal 3786 — Rio

Os Germes da Coceira

Combatidos em 7 Minutos

A sua pele tem cerca de 50 milhões de minúsculos sulcos e poros, onde se escondem os germes causadores da terrível coceira, "rachando", erupções, "descascando", ardência, acne, impigens, psoríasis, cravos, espinhas, frieiras, coceira dos pés e outros males. Os tratamentos comuns só fornecem um alívio temporário, porque não combatem o germe causador. A nova descoberta, **Nixoderm**, faz parar a coceira em 7 minutos e oferece a garantia de dar-lhe uma pele lisa, limpa, atraente e macia — em uma semana. Peça hoje mesmo ao seu farmacêutico **Nixoderm** e elimine as verdadeiras causas das afecções cutâneas. A nossa garantia é a sua maior

Nixoderm sua maior
Para as Afecções Cutâneas proteção.

Distr. S. I. P. Caixa Postal 3786 — Rio

A M O R



mo que se viva em perfeita harmonia com o ser amado, basta ligeira perturbação na sua saúde, um capricho extemporâneo, uma bobagem atoa, para que tudo tome proporções de iminente perigo no espírito de quem ama. E esse obscuro temor atormenta, silenciosamente, as almas amantes. E' por isso que o amor não consiste, apenas, nesse enlêvo, nessa felicidade, nesse super-gôzo decantado pelos poetas, mas contém tanta angústia quanto prazer, tanta doçura quanto tristeza, tudo suficientemente equilibrado, afim de que não seja nem sempre angústia, nem sempre prazer.

Vejamos, pois, que um verdadeiro amor não pode ser turbado por futilidades, nem por oposição de caracteres ou choques de vontades, e isso porque, quando duas pessoas se amam, procuram assemelhar seus gostos, identificar suas existências, renunciando voluntariamente a certos desejos que desagradam ao companheiro.

Quando dois namorados brigam, e cada um fica procurando vencer a oposição do outro, estão percebendo que o amor é apenas aparente, pois a renúncia ao próprio direito não lhes é fácil. Quando muito, pode haver entre eles um sentimento de simpatia, mas nunca aquele harmonioso acôrdo de duas almas que se desejam unir para toda a vida.

Erro gravíssimo é esse de compreender o equivoco do coração, e não romper sinceramente um laço tão frágil, porquanto, mais tarde, as desinteligências aumentarão e, como não existe o verdadeiro amor — sempre disposto ao sacrifício — a vida será contínuo disabor para ambos.

Mas, se essa compreensão chegar tarde, isto é, após o casamento, não há melhor solução do que criar o que não existe: chamar o verdadeiro amor e esforçar-se por senti-lo agindo como se verdadeiramente existisse. O hábito, depois, ajudará a realizar aquilo que a boa vontade iniciou, conseguindo-se remediar um erro que talvez não seja tão grave e triste como parece.

JOVENS e velhos, homens e mulheres, todos falam do amor e pensam saber amar. Mas, será verdadeiro amor o que experimentam? Não se abusará dessa palavra? Sendo o amor o mais belo dos sentimentos, poderá ele ser tão abundante assim, e estará a tal ponto desprestigiado que não causa mais sensação a quem o experimenta?!

Atualmente, uma jovem diz amar o seu noivo, mas se ofende por uma futilidade qualquer e, consequentemente, alimenta o aborrecimento durante vários dias, perturbando a doçura do noivado. Um homem se declara enamorado de uma mulher e não hesita em fazer a corte a outras. Certas espôsas, mesmo, aparentemente apaixonadas pelos maridos, julgam-se, egoisticamente, rainhas e, num despotismo tanto mais opressor quanto mais disfarçado em ternura, impõem e determinam, esquecendo-se de que são apenas espôsas... Certos maridos afirmam serem suas espôsas o único bem da terra, mas perdem o ordenado nas roletas, deixam-se ficar nos bars até alta noite, quando não se deixam arrastar pelas atrações perfeitamente resistíveis das cidades... Amor? Toda essa gente dirá que sim, que tais deslizes não perturbarão tão belo sentimento, mas nós não concordamos.

Quando se ama verdadeiramente, tem-se o espírito cheio de ternas inquietações: mes-



A valsa

QUEM não dançou, na vida, a sua valsa, o coração vibrando e os olhos dentro dos olhos da doce amada? Aos revolutelos sinuosos da valsa, nasceram os grandes amores da história... A' doçura de seus ritmos, trágicos romances se escreveram e impérios caíram!

A valsa foi introduzida na corte francesa no século XVI, por Henrique IV. O termo "valsa" foi importado da Alemanha, que o tirou da denominação francesa "volte", derivada de "la volte" do provençal.

Da França propagou-se por toda a Europa. Em fins do século XVIII, a valsa empolgava Viena, já tendo perdido o seu caráter aristocrático. Na Inglaterra não a aceitavam por considerá-la imprópria para os salões da sociedade, até que Alexandre, da Rússia, dançou-a pela primeira vez num salão inglês. E a valsa impôs-se na metrópole londrina.

A valsa, não perdeu, porém, sua feição popular. Era mesmo considerada dança do povo. E do povo, afinal, foi que surgiram os compositores que se celebrizaram nesse gênero musical. José Laner, Johann Strauss e seu filho, o rei da valsa, eram de origem humilde e nunca deixaram de pertencer ao povo mesmo recebendo honrosas condecorações.

Hoje, o fausto de Viena desapareceu, imortalizado, porém, nas doces valsas. E a própria dinastia dos Habsburgos ficará inolvidada porque "quando os Habsburgos ofereciam uma festa, Strauss compunha uma valsa..."

Quem não se emociona à lembrança da sua valsa?

Apresentando...

3 novos Produtos para lhe assegurar um maquilage perfeito!

- **MAKE-UP PAT** - novo "cake" para maquilage-aquarela. Dá à cutis, instantaneamente, aspecto uniforme, mais suave. Oculta espinhas, sardas, poros dilatados. Elimina o brilho, dando uma aparência de frescor e juventude.
- **POND'S LIPS** - novo batom para tornar seus lábios mais belos. Nos mesmos seis lindos tons do Make-up Pat, sua massa uniforme, perfumada e suave, não racha, não resseca, proporcionando perfeita aderência e duradoura beleza.
- **POND'S CHEEKS** - o rouge ideal para a completa harmonia de seu maquilage... o complemento Pond's para tornar-se mais linda e juvenil, instantaneamente.



Adole desde já o maquilage-harmônico Pond's, e eleja seu novo tom, entre as 6 lindas tonalidades Pond's!

POND'S

"Alterosa" na Bahia

É nosso distribuidor exclusivo em Salvador, capital da Bahia, o "Depósito Continental de Livros", com escritórios à Praça Rio Branco, 5-A, 2.º andar, sala 1.

*



DESENHOS
COMERCIAIS
TECNICOS E
ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRAFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE

O Carnaval e as Mulheres

Djalma Andrade

Ilustração de Fábio

CARNAVAL,! Eis a festa mais grata às mulheres de todas as classes. As damas elegantes exibem primores de plástica na transparência das fantasias caras. As outras, nos Clubes Suburbanos, oferecem aos olhos gulosos e cúpidos carnes suarentas e decompostas. Os excessos correm por conta de Momo...

Freud, com a sua doutrina que já desceu aos engraxates, explica as frascarices dos ranchos e cordões. As mulheres são as que mais se divertem. Vejam a desenvoltura de todas elas! Aproveitam-se da liberdade que lhes é concedida para darem expansão a instintos severamente controlados durante o ano. Os homens, mais desabafados, entram naturalmente na folia. São os adolescentes, os neófitos, têm os olhos em brasa.

O carnaval deve ser observado de longe. De dentro dos cordões, entre rôlos de serpentinhas, não se vê quase nada. Não se observa o homem fantasiado de Napoleão, famoso pela sua covardia e pelas humilhações que tem sofrido. O sultão, que tem, como única odalisca, a esposa obesa que lhe observa os movimentos e as intenções. O homem que se fantasiou de Crésus para infernar credores irascíveis. O Luiz XIV em regra pobre amanuense que sente, sobre os ombros, o peso de uma pirâmide de chefes e sub-chefes a perturbar-lhe o sono na repartição. O Cleópatra dominadora (bem que desejaria sê-lo!) não passa de uma jovem observada pelo marido tirânico que lhe apara as asas e os pendores líricos...

O carnaval é a mais humana das festas populares. Em todas as outras há sempre um toque de espiritualidade que obriga os indivíduos

a uma certa compostura. Nêle, não. Os instintos põem de fora a cabeça e, depois, o corpo inteiro.

A mulher atira para longe seus atributos de deusa e surge apenas mulher. O homem, por sua vez, procura ser másculo e violento. Esse triunfo da animalidade transparece nos versos irreverentes e nas músicas eróticas. Não há poesia, não há gramática e muito menos alma — luxúria apenas. A própria dolência de algumas cantigas não exprime sentimentalismo, mas cansaço, preguiça, ressaca...

Na multidão compacta, o cheiro pesado do suor e a fúria de instintos em liberdade. O contacto de todas as classes no trabalho soturno do cruzamento.

Já disse um poeta sabido que, nesses dias:

*A frula, mesmo a mais alta,
Fica ao alcance da mão.*

Garotas frágeis, dessas que morrem de vergonha ao ver as estátuas dos jardins públicos, afrontam nossas tradições, cantando:

*Lá vem o cordão dos "puxa-saco"
Dando vivas aos seus maiores!
Quem está na frente é passado para trás,
E o cordão dos "puxa-saco"
Cada vez aumenta mais...*

A massa delira de gozo. Nada falta à marcha brejeira para cair no golo do povo. Além da malícia, a alusão política. Os versos, vis, cantados com estudada cadência, provocam o aplauso fácil e o sorriso maldoso.

Os jornais noticiaram, há tempos, que a po-



lícia estava disposta a rever as letras dos sambas, antes de qualquer publicação. Ao que parece, a medida moralisadora não foi executada. Garotas de sangue quente andam, por aí, a encantar:

*E' tarde, é tarde, é tarde
Você fez o que me fez,
Agora me pede perdão
Covarde, covarde, covarde
Põe a mão na consciência,
E vê se eu não tenho razão...*

No movimento dos quadris, os compositores procuram o compasso das músicas carnavalescas. E o pior, é que muita gente procura simbolizar o Brasil nesse *cancan* desvairado e brutal. Há até quem chame o estrangeiro para apreciar o regabófe e entrar no cordão.

Antigamente não era assim. Havia o confeti que, de certo modo, romantizava o carnaval. Os carros alegóricos que adoçavam, com um pouco de arte, o paganismo das festas. A graça das críticas e o espírito dos mascarados avulsos.

Mas esse tempo passou. O carnaval dos nossos dias é fruto da guerra e da miséria. Nêle não há lugar para o requinte, para o luxo, para a arte. E' uma festa muscular e inferior em que se gastam apenas energias físicas em saracoteios baratos. Carnaval de canções obscenas e de exhibições escandalosas.

Cabe à mulher elevar o nível moral dessas festas. E' em torno dela que gira a massa dos foliões. São as suas prendas físicas as inspiradoras dos versos mais ignóbeis e das músicas mais ardentes. Recolha-se a mulher, e os pandeiros deixarão de rufar.

De ano para ano, as cantigas carnavalescas se tornaram mais ousadas e torpes. Já, em 1915, sacerdotes ilustres chamavam a atenção da polícia de costumes para esse descabro. E os versos dos sambas daquela época não se comparam aos que hoje são cantadas por aí. Eram menos livres e mais melodiosos. Acontece, porém, que as

(Conclui na página 124)



Van Ess, à base de "crème veludo" deixa os lábios suaves e provocantes. Protege os lábios, não resseca nem quebra e não tem aspecto gorduroso.

É três fatores o fazem preferido: qualidade, tamanho e preço.

Báton
Van Ess
Torna os lábios irresistíveis

Para uma perfeita combinação: pó facial e "rouge" atomizado Van Ess.

Talco Malva

IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ

FINISSIMO E
PERFUMADO

FÓRMULA DO
DOUTOR ANTONIO ALBUQUERQUE
DA FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
DE MINAS GERAIS

PERFUMARIA MARCOLLA
FELLO HORIZONTE



Repercutiu magnificamente na sociedade local, a nomeação do engenheiro Pedro Laborne Tavares para o cargo de Prefeito da cidade. Antigo servidor da nossa municipalidade, na qual vem exercendo desde muitos anos e com rara competência e dedicação, o alto cargo de Diretor de Obras, o eng.º Pedro Laborne representa, sem favor, um dos valores mais positivos com que contamos para o nosso progresso. Ao alto, um flagrante de sua posse.

Constituiu acontecimento da maior expressão social o casamento no dia 18 de janeiro último, da senhorinha Beatriz Monteiro de Moura, filha do sr. José Monteiro de Moura, já falecido, e de d. Maria Augusta Monteiro de Moura, com o brilhante escritor e jornalista Geraldo Dutra de Moraes, colaborador efetivo de ALTEROSA. Serviram de testemunhas no ato civil, por parte da noiva, os srs. dr. José Monteiro de Moura Jr. e sra. d. Nímia Leal Paixão de Moura e, pelo noivo, o dr. Salomão de Vasconcelos e sra. d. Branca de Carvalho Vasconcelos. A cerimônia religiosa realizou-se às 15 horas, na Catedral da Boa Viagem, sendo oficiada pelo revmo. pe. Roque Colombo.



Comemorando o 25.º aniversário de sua fundação, o Instituto Padre Machado, estabelecimento de ensino altamente conceituado e que tem prestado relevantes serviços à educação da juventude mineira, fez realizar, em sua capela, missa em ação de graças, celebrada por D. Antônio dos Santos Cabral. Na foto acima, flagrante tomado após o ato religioso.



Depois de uma profícua administração nos Correios e Telégrafos da Capital, durante vários anos, no decurso dos quais impôs-se à estima e ao apreço de nossa sociedade, regressou ao Rio de Janeiro, para exercer alta função na Diretoria Geral daquela repartição, o dr. Braz Baltazar da Silveira. O clichê fixa um aspecto colhido na "gare" da Central do Brasil, por ocasião de seu embarque, vendo-se numerosos amigos e admiradores de S.S. que ali compareceram para levar-lhe a segurança do alto apreço que soube conquistar no exercício do espinhoso cargo.

O Mês em revista



Um dos acontecimentos culminantes entre as solenidades que marcaram a posse do novo Governo de Minas, pela sua larga repercussão na vida social e política da cidade, foi sem dúvida a posse do dr. J. Pimenta da Veiga, como novo titular da Chefia de Polícia do Estado. Causídico de renome no fóro da Capital, em cujos meios sociais desfruta de justificado prestígio decorrente de sua larga cultura e aprimoradas qualidades de coração, o dr. J. Pimenta da Veiga, que teve destacada atuação na campanha política do P.S.D., viu sua nomeação recebida com exuberantes demonstrações de simpatia por parte de todas as nossas camadas sociais. O clichê fixa um aspecto colhido durante a solenidade de sua posse, no momento em que o novo titular do Governo do Estado pronunciava a sua oração.

*

Constituiu acontecimento de destacado relevo em nossa sociedade, o enlace da srta. Suherda Marinho de Carvalho, filha do casal dr. Paulo Marinho de Carvalho, com o eng.º Evaldo Hermeto Correia da Costa. O clichê fixa um flagrante colhido após o ato religioso, vendo-se os noivos em companhia de seus pais, padrinhos e convidados.

*

Realizou-se em fevereiro último, nesta Capital, o casamento da srta. Ana Clemente, filha do sr. João Batista Clemente e de d. Isabel Camargos Clemente, com o sr. José Augusto da Mata. No ato civil, foram padrinhos, por parte da noiva: o sr. Geraldo de Campos e d. Alzira Clemente de Campos; do noivo: o sr. Francisco Martins da Silva e d. Maria de Lourdes Martins da Silva. Ao lado, um aspecto do ato religioso.



Belo Horizonte recebeu em fins de janeiro último a visita do grande industrial patricio sr. Jurandir de Castro, sub-gerente-geral de vendas da "Colgate-Palmolive-Peet Co., Ltda." para o Brasil. O flagrante mostra o ilustre visitante quando era cumprimentado, ainda na "gare" da Central, pelo nosso diretor Miranda e Castro, notando-se ainda a presença do sr. A. M. Azevedo, gerente da filial do Rio da importante organização mundial, o sr. Dorival de Moura Peixoto, super-visor de vendas, e sr. Pedro Prado Lins, representante em Belo Horizonte e o sr. Wilson Manso Pereira, gerente da agência local da "Colgate-Palmolive".



CRIANÇAS



Margarida Maria, filhinha do casal D. Maria Eugê-
nia Baptista de Oliveira Milton-Dr. Mário Silésio
de Araujo Milton, residente
nesta Capital.



Neusa Maria, dileta filhinha do sr. Nabor Fer-
nandes, residente em Marquês de Valença, no
Estado do Rio.



Eunice, filhinha do casal D. Ma-
ria de Faria-sr. Hely Lopes da
Silva, residente em
Cambuquira, neste
Estado.



Angela Maria, filhinha do casal D. Maria Eugenia Ba-
ptista de Oliveira Milton-Dr. Mario Silésio de Araujo
Milton, residente nesta Capital.





O Pêso de um Campeão

Garoto notável, não acham? Um dos futuros campeões do mundo novo e melhor.

A criança de hoje tem mais probabilidades de viver mais e com mais saúde do que tiveram seus antepassados. Dispõe dos melhores médicos que o mundo já conheceu. E à disposição dos médicos existem hospitais e laboratórios mais bem equipados, drogas novas e mais eficazes, novas descobertas no importantíssimo campo da nutrição, anestésicos aperfeiçoados que tornam mais fácil a cirurgia.

Esse rápido avanço da medicina é resultado dos esforços incansáveis dos cientistas e pesquisadores. Durante os últimos 87 anos, a Casa Squibb tem tido o privilégio de trabalhar intimamente com

os grandes nomes da ciência médica — contribuindo para aperfeiçoar muitas e importantes armas novas contra a enfermidade e o sofrimento humanos.

O trabalho complexo dos cientistas nos vastos laboratórios Squibb — seus exaustivos estudos e ensaios — seus significativos descobrimentos — sua exigência de elevados padrões — todos estes fatores conquistaram o renome mundial de que hoje gozam a Casa Squibb e todos os produtos Squibb.

E·R·SQUIBB & SONS
DO BRASIL, INC.

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos
1009

SQUIBB... FAMA MUNDIAL EM PESQUISAS MÉDICAS

À APROXIMAÇÃO do carnaval, a nossa festa máxima, porque nêle, no mesmo delírio contagiante, élitê, o "gran-finismo", a burguesia e a plebe, que, esquecendo preconceitos, se amalgamam e se reconciliam, festa que é, sem dúvida, pelo seu pitoresco e originalidade, a nossa maior atração turística — a função radiofônica se intensifica e, consequentemente, mais influi na alma desse formidável e invisível auditório, que, mãos no dial e o coração vibrando, vive aguardando, sedento, a todo instante, as novidades carnavalescas, que são as músicas, para, aprendendo-as, estrear com êxito na folia... E, através desse colosso territorial, milhares de aparelhos receptores espalham ruidosa e repetidamente as novidades desejadas que, nos seus ritmos provocantes, põem milhares de criaturas irrequietas num só frêmito de alegria, contagiando o mais recôndito rincão de nossa terra.

Naturalíssima essa vibração musical, que seria de efeitos benéficos se, às vezes, nessas transmissões carnavalescas, a radiofonia não fugisse à sua finalidade cultural, desfazendo, em poucos meses, toda uma bela impressão de arte construtiva, porque educativa: transforma-se em veículo de um vírus tremendo, injetado, ininterruptamente, no organismo em formação de uma nação adolescente...

Cada povo com a sua característica musical, expressão do seu adiantamento estético e moral, refletindo, nos seus ritmos e nas suas letras,

BASTA!



a alma nacional. E se os nossos patrióticos desprezaram a nossa *modinha*, trocando-a pelo samba, seguido de perto pela marcha, constituindo esse amálgama a nossa *música popular*, como se compreende que nêle apresentem através de linguagem chã, nociva e anti-higiénica, num verdadeiro atentado à moralidade pública?!

Corram as estações e ouçam os programas dançantes em que predominam, como é natural, o samba e a marcha: gíria, flagrante imoralidade, vacuidade artística... Raramente, para confirmar a regra infalível, graças a Deus, que até nessas horas de loucura não nos desampara, algumas músicas aproveitáveis e, às vezes, boas mesmo, que podem ser

ouvidas sem receio em meio duma reunião social...

Cumprimos o dever de mencionar, de passagem, uma composição musical digna de nossas tradições carnavalescas... Nela, tudo agrada e prova que, para vencer, impor-se como compositor, o artista não precisa *impressionar* o público com termos soezes, com os de certa *marcha* que desmoralizou um conjunto musical do Rio. "Maestro, atenda o pedido" é o samba a que aludimos como expressão da verdadeira música carnavalesca, pois reúne graça, leveza, beleza rítmica e uma letra interessante. Agora, perguntemos: que é preciso para se fazer músicas assim? Talento e bom gosto, nada mais. Mas talento e bom gosto não se vendem como cerveja nem uísque...

Sempre enalteçemos as inegáveis qualidades da nossa radiofonia e, portanto, sentimo-nos à vontade para pedir aos mentores do nosso "broadcasting" um minuto de atenção na nocividade dessas transmissões perniciosas que, através de certos sambas e marchas, vão, com repeito à gíria, *desalfabetizando* a nossa irrisória percentagem de alfabetizados e, quanto à moral, pervertendo a mocidade e desgraçando a infância... tornando, às vezes, o rádio — com que pesar o dizemos! — nocivo a um verdadeiro ambiente familiar...

Urge, pois, uma reação enérgica, salvando a nossa música popular do repúdio dos brasileiros que se prezam e do desprestígio internacional. Possuímos compositores capazes, artistas autênticos que, para criar e empolgar, prescindem de artifícios malsãos que ferem a sensibilidade dos ouvintes de bom gosto e diminuem a beleza da música nativa em cujos ritmos quentes há a alma latente do jongo... Elevemos, pois, a música popular, de inconfundível beleza rítmica e sentimental, para que ela expresse, do melhor modo possível, a nossa cultura artística...

Basta de imoralidade e termos incompreensíveis de gíria abominável! Basta de atentados à língua deslumbrante com que Deus nos ofertou, colorindo-a com as cores do nosso céu e da nossa natureza tropical! Recuai iconoclastas, sambistas comerciais! Afastai-vos, hístriões da imbecilidade artística, para que desfilem, apenas, ante a consagração pública, os verdadeiros artistas, cultores e expressões reais da nossa música popular!

Basta de sabotagem!

O "PROGRAMA SOCIAL"

DA P. R. B. 4 DE SANTOS

O "Programa Social", a linda realização radiofônica da Rádio Clube de Santos, constitui já uma tradição artística da culta cidade santista. Suas audições, que se iniciam, diariamente, ao meio dia, vêm merecendo os mais justos encômios da imprensa especializada local, assim como dos seus milhares de ouvintes, numa consagração dos esforços de seus realizadores.

Com as músicas bem selecionadas, ilustradas com textos de sadio otimismo, num registro ininterrupto e elegante dos fatos sociais mais destacados, anunciando à cidade os nomes dos que chegam ou se despedem, o "Programa Social" reflete a men-

talidade dos dirigentes da conceituada P.R.B.-4 e recomenda à admiração pública a dinâmica administração do seu diretor-gerente Olavo Martins, que estuda, atualmente, uma ampla reorganização de programas no sentido de colocar a sua estação entre as mais bem organizadas da paulicéia.

O "Programa Social" é, sem dúvida, alta afirmação do espírito de sociabilidade do povo santista e da eficiente organização da veterana e conceituada "estação" de Olavo Martins que, coadjuvado por uma pleiade de elementos de real valor, realiza uma obra digna de atenção.

NO PROGRAMA "Gurilândia" da P. R. H.-6, Rômulo Pais tem feito distribuição de prendas aos galanos-artistas que mais se têm destacado durante suas audições dominicais.

*

A ORQUESTRA Brasileira de Ari Barroso, tendo como cantor o conhecido Déo, está de viagem para Montevideu, afim de participar dos folguedos de Momo, organizados pela Municipalidade da metrópole uruguaia. Logo após o tríduo carnavalesco, o conjunto excursionará pela Argentina, de onde já recebeu cinco ótimas propostas, que estão sendo estudadas pelo "speaker" da gaitinha.

*

AS TERÇAS-FEIRAS, às 20 horas a Rádio Mineira apresenta ao seu microfone o "Teatro do Lar", no qual são irradiadas interessantes peças ligeiras dos mais notáveis autores.

*

A ESTAÇÃO de amador "Rádio Universitária" promove diariamente, ao meio dia, vários programas de músicas populares.

*

VIAJOU para o Rio, em fevereiro último, afim de tratar de assuntos concernentes às emissoras associadas, de que é diretor-comercial, o distinto "broadcaster" Enio Marcos de Oliveira Santos.

*

PROGRAMA plenamente vitorioso é o que a Guarani vem apresentando às 20,30 horas de terças e quintas-feiras e às 12,30 horas dos sábados: "Mensagens do México", com José Lino, Vilma Leal Arnaud e MacLarewski.

*

LUIS TITO, o popular cantor da Rádio Nacional, que há pouco esteve entre nós, viajou para os Estados Unidos em companhia do compositor Valdemar Henrique, afim de cumprir contrato para uma série de programas radiofônicos em Nova Iorque.

*

RODA DA VIDA continua a ser irradiada, com sucesso, pela Rádio Guarani, diariamente às 21 horas, escrita por Alvaro Celso e apresentada por Orlando Pacheco.

WILMA LEAL ARNAUD, a jovem cantora de melodias mexicanas das associadas, vem realirmando, através de belas interpretações, as altas qualidades que a tornaram figura de relêvo do nosso "broadcasting".

Ouvimo-la, há dias, em "Mensagens do México" e surpreendemo-nos com o seu notável progresso interpretativo. Bravos, Wilma!

*

A MODESTIA, mais do que a simpatia pessoal, decide o sucesso de um artista de rádio. E nada o compromete tanto como a afetação das atitudes...

Há, infelizmente, no nosso rádio, um jovem intérprete de músicas estrangeiras que, desconhecendo a modéstia, a simplicidade das atitudes, criou um ambiente contrário à sua popularidade... E é pena, porque sua voz é magnífica!

*

UBIRAJARA SILVA é um dos nossos novos cantores que muito promete. Começou na "Escola" de Elias Salomé. Aliás, grande parte dos nossos melhores cantores tem vindo desse programa, que é um dos mais antigos da Rádio Inconfidência.

Ubirajara não comprometeu, como se vê, o utilíssimo programa...

*

AS ASSOCIADAS marcaram, nesse festivo início de ano, dois tentos espetaculares com a apresentação de dois verdadeiros cartazes do "broadcasting" carioca: Déo e Jorge Veiga. O primeiro, evidentemente, de maior valor, embora o segundo seja, no gênero, um intérprete inimitável.

Espera-se, agora, Vicente Celestino, logo após o carnaval. E' um cartaz já *velhinho*, não há dúvida, mas não deixa de ser um cartaz...

**

LUIZ FERNANDO VIEGAS



O segundo recital de piano do menino Luiz Fernando Viegas, realizado a 3 de fevereiro último, no Auditório da Rádio Mineira, constituiu expressivo acontecimento artístico e confirmou a notável precocidade do pequeno-grande artista e compositor. Luiz Fernando Viegas incluiu no programa músicas de Beethoven, Schuman, Strebog, Paderewsky, Crescenzo, Beaumont, Strauss, Liszt e composições de sua autoria, recebendo do seletto auditório vibrantes aplausos. Na fotografia acima aparece o recitalista cercado de seus pais e um redator de ALTEROSA.



Hélio Sindô, popular sambista da Paulicéia, que lançou vários sucessos para o carnaval.



O popular Leonel, das notáveis gravações de trombone com regional, artista que vem se firmando no conceito público.



Edna Cardoso, da Rádio Record, intérprete brilhante de samba e boleros.



Monte Alegre, o "vaqueiro alegre", da Rádio Record, que vem conquistando legiões de fãs com as suas canções entusiásticas.



Chico Paca, popular humorista da Rádio Record. Nas horas vagas é também radiador...

RÁDIO Paulista

A ZYD 7

E SUA EVOLUÇÃO

A RÁDIO Sociedade Norte de Minas, que desfruta elevado conceito de seus numerosos ouvintes, está de parabéns com o início da montagem de seu novo transmissor de 5.000 watts.

Operando numa ampla faixa de excelente situação, sem concorrentes próximos, suas irradiações atingem os Estados do Norte e Centro, sendo ainda ouvida em várias cidades dos Estados de São Paulo e Santa Catarina. Assim, as próximas irradiações prometem um raio de ação em todo o Brasil, podendo ser ouvida no Distrito Federal, com relativa seletividade e volume, apesar da forte cadeia de emissoras potentes ali instaladas.

Recentemente, montou um admirável estúdio, cujo auditório para 250 pessoas, bem revela o apurado gosto de seus diretores. Por outro lado, sua direção artística tem apresentado aplaudidos elementos das emissoras mais importantes, aos quais o público montesclarense não regateia aplausos.

Um dos fatores do sucesso da ZYD-7, é a sua modelar organização administrativa, que permite o desenvolvimento dos serviços, sem os atropelos tão naturais nas estações de rádio.

A tudo se deve à supervisão de Pereira de Souza, a quem a administração da ZYD-7 tem conferido amplos poderes de ação e ao qual seus funcionários, artistas e técnicos votam a mais profunda admiração e respeito. Impondo uma disciplina essencialmente moderna, Pereira de Souza sendo companheiro e amigo é ao mesmo tempo intransigente e meticoloso, não permitindo a menor falha nos arranjos da programação. — o que faz constituir sempre um êxito, o lançamento de todos os seus programas. Infelizmente, seus afazeres não permitem que ele se dedique exclusivamente à Rádio, pois, além de dirigir uma oficina especializada em máquinas de calcular, tem a sua função de Contabilista-Chefe da Central do Brasil, nas obras da Construção da linha de Monte Azul, brindando-nos ainda em suas raras horas de folga, com suas apreciadas colaborações.



Carmen Silva, a interessante sambista da Rádio Inconfidência.



Panorama Radiofônico

Responde a "enquete" de "Alterosa" o compositor Genaro Cruz

— QUANDO E COMO INICIOU SUA CARREIRA RADIOFÔNICA?

— Iniciei minha carreira artística há 12 anos, aproximadamente, primeiro como músico e, depois, como compositor, executando todos os instrumentos de sopro. Compus, então, minha primeira música, intitulada: "Saudades de Mãe dos Homens", que hoje está consagrada como "Regina". Esta composição está arquivada no Instituto Nacional de Música, no Rio de Janeiro, como patrimônio. Como se vê, para um principiante, já era muita coisa, pois, no início, sempre se encontra muitas peripécias e dificuldades.

— QUE EMOÇÕES MARCAM A SUA INICIAÇÃO ARTÍSTICA?

— Tive muitas e grandes emoções na minha carreira artística. No entanto, a maior de todas foi na exibição, no Cine Trianon, de Diamantina, neste Estado, da valsa de minha autoria denominada "Encantos de Diamantina", cantada por um grupo de senhorinhas da alta sociedade da tradicional "Athenas do Norte."

— CONTE-NOS ALGO INTERESSANTE DE SUA HISTÓRIA RADIOFÔNICA?

— Diretamente, ainda não apliquei minhas atividades em estúdios de rádio. Faço-os indiretamente. Minhas composições são interpretadas pelos melhores cantores do "broadcasting" nacional e aí está a minha participação no setor radiofônico. Todavia, pretendo em breve, participar dos programas de uma de nossas emissoras.

Atualmente acabo de assinar contrato com a "Editôra Todamérica de Música Ltda.", para gravação de várias músicas que serão interpretadas pelo cantor vitorioso no con-

curso para esse fim promovido pelo R.C.A.

— QUAL O SEU GÊNERO DE MÚSICA PREFERIDO?

— Gosto de todos os gêneros. Aprecio, entretanto, a nossa música popular que con- diz mais com o nosso temperamento. Já compus inúmeros sambas, marchas, valsas e até rancheiras.

— QUAIS SÃO, ATRAVÉS DOS MÚLTIPLOS GÊNEROS ARTÍSTICOS, AS FIGURAS REPRESENTATIVAS DE RADIAUTORES, RADIADORES, CANTORES, HUMORISTAS E LOCUTORES DO NOSSO RÁDIO?

— Para ser sincero, prefiro, entre os radiadores: F. Andrade e Brandão Reis; radiadores: Vicente Prates e Anete; cantores: Rosita de Souza, Otavinho Mata Machado e Geraldo Magalhães; locutores: Paulo Lessa e Orlando Pacheco; humoristas: incontestavelmente, está na vanguarda, o Compadre Belarmino.



Genaro Cruz

— E O MELHOR PROGRAMA DE CALOUROS, SOB OS ASPECTOS ARTÍSTICO, RECREATIVO E MORAL?

— Muitos programas fogem à sua verdadeira finalidade. Os criadores de programas pensam mais no lado recreativo que no artístico e, principalmente, no moral. Para não ser de todo pessimista, prefiro a "Hora do Recruta", da Guarani, que, sem ser um programa ideal, agrada.

— E O MAIS COMPLETO ANIMADOR DE PROGRAMAS DE AUDITÓRIO?

— Orlando Pacheco, Rômulo Pais e Almirante, são os melhores do rádio brasileiro, inegavelmente.

— QUE INOVAÇÃO SUGERE PARA O NOSSO RÁDIO?

— A organização de programas bem selecionados, bem orientados. No mais, é só continuar com o que já se tem feito...

— QUAIS SERÃO AS SUAS FUTURAS REALIZAÇÕES?

— Se Deus quiser, pretendo melhorar cada vez mais. Tenho esperanças e confiança no futuro. Assim, espero produzir sempre à altura do público radiofônico brasileiro.

— QUAL A SUA IMPRESSÃO SOBRE O RÁDIO COMO FATOR DE RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA?

— Se esses três fatores andassem sempre juntos, seria uma verdadeira felicidade para os radiouvintes. O rádio é o maior veículo que o mundo inteiro lança mão para suas mais diferentes e complexas atividades. Acho que se fôsse melhor aproveitado e orientado, o rádio faria grandes benefícios à humanidade. Não é verdade?

GESSY

dará a sua cutis
a beleza
e fragrância
que inspiram
palavras .
de amor...

Feito de puríssimos óleos
vegetais, Gessy limpa e suaviza
a epiderme, mantendo-a fresca,
viçosa, juvenil. Dotado de fino
e inspirador perfume, num
bouquet exclusivo de caríssimas
essências, Gessy deixa sobre
a pele a fragrância suave que
os homens adoram. Use sempre Gessy.



Um sabonete

*puro,
consistente,
perfumado*

AINDA O ATLÉTICO MINEIRO, O DECANO DOS CLUBES DE FUTEBOL EXISTENTES NA CIDADE

Abílio Barreto

PROSSEGUINDO em sua gloriosa marcha desportiva, o *Atlético Mineiro* em 1926 reagiu contra a maior crise de todos os tempos que vinha enfrentando e, graças aos esforços de seus componentes, foi reorganizado. O seu campo na Avenida Paroapeba, (depois Augusto de Lima) que vinha recebendo melhoramentos desde 1925, começou a ser murado.

Nesse ano, a sua principal vitória foi alcançada contra o "Caçapavense", entidade de que faziam parte jogadores de fama, como "Tatu", Dionísio e outros.

Então, sob a presidência modelar e dinâmica do Dr. Leandro Castilho de Moura Costa, com a cooperação devotada de Adão Lopes, Fábio Brant, Dr. Ernani Negrão de Lima, Alfredo Furtado, Dr. Jaime Silveira, Joanésio Moreira Melo e outros dedicados consócios, abriu-se-lhe nova era de vitórias.

Nesse ano, que foi o marco inicial da idade de ouro do futebol em Minas, o alvi-negro venceu todos os jogos amistosos e fez-se campeão com o seguinte quadro: Osvaldo, Chiquinho, Romeu, Franco, Gastão, Pinho, Ivo, Rui, Gendin, Mário, Getúlio, Cardozinho e Alemão. Levantou o campeonato da "Liga Mineira de Desportos Terrestres" e aumentou consideravelmente o prestígio do futebol mantanhez.

Fêz-se bi-campeão em 1927

com o seguinte quadro: Rui, Chiquinho, Brant, Franco, Ivo, Hugo, Getulinho, Jairo, Mário, Said e Getúlio. E foi a sua vitória no torneio-início de 1928, com Bonato, Binga, Romeu, Cordeiro, Brant, Datni, Said, Jairo, Mário e Getulinho, jogadores que eram todos universitários, exceção feita de Ivo e Brant.

Foi êsse campeonato dos mais difíceis, pois na luta teve de enfrentar competidores que pareciam invencíveis, tal como aconteceu a 23 de dezembro, no campo do "Palestra", quando mediu forças contra tenaz resistência do "Vila Nova", o seu mais valente adversário; sendo que a partida não teve o seu remate regulamentar, pois no segundo tempo foi o campo invadido e sustado o jogo. Serenados os ânimos, ficou estabelecido que a decisão da partida seria no dia 13 de janeiro, no campo do "América" e assim aconteceu, sendo que, aos 80 minutos de jogo regulamentar, terminava-se a sensacional peleja com a vitória do "Atlético" pela contagem de 5x2, sendo 4 goals feitos por Mário de Castro e 1 por Orlando.

O seu segundo quadro levantou com brilho o campeonato e ficou sendo bi-campeão, sem uma derrota sequer, sendo êste, então, o seu quadro: Dunorte, Evando, Binga, Romeu, Cícero, Djalma, Julio Melo, Jaci, Dalmi, Alemão, Mourinha, Cardo-

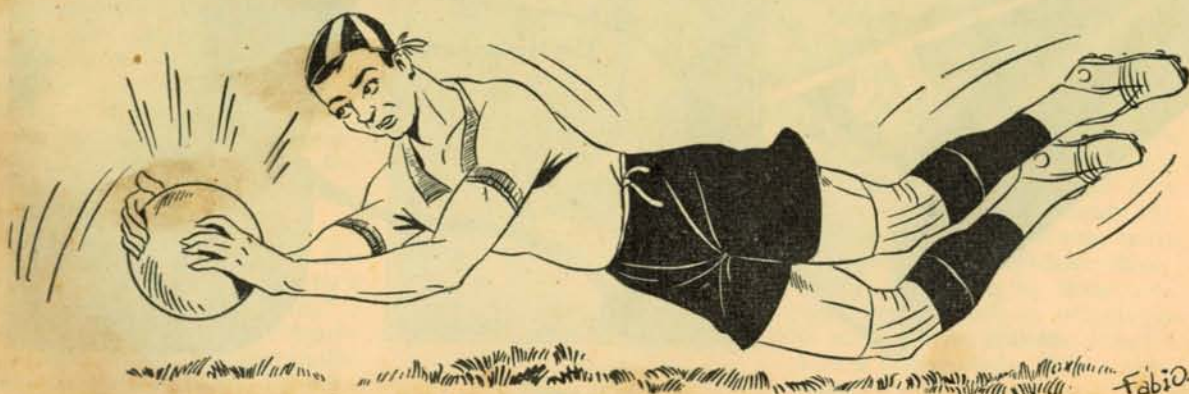
zinho, Prates, Rui, Franco, Furtadinho e Edgard.

Havia sido iniciada em 1928 a construção do "Estádio Antônio Carlos", que foi inaugurado em 1929 e o alvi-negro teve uma indenização de 350 contos de réis por concessões feitas à Prefeitura, conforme a lei n.º 52, de 28 de novembro dêste último ano.

Teve, então, o "Atlético" uma era de grandes vitórias. E assim que, depois de uma série numerosa de jogos inter-municipais em que sempre saiu vencedor, o alvi-negro passou a disputar partidas inter-estaduais e a sua bandeira panejou no cenário desportivo do País como um símbolo de conquistas memoráveis, que cobriram de glória o esporte montanhez, elevando-o ao nível da supremacia paulista-carioca. De facto, em partida inaugural, venceu o "Corinthians Paulista" por 4x2, sendo 3 goals feitos por Mário de Castro e 1 por Said. Essa memorável peleja foi presenciada pela maior assistência que já comparecera em campos de futebol em Minas até então, a qual teve oportunidade de admirar as magníficas instalações do novo campo, obra devida ao benemérito consócio Dr. Moura Costa.

Prosseguindo na sua carreira gloriosa, a 1.º de setembro, o "Atlético" venceu o "Vitória de Setubal", campeão de Portugal, pela contagem de 3x1.

A seguir, enfrentou um com-





ATLÉTICO MINEIRO, campeão dos campeões. Fotografia de 1930, quando bateu espetacularmente o Bangu. Nela se vê o seu famoso esquadrão composto de: Veado, Humberto, Orlando, Didico, Jaci, Milito, Jairo, Naná, Dario, Geraldino, Mauro, Mario Gomes, Jaime, Murilo, Maurício e Armando, além do diretor esportivo Ivo Melo e do técnico. Presentemente estão todos ou quase todos formados por escolas superiores.

binado carioca, formado por Veloso, Herminio, Silvio, Fernando, Floriano, Ernesto, Bahianinho, Fragoso, Alfredo, Benedito e Celso, logrando brilhante empate de 3x3, a 9 de dezembro de 1929.

Ainda mediu forças com outro combinado carioca igualmente forte, a 7 de janeiro de 1930, derrotando-o por 3x2.

Depois venceu o "S. C. Brasil", do Rio de Janeiro, por 5x1, a 18 de maio desse ano e, a 22 de junho, empatou com o "Flamengo", também do Rio, por 2x2.

Na cancha da Barroca, a 30 de agosto, derrotou o "Botafogo" carioca, por 3x2, goals conquistados por Mário de Castro.

Depois, a 6 de setembro, deu no "Bangu" uma surra de 7x2 e, a 20 desse mesmo mês, venceu o "S. Cristóvão" carioca por 3x1, ao passo que, em revanche, a 24 de outubro, no Rio de Janeiro, o "Botafogo" venceu-o por 6x3.

Em 1931, derrotou um combinado da Marinha por 8x0, em 29 de março, e venceu depois o "Sud-America" por 3x2, com este quadro: Armando, Maurílio, Nariz, Cordeiro, Brant, M. Gomes, Naná, Jacir, (depois Said), Orlando, Chafir (depois Cunha) e Mourinha.

Nesse ano, conquistou o título de campeão no torneio-início e empatou com o selecio-

nado gaúcho pela contagem de 1x1, em 18 de agosto, com este quadro: Armando, Marinho, Nariz, Cordeiro, Brant, Mário Gomes, Geraldino, Said (depois Chafir), Jacir (depois Orlando) e Mário, participando também de algumas partidas Cunha, Evando e Dalmi.

A 23 de outubro de 1932 empatou com o "Bom Sucesso" por 3x3, sendo que até esse ano o alvi-negro, além de numerosos jogos amistosos interestaduais e dois internacionais, havia vencido os campeonatos da L. M. de D. T., em 1915, 1926, 1927 e 1932, sendo o triunfador no primeiro e no último campeonato desse período.

Em fins de 1932, seguindo o exemplo dos Clubes de S. Paulo e do Rio de Janeiro, o "Atlético", então sob a brilhante presidência do Dr. Tomaz Naves, adotou o profissionalismo no futebol, ferindo-se, no ano seguinte, o primeiro campeonato de profissionais em Minas, com a participação dos Clubes de Juiz de Fora, sendo este o primeiro quadro de profissionais do "Atlético": Humberto, Maurílio, Evando, Jaime, Mauro, M. Gomes, Dario, Jacir, Orlando, Jairo e Naná.

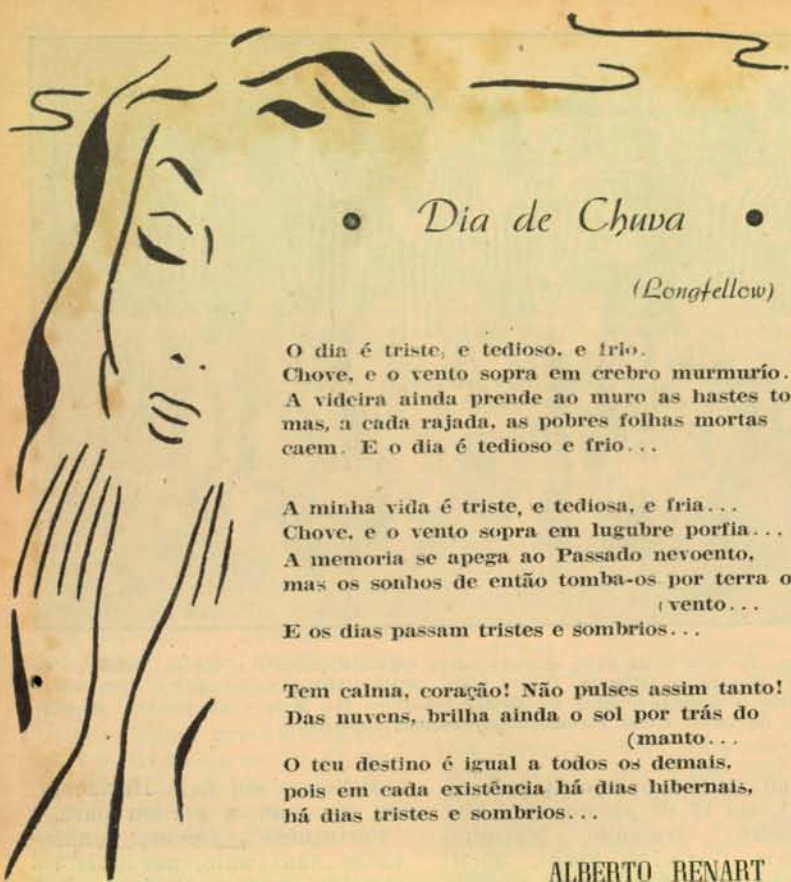
Em 1933, derrotou o "Bangu", do Rio de Janeiro, por 3x0, e, naquela cidade, a 26 de julho, empatou com o "Flamengo" por 3x3.

Depois, em Belo Horizonte, no seu campo, perdeu para o "Portuguesa", valente conjunto de São Paulo, por 6x2; foi vencido pelo "Fluminense", por 3x1, a 14 de janeiro de 1934; em março, venceu o "Flamengo" por 3x1; empatou com o "América", do Rio, por 1x1, em setembro; em novembro, no Rio, empatou novamente com o "América" por 2x2; a seguir, em partida de desempate, saiu vitorioso por 4x3 contra o "América", sendo este o seu quadro: Humberto, (Geraldino), Tião, Evando, Jacir, Lola, Menezes, Lelo, Paulista (Bitola), Guará, Nicola e Alcides.

Nesse ano, o "Atlético" inaugurou a sua piscina, treinou os seus primeiros quadros e, a 25 de março, realizou a primeira competição interna de nado, com resultados animadores. No ano seguinte, já os rapazes do Clube venciam a primeira competição interestadual de natação realizada em Minas.

Em abril de 1935, pela primeira vez, foi Minas Gerais representada no campeonato brasileiro promovido pela Federação Brasileira de Natação, tendo os nadadores do "Atlético" feito boa figura.

Quanto aos jogos de tennis, foi o alvi-negro o último dos nossos Clubes a criar departamento desse esporte.



• Dia de Chuva •

(Longfellow)

O dia é triste, e tedioso, e frio.
Chove, e o vento sopra em crebro murmurio.
A videira ainda prende ao muro as hastes tortas
mas, a cada rajada, as pobres folhas mortas
caem. E o dia é tedioso e frio...

A minha vida é triste, e tediosa, e fria...
Chove, e o vento sopra em lugubre porfia...
A memoria se apegas ao Passado nevoento,
mas os sonhos de então tomba-os por terra o
vento...
E os dias passam tristes e sombrios...

Tem calma, coração! Não pulses assim tanto!
Das nuvens, brilha ainda o sol por trás do
(manto...)

O teu destino é igual a todos os demais,
pois em cada existência há dias hibernais,
há dias tristes e sombrios...

ALBERTO RENART

*

Praticando o basket e o tenis, brilhou neste último, cujo campeonato, disputado em 1935, levantou com galhardia. E não satisfeito com o título de campeão de Belo Horizonte, o alvi-negro trouxe de Juiz de Fora a turma do "Pedro II", campeão daquela cidade, vencendo-a e conquistando o título de campeão de tenis.

Ainda nesse ano, nos domínios do futebol, derrotou o "Flamengo" por 4x0, a 10 de março, e só não conquistou o campeonato por haver sido su-

primido o 3.º turno, indevidamente, sendo este o quadro que disputou esse campeonato da "Associação Mineira de Futebol": Cafunga, Perácio, Evandro, Jacir, Lola, Bala, Lelo, Paulista, Guarã, Nicola, e Elair, tendo como reservas Hélio, Tião, Bazoni e Armando.

Em 1936, sério dissídio dividiu a família futebolista de Minas Gerais em duas facções, justamente quando o "Atlético" havia conquistado a maior das glórias do esporte brasileiro, com o título de campeão dos

campeões ou campeão do Brasil.

Esse grandioso acontecimento fez vibrar no mais intenso entusiasmo a alma mineira, que se expandiu em festivas manifestações por toda parte, quando o *team* vencedor regressou a Belo Horizonte. Aqui foi ele recebido por quase toda a população da cidade e por numerosos esportistas vindos do interior especialmente para homenagear o campeão dos campeões. Recebidos apoteoticamente na *gare* da Central, foram os alvi-negros conduzidos em "marcha aux flambeaux" pelas ruas da cidade até o "Estádio Antônio Carlos", onde ainda lhes foram tributadas outras imortalizadoras homenagens.

Nesses áureos tempos do alvi-negro as suas maiores figuras eram Said, Jairo e Mário de Castro: Said, com as suas finitas desconcertantes e com o poderio do seu tiro; Jairo, o distribuidor perfeito, o manejador seguro da pelota e infiltrador audaz; Mário de Castro, a perfeição no jogo de futebol, o homem que nasceu para levantar multidões com os seus *goals* admiráveis. Era o nome mais popular de todos, no conceito de um cronista a quem devemos estas notas.

Nestes 10 últimos anos o "Atlético" consolidou a sua popularidade, vencendo o "Independiente", fazendo-se bi-campeão em 1938, 39, 41 e 42; tornando-se, por assim dizer, a essência do futebol belo-horizontino, tais as suas tradições gloriosas, como observou um cronista justo e sincero, a 26 de outubro de 1945.

Por isso mesmo, esse cronista, cometendo a derrota que um Clube do interior de Minas in-

EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau.

Beleza...

SEM PERIGO PARA A CUTIS Bil O EMBELEZADOR INOFENSIVO

BIL, O EMBELEZADOR RÁPIDO, é fabricado em 7 tonalidades diferentes. Corrige maravilhosamente todas as imperfeições da pele, proporcionando-lhe um *colorido natural* encantador.

MODO DE USAR:

Num instante, por meio de um algodão, ou com as pontas dos dedos, a senhora poderá aplicar uma camada de BIL no rosto e no colo. Absolutamente inofensivo, BIL imprimirá à sua pele um aspecto de sedutora suavidade.

FIQUE BELA... EM POUCOS MINUTOS

Bil

O Embelezador Rápido



Preencha o coupon, envie-o à Caixa Postal 4244, Rio, e receberá pelo Rembolso Postal, ao preço de Cr\$ 10,00, um frasco de BIL.

Côr da pele
Côr dos olhos
Côr dos cabelos
Nome
Rua
Cidade Estado

PC-8-3

Récor Propaganda

flingiu no "Atlético", dois dias antes, teve períodos cáusticos para o *team* que vinha representando o alvi-negro, salientando que ele "perdeu para um adversário que mereceu a vitória, é verdade, mas que tem apanhado dos fracos e dos fortes e que é o *lanterninha* do campeonato."

A partir de 1911 até o presente o "Atlético" tem tido os seguintes presidentes: — Aleixanor Pereira, 1911; Jair Pinto dos Reis, 1912-13; João Luiz Morethson, 1914; Roberto Xavier de Azevedo, 1915-16; Nilo Rosemburg, 1917; Antônio Antunes Filho, 1918-19; Alvaro Felicíssimo, 1920; Alfredo Furtado de Mendonça, 1921-22; Roberto Xavier de Azevedo, 1923; Alfredo Furtado de Mendonça, 1924-5; Dr. Leandro Castilho de Moura Costa, 1926-30; Anibal Matos, 1931; Dr. Afonso Ferreira Paulino, 1933; Dr. Tomaz Naves, 1933-38; Casildo Quintino dos Santos, 1939-40; Sálvio Noronha, 1941-42; Hélio Soares de Moura, 1942-43; Alberto Pinheiro, 1944; Olímpio Mourão de Miranda; 1945; e Edward Nogueira, 1946.

Fiel às suas gloriosas tradições o "Atlético Mineiro", após um curto período de depressão, vai reconquistando brilhantemente a sua posição de líder do futebol montanhês e uma

das maiores glórias do esporte bretão no Brasil, como o decano que é dos Clubes de futebol existentes na cidade. E, desse fato, mais uma eloquente prova a derrota de 2x0 que o alvi-negro inflingiu no "Libertad", campeão paraguaio, na memorável noite de 8 de janeiro último.

*

JANELAS ABERTAS

AS infecções das vias respiratórias — resfriados, tosse, etc. — são geralmente atribuídas às mudanças de temperatura, à umidade e ao frio. Entretanto, especialmente quando se trata de epidemia — esses fatores não são os principais responsáveis pela infecção. Há coisas muito mais importantes, segundo a opinião do dr. Leonard Williams. Por exemplo: a ventilação insuficiente das casas, dos veículos de transportes coletivos, dos locais de diversão, das escolas e de todo local onde haja agrupamento. A coincidência dessas infecções surgirem de preferência nas estações frias, explica-se pelo fato de que, quando começa a descer a temperatura, fecha-se habitualmente portas e janelas, postigos de bondes e ônibus, o que oferece oportunidade aos germes de exercerem os seus efeitos. Sabe-se que as infecções das vias respiratórias como as inflamações das demais mucosas do organismo são devidas à ação dos

micróbios. Os melhores meios de destruição destes são o ar livre e o sol. No verão, o homem vive muito tempo ao ar livre, expõe-se ao sol, e assim garante maior resistência à ação microbiana. Durante os meses frios, entretanto, fecham-se as janelas, o ar não se renova e, nessa atmosfera viciada, os germes entram em atividade. Ao contrário do que se acredita geralmente, é mais difícil apanhar um resfriado num ambiente ventilado, apesar do frio, do que num quarto aquecido artificialmente e de janelas cerradas, para impedir a entrada do ar exterior.

*

CAMPEÃO DO AMOR

NA FRANÇA, um rapaz chamado René Marie Costard foi condenado por três esposas, sendo que cada uma ignorava a existência das outras... O curioso neste caso é que foi um acidente de automóvel que desvendou o mistério da vida triplice do D. Juan, exatamente no momento em que este, cansado das três *caras-metades*, dispunha-se a armar a "retirada", naturalmente para tentar em outras terras novas conquistas.

Ao fugir, René Costard foi atropelado e, no hospital, em estado de choque, não pôde ser identificado por falta de documentos. Noticiado o acidente pelo rádio com os sinais da vítima, as três mulheres compareceram à enfermaria...

Imaginem os leitores que terrível cena de *vaudeville* não devia ter sido armada no palco improvisado da Assistência Pública. Ainda bem que o local é o mais próprio para epílogos de tragédias...

VOLTANDO uma vez da América do Norte, Cipriano Lage contava coisas curiosas que tinha observado lá. O que mais o impressionou foi o fato de as moças americanas saberem reabilitar o amarelo nos vestidos. Nunca que pensou ser possível tal absurdo, pois o amarelo é perfeitamente ostensivo ou espetacular. E' mais próprio para bandeiras nacionais, como se sabe. Pois as americanas se vestem ao mesmo tempo de verde e de amarelo, e o conjunto se evidencia com uma graça, com uma alegria admirável. O segredo de tal milagre não se sabe, mas que fica bonito à vista e ao gosto estético não há dúvida que fica. De modo que, nesta ques-



Rosalind
Russel,
da Metro



Hazel
Brooks,
da Metro

TEÓRICA

tão difícil de vestido de mulher, é a mesma coisa que se nota no problema da imortalidade da alma. Nunca que se chega a saber com certeza em que está a verdade, a verdadeira teoria. Que há alma, há. Basta ver um corpo sem alma como alegava o padre Antônio Vieira. Mas vá Você provar a sua existência se é capaz. Emaranha-se nas teorias,

Lina
Romey,
da Metro

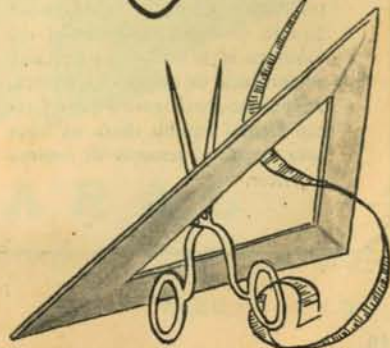


Exótica do vestido

nos argumentos, nos exemplos e, no fim, Você não encontra saída. Do mesmo modo com o vestido elegante. Ele existe, êle impressiona, êle fica guardado nos nossos olhos, mas o por quê de tal impressão visual não se atina qual seja. Nunca que se atina.

Parece coisa que um vestido belo é aquêlê que se harmoniza com o temperamento, com a alma da mulher que o veste. O vestido deve mostrar o coração e o corpo que êle encobre e, ao mesmo passo descobre ou deixa descobrir. Coração ruim, corpo ruim não servem para vestido bonito. E' preciso arranjar outro jeito.

Curioso que o nosso tempo, caracterizado pela audácia em tudo, também se distingue, quanto à indumentária feminina, pela originalidade do corte, do estilo e das cores. Os costureiros mais afamados do mundo rompem com a tradição, fazem autênticas criações exóticas em sua arte — a arte de aumentar o atrativo das mulheres. Uma das regras é procurar despir a mulher por meio do vestido, ou falando melhor, aproximar o mais que for possível o vestido do corpo da mulher. O vestido tem a função de salientar toda a harmonia existente no corpo envolvido. Eis, em vista disto, a lei que preside à confecção de uma bela vestimenta: — o vestido é o





O Inimigo Invisível

RI-SE DO ESPÊLHO

Porque o espelho não pode revelar o seu

"Inimigo Invisível", a acidez bucal de origem bacteriana

COMBATA O SEU

"INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM:

1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza *eficiente e segura*.

2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a pernicioso acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca *uma agradável sensação de limpeza e frescor*.

Mas, se a acidez bucal de origem bacteriana não for evitada, pode sobrevir a cárie.

Para combater esse "Inimigo Invisível" você precisa limpar os dentes regularmente. Use o Creme Dental Squibb, que é algo mais do que um simples dentífrico.

O Creme Dental Squibb limpa os dentes com segurança e eficiência, deixando na boca uma sensação agradável de limpeza e frescor.

O Creme Dental Squibb contém Leite de Magnésia Squibb, cujo contato contribui para neutralização dos ácidos da boca.



CREME DENTAL

SQUIBB

★ UMA CARTA DE AMOR ★

NOTÍCIAS de Londres informam que está à venda uma carta da rainha Isabel ao duque de Anjou. É uma carta de desculpas: iam casar-se quando a rainha, como se habituara a fazer com seus pretendentes, voltou atrás.

Isabel por várias vezes anunciou suas bodas sem contudo se ter casado. "Quando eu morrer — dizia ela ao parlamento, que instava para ela contrair matrimônio — poderei dar-me este epítáfio: 'Aqui jaz Isabel, a rainha que morreu virgem'".

Fontenelle, que pode ser considerado o modelo do ceticismo francês daquela época, punha dúvidas nas virtudes que esse epítáfio pretendia proclamar. Não se pode, de fato, esquecer os amigos privados que dos seus braços saíram para a força, como ocorreu a Tomas Saymour e a Essex, o primeiro e o último dos seus amantes.

Mas ainda hoje se discute aquela vocação irredutível de solteirona...

Os biógrafos, quando tratam do seu aspecto físico, ainda discordam sobre se ela era feia ou muito feia. Pelo que se conclui das memórias e retratos, deve ter sido realmente muito feia. Tinha bom corpo, mas todo marcado pela varíola, (os sinais dessa doença não constituíam perigo à beleza feminina, de tão comum que era então); sofria de notória deficiência das glândulas capilares; sua epiderme era de uma palidez cadavérica, além de uma úlcera que tinha na perna, e que a atormentou durante toda a sua existência.

No entanto, era atrativa. A sua vivacidade, a sua graça natural, a sua conversação fluente e espiritual, tornavam-na uma mulher excepcional.

A razão de sua aversão ao casamento provinha, ao que parece, de sua esterilidade. Ela tinha consciência da herança fisiológica porque sabia as histórias de seu depravado pai, o obeso Henrique VIII. Era tão rainha que não concebia o matrimônio sem esperanças de uma prole. Os reis não se casam por amor, mas para perpetuar a dinastia.

Talvez tivesse sido a fecundidade de Maria Stuart, e não a beleza, a razão do rancor de Isabel.

As negociações para o seu casamento com o duque de Anjou chegaram a um ponto que todos a julgaram casada. Houve outras situações idênticas, porém menos intensas, em que esteve em vias de fato para casar-se: com Felipe II, da Espanha, com Carlos, da



Austria, com Henrique, da Suécia, com Adolfo de Holstein, que se apaixonou violentamente por ela, e muitos outros.

Com o duque de Anjou, um Valois, irmão de Henrique III, rei da França, chegou-se a divulgar os protocolos das bodas e houve troca de anéis na presença das côrtes. Num momento, tudo se desfêz.

Esse Valois era tão pobre de sangue como a Tudor e se chegasse a unir-se a culpa da esterilidade recairia antes sobre ele. Mas parece que Anjou foi o amor mais puro de sua vida; mais terno do que o que dedicou a Essex, mais absorvente que o de Leicester.

Mas o amor de Anjou foi como o primeiro que chegasse tardio, quando o coração já não o esperava.

Essa separação do homem a quem se uniria, resultou no mais doloroso sacrifício da história amorosa da rainha fria. Nunca se consolou daquele adeus.

Portanto, a carta à venda em Londres, é a que explica o sacrifício supremo daquele coração forte. Seu valor histórico e sentimental é, portanto, incalculável.

Idealize tôdas as peças de seu lar...

e nós as executaremos, transformando em realidade todos os seus sonhos!



FABRICAÇÃO
PRÓPRIA

SAMARAL

MÓVEIS — CORTINAS — TAPEÇARIAS

Rua Tupinambás, 759 —:— Fone 2-0105

O SEGRÊDO

CONCLUSÃO

mos completamente inconscientes um do outro até que a suspeita de Andrés permitiu descobrir que nos queríamos... Admito que te quero; porém também quero a Andrés. Antes de saber que te queria já o amava, a ele, de todo o coração. O que acontece agora é cruel, demasiadamente cruel... uma cilada armada pelo destino para tentar-nos. Mas, saheremos ser dignos de nós mesmos. Sei muito bem que te não cabe outra solução senão a de amar-me em silêncio porque tudo nos está vedado. E, antes de tudo, devemos ser fiéis a Andrés; não devemos permitir que ele advinhe a verdade; nunca deverá saber que suas suspeitas fizeram realidade do que antes jamais existiu...

● Sómente lhe resta uns poucos meses... Seria desumano fazê-lo passar esse final de existência consumido pelo ciúme. Devemos proporcionar-lhe tódia a paz, tódia a tranqüillidade de que necessita sua alma torturada e seu corpo cansado... São apenas uns meses... Quando penso nisso parece que a alma se me abandona...

Hoje recebi o relatório do médico radiologista. Teu diagnóstico foi confirmado. O velho golpe que recebeu na cabeça, há tantos anos, foi fatal para Andrés. Seis meses no máximo... E' horrível,

horrível! E eu o amo, amo-o como sempre, como nunca... e vou perdê-lo...

E' possível que, como disseste, meu carinho, meu sentimento por Andrés não passe na realidade de gratidão. Admitindo isso, deixa-me ser grata até o último momento. Ele me necessita agora mais do que nunca. Dentro em pouco, começará a perder a vista. Então, compreenderá, advinhará o que não lhe posso dizer... Será como uma criança perdida nas trevas, uma criança que necessitará da proteção de alguém que o queira verdadeiramente... Por ora, não posso dizer-lhe... Não posso. Quando começar a sentir que a treva está se fazendo constante há-de obrigar-me a contar-lhe tudo, porque, estou certa: ele descobrirá então que eu jamais ignorei... Nesse dia, Pablo, farás falta. Nesse dia, ele compreenderá que tu foste amigo e desejará novamente tua presença. Ajudar-me-ás, Pablo? Sim, dize-me que posso contar contigo. Hoje, mais do que nunca, Andrés e eu necessitamos de ti. Ajuda-nos, pelo que te há de mais precioso... Não te peço que deixes de querer-me porque sei que não se pode lutar contra o amor. Mas, se me amas verdadeiramente, tens agora a oportunidade de demonstrar-me teu amor. Andrés de nada suspeita. Poderemos guardar nosso trágico segredo. Entreguemos, pois, tudo nas mãos de Deus que tudo pode e que saberá guiar as nossas mãos...

A carta terminára de arder: restava sómente um montículo de cinzas que Lorenza recolheu e pôs no cinzeiro.

Depois, devagarinho entrou na sala contígua e encontrou Andrés recostado no largo divan, dormindo placidamente.

Nos olhos de Lorenza brilhou uma lágrima, e sua mão, suave e amorosa, acariciou levemente a fronte de Andrés. Ele ignorava, por completo seu trágico destino...

Dos lábios trêmulos de Lorenza ouviu-se um murmúrio de prece:

— Senhor, faça-se a tua vontade...

A VILA MAL...

CONCLUSÃO

da mina que existia ali perto, ofereceu-lhes a sua casa para o que fôsse necessário. Esta ficava a calhar, pois o terreno, em forma de "L", confinava com o cemitério, lugar ideal para servir de "ambiente". Os bandidos reuniam-se na residência do ourives disfarçadamente, e à noite das sextas-feiras preparavam-se, e saltavam o muro do fundo do quintal. Estavam convencidos de que o povo, certo de que a Vila ficara mal-asombrada, acabaria abandonando o lugar, deixando o "campo livre" para as suas falcatruas.

— Mas que idéia! exclamou d. Rodrigo. E vocês não receavam ser descobertos?

— A gente fazia isso um pouco por pândega também, explicou o ourives. A brincadeira era divertida, e nós estávamos certos de que ninguém teria coragem de chegar perto dos "fantasmas".

— Como se explica que as poucas balas disparadas contra eles não os atingissem?

— Algumas erraram o alvo, outras bateram no colete de ferro que todos usavam debaixo da túnica, como proteção. Minha culpa não foi grande, d. Rodrigo; portanto meu castigo deve ser pequeno. Nunca roubei, nunca matei ninguém. Apenas ajudei aos fantasmas. Pelo amor de Deus não espalhe o caso... Que será de mim?! Quererão linchar-me, na certa!

— Dou-te uma semana para saíres daqui, tornou d. Rodrigo. E que os "fantasmas" não continuem em Vila Rica nem mais um dia! Guardarei segredo durante uma semana até que mudes para ou-

Don Juan

O BATON CONQUISTADOR
QUE RESISTE A TUDO E AO
QUAL NINGUÉM RESISTE.

Don Juan

NEW YORK



EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

tro lugar. O senhor Conde de Assumar saberá da história hoje mesmo, entretanto.

O ourives, acovardado e medroso, ainda disse:

— Não vão me matar ou prender? O senhor garante?

— Garanto, afirmou d. Rodrigo. Mas de outra vez tenha mais juízo, hein? E retirou-se.

*

O Conde de Assumar deu boas risadas com a história:

— Mas como se explica que um fato ridículo dêsses tenha tomado tais proporções?

— Diversas circunstâncias contribuíram para isso. Antes de tudo, culpemos a ingenuidade do povo que vive acreditando em tolices. Além do mais, a neblina que sempre desce à noite sobre a vila, empresta mesmo às coisas esse ar "sobrenatural" que tanto favoreceu aos fantasmas. A imaginação exaltada do pessoal fez o resto... E enquanto isso, os espartalhões tiravam ouro à vontade daquêle veio perto do cemitério...

O Conde agradeceu ao fidalgo o grande favor que acabava de fazer-lhe e presenteou-o com um belo colar de ametistas.

— Leve-o para sua esposa, disse êle.

Não se falou mais nas aparições. O céu escutara as preces do povo.

José Vitor mudou-se para Sabará e, quando lhe pediam que contasse o caso das assombrações, êle desviava logo o assunto.

*

Os oratórios ainda existem no cruzamento das ruas da velha Ouro Preto. Pouca gente conhece, entretanto, a história que se prende a êles.

Os turistas passam e perguntam:

— Que significam êsses nichos singelos numa cidade onde há tantas e tão lindas igrejas?

Quase ninguém sabe responder-lhes...

*

A VOZ DA CONSCIÊNCIA

O DIRETOR de um jornal americano publicou, no seu periódico, um aviso assim concebido:

"A minha criada comprou dois quilos de açúcar numa loja de Nova York e faltavam 100 gramas. Se não mandarem à redação dêste jornal as 100 gramas que faltaram, amanhã publicaremos o nome do estabelecimento onde se roubam 50 gramas em cada quilo".

Três horas depois do jornal sair, já havia na redação uma poucas dezenas de pacotes de açúcar!



**ILSEN
EXTRA**

Onde quer que haja um indicio de bom gosto, uma sensação de prazer, aí será encontrada PILSEN-EXTRA, a cerveja que é um deleite para o paladar mais exigente.

**Prodúto
ANTARCTICA**

POETAS E PROSADORES

CONCLUSÃO

E aqui dizemos ao leitor que Wanderley é um contista interessante, natural, por vèzes dramático e, sobretudo, com um senso da verdade psicológica na composição das figuras que muito o recomenda ao bom gosto dos mais exigentes. E escreve bem como quem sabe a sua língua, conhecimento indispensável a todo artista consciente da sua função humana de transmitir a emoção e o pensamento.

E' difícil ao leitor comprar os livros dêste contista brilhante, porque parece que o autor os esconde. Porém, convém procurá-los, porque são vivos, corretos e cheios de observações da vida e dos anseios do homem dentro do turbilhão das suas lutas.

Ele conta belas histórias e sabe contá-las muito bem.



-Ela faz "CROCHÊ"
em todos
os bailes...



VOCÊ
PODE TER
MAU HÁLITO
SEM SABER.

BEATRIZ VAI AO DENTISTA
PARA COMBATER O MÁU
HÁLITO RECOMENDO CRE-
ME DENTAL COLGATE
A ESPUMA DE
COLGATE CONTÉM O
NOVO INGREDIENTE
QUE PENETRA ATÉ
AS FENDAS ESCON-
DIDAS ENTRE OS
DENTES.

LIVRA-AS DOS RESÍDUOS
DOS ALIMENTOS E DAS BAC-
TÉRIAS QUE SÃO A MAIOR
CAUSA DO MAU HÁLITO, DOS
DENTES EMBAÇADOS E AMARE-
LOS, DAS GENGIVAS MOLES E DAS
CÁRIES DOLOROSAS. POR ISSO
É QUE COLGATE LIMPA REAL-
MENTE OS DENTES EMBELEZA,
CONSERVA AS GENGIVAS FIR-
MES E O HÁLITO PERFU-
MADO. COMEÇA A USAR
COLGATE HOJE MESMO!



Um Sorriso COLGATE
Faz Milagres



DEPOIS - GRAÇAS A COLGATE

ESTES conselhos — o decálogo da mulher moderna, como o poderíamos classificar — se destinam ao mundo feminino. A fonte não poderia ser mais autorizada para ditar tais conselhos essenciais à beleza feminina: Claudette Colbert. Ouçama nas nossas leitoras e sigam-lhe, confiantes, os ensinamentos:

1 — Não computeis a vossa beleza acima nem abaixo do seu verdadeiro valor. Lembrai-vos de que o mundo está cheio de mulheres bonitas e que as homenagens que recebeis de homens e mulheres são igualmente distribuídas a toda e qualquer mulher bonita.

Não vos fieis nos vossos encantos naturais, ao ponto de não tardardes de criar uma personalidade encantadora. O palco da vida não tolera a tradicional combinação "bonita e estúpida". Além disso, a vida de uma beladade raras vêzes excede de dez anos, de maneira que convém a todas as mulheres bonitas guardarem um pouco da sua beleza para os anos em que houver cessado o seu florescimento.

Há poucas mulheres, especialmente nos Estados Unidos, que computam a sua beleza abaixo do seu verdadeiro valor. Essas mulheres vão em geral ao extremo oposto daquelas que exageram o valor da sua formosura, e cogitam tão só do seu valor mental, pondo o atrativo físico de parte.

Jamais houve mulher que, por sua beleza, se tornasse célebre abstraindo-se de cultivar a graça, o equilíbrio, a toalete, e até a cultura da voz.

2 — Não consintais que o tor-

ENVELOPE CAMPEÃO ? E DINHEIRO NA MÃO!

LOTERIA FEDERAL

EXTRAÇÕES EM MARÇO DE 1946

Dia	Premio maior	Preço
2	2.000.000,00	350,00
9	500.000,00	70,00
13	500.000,00	70,00
16	1.000.000,00	120,00
20	500.000,00	70,00
23	1.000.000,00	120,00
27	500.000,00	70,00
30	500.000,00	70,00

DE ONDE QUER
QUE VOCÊ RE-
SIDA, PODERÁ
PEDIR O SEU
BILHETE AO

LOTERIA DE MINAS

EXTRAÇÕES EM MARÇO DE 1946

Dia	Premio maior	Preço
1	300.000,00	40,00
8	200.000,00	30,00
15	300.000,00	40,00
22	200.000,00	30,00
29	300.000,00	40,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

Av. Afonso Pena, 612 e 781 — C. Postal 225 - End. Tel. CAMPEÃO - B. HORIZONTE

NÃO MANDE
DINHEIRO EM
REGISTRADO
SIMPLES

velinho da vida social vos roube antes do tempo a vossa beleza.

Quantas vêzes não tenho visto lindas moças perderem a beleza no excesso das festas noturnas, que lhes roubam o sono precioso, envelhecendo-as prematuramente. Convém equilibrardes o desejo de divertir-vos com a necessidade de possuídes uma saúde real que vos garanta a saúde.

3 — Não observeis uma dieta estrita, mas conservai atraente o vosso rosto graças ao exercício e a uma alimentação sensata. No cinema não se tolera nunca um excesso de peso, e quando succede que uma das girls começa a ganhar peso demais, mandam-na a um médico que lhe prescreve uma dieta sadia e um regime adequado.

4 — Não vos caseis moças demais. As grandes beldades quase sempre vêm a desgostar-se com o casamento que fizeram cedo demais, porque sentem que os deveres de mãe e de esposa que assumiram lhes roubam oportunidades de uma vida de maior plenitude.

5 — Não bebais nem fumais. A beleza depende, acima de tudo, da saúde e a dissipação jamais favorece a beleza.

6 — Não deis ouvidos à lisonja. Aprendei a aceitar a lisonja com graça e amabilidade, mas não tomeis demais a sério o fraseado dos vossos admiradores. Uma moça linda mas vaidosa perde, pela arrogância, muito da sua fascinação.

7 — Não vos entregueis ao esporte com demasiada intensidade. O excesso de golf, de tenis, de natação, etc., origina um desenvolvimento muscular que é nocivo à beleza da figura feminina.

8 — Não vos preocupeis constantemente com a perda que haveis de sofrer da vossa mocidade e beleza. Aprendei a acolher graciosamente os anos que avançam, e quando chegardes à idade mediana evitai tomar por modelo as moças de dezolito anos...

9 — Não procureis mudar a cor dos vossos cabelos. A Natureza escolhe ela própria, em geral, a adequada cor de cabelo que há-de ter cada um.

Se o novo cabelo perder a cor com o sol, bastará que o laveis, mas não penseis nunca em tingi-lo.

10 — Não useis em excesso a maquilagem. Há na América tesouros de beleza natural sepulta dos sob ondas de pó, de baton e de tinta. Um toque nas sobrancelhas, uma camada leve de pó natural e sóbria aplicação de baton, constituirão o êxito de uma criatura real e naturalmente bonita.



Claudette Colbert, estrêla da Paramount, autora dos interessantes conselhos de beleza desta página.



MULHER E OS ANIMAIS

Dorothy Morris, da Metro, cumprimentando Lassie

AS MULHERES quanto mais conhecem os homens, mais adoram os cães. Todas elas, ao que parece, pensam como Belmiro Braga. O grande poeta mineiro possuía um cão chamado **Príncipe**. Era um animal docil, amigo e fiel. Quando ele morreu, toda a cidade de Juiz de Fora teve pena de Belmiro, pois ninguém ignorava o carinho do escritor pelo seu **Príncipe**. Alma sensível, o poeta lamentou a morte do cão num poema lírico e filosófico que muita gente guarda de côr.

Pela estrada da vida, subi morros,
Desci ladeiras e, afinal, te digo:
— Se entre os amigos, encontrei cachorros,
Entre os cachorros, encontrei-te, amigo.



Ann Rutherford, da Metro, com o seu angorá inseparável...

A amizade aos irracionais é um indício de altas virtudes. São Francisco de Assis os tinha como irmãos, e o santo italiano aparece nas gravuras antigas acariciando feras por ele domesticadas.

Nos tempos remotos, o cão, o gato e o boi foram adorados como divindades, recebendo o alimento das mãos dos sacerdotes. Se o culto desapareceu com a civilização, nem por isso os animais perderam a afeição dos homens. Conhece-se a cultura de um povo pelo modo de tratar os animais. As nações bem governadas têm leis sábias que os protegem contra a brutalidade dos homens.



A corajosa Dorothy Lamour, mostra-se a verdadeira amiga da onça...

Desde a infância, temos a atenção voltada para os bichos. São eles os heróis das nossas primeiras leituras. Através das fábulas, passamos a conhecer as virtudes e as fraquezas de todos eles. O macaco é astucioso; a raposa, matreira; o cão, fiel; o coelho, esperto; o pavão vaidoso; o gato, inau e o burro é burro mesmo. Esses predicados dos animais, que nos são ensinados na infância, ficam gravados para sempre em nossa memória. Com o correr dos anos, verificamos serem exatas as lições recebidas. Ninguém duvida da fidelidade dos cães e da astúcia das raposas...

As mulheres, mais que os homens, terão afeição aos animais? Nos clichês que estampamos, vemos lindas estrelas da tela acariciando cães, gatos, bois e até feras. Publicidade, exibição ou ver-
(Conclui na página 131)





MICHEL...

O mais suave entre os suaves

Quando a Sra. encontrará noutro baton essa base úmida de creme, característica tão notável do baton Michel?... ou essa delicadeza e a facilidade com que se espalha uniformemente sobre os lábios? Em que outro baton a Sra. encontra essas qualidades excepcionais de permanência e essas encantadoras tonalidades naturais que convidam ao beijo?... e seu delicado perfume que delicia os sentidos?



BATON • PÓ • ROUGE • MÁSCARA • SOMBRA • MAQUILAGEM CAKE

CAIXA DE SEGREDOS

CONCLUSÃO

midades excessivas ao seu namorado e ele, como acontece sempre, passou a julgá-la demasiado fácil e, por conseguinte, desinteressante. Uma menina ajuizada não perde por ser discreta e sensata, nos seus namoros. O cinema mostra-lhes, muitas vezes, aspectos artificiosíssimos da vida, e vocês, jovens inexperientes, vítimas de produtores cinematográficos levianos e inescrupulosos, dia a dia perdem a noção de dignidade que deve estar sempre presente numa moça. Contudo é você ainda muito criança e está muito em tempo de corrigir-se. Mantenha-se na altura que deve colocar-se uma menina bem nascida. Nada de "flirts" levianos e, sobretudo nada de concessões. Quem sabe a volta do seu namorado, não vai depender da conduta da ex-namorada?

O CARNAVAL E AS MULHERES

CONCLUSÃO

mulheres vêm nos sambas dos morros homenagens à sua beleza, à sua graça e aos seus feitiços. Gostam da toada lânguida e mole das marchas que ouvem nas ruas. Decoram música e letra. Aham tudo muito bonito e muito natural. Não pensam no mal que praticam. Não vêm que bem pouca tranquilidade poderão ter os pais de família sabendo que as filhas estão nos Clubes a gritar:

O cordão dos "puxa-saco"
Cada vez aumenta mais...

SEM NOME

ESTE caso é muito raro, talvez único. Numa pequena aldeia da Corsega, há duas pessoas sem nome, duas irmãs.

Os pais, falecidos há muitos anos, cometeram o grande desleixo de não registrar legalmente as filhas. E as duas órfãs não estão inscritas em repartição alguma.

Sem identidade legal as duas "pugas" vivem com enormes sacrifícios. Não conseguem trabalho porque lhes faltam os documentos exigidos.

Dirigiram-se às autoridades para que lhes fornecessem os dados necessários, mas isso fica muito dispendioso. Preferem então ficar mesmo anónimas, sujeitando-se a pequenos trabalhos, caseiros que mal chegam para viver.

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS DE PAPELARIA?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

SEMPRE NA VANGUARDA EM SORTIMENTO E PREÇOS

Av. Af. Pena, 1050 — Fones 2-1607 e 2-3016 — Belo Horizonte



TODAS as grandes figuras da história têm sofrido injustiças, acusações, calúnias, e quanto maior, mais se dividem as opiniões, raramente imparciais, quase sempre inspiradas pela admiração fanática ou a antipatia gratuita.

Mais que todas, George Sand, ou melhor, Lucille Aurora Dupin, tem servido para essas divergências, sempre discutida, quase sempre acusada, muito raramente defendida. Os puritanos acusam-na. Sem procurar conhecer as verdadeiras razões de sua aparente falta de preconceitos. Sem tentar, sequer, compreender a grande alma dessa mulher incomparável. E seus admiradores — estes não são muitos, por quê? — procurando defendê-la, às vezes elevam-na a um altar que não lhe compete, de mulher-sublime, mulher-deusa, qualquer título que, por certo, não lhe agradaria.

Ela, que foi uma grande escritora, uma grande batalhadora, não perdeu, é certo, a mais humana de suas qualidades, a mais verdadeira, e que era ser Mulher. Dai a querer dar-lhe o título de divina, há muito exagero.

Aurora Dupin não se deixou deslumbrar pela glória, e o seu espírito impelia-a para a Arte, o seu coração não era menos exigente, arrastando-a ao amor.

Que foram Chopin, Musset, Merimée em sua vida? Experiências vãs no terreno do ideal. Porque George Sand era uma idealista, uma sonhadora. Dizem-no os seus livros, as suas confidências, a sua bela coragem, desdenhando o mundo com as suas ignóbeis mentiras para se entregar ao que lhe pa-

recia a concretização de suas aspirações. Imaginava encontrar o Sêr Único, e foi nessa procura ansiosa que ela conheceu o Chopin egoísta, vaidoso, que as suaves valsas e os melancólicos *Noturnos* não lhe haviam deixado perceber. Foi, ainda, nessa busca, que lamentou o gênio louco de um Musset, quase anormal nos seus arroubos, não menos egoísta, não menos vaidoso que o outro.

Madame Sand desconhecia esses defeitos; ela nunca os sentia.

Recolhida à solidão de sua alma, só ela pôde saber o quanto de fel e dor transbordava de si, então. O mundo e a sociedade não a compreendiam. E quando outra ilusão a atraía, novamente, a uma tentativa quase desesperada de destruir aquela amargura e transformá-la em fé e confiança, esse mundo ignorante, essa sociedade viciada e má, acusavam-na de devassa.

Seu divórcio, que causou escândalo nas rodas corruptas daquele tempo, que compreendiam o adultério mas não a nobreza e a sinceridade, foi algo de tão penoso para a alma sensível dessa mulher, quanto o foram, mais tarde, as ingratidões e as mentiras de seus dois mais queridos amigos. Ela e o marido já não podiam viver juntos. Na realidade, jamais haviam estado juntos, apesar de partilharem a mesma mesa, o mesmo leito, a mesma vida. Quem podia criticar isso, quem podia compreender a grande tragédia que se ocultava sob a plácida vida conjugal? Quem podia julgar, se apenas os dois interessados conhe-

ciam e sentiam o peso imenso dessa calamidade?

Monsieur Dudevant, com toda a sua baixeza, apareceu como uma vítima de sua mulher. Era a injustiça a começar seu ataque contra a futura escritora.

Não há muito, o cinema deu-nos uma versão de sua vida. Um amontoado de coisas bonitas e falsas. Hollywood pareceu sentir grande prazer em elevar Frederic Chopin amesquinhando sua incomparável amante. E o público que, não sei porque, está sempre disposto a aceitar tudo de mau sobre uma mulher, recebeu com boa vontade essa impressão de uma George Sand cínica, ingrata, inimiga do povo e da liberdade. Algo de tão irreal, quanto se sabe que ela era uma das lutadoras de seu tempo, tendo ficado famosa pelo muito que se entregou à causa do povo. Quanto à liberdade, pode-se calcular maior incoerência que essa?

Madame Sand escrevia porque tinha talento, sim, mas, também, porque fizera da literatura o motivo principal de sua vida, para veículo de sua extrema ternura, sua compreensão e seu amor ao povo, à justiça e à sinceridade. Escrevia, ainda, porque precisava viver, e não era uma parasita. Se Chopin praticou atos pouco nobres, estando em sua companhia, por que acusá-la, se ele não era uma criança?

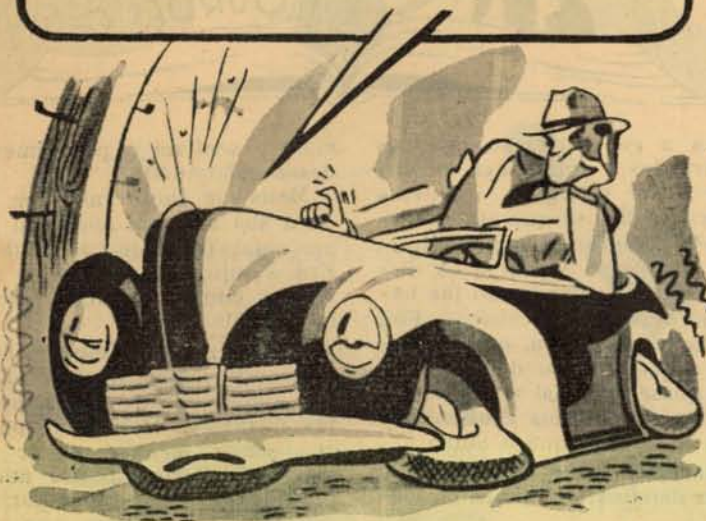
Não quero deixar a impressão que considero George Sand uma mulher excepcional por ser ela uma visionária do amor, uma criatura bastante digna

(Conclui na página 131)

Bem que me aconselharam...
a ser freguez da

CASA DOS PNEUS

de ROBERTO MOREIRA — Av. Paraná, 2



LADY MACBETH

CONTINUAÇÃO

soberbo, conflante, desembarca com uma expedição no condado de Fife. A Escócia encontra-se outra vez em perigo. Mas existe um homem: Macbeth.

A fanfarra guerreira estruge, conclamando todos os clãs. Os ecos do alarma acordam os ares pacíficos das planícies e reboam nas quebradas das montanhas. Travam-se batalhas encarniçadas. Por fim, Macbeth, mais uma vez, sai vitorioso, derrotando o herói escandinavo, o audaz norueguês vencedor dos saxões. Kanut obtém por muito favor permissão para enterrar os mortos, e, desmoralizado, desaparece para sempre das terras da trágica Escócia.

Eis aí, em síntese, os inolvidáveis serviços prestados à Escócia e ao rei Duncan pelo general Macbeth.

*

E' noite. A charneca está silenciosa. O general Macbeth passeia ao lado do general Banquo, e conversa amigavelmente. Macbeth mostra-se contente com as suas vitórias. Sente-se extraordinariamente feliz. A guerra terminou com o triunfo completo de suas armas. Macbeth reflete em todas as ações que lhe deram a fama. Torna-se cada vez mais ansioso, dominado por um turbilhão de pensamentos. Depois fica só. E medita profundamente. Considera o trono real da Escócia. Seus pensamentos febris voam também para junto da esposa. E resolve escrever-lhe, arrastado pelas intensas cogitações, os sonhos ardentes de poderio, as malignas intenções que lhe queimam os sentidos.

Premedita coisas tremendas. Desenha-se em sua mente um plano sinistro que aos poucos se completa. Macbeth agora não tem mais dúvidas, nem receios, nem escrúpulos. E' nesse instante o thane de Cawdor, nomeado pelo rei Duncan, para substituir Mac Donald, já morto. Mas Macbeth subestima o título, porque ambiciona poder maior. Quer ser o rei da Escócia. Esta idéia imensa domina-o inteiramente, pesa-lhe no cérebro, inquieta-o, eletriza-o. E por que não? Ele, general glorioso, indomito defensor da corôa real, vencedor de tantas batalhas contra os temíveis escandinavos, não merece porventura o trono? Qual a razão para não pretender alcançar aquela corôa que há muito devia estar em sua ca-

A RESPONSÁVEL
por petiscos saborosos
e saudáveis!

• Sopas, pudins
e demais pratos
ficam saborosos e
nutritivos si prepa-
rados com Maizena
Duryea — alimento
ideal para todas as
idades.



MAIZENA DURYEA

À MAIZENA DURYEA 51 45
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO _____

beça? E os crimes do rei Duncan? E a ingratidão e trapaças desse rei desalmado?...

Estamos em pleno feudalismo, onde a par das idéias de força como supremo argumento, a crença nas feitiçarias e bruxas estava generalizada. Supersticioso ou não, por astúcia ou ilusão de um cérebro doentio, o general Macbeth considera que as feitiçarias lhe haviam aparecido e falado. Neste sentido escreve à esposa, arrastado talvez pela necessidade que têm os criminosos de se expandirem, antes ou depois do crime, numa espécie de desabafo:

"Elas me apareceram no dia da vitória e eu soube, pelo mais seguro testemunho, que possuem um saber sobrenatural. Como eu ardia em desejos de que me esclarecessem mais, desfizeram-se no próprio ar, de que eram feitas.

Enquanto eu permanecia espantado, chegaram os mensageiros do rei, que me proclamaram *thane* de Cawdor, título com que me tinham saudado também aquelas irmãs fatais, que acrescentaram, ordenando-me aguardar o futuro: — Salve! Tu hás-de ser rei!

Quis participar-te isso, companheira querida da minha grandeza, para que não deixasses de receber o quinhão de alegria, que te cabe, ignorando a glória que está prometida. Guarda esta notícia no teu coração, e adeus".

Esta carta é a maior prova contra o general Macbeth como idealizador do crime. As palavras do general Macbeth à mulher denunciavam que ele procurava interessá-la em seus planos de conquista do poder. De sorte que, quando Lady Macbeth recebeu a carta, já o marido havia premeditado o crime, e talvez o rei Duncan já se achava convidado para visitar o castelo, onde se instalaria como hóspede. Lady Macbeth não concebera, portanto, o assassinio do rei, nem arquitetava o plano. Todavia, com a chegada do marido, a trama naturalmente se completou, pela intenção e desejo do general Macbeth, que sem dúvida persuadiu a mulher de ser sua colaboradora na execução do crime.

Afinal de contas, era coisa trivial matar um rei naqueles tempos de desenfreiada barbaria e naquelas regiões sinistras. E não obstante os escrúpulos de Lady Macbeth, perfeitamente femininos, havia fortes motivos que há muito deviam influir no ânimo tanto do general como da esposa, incutindo-lhes a idéia de se verem livres do rei.

O plano do general Macbeth para executar o rei Duncan era

simples. Macbeth não tivera talvez grande trabalho para engendr-lo. Era conhecido em toda a Escócia o drama que, em 965, fora protagonista o *thane* Dunwald. O rei Duff ofendera Dunwald. O rei Duff, todavia, foi passar alguns dias no castelo de Dunwald, como hóspede. Embriagado, Duff adormeceu pelo sono e pela bebida. O *thane* Dunwald mandou, então, executá-lo pelos seus filhos, e que também fossem mortos os dois guardas, que poderiam ser testemunhas.

Este o drama que vai servir de ótimo modelo para o general Macbeth liquidar o rei Duncan. Macbeth não teve nem sequer a originalidade do plano. O contágio é coisa realmente terrível, mas não é menos terrível o raciocínio e a memória guiados pelo instinto criminoso.

Tudo se passou como previra o general Macbeth. O rei Duncan, a convite de Macbeth, apresentase como hóspede no castelo de Inverness; e ali, enquanto dormia, é assassinado pelo general.

Correm perigo também os filhos do rei Duncan, que, acovardados, fogem espavoridos daquelas paragens malditas ante o furor homicida de Macbeth. O general Banquo, que poderia se tornar importante competidor, também é morto mais tarde, a mando de Macbeth, quando este já se achava senhor do trono da Escócia.

*

Shakespeare celebrizou a figura de Lady Macbeth em sua notável tragédia, mas por outro lado reduziu-a ao papel de instigadora do homicídio. No drama shakes-

(Conclui na página 142)

Prolongue por muitas horas...

esta deliciosa sensação do banco

Talco Palmolive é *boro-cetina*-do, um processo científico que produz um talco 3 vezes mais fino, tão fino que a sua aplicação é uma carícia envolvente para o seu corpo. Feito segundo uma fórmula norte-americana, protege a pele contra assaduras, brotoejas e irritações. Comece hoje mesmo a usar o Talco Palmolive e verifique como a cutis fica macia, aveludada e suavemente perfumada. Experimente esta deliciosa e saudável sensação de bem-estar e frescor!

PROTEGE A
PELE DAS CRIANÇAS...
E DE GENTE GRANDE
TAMBÉM!

TALCO
PALMOLIVE
PERFUMADO
SUPERFINO

Uma garota e uma profecia...



CAROLE MATHEWS era ainda muito pequena (ela cursava então a escola paroquial de Aurora, Illinois, sua cidade natal) quando os seus pais lhe apresentaram um estranho problema: — O que você prefere? Ser freira ou atriz?

A pequena ficou perplexa. E não era para menos! O caso é que o fervor com que ela seguia as aulas da escola paroquial só podia ser igualado pelo talento que ela demonstrava nas representações do teatrinho de estudantes. A garota ficou, portanto, em sinuca. Talvez até preferisse ser as duas coisas. Mas um amigo da família, meio hereje mas, sem dúvida, profeta vidente, interveiu, resolvendo o assunto.

— Nada de conventos! Pois vocês não estão vendo que Carole, dentro de três anos vai ser a moça mais bonita da cidade!? Que digo? do Estado, isso sim! Talvez mesmo do país. Ah! Que pena então eu não ter vinte anos menos!...



O homem tinha razão. Poucos anos mais tarde Carole venceu uma porção de eleições parciais do Concurso Anual de Beleza e acabou concorrendo ao prêmio nacional de Atlantic City como "Miss Chicago de 1938".

Como não podia deixar de ser, esse título arrastou-a para o palco. E Carole Mathews ganhou um dinheirão em "night-clubs", foi cantora de rádio, dançarina de rumba, modelo de modas, "cover girl" e quanta coisa mais...

Então decidiu retomar a vocação havia longos anos interrompida e fazer teatro a sério. Ingressou na Academia de Arte Dramática de Chicago. Diligente e talentosa, fez um curso brilhante, tendo obtido as maiores recompensas. Assim fácil lhe foi conseguir contrato em Hollywood.

Alí, contratada pela Colúmbia, foi experimentada em um "bit" no filme "A Mala Misteriosa",

uma espécie de teste do qual ela se saiu magnificamente. Por isso mesmo o estúdio deu-lhe um papel mais importante em "Noites de Taiti", filme estrelado com Jinx Falkenburg, que veremos brevemente e no qual Carole tem oportunidade de mostrar talento... e plástica!

Agora não é preciso se ter a clarividência daquele amigo da família que decidiu o destino de Carole Mathews para prever o seu futuro. Essa garota bonita vai ser dentro em pouco uma estrela de primeira grandeza no céu da Cinelândia.

Carole Mathews adora a música e é frequentadora "número um" dos concertos de Hollywood Bowl. Em sua opinião a maior de todas as atrizes é Anna Neagle. Os "hobbies" de Carole são filmar quanta coisa lhe apareça com uma câmera de 16mm. e construir... pequenos modelos de aviões!

BANCO DE CREDITO REAL DE MINAS GERAIS S. A.

Fundado em 22 de Agosto de 1889

SEDE:

Juiz de Fora — Estado de Minas
Gerais — Rua Halfeld, 504

SUCURSAIS:

Belo Horizonte — Avenida Amazo-
nas, 253. Rio de Janeiro — Rua
Visconde de Inhaúma, 74

AGÊNCIAS:

Anápolis, Estado de Goiaz — Andradas
Araguari — Araxá — Barbacena — Barre-
tos, Estado de São Paulo — Cachoeiro do
Itapemirim, Estado do E. Santo — Campo
Belo — Campos, Estado do Rio — Caran-
gola — Caratinga — Cataguazes — Conse-
lheiro Lafaiete — Curvelo — Diamantina —
Entre Rios, Estado do Rio — Goiania, Es-
tado de Goiaz — Ituiutaba — Lavras — Ma-
nhumirim — Monte Carmelo — Monte San-
to — Montes Claros — Muriaé — Muzam-
binho — Niterói, Estado do Rio — Olivei-
ra — Ouro Fino — Passos — Pedro Leo-
poldo — Petrópolis, Estado do Rio — Po-
ços de Caldas — Pomba — Ponte Nova —
Presidente Vargas — Ramos, Distrito Fe-
deral — Raul Soares — Sacramento — Sa-
linas — Santa Rita do Parnaíba, Estado de
Goiaz — Santos, Estado de São Paulo —
Santos Dumont — São João del Rei — São
João Nepomuceno — São Paulo, Estado de
São Paulo — São Sebastião do Paraíso —
Siqueira Campos, Estado do E. Santo —
Três Corações — Três Pontas — Tupaci-
guara — Ubá — Uberaba — Uberlandia —
Viçosa — Vitoria, Estado do Esp. Santo.

ESCRITÓRIOS:

Alegre, Estado do E. Santo — Coroman-
del — Estrela do Sul — Miracema — Pa-
raíba do Sul, Estado do Rio — Patrocínio
— Carmo da Mata — Divinópolis — Gua-
rani — Mercês — Serro — Bias Fortes.

Empréstimos, Depósitos, Cobran-
ças — As melhores taxas

GABRIELA MISTRAL COROOU A "RAINHA DA LUZ" EM ESTOCOLMO



Gabriela Mistral, em seu quarto no Hotel, é servida do café e bolos pela simbólica Rainha "Lúcia" de Estocolmo

EM 13 de dezembro celebra-se em toda a Suécia o dia de Santa Luzia, símbolo do retorno da luz depois da obscuridade dos primeiros dias de inverno. Bem cedo, na obscura manhã de inverno, uma jovem da família, ataviada com um amplo vestido branco e com uma coroa de frescos ramos verdes em que estão colocadas velas acesas, vai oferecendo, em uma bandeja, café e os chamados "Bolos de Luzia" aos demais membros da família que ainda estão deitados.



A "Lúcia" de 1945, de Estocolmo, numa festa na Prefeitura, recebe das mãos de Gabriela Mistral, laureada com o Prêmio Nobel, o tradicional "pendantif"

Já há vários anos, este delicado costume se vem praticando também publicamente, se bem que em forma um pouco diferente da celebração doméstica. Nas cidades suecas mais importantes, elege-se por voto popular uma "Rainha Luzia".

Este ano, a festa de Luzia foi brindada em Estocolmo com um maravilhossíssimo tempo de inverno, de neve imaculada, com bastante frio e uma lua magnífica. A Rainha Luzia — este ano uma linda loura do tipo nórdico, de 20 anos de idade, chamada Guril Holmberg — percorreu de carro as ruas apinhadas de gente, sentada em um trono e seguida de um cortêjo de demoiselles de honra, fadas e outros símbolos do Natal.

Na Municipalidade de Estocolmo a festa que se seguiu à procissão teve este ano solenidade especial, devido à presença de várias personalidades laureadas com o prêmio Nobel. Gabriela Mistral, Prêmio Nobel de Literatura, fez entrega à Rainha Luzia da jóia tradicional que se lhe oferece, recitando um poema escrito sob inspiração da Luzia sueca. O costume sueco da celebração do dia da Luzia, começou a espalhar-se também pelos países vizinhos, tendo-se celebrado este ano tanto na Noruega como na Dinamarca.

LUCILLE AURORE DUPIN

CONCLUSÃO

para não esconder seus sentimentos amorosos sob a capa de uma dama irrepreensível. Não. Ela era uma mulher excepcional, apesar disso. Porque essa sua sêde de compreensão e de carinho era uma fraqueza, uma fraqueza feminina e muito comum.

O que acho imperdoável é que se lhe atirem epítetos ofensivos, quando ela não foi uma depravada nem uma criminoso.

Foi, isso sim, uma grande escritora, uma grande personalidade, e uma simples mulher romântica.

A MULHER E OS ANIMAIS

CONCLUSÃO

dadeiro carinho? — perguntarão os leitores. Sempre que se trata de mulheres é difícil localizar a verdade. Ann Sothorn tem uma grande afeição a um: cãozinho que ela sempre conduz preso a uma fita de seda. E' um lindo animal, e segundo dizem, mais inteligente que o famoso Rin-Tin-Tin de saudosa memória. Outros artistas de Hollywood dão preferência ao cães de vulto, severos e vigilantes. Essas não os possuem, está bem visto, como adorno apenas. Procuram defensores desinteressados e valentes. E' o caso de Carole Landis que possui um grande cão carancudo e feroz.

Ann Rutherford, uma das mais belas estrelas da Metro, não esconde sua predileção pelos angorás. Esse que ela traz nos braços é nosso velho conhecido. Muitas vezes o vimos nos filmes em que a querida artista aparece ao lado de Mickey Rooney. E' um gato de longos pêlos sedosos e de olhos claros e vivos. Tendo-se em vista o egoísmo da espécie, parece que a amizade aí é unilateral. Ann Rutherford está desperdiçando uma afeição que poderia ser melhor empregada...

Em outra fotografia, vemos Dorothy Lamour, esquecida de Ray Milland, a fazer festas a um filhote de onça. A bela e a fera seria uma ótima legenda para o quadro. Não se trata de um **truc** fotográfico — é onça de verdade. Onça que não agradece os mimos que recebe. O seu olhar é mau e as suas garras visíveis. A estrela sorri sem perceber a ingratidão do animal.

Quem não admira Lucille Ball, a mais encantadora figura do fil-



me — "Du Barry Era Um Pedaco"? — A artista admirável possui em Chatsworth um excelente retiro onde passa as férias.

Um outro novilho feliz é o que Ann Richards tem na sua fazenda. Ann vive divertindo-se com o esperto animal, cuja vida deve causar inveja a muitos fans da querida estrela.

Por último, apresentamos Dorothy Morris que figurou no filme "Sete Noivas". Miss Morris cumprimenta festivamente Lassie pelo triunfo que obteve em "Elo Invisível". O animal, enternecido, agradece com um olhar vivo e inteligente as felicitações da artista.

Como se vê, os carinhos das mulheres não são apenas para os homens — sobram para os irracionais. E quase sempre, dizem elas, os animais se mostram mais dignos deles...

O homem de negócios do futuro

IMAGINEMOS aqui as qualidades que naturalmente se destacarão nos homens de negócio do futuro.

Será talvez uma reunião do estudante, do idealista e do homem prático dos nossos dias. Terá toda a habilidade, a energia, a serenidade nos julgamentos e o conhecimento exato dos homens. Saberá descobrir as necessidades e preferências imediatas do público. A estas qualidades aliará os métodos lógicos de homem de ciência, o dom de analisar e classificar, o modo especial de resolver os seus problemas. E talvez possamos imaginá-lo com a mais humana de todas as virtudes: o idealismo altruísta. Suas idéias serão inspiradas mais no bem comum.

Enquanto idealizamos assim os homens de negócio do futuro, busquemos mais forças e paciência para suportar alguns que são mais dignos de um passado muito remoto, pensando que os bons que há hoje já representam um passo na evolução das relações humanas.

Grafologia

Direção de FEBO

Sob a competente e criteriosa direção de FEBO, um dos mais consagrados mestres que o Brasil possui no campo da Grafologia, esta secção constitui uma régia oferta de ALTEROSA aos seus leitores de todo o país. As consultas recebidas até o dia 7 de cada mês, acompanhadas do respectivo cupão que vai publicado em todas as edições, serão respondidas no número do mês seguinte. As consultas chegadas depois daquela data terão resposta na edição posterior. A correspondência para esta seção deverá ser assim endereçada: FEBO — Redação de ALTEROSA — Cx. Postal 279 — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.

Primavera — Capital — Na sua letra serrada, em oposição aos finais alongados, percebe-se um fundo de economia real. É pessoa parcimoniosa nos gastos; algumas circunstâncias, entanto, tais como as questões de coraçaõ, amor-próprio, e "coquetterie" ou mesmo as fantasias e o capricho, levarão a minha consultante a despesas exageradas. Os finais prolongados mostram, também, necessidade de expansão, em certos momentos, apenas, porque as letras serradas são sempre indício de caráter pouco comunicativo. Sendo uma pessoa inteligente e de boa educação deve procurar afastar as crises de desânimo e tristeza que costumam acometê-la.

Wilme - Rosa — Abaelê — Minas — Temperamento autoritário, caprichoso e, por vezes, despótico. Inteligência viva, imaginação e pronúncia do sentimento de ritmo. Gostos musicais, expansividade e alegria de viver. Traços de desconfiança, validade e impaciência.

Liana — Abaelê — Fantasia, idealismo, capricho. Validade pessoal intensa, intuição e imaginação. Alguma independência de caráter, pouco amor à verdade. Sensibilidade, diplomacia e coragem desigual. Produtividade.

Carmense — Capital — Julgamento são, clareza cerebral e grande lucidez. Calma, ponderação, gravidade de pensamento. Imaginação profunda, harmonia, senso da beleza, idéias largas e altas. Cansaço físico, desencorajamento, desânimo e melancolia. Inteligência de primeira ordem, doçura, sensibilidade, bondade. Discreção, generosidade, atividade e firmeza. Atenção e prudência. Dedutividade, lógica e assimilação pronta.

Mico — Montes Claros — Minas — Tipo de letra excessivamente inclinada revelador de ciúme, passionalismo, teimosia e alguma agressividade. Nervosismo, agitação e vivacidade. Gostos finos, expansividade, impaciência e facilidade em encolerizar-se.

Simone — Sete Lagoas — Minas — Gostos finos e poéticos, alguma ordem e calma e um pouco de validade e prestunção. Inteligência clara, pendor literário, vontade regular. Espírito nítido, positivo, discreto e moderado. Resolução pronta, sentimento do dever e teimosia.

Flor de Lotus — M. Claros — Minas — Falta na sua consulta a assinatura, material indispensável para um estudo grafológico, mesmo ligeiro. Renove, pois, a sua consulta, assinando o seu nome para ser atendida de um modo mais perfeito.

Katia — Formiga — Minas — Amabilidade, assimilação pronta, sentimento da beleza, bondade e abundância de coração. Constância, devotamento, delicadeza, prodigalidade, lealdade, saúde. Nobreza de caráter, probidade, prudência e reflexão. Simplicidade.

Paraguarita — Manhumirim — Minas — Letra reveladora de observação, graça, reserva, desconfiança e discreção. Crises de desânimo tristeza e melancolia. Produtividade, iniciativa e coragem. Inteligência normal, equilíbrio nervoso e gostos finos.

Sandramari — São João del-Rei — Minas — Fantasia, capricho e alguma validade. É pessoa voluntariosa, leal e sincera nas afeições definidas e exclusivista em amor. Ama as situações definidas e é um tanto irrefletida para tomar resoluções.

Mal-me-quer — Ouro Fino — Minas — Letra fortemente apoiada, de pes-

soa enérgica, inteligente e bem orientada. Equilíbrio nervoso, independência de caráter, vitalidade física, instintos sexuais poderosos, mas normais. Temperamento sanguíneo. Algum absolutismo nas idéias.

Flor de Maio — Lavras — Minas — Espírito em formação, sujeito a modificações. Redutividade, inquietação e nervosismo.

Temperamento contraditório: ora muito entusiasmo e animação, ora muito desânimo e tristeza. Inteligência normal, vontade desigual.

Jane — Divinópolis — Minas — Caráter firme e independente. Inteligência clara, organizada e relativamente cultivada. Vontade regular, às vezes, hesitante. Reserva, discreção e desconfiança. Traços de egoísmo e alguma vaidade pessoal.

Matarazzo — Eugenópolis — Minas — Decisão pronta, irreflexão, audácia, tenacidade. Caráter empreendedor. Gostos comuns, parcimônia nos gastos, saúde frágil, algum desânimo e cansaço. Espírito de observação, bondade natural e habilidade manual.

Mentor — Santos — S. Paulo — Maneiras amáveis e polidas. Habilidade comercial, tino administrativo, independência de caráter. Expansividade interessada, vontade regular, gostos artísticos. A assinatura mostra combatividade, dupla habilidade e alguma vaidade. De temperamento, é um sentimental. Traços de idealismo, bondade, natural e afabilidade.

Chimar — Santo André — S. Paulo — Pessoa de voz bem timbrada, dotada de gosto artístico e sentimento da beleza. Embora um pouco artificiosa, a grafia em estudo mostra originalidade nas idéias, dedutividade, facilidade de raciocínio, prodigalidade, personalidade bem delineada. Coração e cérebro harmoniosos. Iniciativa, coragem e equilíbrio nervoso. Saúde estável.

Sidon — Pratópolis — Minas — Escrita compassada, própria das pessoas dotadas de calma, coragem, equilíbrio psíquico e sentimentalidade normal. Aparência pouco comunicativa. Na realidade só se expande com os íntimos, mesmo assim, só o fazendo quando um interesse superior o domina. Natureza enérgica; vontade resoluta e tenaz, confiança em si.

FÉBO - SEÇÃO GRAFOLÓGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME.....
PSEUDÔNIMO.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Habilidade prática, positivismo e igualdade de humor.

Topásio — Buenópolis — Minas — Letra muito caligráfica, própria das pessoas que não conseguiram libertar-se dos moldes da escola primária. Um ou outro traço pessoal, indica fantasia, preconceito e rotina. Desconfiança, dissimulação e alguma vaidade.

Nênia — Marquês de Valença — Estado do Rio — Temperamento impressionável, ardente, apaixonado, doce e simples. Capacidade afetiva, exclusividade nas afeições; ciúme. Caráter vivo e suscetível, vontade rápida, média e desigual, com altos e baixos na energia. Bondade, cordialidade, nervosismo e alguma depressão moral.

Morena Triste — Capital — Se a sua letra não fosse tão inclinada para a esquerda o resultado do seu estudo grafológico seria bem melhor. De um modo geral revela a sua grafia uma constante luta entre o natural e a superfície correta e fria. Traços de desconfiança e dissimulação. Reflexão, vontade obstinada e egoísmo. Tendência à miopia, crises de desânimo, cansaço cerebral. Caráter vingativo.

Bright Star — Itabirito — Minas — Ausência de energia, atenção, idéias finas, altas e distraídas. Um certo idealismo lutando contra o realismo. Cordialidade, vivacidade e susceptibilidade. Alguma desconfiança e dissimulação. Caráter franco.

Peregrina — Itabirito — Minas — Clareza cerebral, impaciência e alguma pressa. Doçura, sensibilidade, afetuosidade, modéstia e simplicidade. Franqueza, sinceridade e grande capacidade intelectual. Bondade, prudência e, às vezes, alguma timidez. Cultura geral em grau apreciável, sentimentalidade normal, vontade lenta e refletida.

Lili Marlen — Capital — Vivacidade, vontade equilibrada, alguma teimosia e sentimentalidade normal. Espírito contraditório e amante da discussão. Combatividade, vaidade e sentimento do dever. Reserva, discreção e desconfiança.

Vadinho — Distrito Federal — Queira renovar a consulta, enviando cupão que dá direito à resposta.

Saka Rania — Cataguazes — Minas — Diplomacia, vontade desigual, passagem brusca do entusiasmo à decepção. Economia, gosto, elegância, simplicidade e ponderação. Memória, capacidade realizadora, dignidade, dedução. Lealdade corajosa, inteligência superior, lógica e espiritualismo. Vivacidade de espírito, paciência e orgulho de dinheiro.

COPACABANA

Edifício Albion

OBRA A TERMINAR DENTRO DE POUCOS DIAS
UM ÚNICO APARTAMENTO com frente para a Avenida Atlântica, contendo:

- 3 salas, sendo a de visitas e jantar ligadas por uma grande varanda.
- 4 grandes quartos.
- 2 banheiros.
- Bar
- Copa
- Cozinha
- Armários embutidos.
- 2 quartos para empregados
- 2 depósitos para malas

DOIS ÚLTIMOS APARTAMENTOS com frente para a Rua Domingos Ferreira contendo:

- 1 saleta
- 1 grande sala
- 3 bons quartos, sendo um com varanda
- Banheiro
- Copa
- Cozinha
- Quarto de empregado.

VENDEMOS os últimos apartamentos disponíveis, facilitando-se a entrada a vista e o restante a longo prazo.

INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO

Na Seção de Vendas — 2.º Andar

Banco Hipotecario Lar Brasileiro S. A.

RUA DO OUVIDOR N. 90 — TEL. 23-1825

RIO DE JANEIRO

Samy — Cataguazes — Minas — Ordem, disciplina e método. Gostos artísticos, sentimento de ritmo, rigidez de princípios. Vontade poderosa e igual, cultura intelectual em grau apreciável, algum egoísmo e vaidade. Independência de caráter, dedutividade e habilidade manual. Natureza inflexível e pessimista.

Distraída — Cataguazes — Minas — Sensibilidade, bondade, franquesa, parcimônia nos gastos, inteligência poética, memória. Ponderação, dedução, espírito prático. Vontade forte, sentimentalidade normal, igualdade de humor. Inteligência normal. Equilíbrio nervoso.

Madrugadora — Capital — Espírito em formação onde se pode perceber, apenas gostos finos, boa educação, capacidade musical e vontade variável. Expansibilidade, bondade natural e... nada mais se vê.

Louca por música — Pousos Alegres — Minas — Natureza delicada, sensível e afetuosa. Coração generoso, sempre pronto a perdoar as ofensas. Fidelidade de idéias e de sentimentos. Devotamento, amor do lar e da família. Espírito observador levemente irônico. Boa inteligência, ordem, disciplina e método.

Dengoso — Distrito Federal — Escrita muito inclinada para a direita, própria das pessoas impressionáveis, apaixonadas, simples e sensíveis. O caráter é vivo e suscetível. A vontade, rápida, tenaz, obstinada e desigual. Instintos pródigos, bondade e cordialidade. Ciúme, nervosismo, atividade e trabalho consciencioso.

Alterosa — Capital — Gostos artísticos, idealismo excessivo, algum artificialismo. Sentimentalidade normal, equilíbrio das funções psíquicas, controle nervoso. Romantismo,

discreção, pouca lógica. Inimizade com a matemática, amor da leitura. Boa inteligência que merecia melhor cultivo.

Sheila Maria — Cataguazes — Minas — Letra muito caligráfica, onde, dificilmente se pode perceber um ou outro traço pessoal. Notam-se sinais de fantasia, capricho, clareza nas idéias e inteligência normal. Religiosidade, preconceito e prevenção com as idéias novas. Gosto das artes. Sentimento da forma.

Ordep Lucam Silva — Sete Lagoas — Minas — Os pseudônimos são permitidos para a resposta. A verdadeira assinatura é material indispensável para um estudo grafológico, mesmo superficial. Peço, pois, renovar a sua consulta preenchendo a condição exigida.

Saúde — São João del-Rei — Minas — Vontade obstinada e, por vezes, despótica. Teimosia, agressividade e nervosismo. Boa inteligência e boa cultura literária. Saúde frágil, visão defeituosa. Lógica, raciocínio, prodigalidade e alguma depressão moral.

Cascata de lágrimas — Abaeté — Minas — Dissimulação, desconfiança, equilíbrio nervoso e controle emocional. Vontade poderosa, inteligência lúcida e variabilidade de humor. Sentimento do próprio valor, orgulho e vaidade.

Esmeralda — Oliveira — Minas — Grafia de grandes dimensões, reveladora de orgulho, vaidade e gostos aristocráticos. Amor do conforto, do luxo, da vida faustosa. Maneiras elegantes e distintas. Inteligência superior, vontade enérgica, decisão pronta, resolução. Espírito nítido e categórico. Audácia, sentimento de ritmo, caráter empreendedor. Franqueza, lealdade e nobreza de sentimentos.

Apixonada — São Paulo — Capital — Fantasia, capricho, romantismo. Boa educação, finura no trato. Hesitação, timidez, emotividade e pouco controle nervoso. Crises de desânimo, tristeza e melancolia. Saúde frágil. Ironia, graça e atividade.

Katie — Von — Capital — Os estudos grafológicos não podem ser fel-

tos em papel pautado. Peço renovar a consulta, preenchendo as condições exigidas no cupão anexo.

Jean Hermann — Lavras — Minas — Variabilidade de humor e de temperamento. Gosto das viagens, necessidade de movimento, inquietação. Boa inteligência que, pela cultura, poderá tornar uma das grandes expressões da intelectualidade moça da nossa terra. Espírito em formação, sujeito a transformações.

Semiramis — Capital — Pressa, impaciência, nervosismo e agitação. Observação, espírito de análise e senso crítico. Hesitação, às vezes. Delicadeza de sentimentos, efusividade e sentimento do dever. Gosto da leitura.

Hall — Capital — Bondade, afetuosidade, franqueza e memória. Senso realizador, inteligência clara, dedução, vontade bem orientada, gostos matemáticos. Lógica, método, e por vezes, tendência à cólera. Prodigalidade. Espírito em formação, com raciocínio desenvolvido e poder de síntese.

Nitinha — Rio de Janeiro — Temperamento contraditório: ora muita energia e força de vontade, ora, desânimo e abatimento. Inteligência normal, vontade regular, algum egoísmo e vaidade. Coração aberto à bondade, expansividade, caráter demasiado confiante. Condições que se acomodam às circunstâncias, tendências aos males renais.

Valderez — Capital — Instintos pródigos, iniciativa, coragem, confiança em si. Perseverança, continuidade nas idéias, inteligência esclarecida, cultura geral apreciável. Traços de vaidade, mobilidade de impressões, sensibilidade de coração, embora o cérebro domine este. Dedutividade, lógica e precisão.

Tesso — Capital — Queira renovar a consulta, remetendo o cupão que dá direito à resposta.

Tânia — Capital — Vide resposta a Tesso.

Júpiter — Olímpico — Sensibilidade, inquietação, variabilidade de humor. Caráter confiante e crédulo. Graça de espírito, delicadeza de coração e vontade regular. Nervosismo.

mo, atividade, irreflexão, imprudência. Atenção fugidia, modéstia e simplicidade.

Violeta — Capital — Boa inteligência que, com o tempo e o aprimoramento pelos estudos renderá muito. Imaginação e gosto literário. Fantasia, capricho, intuição e sensibilidade. Traços de desconfiança, entusiasmo e alegria de viver. Saúde delicada.

Joe Gedeuss — Capital — Letra fortemente apoiada, reveladora de energia, vontade poderosa e saúde equilibrada. Vigor físico, vaidade de nome, sentimentalidade apurada. Espírito mais ou menos organizado. Desconfiança, dedutividade, lógica e raciocínio. Nervosismo, tendência a encolerizar-se, capacidade prática.

Primavera — Santos Dumont — Graças de espírito, maneiras polidas, jovialidade, alegria. Atavismo, prisão às coisas do passado, rotina e preconceito. Elegância e sobriedade. Sentimentos poéticos, ordem e disciplina mental. Inteligência esclarecida.

Artur Morais — Capital — Grafismo do tipo intuitivo revelador de imaginação fecunda, independência de caráter, e cultura intelectual em grau apreciável. Concisão de pensamento, ponderação, sentimentalidade normal, pendor literário. Capacidade artística, gosto da poesia, ordem e expansividade. Cérebro e coração harmoniosos.

Alterosa — São João del-Rei — Minas — Calma, ponderação, imaginação pouco desenvolvida, grande igualdade de humor. Reflexão, paciência no trabalho, maneiras compassadas, linguagem correta e poss. absoluta de si mesma. Inteligência clara, cérebro que vê nitidamente as coisas, razão justa.

Joana D'Arc de São Paulo — São Paulo — Capital — Traços de vaidade, gosto das coisas brilhantes, vontade regular. Sentimento de ritmo, sensibilidade, desconfiança e dissimulação. Crises de desânimo, tristeza e melancolia. Idealismo exagerado, sentimentalidade normal, equilíbrio nervoso. Humor variável.

Tê - Goiás — Goiás — Graça de espírito, beleza física, vontade poderosa, harmonia geral das funções psíquicas. Inteligência clara, positiva e lógica. Gosto das artes em geral. Espírito de ordem e método, alguma desconfiança, hesitação às vezes. Caráter rígido que não se dobra a insinuações. Personalidade bem delineada.

Camponesa — Araxá — Minas — Inteligência lúcida, vontade enérgica, por vezes autoritária e quase des-

(Continúa na página 144)



GRAVADOR ARAUJO

RUA GONCALVES LÉDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÊS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHÉRIE.

PHOTOGRAVIAS
ZINCGRAPHIAS
TRICROMIAS
DUBLÊS, CLICHÊS
EM COBRE, E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO

"MINHA CANETA

pesava como

CHUMBO!"



...mas aquela fadiga e aquele
desânimo desapareceram com o
Vinho Reconstituente Silva Araujo."

Cansaço fácil, indisposição, falta de
ânimo para as tarefas mais simples?
Tudo isso pode ser apenas sintoma
de sangue desnutrido, de enfraque-
cimento geral. É a hora de recorrer
ao fortificante há meio século reco-
mendado por grandes médicos: o
Vinho Reconstituente Silva Araujo.

A base de peptona, quina, e cálcio.
é um tônico precioso, que restaura
as energias perdidas. É ótimo esti-
mulante do apetite, auxilia a bôa
assimilação dos alimentos.
Use o Vinho Reconstituente
Silva Araujo, um produto
de confiança.



O Professor
Oscar de Sousa
declarou:

"Aconselho e re-
comendo o Vinho
Reconstituente
Silva Araujo,
cuja composição
e rigorosa manu-
pulação justifi-
cam os bons efei-
tos terapêuticos
alcançados com o
seu emprego"...

Vinho Reconstituente SILVA ARAUJO

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

J.W.T.

Grandes
médicos
o receitam
há mais de
50 anos.



Srs. Veranistas

EVITE OS ATROPELOS
DE ÚLTIMA HORA

A "SER" no desejo de lhes proporcionar maior conforto e comodidade, solicita a entrega de sua bagagem destinada às Estâncias de veraneio, COM UM DIA DE ANTECEDÊNCIA. Com esta providência, fica assegurada a certeza de, ao chegarem aos seus destinos, encontrarem a sua bagagem e termos tido a satisfação de servi-los com absoluta pontualidade.



TRANSPORTES RA'PIDOS EM GERAL, DE DOMICÍLIO A DOMICÍLIO

Bagagens — Encomendas — Cargas — Valores
Compras — Entregas contra reembolsos, etc.

ESCRITÓRIO CENTRAL

RUA CAMERINO, 85 — TEL. 43-0816

Agência na Cidade Agência em Copacabana
RUA SENADOR DANTAS, RUA SA' FERREIRA,
20 - L. 3 53-B
Tel. 42-3152 TEL. 27-0306
RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO

AGENCIA EM BELO
HORIZONTE:

Rua Tamóios, 526 —
Fone 2-1929

SERVIÇOS ENTREGAS RA'PIDAS

★ A SOMBRA DO REI ★

Eduardo VIII, o último rei da Inglaterra, hoje Duque de Windsor, tem uma sombra que é a sua guarda fiel: o grande Storer, que dele não se separa nunca, nem de noite nem de dia. Ao começar a primeira grande guerra, quando o então Príncipe de Gales chegou aos campos de batalha franceses, foi designado para zelar pela sua segurança esse senhor Storer, a quem chamavam a "sombra do rei". Durante vinte e muitos anos o acompanhou no lar, na rua, nas viagens e nas cerimônias.

Em Londres, no Canadá, em Buenos Aires, nas Índias, na Austrália, a "sombra" segue o corpo real com uma abnegação que fez de sua própria vida o prolongamento da do monarca. Em 1916, o Príncipe de Gales esteve prestes a deixar o seu inseparável guarda. Storer perdeu sua mãe e solicitou do príncipe permissão de vinte e quatro horas para ir enterrá-la. Não se devia romper, porém, a unidade dessas duas existências. O atual Duque de Windsor teve uma atitude. Seguiu o companheiro no cumprimento dos seus deveres filiais. O herdeiro do trono foi, nessa ocasião, o guarda do guarda.

UMA CARTA DE MULHER



"Querida amiga.

Pedes-me, na tua carta, um conselho. Perdoa-me, mas não to darei. O divórcio é um assunto delicadíssimo que sempre evito abordar...

Sabes, por acaso, que significa o divórcio? No teu caso, querida, e no de todas as mulheres? Com filhos ou sem eles, é a mesma coisa.

O divórcio, dirás, é uma porta aberta para a fuga. Sim, é verdade. Mas para onde conqüz essa porta? a que caminho? Ao da sociedade?

Não. Porque essa se fecha imediatamente, podes crer. Ao caminho da liberdade, dizes? Não, não serás livre, porque serás escrava da opinião alheia, do murmúrio público, das tentações invencíveis de amor. Sim, porque, cada vez que a mulher se divorcia, mesmo que o não deseje, sente a presença imponderável do amor na figura do homem. Por seres livre, o homem — um homem qualquer — procurará enredar-te em suas redes sutis. Porque todo homem sabe quão difícil é a mulher caminhar sózinha na vida. E muitas vezes ela não deseja companheiro, mas as circunstâncias a obrigam, o coração o exige... Sempre foi o coração, querida amiga, que nos governou, perdendo-nos ou salvando-nos.

Se a mulher procurasse compreender melhor o homem com quem se casou, pesando-lhe os defeitos e as virtudes, talvez não ocorressem tais coisas desastrosas e não ouviríamos exclamações como estas: "Enganei-me! Nós não nos entendemos! Vamos nos divorciar!"

E' mister que a mulher seja leal para consigo mesma: mantendo-se firme diante das dificuldades, equilibrando-se na contingência da vida conjugal, mas jamais se divorciando. Porque o matrimônio não é coisa que se deseje hoje e se abandone amanhã, nem tampouco um vestido que se troque por outro, por não mais se gostar dele...

Porque, minha amiga, sempre que uma mulher procura afastar-se de um homem — outro homem ronda a sua vida... Não sejas tu dessas criaturas, minha amiga! Não peças amparo à lei de um país vizinho, porque no teu coração se sobreporá ao seu engano um fatal desengano...

Não te divorcies, porque a idéia é louca. Procura em ti mesmo o remédio para essa enfermidade que poderá ser efêmera.

A calma e a reflexão têm solucionado difíceis problemas humanos. Tenha, pois, calma e reflita no destino de teus filhos, na limpeza de teu nome e na difícil mas não impossível reconciliação espiritual com esse homem que foi o "teu grande amor" e que, talvez, amanhã — quem sabe? — poderá vir a ser novamente teu amigo e espôso, senhor absoluto do teu coração.

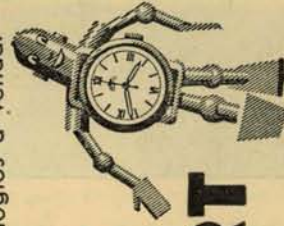
Creia na fraterna amizade desta que afirmou não te dar nenhum conselho...

Tua Maria Lúcia."

O relógio que permaneceu 40 anos à chuva...

...porque é 100% Impermeável!

MIDO MULTIFORT é o relógio suíço realmente prático; tendo permanecido 1.250 horas sob a chuva, o que equivale a um banho diário de 5 minutos, durante 40 anos, provou ser 100% impermeável. Resistindo às quedas e aos movimentos bruscos, MIDO MULTIFORT dá corda a si mesmo, tirando dos movimentos naturais do braço, a energia para o seu funcionamento. MIDO MULTIFORT acompanha o homem nas mais diversas atividades. Verifique na prática as insuperáveis qualidades de MIDO MULTIFORT, o relógio mais avançado de nossa era! Limitada quantidade de relógios à venda.



Mido MULTIFORT

RELÓGIO SUÍÇO COM 17 RUBIS

- ❶ 100% IMPERMEÁVEL
- ❷ SUPER-AUTOMÁTICO
- ❸ PARA-CHOQUES
- ❹ PRECISO
- ❺ LUMINOSO
- ❻ INOXIDÁVEL
- ❼ ANTI-MAGNÉTICO

O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS



FUNCIONANDO A 123 MTS.
DE PROFUNDIDADE!

MIDO MULTIFORT, demonstrando sua absoluta impermeabilidade, suportou uma pressão equivalente à imersão a 123 mts. de profundidade! Esta prova irrefutável foi realizada pela Electrical Testing Laboratories Inc., de New York.

Nova mania das Multidões

O PROGRESSO DO RA'DIO ESTABELECE NOVA PREOCUPAÇÃO QUE JA' ATINGE AOS LIMITES DE UMA MANIA DE MULTIDÕES: O RA'DIO-AMADORISMO

Reportagem de Hélio Sarmiento • Fotografias de Francisco Martins

A SUGESTÃO veio de longe, da cidade de Itaperuna, no vizinho Estado do Rio. O nosso assinante escrevia-nos, entre ou-

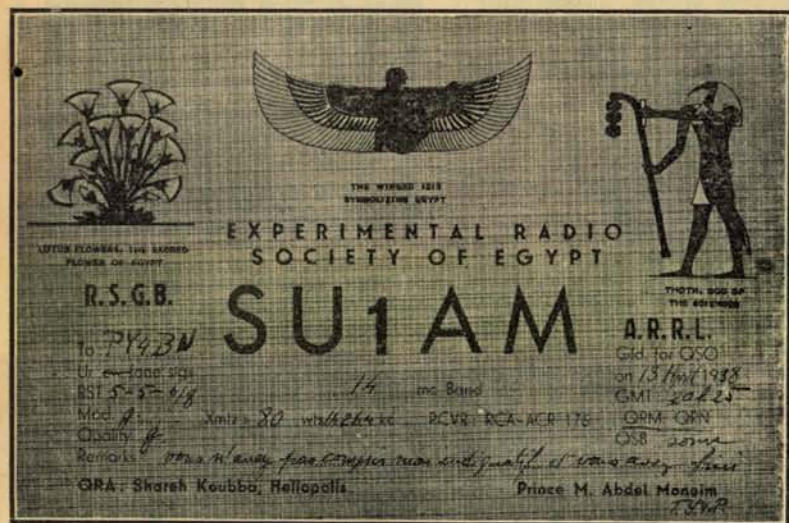
tras coisas, o que se segue: não haveria possibilidade da nossa ALTEROSA fixar, em uma de suas interessantes reportagens, as de-

lícias do radioamadorismo? O encanto que esse divertimento nos proporciona é tal, que tenho pena de milhões de brasileiros que, podendo aproveitar esse incomparável prazer, ainda o ignoram ou parecem ignorá-lo por completo !

E' claro que o missivista é um dos apaixonados pela nova mania que, desde há alguns anos, recolhe a cada dia e em cada país novos e novos milhares de adeptos: o radioamadorismo. E foi atendendo à sua oportuna sugestão que resolvemos abordar aqui o assunto, para dar aos nossos leitores uma idéia do que vem a ser o novo divertimento que empolga multidões.

O RADIO-AMADORISMO

Com a evolução das atividades radiofônicas nestes últimos anos, veio se difundindo, paralelamente, a prática do radiomadorismo, isto é, as atividades dos que praticam a emissão em ondas hertzianas, em caráter de amadores. Por tôdas as cidades do mundo, hoje em dia, multiplicam-se essas pequenas estações emissoras, situadas nos quartos, nas salas de visita ou nos porões das casas residenciais. Entram no ar de preferência à noite, para transmitir mensagens que são captadas pelos amadores dos quatro cantos do mundo, os quais, por sua vez, se comunicam com os colegas mediante a utilização da frequência de onda de cada um. Os amadores usam, para transmitir suas mensagens, estações emissoras de várias potências, usualmente oferecidas à venda pelas grandes fábricas de aparelhos de rádio e estações transmissoras. Mas há também os que para esse fim usam aparelhos por eles mesmo fabricados, visto que o radioamador é geralmente tão apaixonado pela sua diversão, que acaba entendendo de fato do assunto e se aprofundando nos segredos da fabricação de



O conhecimento iniciado através do éter marca o início de uma sólida amizade que se firma, com a troca de cartas. E muitas vezes esses conhecimentos reservam surpresas como este cartão, procedente do príncipe Abdel Monem, da casa real do Egito, para o sr. César Gonçalves.



Este veio da China para um radio-amador da capital. Haverá distância que impeça uma afeição? Não para os radio-amadores.

emissoras. Para manter a conversação com seus colegas de divertimento, o amador faz a emissão e dá o prefixo e onda de sua estação, anunciando continuamente a emissora com a qual deseja entrar em contacto, ao mesmo tempo que, ao lado de um aparelho receptor comum, aguarda a resposta. Quando esta chega, inicia-se a palestra, a mesma que nós outros, os que por eles são chamados de "corujas", ouvimos geralmente quando o dial do nosso rádio percorre a faixa de onda reservada aos amadores.

Antes da guerra, já era considerável o entusiasmo popular pela prática do radio-amadorismo. Com o início das hostilidades foram proibidas as irradiações dessa natureza, até que recentemente, com a volta à normalidade, a mania vem se intensificando como nunca, abrangendo agora novos adeptos que ingressam na grande família, essa extraordinária família vinculada intimamente, sem contudo, possuir os laços que ordinariamente faz uma pessoa querer bem a outra.

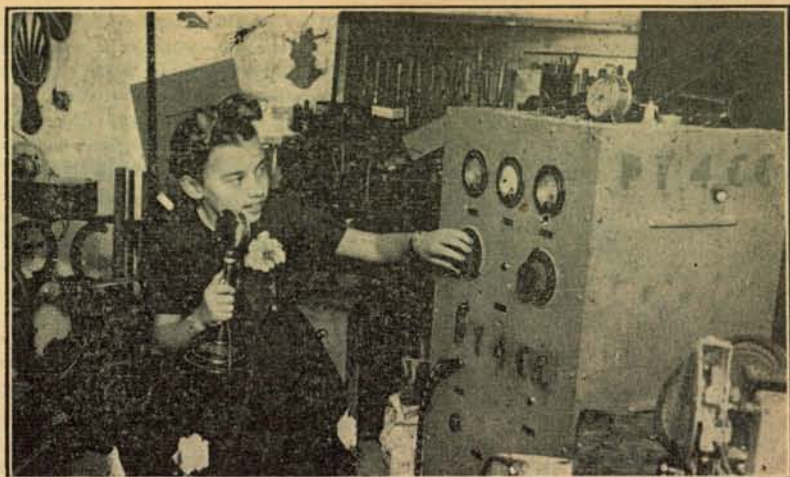
EXIGÊNCIAS LEGAIS

Para começar as suas irradiações, o radioamador deve preliminarmente comparecer aos Correio e Telégrafos, afim de fazer o registro de sua estação. É uma formalidade ligeira, mas que deve ser cumprida à risca, porque o gênero de suas atividades interessa de perto à defesa nacional. Preenchida esta formalidade legal, o radioamador pode entregar-se livremente ao passatempo, desde que respeite os regulamentos da LABRE, instituição que controla o radioamadorismo nacional, ao mesmo tempo que zela pelo interesse de seus associados, procurando impulsionar o progresso da "mania" que os anima.

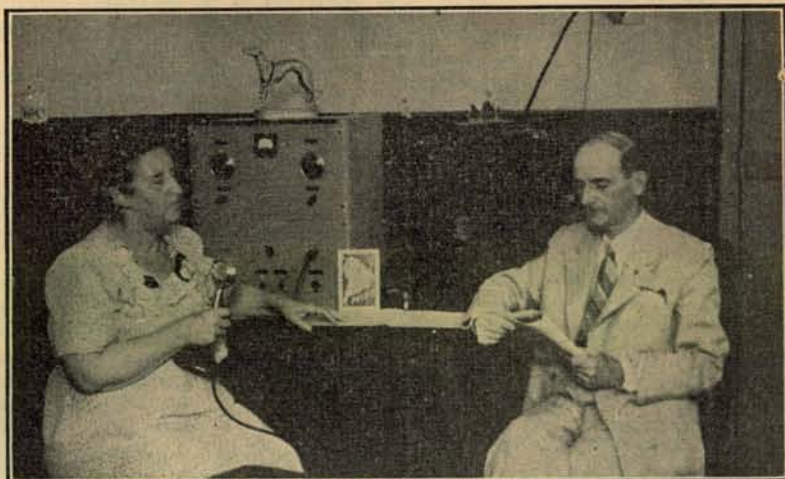
A GRANDE FAMÍLIA DO ESPAÇO

Assim iniciado, o novo amador passa a cruzar o eter, em todas as direções, em busca de novas amizades. Dentro em pouco ele será um dos componentes da grande família que, no Brasil, como na Argentina, no Chile como nos Estados Unidos, na Suécia como na China, está ligada por afeição bem estranha neste mundo tumefato de preconceitos.

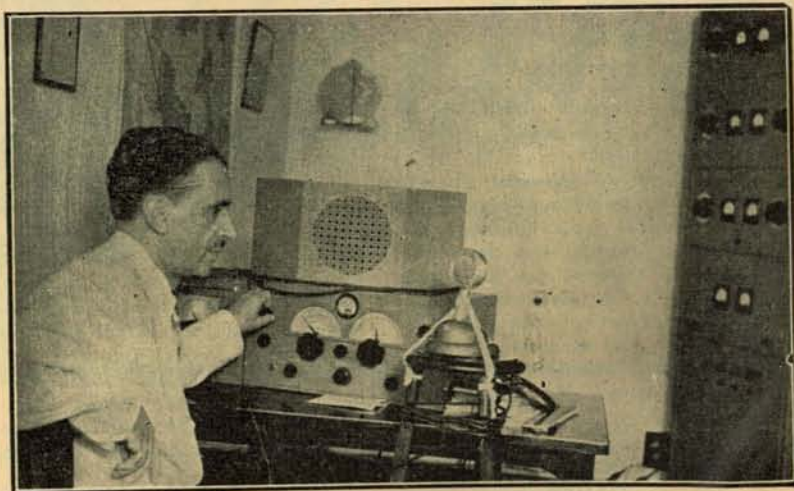
Dessa diversão diária, que acaba tornando-se uma "cachaa" na vida do cidadão, começa a nascer então profundas amizades, estabelecidas em palestras diárias com colegas de ambos os sexos que também praticam a mais moderna das "manias". Dizem até que ver-



Uma futura radio-amadora: Maria Raquel, filha do dr. José Feliciano Baeta, que fez do exemplo paterno um derivativo do entusiasmo infantil.



O casal Martins-Freire incorporou o rádio-amadorismo à vida da família. Os filhos, naturalmente, herdaram o gosto do passatempo favorito.



O industrial César Gonçalves é, há muitos anos, dedicado radio-amador. No Brasil são poucas estações, inclusive as profissionais, que se comparam à sua, em potência e qualidade.

dadeiros romances têm surgido por essa forma — à distância, é bom acrescentar — aproximando cada vez mais duas almas que se conheceram através do eter.

E vale a pena salientar o espírito democrático que anima essa grande família, ao mesmo tempo que serve para fomentar as relações entre os homens de diferentes países. Se o leitor quiser se dar ao trabalho de bancar o "coruja" por algumas horas, convidamo-lo a se colocar diante do seu aparelho receptor e virar o dial na faixa de ondas curtas reservada aos radioamadores. Assim procedendo, terá oportunidade de ouvir um médico de Belo Horizonte em animada palestra com uma datilógrafa de Porto Alegre, um engenheiro do Rio trocando idéias com um operário de São Paulo, um autêntico fazendeiro de Minas a contar anedotas a um Ministro de Estado da Venezuela, ou um chôfer de Nova Iorque numa lírica palestra com uma grande dama inglesa. E quanta coisa curiosa e interessante se ouve nesta faixa tão pouco frequentada por receptores de rádio!... Quanta coisa curiosa que é dita em tom da mais fraternal amizade, como se os interlocutores privassem da mais íntima convivência pessoal!... Tudo porque o radioamadorismo aproxima os homens, tornando-os bem conhecidos em pouco tempo, bem penetrados dos sentimentos fraternais que deveriam nortear toda a humanidade!

E' comum ouvir-se dizer que o radioamadorismo é passatempo de ricos. Puro engano. No fichário dos Correios e Telégrafos de Belo Horizonte, o reporter pode tirar suas dúvidas. Entre os amadores ali registrados há um número apreciável de engenheiros e técnicos. Há outro grande número de médicos, advogados, banqueiros, políticos, prelados, capitalista. Mas a grande maioria é constituída de comerciários, bancários e funcionários públicos.

Em geral, as pessoas que se dedicam ao radioamadorismo não se distinguem pela condição social ou econômica, mas pelo temperamento especial que as leva a dedicar-se a um divertimento deveras agradável e sobretudo útil. Agradável pelas horas de encantamento que proporciona, e útil pelas boas relações que trás aos que o praticam.

UM POUCO DE MUITAS UTILIDADES

Será fácil provar a utilidade prática do radioamadorismo. O valor

militar que o técnico em emissões pelo rádio tem para qualquer exército moderno é coisa já bem conhecida de todos. A última guerra veio demonstrar que uma rede perfeita de comunicações é fator que decide inúmeras batalhas.

A aviação, tanto militar como civil, cada vez mais depende do rádio. Quantos casos temos sabidos de aviões que, conduzindo passageiros e cargas, em noites de tempestade ou dias de intenso nevoeiro, perderam contacto com suas estações orientadoras, sendo finalmente salvos pelas estações radioamadoras!

Dito que o rádio-amadorismo é um passatempo que tanto instrui como distrai, devemos salientar a "chance" que oferece a uma pessoa desenvolver sua cultura. Obrigada a comunicações com diversos países, o radioamador se vê na contingência de entabular palestra em quase todas as línguas, ou pelo menos nas que predominam, nas relações internacionais. Resulta disso quase sempre que, ao fim de alguns anos, ele esteja perto de se tornar um verdadeiro poliglota.

*

Abrimos este parágrafo para alguns casos interessantes:

O navio "Saldanha da Gama", há alguns anos, fazia um roteiro de instrução, levando entre os aspirantes um jovem cuja noiva residia aqui na Capital. Pois bem: uma poderosa emissora de amador manteve continuado contacto entre os noivos, enquanto durou o cruzeiro daquela unidade-escola.

Pelos seus característicos técnicos é invejável essa emissora. Seu proprietário é figura de preeminência nos nossos círculos sociais e econômicos. Como dedicado rádioamador sempre está em comunicação com diversos amigos espalhados pelo globo. Deu-se com ele, recentemente, um fato curioso: Antes que o nosso país participasse do conflito, conheceu através das ondas hertzianas um major americano que servia em Natal. Um dia foi o oficial transferido para destino desconhecido. Vieram os anos de intensa luta em todas as frentes, veio a completa restrição aos rádio-amadores, de forma que os dois amigos não mais souberam o que tinha sido do outro. Com o retorno à normalidade, este amador, numa comunicação com os Estados Unidos, reconheceu a voz do seu velho conhecido.

— Será acaso o major...?

— Não, é o general...

O bravo oficial, pelo visto, lutara heróicamente.

Entre os rádio-amadores circulam várias anedotas, e particularmente entre os mineiros contam-se algumas reais, cujos protagonistas foram os próprios colegas. Eis uma delas:

Em Belo Horizonte há um muito dedicado, que passa os dias junto ao seu aparelho, que não é lá muito potente.

Dificilmente consegue comunicar-se com alguma pessoa de além das nossas fronteiras. Certa vez logrou, no entanto, estabelecer contacto com um colega da Argentina. E procurou logo, para facilitar-lhe a compreensão, falar em castelhano.

Ao fim de algum tempo, o argentino pediu-lhe:

— Você não poderá falar em português? Assim eu não consigo entendê-lo...

PREDOMINÂNCIA DO ELEMENTO FEMININO

Examinando os registros nos Correios e Telégrafos, nos foi dado observar um ângulo curioso desta nova "mania" — a predominância do elemento feminino. Estivemos parafusando sobre quais os possíveis motivos que estariam dando origem a mais êsse esforço de Eva para suplantir os homens. Talvez porque elas disponham de mais tempo. Talvez por simples "snobismo". Ou ainda, o que é mais provável, por simples tendência para o romântico, na presunção de que, também pelo espaço, elas se venham a impor, irresistivelmente...

E você, leitora, que provavelmente terá a sua atenção despertada pela sugestão que encerra este último parágrafo, não ponha em dúvida as nossas palavras. Os fatos de que tivemos conhecimento aí estão, na boca de todos os velhos praticantes do radioamadorismo, para atestar muitos casos de amor que desafiariam os enredos de Hollywood, constituindo frissante documentação de que a vida real tem sido sempre mais imaginosa do que a ficção...

*

VELHOS POLÍTICOS

O SR. VAN ZEELAND, que foi primeiro ministro belga, representava a chegada da juventude ao poder, há alguns anos. Tradicionalistas como são os belgas, essa novidade constituiu verdadeira revolução. Em entrevista à imprensa de Bruxelas, comentou a reação que se fazia contra os jovens com as seguintes palavras:

— Os velhos políticos chamam sempre "experiência" à soma de tolices que fizeram e das que não puderam fazer.

4

GRANDES
BAILES DE
CARNAVAL

O mais alegre, o mais
elegante, o Carnaval pre-
ferido de nossa "haute
gomme"!

No "grill-room" e no bar, de sábado à
terça-feira "gorda".

As melhores orquestras da cidade. O mais
perfeito serviço de restaurante.

Reserva de mesas à Rua Tupinambás, 631
4.º andar — Fone 2-1122.

Costa e Silva

LADY MACBETH

CONCLUSÃO

peariano, Lady Macbeth é uma esposa perversa, que induz o marido a cometer um crime covarde. A dar crédito a Shakespeare, e aos livros que divulgam falsidades e erros a respeito, Lady Macbeth é uma criatura ambiciosa, que pretendia o trono da Escócia para seu marido; e, assim, dirigira o braço do esposo para a execução de um crime que ela, mulher, não tivera coragem de praticar. Mas Shakespeare, preocupado em criar um enredo patético para sua peça, deixou-se levar nas asas da fantasia, afastando-se da verdadeira história, tornando-se um deturpador da própria crônica da época, a de Holinshed, de onde o imortal dramaturgo extraiu o drama.

Com efeito, Lady Macbeth não é uma criminosa vulgar, uma degenerada, uma usurpadora, nem uma criatura de compleição atlética, como nos pintam, e como supõem muitos. Pelo contrário, é uma figura frágil, esbelta e graciosa. Um perfeito tipo saxão, de olhos azuis e cabelos louros. Foi cúmplice no crime do marido, e não sua autora principal. Esta a razão que levou Henri Robert a dizer que pesam trezentos anos de difamações sobre Lady Macbeth. E Henri Robert, que assegura ter compulsado as crônicas do tempo, — a crônica de Holinshed e a de Boèce — pode dizer que o maior difamador de Lady Macbeth foi exatamente o grande dramaturgo William Shakespeare, que sobre a triste heroína descarrega toda a culpa da tragédia. Daí não ser recomendável dar muito crédito aos dramas históricos, não só os de Shakespeare como os apresentados pelos literatos, todos interessados em criar obra de ficção e de beleza. Em benefício da arte a história é quase sempre sacrificada.

Há também no drama de Shakespeare muito sangue e pormenores que certamente foram inventados pelo genial poeta a fim de dar vida aos mais profundos sentimentos da alma humana. Ele gostava de carregar nas tintas, para fixar o patético e aumentar o horror das cenas apavorantes das suas imensas tragédias. Gosto, aliás, da época e adequado ao ambiente em que se passavam aqueles dramas. E o remorso que mais tarde agita a alma de Lady Macbeth e acaba por levá-la ao suicídio, conforme a tradição, ofereceu excelente motivo para Sha-

kespeare criar as mais belas páginas de toda a sua obra, embora com prejuízo de verdade histórica. Mas, ainda assim, os remorsos e as razões do suicídio de Lady Macbeth são discutíveis, uma vez que o general Macbeth se manteve no trono da Escócia de 1040 a 1057, e pereceu assassinado, na guerra que teve de sustentar contra os filhos do rei Duncan e seus partidários. As visões do general Macbeth, o sonambulismo de Lady Macbeth, os remorsos de ambos, e outras circunstâncias mais ou menos patéticas, não passam decerto de criações da poderosa imaginação de Shakespeare.

Se era coisa comum um regicídio naqueles tempos feudais e naquelas terras de desoladora existência, a morte de um hóspede assumia, porém, um aspecto muito grave, por ser um atentado ao sagrado dever de hospitalidade. Mas nem por isso seria grande obstáculo aos ambiciosos ou inclinados ao crime, como o general Macbeth. Resta, contudo, não se perder de vista o valor da vida humana naquela época para chegarmos a compreender que a tragédia do castelo de Inverness não fôra tão singular, tão incrível tão hedionda, tão vermelha, tão mortal, nem Lady Macbeth merecia o desmarcado tratamento que lhe deu Shakespeare. Tudo podia ser reduzido aos seus devidos termos legais.

Na antiga Escócia a lei criminal não era muito severa. A vida humana era estimada em cento e cinquenta vacas. Nada há para nos surpreender, de vez que são leis dos bretões e escoceses referidas nos seus próprios códigos mais remotos. Também hoje não se teoriza para a vida humana uma estimativa em dinheiro? E um dedo, um braço, um olho de um operário acidentado não vale tantos cruzeiros? Não há uma escala para a respectiva avaliação? Pois também nas velhas leis dos escoceses havia uma escala regulada conforme a categoria do indivíduo e a natureza da agressão. De acordo com aquela escala, a mão ou o pé valia um marco, um olho meio marco, cada golpe de pancada, doze pence, e assim por diante até para uma simples escoriação. A multa para o assassinio do rei da Escócia era de 1.000 vacas, ou 3.000 shillings, quantia vultosa para aqueles tempos, sem dúvida. Mas se Lady Macbeth não possuía tantas vacas, talvez pudesse pagar os 3.000 shillings.

E estaria tudo resolvido. Shakespeare perderia, possivelmente, as suas mais impressionantes pá-

ginas de interpretação dramática, Lady Macbeth não alcançaria tanto renome no elenco dos criminosos de sangue azul, mas sua memória, menos sombria, menos trágica, não se afastaria do verdadeiro fulcro da História.

A TÉCNICA EXÓTICA

CONCLUSÃO

triunfo curvelíneo do corpo da mulher. E se se põe um pouco de exótico nesta arte, então o encanto feminino se torna irresistível.

O grande transformador da elegância das mulheres é o cinema, não se discute. A moda não vem mais de Paris, vem de Hollywood vemos toda noite essa verdade na maravilha do vestuário das estrelas.

Uma coisa nós dizemos a todas as mulheres para tomarem nota. Uma mulher é amada, em grande parte, é pela maneira pessoal por que se vista. Nós, os homens que amamos quatro ou cinco mulheres na vida (falo dos homens austeros, bons chefes de família) bem sabemos que guardamos no segredo do coração a imagem delas e dos vestidos delas para todo o sempre.

A vista disto, o dever matrimonial das jovens é aprender a se vestirem, confiantes de que a elegância é a sua missão de beleza, e isto em benefício de todos e de seu amado, em particular.

E devem aproveitar bem o tempo de solteiras, porque, depois de casada, o marido se implica justamente com os seus vestidos bonitos. Sabem que isto é a tentação dos outros.

Querem ver, reparem como é difícil que um marido compre um vestido na moda para sua esposa. E' baixo! Conhece a influência da vestimenta e nessa ele não cai. E faz muito bem. Uma paixão grande começa sempre pela forte impressão de um vestido de baile.

Por isso, eu digo: — meninas, vistam-se bem enquanto solteiras, porque depois, minhas filhas, a coisa muda de figura. Eles não deixam mais, com ciúme dos vossos vestidos. Aproveitem enquanto é tempo, e o tempo passa depressa.

DE GRÃO EM GRÃO

a galinha enche o papo...

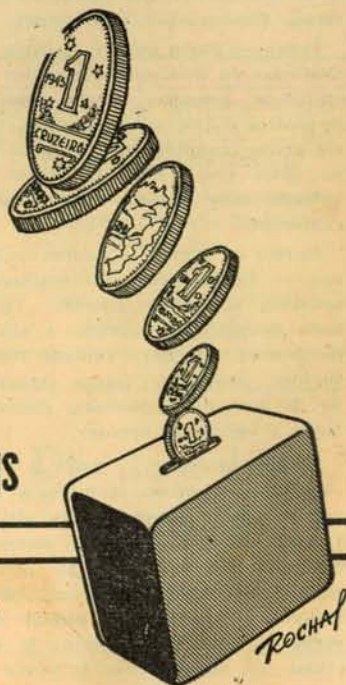


...DE CRUZEIRO EM CRUZEIRO
se acumula uma fortuna!

É de todos conhecida a sabedoria do velho ditado popular. Siga também os ensinamentos contidos nessa proclamada verdade, habituando seus filhos, desde cedo, à prática da economia. Abra para eles, hoje mesmo, uma caderneta da Caixa Econômica Federal.



Em face do Decreto-Lei n. 8.475, de 20 de Dezembro de 1945, ficou elevado para Cr\$50.000,00 o limite para depósitos populares com juros. Estes depósitos são impenhoráveis e não estão sujeitos à prescrição.



CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE MINAS GERAIS

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO GOVERNO FEDERAL

PAI ALTEROSA

SUCURSAIS E AGÊNCIAS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO ESTADO

Rua Tupinambás 462 — Belo Horizonte

GRAFOLOGIA

CONCLUSÃO

pótica. Ironia, alguma vaidade, egoísmo e excessivo amor próprio. Não é difícil vê-la abatida e desencorajada, por que sofre crises de desânimo, tristeza e melancolia. Vivacidade, falta de precisão, espírito superficial.

Lucrécia Gerani — Varginha — Minas — Inteligência elevada, sentimentos estéticos, cérebro poderoso, idéias largas e altas, doçura, afetuosidade e bondade. Modéstia, simplicidade e religiosidade. Franquesa, lealdade, discrição e reserva. Predominância dos sentimentos morais, atividade, atenção e prudência. Religiosidade, calma e sentimento do dever.

Sandra Mary — Curvelo — Minas — Alto valor moral e intelectual. Equilíbrio harmonioso das funções psíquicas, vontade desigual, capacidade de estudo, assimilação rápida. Parcimônia nos gastos, reserva e discreção. Independência de caráter.

Estréla Dalva — Pirapora — Minas — Reserva fria, egoísmo, vaidade e excessivo amor próprio. Coragem desigual; passagem brusca do entusiasmo à decepção. O material enviado não permite mais nenhuma observação que leve a um resultado maior.

Desprezada — Nepomuceno — Minas — Vontade seca e tenaz. Espírito de assimilação e idéias práticas. Ponderação, prudência, perseverança e igualdade de humor. Bondade natural, coração generoso, reserva, dissimulação e discrição.

Tupam — Passa Quatro — Minas — Grafismo do tipo misto revelador de equilíbrio psíquico, pouco espírito de ordem e inteligência normal. Letra muito feminina, onde se nota um ou outro traço original. Sinais de vaidade, amor próprio e alguma desconfiança.

Estréla da Manhã — Lavras — Minas — Gostos musicais, sentimento artístico, habilidade manual. Fantasia desregulada, capricho e vaidade pessoal intensa. Vontade frágil, timidez, convicções fracas. Igualdade de humor. Discrição, dissimulação e equilíbrio nervoso.

Zenóbio Belamor — Juiz de Fora — Minas — Ótima inteligência que merece uma cultura mais sólida. Pronunciado gosto artístico, independência de caráter, anseio de perfeição. Sinais de positivismo, materialismo e utilitarismo. Pendor literário, especialmente poético. É um visual com notado senso da forma.

Saudade — Abaeté Minas — Sentimento do próprio valor, dignidade,

orgulho, vaidade, amor do fausto, do luxo e da ostentação. Expansão, generosidade, franqueza, lealdade, prodigalidade, iniciativa, coragem. Tenacidade, bondade natural, ordem método. Idéias sombrias, por vezes. Algum pessimismo e exclusivismo. Inteligência esclarecida.

Flor de Maio — Capital — Grafia de direção variável mostrando instantos diplomáticos, convicções móveis e mobilidade de impressões. Traços de ambição, variabilidade de humor, alguma vaidade. Amor dos detalhes, pouca vista de conjunto, desconfiança e gosto apurado.

P. P. Praxiteles — Rio — Distrito Federal — Não lhe prometo um perfil grafológico muito fiel. Primeiro porque escreveu num papel demasiado fino. Segundo, porque não enviou a sua assinatura à tinta, como o exige o cupão anexo. Revela o conjunto dos traços gráficos acessos de melancolia e hipochondria, mau grado o aspecto e a alegria aparentes. Temperamento nervoso, impressionável, apaixonado, procurando sempre conter-se e equilibrar-se. Finura, impenetrabilidade, variabilidade de humor e de impressões. Boa cultura intelectual, dedutividade e senso prático. Afetuosidade, teimosia, lógica e precisão. Espírito vivo, atividade muito grande. Tenacidade, prudência e atenção. Impaciência, inteligência superior.

Indecisa — Pirapora — Minas — Luta continua entre o natural e a superfície correta e fria. Há na consulente duas pessoas: a aparente e a que é preciso adivinhar. Traços de uma independência que vem se esboçando, vaidade de nome e algum egoísmo. Exagerado amor próprio, pouco controle emocional, desconfiança e dissimulação.

Iris — São Lourenço — Minas — Graça, misticismo e religiosidade. Inteligência normal, finura e "savoir-faire". Gostos finos, espírito de ordem, equilíbrio psíquico e controle consciente das emoções. Bondade natural, sentimento de justiça, capacidade de raciocínio.

Topitepi — Bambuí — Minas — Iniciativa, coragem, graça de espírito, fantasia, delicadeza de sentimentos, fina educação. Desejo de ser notada, vaidade pessoal intensa, dissimulação, desconfiança, capricho, teimosia, idealismo.

Oito Tana — Inhapim — Minas — Idéias finas, espírito sonhador, idealista, distraído, poético. Delicadeza de sentimentos, irreflexão, curiosidade. Inquietação, ligação nas idéias, vivacidade. Diplomacia, vaidade pessoal, expansividade, entusiasmo, ambição construtiva. A assinatura reve-

la impenetrabilidade, imaginação, espírito filosófico.

Vitória — Régia — Pratápolis — Minas — Nervosismo, agitação, pouco equilíbrio psíquico. Desconfiança, falta de ordem, desatenção e hesitação. Inflexão, pressa e impaciência e egoísmo. Espírito em formação, sujeito a modificar-se.

Bahiana — Santos — São Paulo — Vaidade, orgulho, teimosia ótima inteligência, vivacidade, atividade e capacidade de trabalho. Gostos artísticos, sentimento de ritmo, expansividade, hesitação e pouca confiança nos próprios méritos. Amor da discussão, teimosia e, por vezes, autoritarismo. Ironia, graça, e elegância, ponderação.

Européia — Feliz — Capital — Boa inteligência, reserva, dissimulação, discrição, desconfiança. Traços de egoísmo, independência de caráter, gostos poéticos e imaginação. Equilíbrio nervoso, calma, prudência, ponderação.

Branca de Neve — Lavras — Minas — Letra de pessoa ativa, volutariosa, expansiva e alegre. Inteligência e sentimentalidade normais, gosto das letras, facilidade de assimilação. Curiosidade, falta de confiança em si, vontade irregular. Espírito sujeito a mudanças.

Curioso — Três Corações — Minas — Atenção, ordem, cérebro que examina e aprofunda as coisas. Grande vivacidade, vontade frágil, mas, autoritária na aparência. Absolutismo que cede à menor pressão. Idealismo, idéias finas, espírito iluminado. Decisão rápida, pressa, atividade. Sensibilidade e afetuosidade extremas, impressionabilidade, ciúme. Impulsividade e crítica parcial. Boa educação e gostos poéticos.

Lurima — Três Corações — Minas — A letra pode, de um modo geral, revelar os estados da alma. Um depressivo não escreverá nunca, como um agitado. Depois de uma grande emoção a grafia apresenta sensíveis alterações como poderá a própria consulente observar. A análise dos seus traços gráficos revela boa inteligência, saúde frágil, alguma teimosia e bondade natural. Falta espírito de ordem e método. Timidez, hesitação e capacidade afetiva.

Stela Maris — Buenópolis — Minas — Energia na vontade, inteligência esclarecida, atenção e independência de caráter. Amor da discussão, receio de molestar aos outros, fantasia e idealismo. Instinto de proteção, amor do lar e da família. Sentimentalidade normal, controle das emoções.

Sônia — Buenópolis — Minas —

Instintos diplomáticos, desejo de ver sempre satisfeita a sua vontade, inquietação e pouco controle emocional. Irreflexão, deliberação rápida, pressa e impaciência. Boa educação. Capacidade de trabalho.

Flor de Lis — Valença — Rio — Graça, elegância, finura e distinção. Fantasia, capricho, generosidade, sentimento artístico. Discreção, equilíbrio nervoso, atenção, rotina e preconceito. Vivacidade, doçura, sensibilidade, lealdade. Dedutividade, religiosidade e paciência.

Sônia Emi — Buenópolis — Minas — Materialismo, ambição, ardor. Economia, sofisma, vaidade, vulgaridade de espírito e falta de ordem. Natureza sujeita a transformações.

Marli Helena — Buenópolis — Minas — Abandono de si própria, desânimo, cansaço cerebral. Positivismo, materialismo e sensualismo. Decisão pronta, audácia, temeridade. Falta de ordem. Pouco equilíbrio psíquico.

Vagner — Buenópolis — Minas — Desânimo, timidez, desencorajamento, tristeza e melancolia. Caráter agressivo, susceptível, chicanista. Espírito estreito, secura de coração. Egoísmo, vaidade. Inteligência normal.

Vânia — Diamantina — Minas — Espírito em formação onde já se percebe uma personalidade vigorosa e uma ótima inteligência. Boa memória, vontade regular, atenção e positivismo. Sentimentalidade normal, gosto das letras e da música. Prodigalidade, energia e atividade cerebral.

Airam — Goiás — Goiás — Traços de egoísta e vaidade pessoal intensa. Inteligência clara, boa cultura intelectual, vontade regular. Hiper-sensibilidade, convicções fortes, fé e coragem. Equilíbrio psíquico, controle das emoções, finura no trato. Generosidade, anseio de perfeição, reserva e discreção.

Texas — Itajubá — Minas — Letra reveladora de originalidade nas idéias, doçura, benevolência e graça de espírito. Intuição, imaginação fecunda, capacidade criadora, talento artístico. Vontade firme e bem orientada. Inspiração poética, capacidade de síntese, linguagem sentenciosa, cérebro que domina o coração e os sentidos. Inteligência poderosa, gostos aristocráticos, nobreza de sentimentos. Traços, resolução. Espírito nítido e categórico. Traços de vaidade, dissimulação e impenetrabilidade.

As HEMORRÓIDAS causam sérios distúrbios



As HEMORRÓIDAS sendo uma moléstia geralmente de duração prolongada, acarretam uma espécie de depressão mental tornando o indivíduo sempre nervoso e irritadíssimo. Na maior parte das vezes o hemorroidário sofre prisão de ventre, palpitação, tonteira, inapetência e sensação de peso no reto. As PÍLULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD, medicação de origem

vegetal, proporcionam uma solução ao eterno problema do hemorroidário, restabelecendo a normalidade dos intestinos, facilitando as evacuações, acalmando a mucosa retal irritada. Nas crises hemorroidárias, em que o doente sente dores atrozes, às vezes expulsão de mamilos e sangue, é aconselhável, para alívio imediato, a aplicação local da POMADA DE HERVA DE BICHO ADRENALINA E HAMAMELIS COMPOSTA simultaneamente com o uso das prodigiosas

PÍLULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD



DR. CYRO CANAAN
Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José
OPERAÇÕES — VIAS URINÁRIAS SIFILIS
Cons.: Edif. Caetés — Rua Caetés 386 — 2.º and. — Ss. 205/207 — Fone 2-4388 — Res.: Rua Caetés 460, 2.º and. — Fone 2-0788 — Horário diariamente, 12,30 às 19 horas. Domingos: 8 às 11 horas — Belo Horizonte.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho
CLINICA DE SENHORAS
Das 13 às 17 — Ed. Capichaba — Rua Rio de Janeiro, 430 — Sala 121 — 12.º andar — Tel. (res.) 2-2544 — B. Horizonte

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR
DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO
Diagnostico e tratamento das moléstias do estomago, intestinos, fígado, pancreas e vesícula biliar. Consultório: Edifício Thibau - R. S. Paulo, 401 - 2.º andar — Salas 208/210 — De 14 às 17 horas. Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067.

GABRIEL DE SOUSA LIMA JORGE DE SOUSA LIMA
(CIRURGIÕES-DENTISTAS)
Consultórios com aparelhagem moderna para Clínica e Prótese, Raios X.
RUA TAMOIOS, 62
Sala 106 — Fone: 2-3866
Residência: 2-4418

DR. COSTA CHIABI
CLINICA DE CRIANÇAS

Docente da Faculdade de Medicina — Cons.: Edif. do Cine Brasil — Fone, 2-0180 — Residência: Bernardino Guimarães, 3071 — Fone 2-1910

Dr. José Lins

RAIOS X

RUA SÃO PAULO, 629

CARATINGA

RETOMA O SEU CAMINHO

"MARIA! SAI DA LATA"



**A CANÇÃO QUE
EMBALA TODOS OS
AMANTES DA BÔA MESA!**

O bom azeite Maria
Produz muita alegria
Neste velho e vasto mundo.
Dá-nos um bom apetite
Sem causar estomatite
Tem sabor muito profundo.

Todo homem de idade,
Que habita a cidade,
Usa o azeite "Maria",
Porque produz força e vigor
Transformando em puro amor,
As delícias da alegria...

Vem Maria, sai da lata!
Es um gozo que resalta,
Contigo vivo a sonhar.
Dá-nos saladas gostosas,
Maionezes deliciosas,
Que despertam o paladar

CORO
Vem Maria
Sai da lata
Que o povo
Te arrebatava
Sai da lata!

(Letra da canção "Maria! Sai da lata..."
gratida pelos "Folhetes do Ritmo", sob
a direção do maestro Elias Salomé)

Produto das "Indústrias J. B.
Duarte S. A.", de São Paulo

Representante:

MARIO D'AGUIAR Rua Tremedal 156
Fone 2-1898 — Belo Horizonte



Dr. José Augusto Ferreira Fi-
lho, Prefeito de Caratinga

DESDE há alguns anos, quando por uma dessas felizes inspira-ções do Governo, do Es-tado, Caratinga viu a sua Prefeitura confiada à clarividência e ao espíri-to realizador do dr. Jo-sé Augusto Ferreira Fi-lho, que a antiga e pro-gressista comuna minei-ra entrou a trilhar um novo caminho. Caminho de trabalho e confrater-nização social, sem os antigos e intermináveis motivos de dissensões que dividiam a sua gran-de família. Caminho de realizações sem par, a que a administração do

novo Prefeito dava forma e realidade, sem medir esforços ou sacrifícios de toda ordem para bem ser-vir ao Município. Caminho de glórias, enfim, para toda aquela grande comunidade, que possuiu a cons-tituir um legítimo motivo de vaidade para a ci-vilização mineira.

Possuidor dos mais legítimos dotes de espírito e coração que se fazem mistér para levar a bom termo a alta tarefa que lhe fora confiada, o dr. José Augusto Ferreira Filho, honrando sobrema-neira a escolha feita pelo então governador Bene-dito Valadares, promoveu a completa pacificação dos espíritos, extinguindo definitivamente as causas que geravam a dissidência entre a sua coletividade. E passou a trabalhar decididamente pelo bem co-mum, contando com a mais irrestrita e a mais de-cidida colaboração pública. Empreendeu obras pú-blicas de grande alcance econômico e elevado sen-tido social. Melhorou a cidade. Abriu novas e im-portantes estradas que são hoje verdadeiros esco-a-douros da imensa riqueza local. Incentivou o ensi-no público. Amparou as iniciativas particulares dignas de atenção. Enfim, construiu, para o bem de Caratinga, um acervo de realizações que poucos administradores poderão apresentar em comunas como aquela. E, além de tudo, vale ressaltar que a gigantesca obra promovida por esse jovem e dinâmico administrador, foi inteiramente realizada com os seus próprios recursos, sem lançar mão de ou-tras rendas que não as facilitadas pela arrecada-ção municipal que, aliás, cresceu vertiginosamente sem gravames novos para o contribuinte, mas em virtude exclusivamente da sábia e moderna políti-ca econômica e fiscal posta em prática pelo gran-de Prefeito.

Temporariamente afastado da chefia do exe-cutivo municipal, em decorrência dos últimos acon-tecimentos políticos nacionais, voltou o dr. José Augusto Ferreira Filho ao cargo para o qual era reclamado pela opinião pública da comuna, depois de uma esmagadora vitória no último pleito, no qual, sem embargo de todas as dificuldades que lhe foram antepostas por certas autoridades de de-clarado facciosismo, êle soube levar às urnas mais de 80% do eleitorado.

Caratinga retoma, assim, seu caminho de gló-rias, ao serviço do progresso e da civilização de Mi-nas Gerais.



O flagrante acima, feito instantes após o ato inaugural da Livraria Agir Editôra, fixa o momento de grande afluência popular no novo e modelar estabelecimento, com que foi distinguida a cidade. Vêem-se na foto, além do sr. Tristão de Ataíde, intelectuais mineiros e figuras de desta que no nosso mundo social.

Belo Horizonte distinguida com a primeira filial da Livraria AGIR Editôra

UM BRILHANTE ACONTECIMENTO SOCIAL E CULTURAL NA VIDA DA CIDADE — PRESENTES ALCEU DE AMOROSO LIMA E RUBENS PORTO — A EXPANSÃO DA PUJANTE EDITORA BRASILEIRA

CONSTITUIU, sem dúvida, o acontecimento máximo das nossas atividades sociais em fevereiro último, a solene inauguração da primeira filial da grande Livraria AGIR Editôra, a qual, em um gesto de distinção para com a nossa Capital, foi aqui estabelecida.

A Livraria AGIR Editôra, sediada no Rio, constitui, sem favor, uma grande realização cultural brasileira. Organizada com largos recursos financeiros que lhe permitiram uma organização em consonância com os métodos mais modernos, tanto no que diz respeito à utilização de eficientes equipamentos gráficos, como que concerne à seleção de todos os elementos humanos essenciais ao êxito de uma tão complexa empresa, a poderosa editora nacional, sem embargo do pouco tempo de existência, já faz sentir os benéficos efeitos de sua atuação no mundo intelectual brasileiro.

Sua direção comercial, confiada à energia, visão e espírito realizador de Rubens Porto — o homem que transformou a Imprensa Nacional em um estabelecimento modelar — tem a secundar a sua ação eficiente a colaboração inestimável do consuleiro literário que é Alceu Amoroso Lima, um dos mais acatados líderes do pen-

samento nacional nos dias de hoje. Conta ainda a AGIR, em seus quadros diretores, figuras do mais destacado relevo nos quadros sociais e culturais da Capital da República, entre os quais poderemos citar Guilherme Guinle, Gudesteu Pires, Candido Guinle de Paula Machado, José Vilela Coelho, José Carlos de Melo e Souza, Alvaro Silva Lima Pereira, Gustavo Corção e Paulo Aciofi de Sá.

A Livraria AGIR Editôra, que é uma das mais completas organizações editoriais da América do Sul, com apenas um ano de existência, já se impôs no mercado de livros do país, através das seguintes obras editadas, algumas das quais já em segunda edição: A DESCOBERTA DO OUTRO, de Gustavo Corção; O DISCIPULO DE EMACUS, de Murilo Mendes; VOZ DE MINAS, de Alceu de Amoroso Lima; BREVIÁRIO DA BAHIA, de Afrânio Peixoto; a 2.ª edição de CORRESPONDÊNCIA, de Jackson de Figueiredo; A PRIMEIRA DAMA DA CHINA, por Helen Nicolai; EM FACE DA DOR, pelo Pe. Antonio Eymieu S. J.; DOM VITAL, biografia por Jorge de Lima; e MAMÍFEROS DO AMAZONAS, por Eládio da Cruz Lima.

Estas primeiras apresentações da AGIR conquistaram-lhe imediatamente uma posição de destacado relevo

entre as casas editoras brasileiras, seguindo-se outras que já se acham concluídas e numerosas ainda no prelo, abrangendo todos os ramos do conhecimento humano.

AS SOLENIDADES DA INAUGURAÇÃO

Dada a projeção já alcançada no cenário intelectual de todo o país pelas atividades da AGIR, a inauguração da sua filial em Belo Horizonte interessou vivamente o nosso mundo social, marcando um acontecimento de destacado relevo no mês que findou.

Antes da inauguração da Livraria, que se encontra modernamente instalada no Edifício Sul America, à Avenida Afonso Pena n.º 919, a direção da AGIR ofereceu, na Feira Permanente de Amostras, um luto almoço de confraternização a que compareceram, além de seus diretores Rubens Porto e Alceu de Amoroso Lima, o diretor da filial de Belo Horizonte, sr. José Hemetério de Andrade Filho, os elementos mais representativos das letras mineiras e representantes da imprensa local.

Logo após o almoço, realizou-se a inauguração das instalações da Livraria, que receberam a benção da Igreja na palavra de Mons. José Au-



O. Presidente Dutra, com o general Alcindo Souto, chefe de sua Casa Militar, no automóvel que o conduziu ao Palácio Tiradentes.

A POSSE DO PRESIDENTE

Eurico Gaspar Dutra

ENCERRANDO brilhantemente a gloriosa campanha cívica que mobilizou a consciência nacional para a reconquista do direito de governar-se por si própria, subiu à suprema chefia do Governo da República ante os aplausos gerais da Nação e de todos os países amigos, o Presidente Eurico Gaspar Dutra.

Eleito no mais livre pleito a que já assistimos em toda a nossa história política, consagrado pela soberana vontade de seu povo, ao qual ele sempre serviu com todas as forças de seu acendrado patriotismo, o novo Chefe do Governo Brasileiro teve ocasião de constatar, ao ensejo das brilhantes festividades que marcaram a sua posse, o intenso júbilo nacio-

nal diante do advento de seu governo. Impossível descrever perfeitamente o entusiasmo cívico que irmanou a todos os brasileiros, da Capital da República e dos Estados, ante a nova e auspiciosa fase que se vislumbra para o futuro nacional com a elevação daquele eminente patriótico à suprema magistratura do país. Demonstrações da mais vibrante solidariedade foram então apresentadas ao Presidente Eurico Dutra, num adestado eloquente das esperanças que a Nação deposita em S. Excia., para a sua final recuperação social, econômica e política.

Os flagrantes que apresentamos nas páginas desta edição dizem, melhor que todos os adjetivos, do que foram essas festividades, que

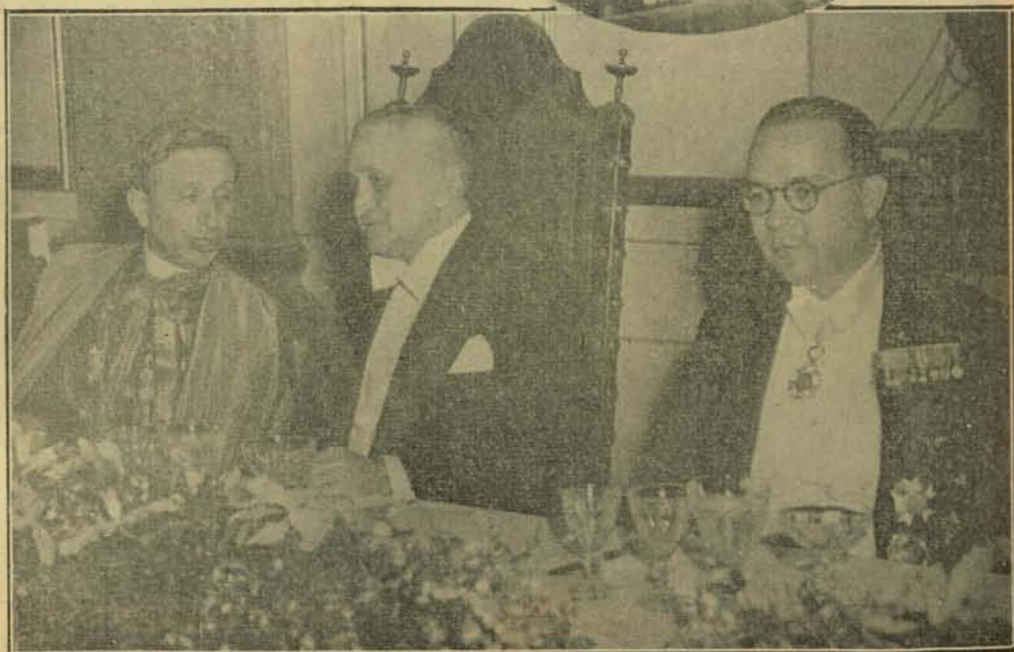
marcaram o início de uma nova era na vida nacional. Expressam nitidamente os contornos de um acontecimento pelo qual a Nação há muito ansiava, sequiosa de integrar-se definitivamente no lugar que lhe compete entre as grandes democracias do mundo. Testemunham, de modo insofismável, a confiança pública que cerca o novo Presidente da República, confiança esta de que participam as nações amigas dos cinco continentes, todas altamente representadas naquelas memoráveis festividades.

Depois de um acontecimento dessa ordem, cuja repercussão ainda ecoa por todos os recantos da Pátria, pode-se afirmar com toda a segurança que a Nação retomou o seu caminho.



Nesta página figuram mais três expressivos flagrantes colhidos pela nossa reportagem fotográfica, no Rio, por ocasião das solenes festividades que marcarão a posse do Presidente Eurico Gaspar Dutra.

Vê-se S. Excia. ao proferir o seu discurso, depois de receber o cargo do Presidente José Linhares, no Palácio do Catete. No medalhão, o Presidente Dutra quando assinava o termo de posse, no Palácio Tiradentes. E finalmente, quando palestrava com o enviado especial da Santa Sé, por ocasião do banquete que ofereceu, no Itamarati, às missões diplomáticas enviadas por 42 nações amigas, para as solenidades de sua posse.



Embaixada Nações



O Presidente Eurico Dutra a bordo do cruzador "La Argentina", onde foi homenageado pela embaixada especial da vizinha nação amiga, fazendo o discurso de agradecimento, depois de ter sido condecorado com o colar da Ordem de Libertador San Martín.

AS SOLENIDADES comemorativas da posse do Presidente Eurico Gaspar Dutra sobrepuseram, sem dúvida, as melhores expectativas da Nação que o elegeu para a suprema chefia de seu Governo.

Aliada às demonstrações do intenso júbilo popular que tornaram as cerimônias de sua posse um acontecimento cívico de raras pro-

porções, tivemos o prazer de constatar a satisfação com que o novo governo brasileiro foi recebido pela opinião mundial, através do comparecimento a essas festividades de nada menos de 42 embaixadas especiais, de outras tantas nações amigas espalhadas pelos cinco continentes.

Integradas por figuras da mais

alta representação social de suas respectivas Nações, estas 42 embaixadas emprestaram um brilho excepcional às solenidades do empossamento do Presidente Eurico Dutra, testemunhando, deste modo, ao Brasil, os sentimentos de amizade com que nos distinguem os grandes e os pequenos países do mundo inteiro.



Banquete no Itamarati, oferecido às missões especiais à posse do Presidente Dutra, por S. Excia. No flagrante, vê-se o Presidente Eurico Dutra, ao lado do Embaixador Especial da Santa Sé, Monsenhor Fernando Sento.



Aspecto fixado por ocasião da recepção oferecida pelo Ministério da Guerra às embaixadas especiais das 42 nações amigas à posse do Presidente Eurico Dutra. Vê-se o Presidente da República ao lado do titular daquela pasta de seu governo, Gen. Góis Monteiro, e damas da alta sociedade carioca.



Figuras do mais destacado relevo internacional fizeram parte dessas embaixadas. O vice-presidente da Argentina, general Pistarini. O sr. Florelo La Guardia, figura de alto relevo na vida política norte-americana. O almirante Somerville, o heroe do "Ajax", pela Grã Bretanha. Pablo Campos Ortiz, do México; Carlos Irigoyen, de

Guatemala; general Oscar Escudero, do Chile; José Serrato, do Uruguai; monsenhor Fernando Sento, da Santa Sé; Cheng Tien Koo, da China; Rostum Bey do Egito; Seki Alhan, da Turquia; Youssef El Saoude, do Líbano; Lewis Richard Mac Gregor, da Austrália; e muitos outros nomes representativos da cultura,

da ciência e da política de todos os países amigos.

Nestas páginas, damos alguns expressivos flagrantes colhidos durante as festividades em que tomaram parte as embaixadas das 42 nações que aqui se fizeram representar, para maior brilho da posse do nosso novo Presidente.



Dentre as brilhantes festividades com que se comemorou a posse do Presidente Eurico Gaspar Dutra, merece especial referência o banquete oferecido a S. Excia. na Embaixada do Canadá. A foto representa um aspecto fixado naquela ocasião, vendo-se a primeira dama do país, a Exma. Sra. Eurico Dutra, ao lado do Presidente do Congresso, Sr. Fernando de Melo Viana.

OS TITULARES DO NOVO



JUSTIÇA
Carlos Luz



TRABALHO
Otacilio Negrão de Lima

NUMA consequência lógica das tendências essencialmente democráticas do novo governo da República, o Sr. Eurico Gaspar Dutra, atendendo aos justos anseios do povo que consagrou o seu nome

no grande pleito de 2 de dezembro., escolheu, para presidir as pastas ministeriais, as figuras mais expressivas das poderosas forças políticas que sustentaram a sua nítida vitória.



GUERRA
Gen. Góis Monteiro



AERONAUTICA
Brigadeiro Armando Trompowsky



EXTERIOR
João Neves da Fontoura

GOVERNO BRASILEIRO



AGRICULTURA
Manoel Neto Campelo



VIAÇÃO
Coronel Macedo Soares



FAZENDA
Gastão Vidigal

Nestas páginas, reunimos as fotografias dos novos Ministros de Estado, nomes cujo passado de relevantes serviços prestados à pátria dispensam apresentações, constituindo, cada qual, magnífica

afirmativa da vontade de trabalhar pelo engrandecimento nacional que anima o governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra.



MARINHA
Alm. Jorge Dodsworth



EDUCAÇÃO
Prof. Souza Campos

O sr. João Beraldo, Interventor Federal, cercado de jornalistas que o homenagearam e quando pronunciava o seu discurso de posse.



Um governo que expressa a vontade soberana do povo

Entusiásticas manifestações cívicas da sociedade belorizontina em regozijo pela posse do dr. João Beraldo na chefia do Governo Mineiro — Expressivas manifestações de solidariedade por parte de tôdas as classes sociais da Capital

BELO HORIZONTE viveu, em fevereiro último, dias da mais intensa vibração cívica, com tôdas as suas classes sociais aplaudindo e solidarizando-se com o ilustre conterrâneo que vem de subir à suprema chefia do governo do Estado, em consequência da livre manifestação da vontade soberana do povo mineiro, insofismavelmente demonstrada no pleito de 2 de Dezembro: o exmo. sr. dr. João Beraldo.

Legítimo representante das tradicionais virtudes políticas do povo mineiro, o novo Interventor Federal, cuja fôlha de serviços prestados à sua terra é das mais brilhantes, sobe ao poder como expressão indiscutível da vontade popular, figura exponencial que é na alta direção do partido político que obteve nítida e consagrada maioria no mais livre de todos os pleitos a que a Nação já assistiu. Assim, era de se esperar a empolgante manifestação de júbilo popular que cercou a pessoa de S. Excia. em nossa Capital, por ocasião de sua chegada e das cerimônias que se sucederam, através de expressivas manifestações coletivas cuja imponência equivaleram a uma verdadeira apoteose cívica.

Ao desembarcar, bem pequena era a "gare" da Central do Brasil, para conter a avalanche de pessoas que ali acorreram para saudar o novo Chefe do Governo Mineiro. A grande praça fronteira regorgitava, animada por uma multidão entusiasta que ali afluiu para render suas homenagens ao novo Interventor Federal, aclamando o nome de S. Excia. delirantemente, à passagem do carro oficial que o conduziu ao Palácio da Liberdade, juntamente com o alto mundo oficial.

Após a cerimônia de posse, que se revestiu de extraordinário brilhantismo, com o comparecimento do que Belo Horizonte tem de mais representativo entre os seus valores sociais, o nome de S. Excia. continuava ainda sendo delirantemente aplaudido, pela

enorme massa popular que, postada diante do Palácio, fazia sentir toda a vibração cívica que animava a população da cidade naquele memorável dia que marcou para Minas Gerais o seu retorno ao caminho da ordem, da paz e do trabalho.

E sucederam-se, nos dias imediatos, as manifestações mais expressivas da solidariedade pública ao novo Chefe do Governo Mineiro.

Em grandes comissões formadas pelos seus elementos mais representativos, as diferentes classes sociais da Capital compareceram ao Palácio da Liberdade, para levar ao exmo. sr. dr. João Beraldo o testemunho vivo do seu alto apelo e da sua inteira solidariedade. A magistratura, a imprensa e o rádio, o comércio e a indústria, as entidades esportivas, as associações culturais, os representantes consulares, as classes liberais, os prefeitos municipais aqui reunidos na ocasião, enfim, tudo quanto a Capital possui de mais expressivo em sua sociedade, em comovedora espontaneidade, compareceu diante de S. Excia. para afirmar a confiança com que se recebia o advento de seu Governo e as fundadas esperanças que se nutrem no sentido de vê-lo recolocar a nossa Minas Gerais na sua alta destinação política e econômica, puta a grandeza da Pátria.

Foram dias memoráveis, estes que Belo Horizonte viveu em fevereiro último, ao calor de um entusiasmo cívico poucas vezes observado nos anais de nossa história política!

E ao contacto com tôdas essas camadas sociais, no torvelinho agitado das inúmeras manifestações a que assistiu, S. Excia. o novo Interventor Federal, sem perder jamais o contacto com a realidade mineira e com as injunções do dever de Chefe de Estado, soube configurar nitidamente a vigorosa expressão de sua personalidade, através de magníficos discursos em que revelou, mais uma vez, os seus profundos sentimentos patrióticos e o seu acendrado amor à sua

terra natal, equacionando, de modo simples mas incisivo, os problemas básicos que preocupam a nossa coletividade nos dias que correm e apontando as soluções práticas com que pretende resolvê-los. Ecoam ainda em todo o nosso grande Estado, as palavras repassadas de modéstia mas onde se nota a sincera vontade de acertar, com que o novo Chefe do Governo Mineiro se dirigiu ao povo de sua Capital:

— Desejo nortear-me em conformidade com os sentimentos de harmonia, cooperação e desarmamento dos espíritos, — declarou S. Excia. em seu discurso de posse.

— Receberei a colaboração de todos os cidadãos que visarem ao bem e a felicidade de Minas, — adiantou o novo Interventor Federal em sua primeira entrevista coletiva à imprensa.

— Os aumentos de vencimentos não resolvem as dificuldades decorrentes da vida cara, levando-nos, ao contrário, a um círculo vicioso. As dificuldades de vida serão, antes, resolvidas com o aumento da produção. Produção e transportes, eis a solução para a crise, — declarou S. Excia. ao agradecer a manifestação das classes produtoras do Estado, prometendo voltar a sua atenção para o combate à vida cara.

— Considero da mais alta valia, para um governo democrático, a crítica serena e equilibrada da imprensa, à qual darei sempre a minha mais decidida acolhida porque um homem da minha formação jamais recuará, depois de reconhecer que praticou um erro, — declarou o Chefe do Governo Mineiro em seu discurso de agradecimento à homenagem recebida dos jornalistas da Capital e do interior do Estado.

Estas e outras palavras serenas e ponderadas, pronunciadas pelo novo Interventor Federal em nosso Estado, ecoaram profundamente nos corações mineiros, fazendo antever para Minas Gerais o seu regresso aos qua-

Grande número de prefeitos mineiros prestou uma expressiva homenagem ao Interventor João Beraldo. Amigos, admiradores e colaboradores do seu governo, fizeram-se intermediários dos sentimentos de solidariedade e confiança de quase todos os municípios do Estado ao grande homem público. Na ocasião, vários oradores saudaram S. Excia., enaltecendo sua figura no cenário desta geração que dirige os destinos da Nação. S. Excia. agradeceu num rápido e brilhante improviso. O flagrante mostra quando o saudava um dos oradores.



dos da normalidade administrativa, ao trabalho confiante e à certeza de um radioso porvir!

Inicia pois o exmo. sr. dr. João Beraldo, cercado da inteira confiança e solidariedade pública, o seu Governo. E é de se esperar, mercê dessa solidariedade e dessa confiança plenamente demonstradas, e como decorrência das suas acentuadas virtudes de homem público e seu longo tirocínio nos cargos de alta responsabilidade, que Minas Gerais encontrou novamente o seu caminho para servir aos anseios de progresso de sua nobre gente.

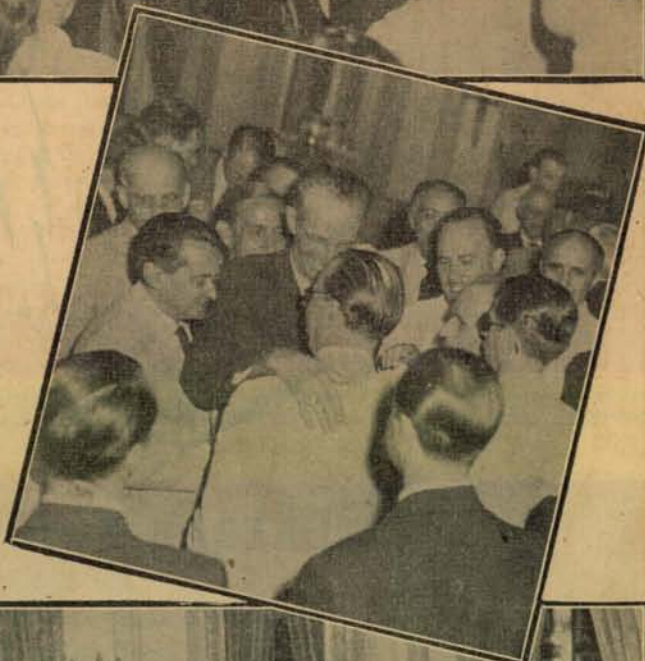
Nestas páginas, apresentamos alguns expressivos flagrantes fotográficos, numa eloquente documentação do regosio público que marcou a posse do exmo. sr. dr. João Beraldo na chefia do novo governo mineiro, como expressão legítima da vontade soberana do nosso povo.



Os advogados da capital igualmente foram levar ao dr. João Beraldo o testemunho de confiança da grande classe. Ao ato, falaram vários advogados. S. Excia. agradeceu de improviso. A foto fixa o instante em que era saudado por um dos oradores.



Outra significativa homenagem prestada ao Interventor Federal foi a dos Juizes mineiros. Durante o ato S. Excia. mostrou-se sensibilizado com aquela prova de amizade e confiança que partia de seus antigos colegas, pois durante muitos anos exerceu o cargo de Juiz de Direito em várias comarcas do Estado. Na foto ao lado vê-se o dr. João Beraldo quando era cumprimentado pelos magistrados.



As classes conservadoras também foram levar ao Interventor Federal a sua inteira moção de amizade e solidariedade. Banqueiros, industriais, comerciantes, estiveram no Palácio da Liberdade, e mantiveram com S. Excia. uma cordial palestra. Vários oradores fizeram uso da palavra, tendo o Sr. Interventor, sensibilizado, agradecido àquela homenagem, que, segundo disse, era um fato auspicioso que havia de animá-lo nas duras contingências da direção do Estado.



CÉREBRO E MÚSCULOS

— Onde quer que a eletricidade seja necessária, para iluminar os lares, estabelecimentos, ruas e praças ou para impulsionar as indústrias — eis-me sempre facilitando o trabalho ao simples manejar de um comutador ou de uma chave de ligação. "Seu" Kilowatt, o criado elétrico, entra com a sua gigantesca musculatura, enquanto os consumidores entram com o trabalho cerebral, guiando-o em seus múltiplos mistéres.

CIA. FORÇA E LUZ DE MINAS GERAIS

TELEFONE 2-1200

O NOVO TITULAR DA PASTA DAS FINANÇAS

A EXPRESSIVA CERIMONIA DA POSSE — DEMONSTRAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DAS CLASSES CONSERVADORAS — PRESENTES, FIGURAS DE RELÊVO DO MUNDO SOCIAL, ECONOMICO E CULTURAL

REPERCUTIU magnificamente na sociedade mineira e nas classes produtoras de todo o Estado, a escolha do dr. Jair Negrão de Lima, para as altas funções de Secretário das Finanças de Minas Gerais.

Homem de ação e cultura, dotado de uma vasta experiência no serviço público e nos cargos da mais alta responsabilidade nos setores econômicos do Estado e do país, o novo titular da importante pasta do nosso governo conta com a mais larga simpatia no seio do comércio e da indústria de Minas, aos quais prestou assinalados serviços, quer como diretor da Associação Comercial de Minas Gerais, da Confederação Nacional das Indústrias e membro do Conselho Superior de Tarifas, na Capital da República, onde a sua ação vigorosa e eficiente se fez sentir ainda no exercício de cargos da mais alta relevância.

Espírito moço, dotado da energia necessária ao estudo e solução dos prementes problemas financeiros que asoberbam a máquina governamental, o sr. Jair Negrão de Lima teve a sua nomeação aplaudida com entusiasmo, recebendo por esse motivo, as mais inequívocas demonstrações de solidariedade e apoio que lhe foram levar as classes conservadoras, desejosas de emprestar à sua administração uma colaboração leal e decidida.

E toda a opinião pública focaliza a personalidade do novo Secretário das Finanças com as mais sinceras e merecidas expressões de confiança na sua ação de revitalização econômica, enaltecendo a sua capacidade de trabalho e tirocínio administrativo.

O ato de sua posse, a que estiveram presentes as figuras mais representativas do comércio, da indústria e da sociedade da Capital, revestiu-se de um invulgar brilhantismo, com a presença do nosso alto mundo oficial e representações das nossas diferentes entidades de classe.

Ao expressivo acontecimento compareceram, levando o seu apóio e aplausos ao ato do Sr. Interventor Federal, inúmeras

representações de classe, como dissemos, entre as quais as da Associação Comercial de Minas Gerais, União Comercial dos Varejistas de Minas Gerais, Federação do Comércio de Minas Gerais, Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais.

Discursando por ocasião, teve S. Excia. ensejo de focalizar a satisfação que sente em colaborar no Governo do Interventor João Beraldo, cujo patriotismo ele conhece. Disse da significação que para ele encerra o exercício daquelas funções a que foi elevado pela honrosa confiança do Chefe do Governo Mineiro, encarecendo ainda a atuação do eminente governador Benedito Valadares, cujos assinalados serviços a Minas devem ser reconhecidos. Delineou as li-

nhas mestras da sua orientação à frente da importante pasta do nosso Governo, "cujos problemas devem ser tratados dentro da constante preocupação de recuperação econômica que estimule e acompanhe o desenvolvimento e o amparo das forças produtoras", salientando que "a ordem nas finanças publicas decorre da execução de uma bem orientada política econômica". Concluiu o novo titular a sua oração, afirmando que no exercício do seu cargo, estará disposto a trabalhar, procurando ser digno das tradições daquele departamento, por onde passaram tantos coestaduanos ilustres, cujos nomes ele procurará honrar envidando os maiores esforços, contribuindo para a grandeza de Minas Gerais e do Brasil.



Quando o Dr. Jair Negrão de Lima pronunciava o seu aplaudido discurso

A POSSE DO ENG. LUCAS LOPES NA SECRETARIA DA VIAÇÃO

SIGNIFICATIVA CERIMONIA EXPRESSANDO O ACERTO DA DESIGNAÇÃO • UM DOS MAIS JOVENS E AUTENTICOS VALORES DA NOSSA ENGENHARIA • O BRILHANTE DISCURSO DO DR. LUCAS LOPES

TEVE a mais ampla repercussão na sociedade mineira, as solenidades de posse dos significativos valores da nossa atual geração que foram distinguidos pelo Interventor João Beraldo com os cargos de imediata confiança em sua administração. Congratulando-se com os seus novos Secretários de Estado, a sociedade da Capital acorreu às cerimônias de posse de cada um, para levar-lhes, com a presença do que tem de mais significativo, o testemunho de seu apóio e de sua solidariedade ante as novas gestões que se iniciam, auspiciosamente, nas diferentes pastas do Governo Estadual.

O eng.º Lucas Lopes, um dos mais jovens valores que se afirmaram de modo decidido no governo Valadares Ribeiro, através de uma atuação das mais felizes na pasta da Agricultura, foi empossado agora no cargo de Secretário da Viação e Obras Públicas. A magnífica repercussão que teve a escolha de seu nome para essas altas funções em nosso governo, vale por uma verdadeira consagração pública ao acerto do ato do novo Interventor Federal.

Ao receber o cargo a que foi levado pela honrosa confiança do Interventor João Beraldo, o ilustre titular pronunciou vibrante alocução, da qual extraímos alguns trechos mais importantes. Inicialmente, S. Excia. agradeceu as elogiosas referências feitas ao seu nome pelo seu antecessor, ao entregar-lhe o cargo, passando, em seguida, a dizer da viva satisfação com que voltava a servir ao seu Estado sob a chefia esclarecida, ponderada e justa do sr. João Beraldo, "esse ilustre homem público que vem de assumir o Governo de Minas, administrador experimentado, jurista emérito e cidadão probo e patriota".

A seguir, S. Excia. disse da satisfação que teve em servir ao seu Estado no governo marcado de realizações de seu grande amigo Benedito Valadares, enaltecendo as normas rígidas da ética administrativa e política que o ilustre Governador de Minas traçava para todos os seus auxiliares nas lições de sua vida pública.

Fixou, a seguir, a colaboração que espera merecer de todos os seus auxiliares naquele importante departamento do Governo mineiro para concluir com as seguintes palavras:

"O programa de trabalho a que dedicarei meus esforços será concluir as grandes obras públicas encetadas e lançar bases de realização dos planos traçados nas páginas admiráveis do discurso que pronunciou em Belo Horizonte o egrégio Presidente Eurico Gaspar Dutra e novamente ontem definidos na síntese exata e clara na oração de posse do Senhor Interventor João Beraldo.

Quando estava longe de nossa terra, já disse uma vez, e agora que aqui novamente vivo, voltava e volto sempre os meus olhos para estas montanhas. Medito sobre a vocação de cultura cristã de seu povo, sobre sua luta para vencer as distâncias e as alturas que o separam do mar, sobre a energia metódica que ele emprega na conquista da base material de sua felicidade, sobre o equilíbrio, tenacidade, eficiência e disciplina interior dos governos que ele tem consagrado nas urnas livres, sobre a grandeza de Minas dentro de um Brasil uno e forte — e sinto orgulho de ser mineiro."



O novo titular da pasta da Viação, quando proferia o seu discurso de posse



NO BANCO ÊLE ESTÁ
BEM GUARDADO
E RENDE BONS
Juros

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE



O dr. Olinto de Castro pronunciando o seu discurso de posse

Na Pasta da Educação o Dr. Olinto Orsini de Castro

UMA FIGURA ILUSTRE DE MESTRE E CIENTISTA
A CERIMONIA DA POSSE

NO QUADRO dos valores chamados pelo Interventor João Beraldo, para compor os quadros de seu governo, encontra-se uma figura inconfundível de mestre e de cientista, que se impôs à admiração e ao apreço de seus concidadãos: o dr. Olinto Orsini de Castro.

Minas Gerais gozando, em todo o país, de elevado e merecido conceito no setor educacional, teria, forçosamente, de rejubilar-se com a acertada designação do dr. Olinto Orsini de Castro, que reúne qualidades excepcionais de educador capaz de fazer com que tal conceito se consolide ainda mais, numa prova do alto patriotismo do povo mineiro, sempre na vanguarda das iniciativas que visem o benefício da coletividade.

Sua nomeação repercutiu amplamente nos meios culturais, educacionais e administrativos do Estado, onde a sua personalidade se

projetou com toda a simpatia de um nome que se recomenda ao apreço geral da nossa sociedade.

Um dos valores mais positivos da nossa medicina, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, o novo titular da pasta da Educação foi deputado à Constituinte de 1934, Chefe do Serviço Dermatológico da Força Policial, e membro do VIII Congresso Internacional de Dermatologia e Sifilografia de Copenhague. É sócio correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, vice-presidente da Sociedade de Leprologia e presidente da Sociedade de Dermatologia de Minas Gerais.

O ato de sua posse constituiu um acontecimento festivo e de larga repercussão social, encontrando-se o seu gabinete e as antessalas literalmente tomadas pelas figuras de mais alta representação do nosso mundo social, educacio-

nal e científico, entre os quais contaram a quase totalidade dos diretores e dos nossos educandários e escolas superiores.

Após a cerimônia da transmissão do cargo, o novo titular do nosso Governo pronunciou substancial oração, na qual evidenciou a sua preocupação de bem servir aos altos interesses da Pátria, colaborando com toda a sua energia para a obra educacional do governo. O eminente Interventor João Beraldo. Teceu amplas considerações em torno dos mais importantes problemas que interessam à Educação e à Saúde do nosso povo, revelando um perfeito conhecimento das nossas realidades nesse importante setor da vida mineira. Abordou a situação do ensino superior, secundário, normal, colegial e primário, destacando o que temos feito e o que ainda está por fazer, incluindo o importante setor da assistência aos estudantes pobres. Pôs em evidência o problema da alfabetização a todo custo, para exaltar a obra da verdadeira democracia que não deve ser confundida com o comunismo negativista. Teceu ainda considerações à margem do problema do ensino técnico-profissional e do aperfeiçoamento físico da nossa mocidade. Prosseguiu abordando os diferentes problemas relacionados com a saúde pública para terminar afirmando que espera merecer a colaboração de todas as forças vivas do Estado, no sentido de auxiliá-lo a bem desempenhar as altas funções com que foi distinguido pela honrosa confiança do Interventor João Beraldo.

O discurso do Dr. Olinto Orsini de Castro, titular da Pasta da Educação, constituiu, sem a menor dúvida, uma vibrante mensagem de fé e confiança nos destinos gloriosos do Estado de Minas Gerais, e repercutiu de modo extraordinário no selecto auditório que aplaudiu vibrantemente as claras e magníficas palavras do ilustre orador, personalidade cultural a que o nosso Estado entrega, confiante, os seus destinos educacionais cuja influência no progresso do Brasil tem sido e sempre será das mais importantes.

★ A AMETISTA ★

● MARIA AMORIM FERRARA ●

ERA UMA pedra singular, violentamente colorida e luminosa. Ela a usava num engaste pesado e sóbrio, no dedo anular. A verdade é que a mulher amava aquela pedra. Amava sobretudo a gota de luz que vivia ali dentro, na transparência intensamente rósea. Em horas de solidão olhava-a sossegada e o pensamento, uma vez atingido o âmago da pedra, corria veloz para as recordações que estranhamente se condensavam na pequena jóia. Havia coerência exquisita entre as cintilações sombrias da ametista e os tumultos de sua alma; entre o brilho inconstante e surpreendente e as oscilações do seu temperamento extremamente versátil. Não é que a pedra tivesse uma história qualquer, misteriosa. Era até uma pedra sem passado.



— Simboliza alguma coisa? haviam perguntado.
— Sim. Um mundo de coisas. Simboliza a minha própria vida, o meu motivo de existir.
— Segredos?
— Sim e não. Quem poderia penetrar a complexidade de uma alma sem estremecer de espanto?
Quem atingiria nunca o drama milenar desta cristalização luminosa?
Certa vez, a pedra escapou-se do engaste. A mulher levou-a, em sobressalto, ao joalheiro.
— Prenda-a de novo, sim? Prenda-a bem.
A voz tinha inflexões inquietas.
— Sim, sim. Procure-a depois.
— A' tarde?
— Talvez...
Pensou nela o dia todo, apagada e sem vida, fora do engaste de ouro.
— E agora, está bem firme? Posso usá-la sem receio? Não se soltará mais? — perguntou ansiosa.
— Não dou-lhe garantia disto.

Ela partiu, mergulhou na multidão anônima. Mais adiante deteve-se para esperar um bonde que não vinha. Pôs-se a mirar a pedra. Na tarde cheia de sol as cintilações

eram mais vivas, o colorido mais intenso. Jamais a vira assim tão linda. Não. Nunca. Seria o reflexo do céu iluminado e sereno? A gota de luz lá estava prisioneira, espalhando na transparência violeta, tremendo, tremendo... Perto, alguém do povo, olhava também. Sua expressão era curiosa e dura. Ia da mulher à pedra, da pedra ao rosto da mulher. A certo momento pareceu a esta que a outra se abaixava, num repente brusco.

Depois a onda humana se comprimiu para o assalto ao veículo retardatário.

— Sente-se aqui, minha senhora.

— Obrigada... Acomodei-se sem pressa, habituada àquelas violências.

— Minha pedra! Onde foi minha pedra? Calu... ah! Olhou um momento a cravação vazia e logo procurou em volta, como louca. Atirou-se para fora do bonde:

— Não é possível...

Sondou a rua palmo a palmo, naquele pequeno espaço, onde perdera um mundo.

— Era pedra de muito valor? — indagou solícito, um homem qualquer.

— Dou-lhe o preço dela se a encontrar. Vamos! Procure!!!

— Valor estimativo, madame?

Ela o olhou alucinada, sem responder. Conservara na retina a lembrança da última contemplação, quando lhe pareceu mais rósea, mais viva do que nunca, desafiadoramente cintilante.

E na imaginação teimosa em que a idéia fixa do pezar se instalara de uma vez o tom violeta se animava, adquiria mobilidade de água iluminada onde, sem que nem pra que viu passar de repente uma vela branca, minúscula e ligeira, última surpresa daquela maluquice.

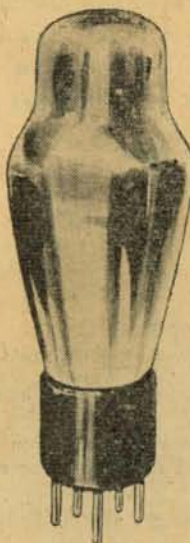
— Ametistas há muitas. De certo comprou outra, absolutamente igual e esqueceu o incidente...

— Não, meu amigo. Que trivialidade seria uma substituição tão fácil! Dentro daquela pedra perdeu-se não um simples sonho — mas o Sonho, o único sonho que a mulher viveu!

Visitas à Redação

Deu-nos o prazer de sua visita o sr. Carlos Bivar, conhecido empresário teatral que trouxe a esta Capital o famoso artista B. B. Junior, o qual deliciou as platéias do Minas Tenis Clube e do Cine Radio Guarani, com seus espetáculos de alta magia e ilusionismo.

O famoso B. B. Junior seguirá dentro em breve para Recife e outras grandes cidades do nordeste brasileiro, em companhia do sr. Carlos Bivar.



VÁLVULAS
e
MATERIAL
PARA RADIO
EM GERAL

SEIMI

ATACADO E VAREJO

RUA CURITIBA, 631
FONE 2-7560

End. Teleg.: "SEIMI"
BELO HORIZONTE



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE MARÇO DE 1946

Léxicos: Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Seguer; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Fonseca e Roquete, os dois; Breviário, tôdas as edições; Japiassú e Provérbios, de Lamenza.

Prêmio: Uma obra literária de atualidade, oferecida por ALTEROSA.

ENIGMAS N. 1 A 5

(Ao Jeca)

Encontrei num "cacho" de uvas
Uma "letra" pequenita;
Coloquei-a bem no centro,
Ornando uma parasita.

Jamil — B.S. — Capital

(Ao Zigomar)

Andei muito "aborrecido"
Por uma "letra" pequena,
Que roubara um distraído,
Da minha cara morena.

Mas qual não foi a minha ira
Quando soube a sua sina;
Aquele que a subtraíra
Fôra um mísero sovina.

Jamil — B.S. — Capital

Tua "namorada" sem "sua" fortuna
Com "que" cara, coitada, vai ficar,
Quando souber que tu, que estás na turma,
Resolveste ao namoro um termo dar.

R. Kurban — S. Paulo

Há um "lugar" na "caleça"
Que não esconde o chapéu;
"Mulher" que engana o marido,
Ganhará entrada no céu?

Jeca — B. S. — Capital

(Ao Simões)

Em um "notável" movei
De um valor incrível,
Escondeu Maquiavel
"Em" tempo memorável
A arma mais terrível.

Jeca — B. S. — Capital

SINCOPADAS Ns. 6 A 11

(Ao Zigomar)

Foi em Feira de Santana,
Linda cidade bahiana,
Que Maria vim conhecer;
Que alma pura, que santa,
Tudo nela me encanta,
E' eia o meu bem-querer. 3-2.

Justo — B. S. — Capital

3 — 2 Sai por entre dedos o dinheiro que se adquire com ganância.

Filistéia — Inhaúma

3 — 2 Quanto a mim, nunca fui inclinado por mulher bonita com buço.

José Sôlha Iglesias — Brumadinho

3 — 2 Da "árvore sempre verde da família das lauráceas" é que se colhem folhas para a corôa triunfal.

Filistéia — Inhaúma

3 — 2 Do "último báculo de uma ninhada" é fácil ver as costas.

José Sôlha Iglesias — Brumadinho

3 — 2 Estou de perfeito acôrdo com o autor da pequena narrativa que acabo de ler.

Altamir da Costa Barros — Maceió

ECLIPTICA N. 12

2 — 2 (3) Demorei um pouco, por estar conser-tando "uma das peças da asna", no "curral pequeno"

Jam — B. S. — Capital

CASAL N. 13

4 — Mocinha elegante, teu namoro é inocente? — Duvido...

Jeca — B. S. — Capital

LOGOGRIFO N. 14

(Ao Jasbar, com um abraço)

Uma "planta trepadeira
de Minas Gerais" eu tenho, 4-1-6-3-9-5-6-10
A mais legítima dentre todas, 2-8-7-3-4-5
Que eu guardo com empenho.

Se você é valentão, 7-10-8-7-1
E tem lábia qual vampiro, 4-1-6-7-5-7-1
Me responda com astúcia:
— A que planta me refiro?

Panaça — P. Vargas

MESOCLÍTICAS Ns. 15 e 16

Eu comprei um "azorrague" (1)

De borracha e um belo freio,
Por muito pouco dinheiro
— Eram refugio de arreio. 2 — 2.

(1) Azorrague feito de couro torcido.

Panaça — P. Vargas

Quando, antigamente, usava
Fraque, bengala e cartola, — 2
Todo homem se julgava
Muito bonito e frajola — 2.

Mas, hoje, se alguém tentar
Vestir assim — que desgraça...
Quanta gente há de gritar:
Veja ali que "cão sem raça"!

Panaça — P. Vargas

CHARADAS Ns. 17 a 24

2 — 2 "Grande quantidade" de flores
Comprei do "atrevido" mascate;
Mas a cabeça trago em dores,
Só de aturar tal bonifrate.

Moema — Boturobi

Numa loja de adelo — 2
Um calouro estudante — 2
Foi comprar p'ra o Rabelo,
Um presente elegante.

Jamil — B. S. — Capital

4 — 1 Quem confunde alhos com bugalhos acha em tudo confusão.

José Sôlha Iglesias — Brumadinho

2 — 1 Rapaz! Nunca use da mentira para galgar altos postos. Pouco a pouco tudo se descobre e... catapruz!

Altamir da Costa Barros — Alagoas

2 — 1 A "estêva" cresce aqui qual capim em praça grande.

José Sôlha Iglesias — Brumadinho

2 — 1 Em meio do "calcário argiloso" a "mulher" do sertanejo descobriu uma pérola.

Jeca — B. S. — Capital

1 — 1 — 1 Sem dúvida perdeste tu o anel de noivado naquele lugar.

Altamir da Costa Barros — Alagoas

2 — 2 Quem tolera desaforos até de infâncias não pode ser valentão.

José Sôlha Iglesias — Brumadinho

MESOCLITICA N. 25

2 — 1 Embora "com grande trabalho, tenho meios para" compor este modesto problema.

Jupira — T. Otoni

SIMBÓLICO N.º 26



JOTA — B.S. — Capital

*

MAJOR ARTUR MENDONÇA

Em fevereiro p. findo, faleceu nesta Capital o major Artur Mendonça, chefe de seção, aposentado da Secretaria da Educação e Saúde Pública.

Sem dispor de fortuna e não exercendo altos cargos de governo, poucos homens gozaram na capital mineira da popularidade de Artur Mendonça. A eleição para juiz de paz, que disputou em 1934, valeu-lhe por uma consagração: foi o mais votado dos candidatos.

Sua morte foi, por isto, sentidíssima. Aos seus funerais, muito concorridos, compareceram um sem número de amigos, o Prefeito da Capital, representantes de Secretários de Estado, comissões de funcionários da Secretaria em que serviu durante mais de trinta anos e representações de várias outras associações.

A família enlutada, os nossos mais sentidos pêsames.

PALAVRAS CRUZADAS

À RIVA DE MIR

BRINDE

aos seus assinantes

"ALTEROSA"

1	2	3	4	5	6
7					
8					
9					
10					



Sertanejo II P. Vargas.

CHAVES:

HORIZONTAIS: 1 — conclui; 7 — incomodar; 8 — perigo; 9 — governar; 10 — mistura.

VERTICAIS: 1 — arma; 2 — alimentam; 3 — retem; 4 — impares; 5 — vila do distrito da guarda (pl); 6 — patranha.

*

SOCIAIS

A cidade de Barão de Cocais recebeu, em fevereiro último, com a mais grata alegria, o ato do Governo do Estado nomeando para o cargo de Prefeito local o Cel. José Gomes Gonçalves.

O novo Prefeito é filho do lugar e largamente relacionado e benquisto pela população. Fez-lhe esta a maior das manifestações que a cidade já conheceu.

Com os votos, que fazemos, pelo sempre crescente progresso daquele novel e próspero município, apresentamos ao Cel. José Gomes Gonçalves, as nossas mais efusivas felicitações.

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Grandes realizações e reformas no exercício de 1945 — O quadro social experimenta invulgar acréscimo — Assinalável, também, o numero de elevações de pecúlios — Pagamentos efetuados e assistência medico-hospitalar aos associados — Outros aspectos expressivos do exercício do ano passado

SENHORES Membros do Conselho Deliberativo do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado.

Se o ano de 1945, no qual se completaram cinco anos de nossa administração neste Instituto, foi o ano da paz para o mundo torturado e combalido pela mais sangrenta e mais catastrófica de todas as guerras, no nosso país caracterizou-se ele por intensa agitação política, decorrente dos acontecimentos vários que modificaram a fase política da nação. Isto não obstante, pela própria natureza desta instituição conseguimos manter sem alteração, nem sobressaltos prejudiciais, o ritmo de nossas atividades em todos os setores, podendo apresentar à vossa apreciação e julgamento o relatório do movimento geral do Instituto, no ano passado, mediante o qual vos será dado verificar que só temos que congratular-nos, pois nossos esforços comuns alcançaram êxito animador, assinalando-se progresso de monta, em comparação com os resultados do ano de 1944. Assim é que o número de sócios foi elevado a 13.282, com uma diferença de 675 de novos sócios sobre o total anterior. Bastante assinalável também o número de elevações de pecúlios, que se conta por 885, num valor de Cr \$14.190.000,00. O pagamento de pecúlios por morte do associado acusa também, infelizmente neste caso, um aumento notável, pois se elevou a Cr \$1.404.700,00.

Todas as carteiras apresentam resultados de vulto, como vereis mais pormenorizadamente adiante, reveladores dum progresso contínuo do Instituto, que assim poderá ampliar cada vez mais o âmbito de sua assistência ao funcionalismo.

MOVIMENTO DO QUADRO SOCIAL

Foram admitidos em 1945, 675 novos sócios, para pecúlios no valor de Cr \$12.741.000,00 e contribuições mensais no de Cr \$14.990,00.

Elevaram seus pecúlios, num montante de Cr \$14.190.000,00, 885 sócios, para contribuições mensais no valor de Cr \$24.345,70 sobre o aumento. Foram excluídos do quadro social 19 sócios, para pecúlio no valor de Cr \$250.000,00 e contribuições mensais no de Cr \$288,00.

O quadro social do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais estava composto, em 31 de dezembro de 1945, de 13.282 sócios, para pecúlio, no valor de Cr \$226.509.400,00 e contribuições mensais de Cr \$281.886,80.

PAGAMENTO DE SEGUROS

Durante o ano de 1945 faleceram 96 sócios, para pecúlios no valor de Cr \$1.375.700,00 e contribuições mensais no de Cr \$1.981,20, tendo sido pagas 97 quotas de funeral, no valor de Cr \$42.081,00. Relacionamos adiante os sócios falecidos, discriminando as importâncias de pecúlios e quotas pagas às suas famílias.

CARTEIRA PREDIAL

Foram efetuados os pagamentos de 194 processos nesta carteira, durante o ano de 1945, atingindo um total de Cr \$2.169.240,00 não constando desta parcela toda a importância mutuada, uma vez que muitos empréstimos se destinam à construção de casas e não à compra, sendo o pagamento feito em prestações, à proporção que a obra vai sendo executada. A arrecadação nesta carteira foi, em amortização e juros, de Cr \$3.102.459,60.

CARTEIRA HIPOTECARIA

Atingiu a 71 o número de pedidos nesta carteira, tendo sido efetuados pagamentos num total de Cr \$667.598,00 com uma arrecadação de Cr \$607.880,00, de amortizações e juros.

CARTEIRA BANCARIA

Em 1945 foram realizados 4.613 empréstimos, num total de Cr \$8.599.500,00. A arrecadação desta carteira monta a Cr \$7.348.835,00, de amortizações e juros, com uma diferença de Cr \$962.923,60, para mais, em relação ao ano anterior.

ADIANTAMENTOS "RÁPIDOS"

Foram atendidos 10.768 pedidos, num total de Cr \$2.947.724,20, elevando-se a arrecadação de amortizações e juros a Cr \$2.857.130,50.

ARRECADAÇÃO GERAL

A arrecadação geral das carteiras soma um total de Cr \$20.600.046,30, verificando-se um aumento de Cr \$763.046,45, em comparação com o montante do ano anterior, que atingiu a Cr \$19.836.999,85.

Confrontados os vários dados fornecidos pelo Balanço, verifica-se um superávit de Cr \$5.991.721,70, distribuído e incorporado aos diversos fundos patrimoniais

FUNDOS PATRIMONIAIS

O patrimônio do Instituto, que era, em 31 de dezembro de 1944, de Cr \$43.684.393,40, monta a Cr \$49.676.115,10 em 31 de dezembro de 1945, pela incorporação do superávit deste ano.

*

Tais foram, srs. Conselheiros, os resultados, em 1945, das várias atividades do Instituto, devidos ao trabalho de nossos funcionários, à vossa própria dedicação e apoio, à confiança e colaboração de nossos associados e à boa von-

A reforma, que vinha sendo elaborada, com base em sugestões, pedidos e memoriais do funcionalismo de todo o Estado, foi afinal terminada e decretada pelo governo, em decreto-lei n.º 1.416, de 24 de novembro de 1945, completado pelo decreto-lei n.º 1.616, de 8 de janeiro de 1946. Graças a ela, pode o Instituto de Previdência ampliar sumamente seus benefícios e assistência social ao funcionalismo, indo ao encontro de suas angústias e pedidos. É de justiça ressaltar o entusiasmo e interesse com que o sr. Interventor Federal no Estado desembargador Nísio Batista de Oliveira incentivou a pronta realização da Reforma bem como o apoio e continua colaboração do sr. Secretário das Finanças, Desembargador

Oscar Mendes Guimarães, presidente.

TEM NOVAS INSTALAÇÕES CARMELIO F. CASTRO & CIA. LTDA.



Flagrante tomado durante a inauguração das novas instalações

TEVE lugar no dia 16 de Fevereiro último, na loja n.º 4 do Edifício Sul América, perante grande número de figuras da mais alta representação nos meios sociais de Belo Horizonte, a inauguração solene das novas e moderníssimas instalações da firma Carmelio F. de Castro & Cia. Ltda.

Firma especializada em materiais de alta qualidade para construções, gozando do mais largo conceito em nosso Estado, o seu novo estabelecimento realiza o que de mais moderno se pode contar, no gênero, em todos os grandes centros de civilização do país, apresentando um mostruário comple-

to, em condições técnicas das mais perfeitas, com tudo que se pode exigir nos artigos de seu ramo: aparelhos sanitários nacionais e estrangeiros; conjunto de rara beleza, brancos e coloridos, para quartos de banho; artigos de cerâmica dos mais famosos fabricantes nacionais e estrangeiros; fogões; aquecedores; tubos galvanizados; filtros; etc.. Suas instalações agora inauguradas, incluem uma espaçosa loja e ampla sub-loja, onde se encontram as exposições de seus artigos, e uma confortável sobre-loja onde se localizam os escritórios da firma.

O ato inaugural teve ainda a pre-

A inauguração das novas e modernas instalações da conceituada organização em nossa Capital — Um acontecimento na vida da cidade — Os mais belos e modernos conjuntos para quartos de banho — Azulejos, mosaicos, ladrilhos todos os materiais de alta qualidade para construção



sença de elementos da mais alta representação no comércio e na indústria do Rio, entre os quais notamos o sr. Rosário Marino e Manuel Blasquez Olmedo, chefes da grande firma carioca Blaquez, Rosário & Cia. e integrantes, também, da organização Carmelio F. Castro & Cia. Ltda.

Falaram sobre a solenidade o sr. Jason A. de Figueiredo, saudando os dirigentes da organização em nome da firma Blasquez, Rosário & Cia., e o sr. Carmelio F. Castro, que agradeceu e disse da satisfação com que a firma recebia o incentivo representado naquele momento pela presença de tantos e tão expressivos vultos de nossa sociedade, terminando por dizer do empenho de sua firma em contribuir para o progresso da Capital, proporcionando-lhe um estabelecimento verdadeiramente modelar no seu gênero.

Finalizando a solenidade, foi oferecido a todos os presentes um luto-lanche, que teve a abrilhantar o seu decurso o comparecimento de figuras de destaque no mundo social feminino de Belo Horizonte, convidadas da firma.

INSTITUTO DE PREVIDENCIA DOS SERVIDORES DO ESTADO

QUOTAS PAGAS DURANTE O ANO DE 1945

EM JANEIRO					
	CR\$	ros Tostes	900,00	Arnaldo Preto	390,00
Josefina Maria de Araujo	360,00	Maria Carmelita Salgado	210,00	Alvaro de Oliveira Quitês	900,00
José Divino de Oliveira	150,00	Hermila Gonçalves de		Francisco Augusto Coelho	390,00
Jorge Alberto Lacerda, dr.	690,00	Mendonça	120,00	Maria Violante Carvalho	150,00
Edina Campelo	200,00	José Marcelino da Paula	120,00		
Antônio Cesário Lima	690,00	Arlindo Aires	900,00		3.180,00
Luiz de Freitas Santos	540,00				
José Alves da Fonseca	180,00				
João Candido de Souza	120,00				
	2.940,00		3.720,00		
EM FEVEREIRO		EM ABRIL		EM JUNHO	
Jésus de Oliveira Magalhães	300,00	Apriglio José de Melo	180,00	Clemencia Maria de Jesus	150,00
José Gomes de Oliveira Júnior	720,00	Rita de Cassia Lima Chaves	570,00	Zenolia Heclides Coelho	120,00
Eli Esteves da Silva	210,00	José Januario Pereira	570,00	Jão de Paula Santos	750,00
Gil Augusto da Silva, dr.	750,00	Geraldo Cardoso Bispo	390,00	Edmundo Lins, dr.	900,00
		Pedro Mendes de Souza	240,00	Romen Lages, dr.	570,00
		Joaquim Antônio	210,00	José Maria Pinto	21,00
		José Isaltino Ferreira Campos	900,00	Cora Teixeira	180,00
		Clarindo Ferreira Gandra	320,00	Antonio Patrocio de Assis	330,00
		José Teodoro da Silva	420,00		3.021,00
	1.980,00		3.810,00		
EM MARÇO		EM MAIO		EM JULHO	
Joana Batista Rodrigues	150,00	Amanda Dias Ribeiro	300,00	Adalberto Braga	270,00
Alice Ferreira Couto	240,00	Rodrigo Augusto Silva	300,00	Clemen Cavalcanti	330,00
Francisco Duarte	300,00	Pedro Ribeiro da Costa	750,00	Maria dos Santos	150,00
Angelo Vieira Martins, dr.	570,00			Raimundo Pacifico Homem, dr.	840,00
Manoel Inacio de Carvalho	210,00			Agenor Carlos Pereira	900,00
Manoel Bernardino Bar-				Garibaldi Machado Santana	480,00

O aniversário do Interventor João Beraldo



Comemorando o aniversário natalício do exmo. sr. Interventor João Beraldo, ocorrido em fevereiro último, a sociedade mineira teve ensejo de prestar a S. Excia. as mais significativas homenagens. Todas as classes sociais estiveram representadas, pelas suas figuras mais expressivas, incluindo delegações de várias cidades do interior, na carinhosa manifestação de apreço tributada ao eminente Interventor Federal. O flagrante que estampamos acima, mostra S. Excia. cercado pelos seus altos auxiliares de governo, durante a homenagem que lhe foi prestada por eles em Palácio, vendo-se S. Excia. com todo o seu secretariado e outras altas figuras da administração estadual.

✱

Francisco Roberto Assunção	270,00
Matilde Xavier Mariano	270,00
Antônio Marçal Nogueira	300,00

3.810,00

EM AGOSTO

José Antônio Benfica	600,00
Zoroastro Rodrigues Alvarenga	900,00
Herci Passos	270,00
Edith Brandão	360,00
José Machado Silva	240,00
José Pimenta de Melo	300,00
Maria Antonieta Jardim	150,00
Francisco Alves Lemos	360,00
Antônio Américo da Costa	120,00
Brasilina Nascimento da Silva	150,00
Francisco Felicíssimo	750,00
Manuel Oliveira Lana	240,00
Fernando Scotti	210,00

4.660,00

EM SETEMBRO

Osvaldo Lomez	840,00
Antônio Vivas Castanheiras	150,00
Atamir O. Melo	210,00
Manuelita Pinheiro Rabelo	840,00
Francisco Franco	300,00
Evaristo Nogueira de Sá	360,00
Luiza de Brito	320,00
Maria Izabel Nazaré Figueiredo	150,00
Ana Luiza F. Mendonça	900,00
José dos Santos F. Manso	630,00
Mário Zeferino	210,00

✱

Hilda Rego	540,00
----------------------	--------

5.460,00

EM OUTUBRO

José Iamini	840,00
Leopoldina Andrade Amarante	120,00
Leonides Monteiro Rocha	90,00
Antônio Dias Freitas	300,00
Miguel Gentil Gomes Candido, dr.	900,00

2.250,00

EM NOVEMBRO

Clarindo Ferreira Gandra	330,00
Otávio Garcia	360,00
Francisco Oliveira Lessa	840,00
Francisco Franco Almeida Júnior	900,00
Antônio Izidro de Castro	750,00

3.180,00

EM DEZEMBRO

Francisco de Assis Ribeiro	420,00
André Martins de Andrade	1.200,00
Maria Correa de Oliveira Mourão	270,00
Americana Ribeiro Faria	300,00
Augusto Bago	60,00
Leopoldo Laborne Vale	900,00
Eliza de Moura Matos	840,00
Maria da Silva Tavares	90,00

4.080,00

97 quotas no valor de 42.081,00

✱

Belo Horizonte distinguida...

CONCLUSÃO

gusto Dias Bicalho. Falou, por essa ocasião, o escritor Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Atayde), que pronunciou magnífica oração oferecendo aquela casa de pensamento, de cultura à sociedade mineira. Falaram ainda os srs. Oscar Mendes e Luiz de Bessa, congratulando-se com a Livraria AGIR Editora pelo auspicioso acontecimento, depois do que teve lugar um lanche oferecido pela direção da pujante editora nacional aos convidados que enchiam literalmente as dependências da Livraria, com o que Belo Horizonte tem de mais representativo em seu mundo social e intelectual.

"ALTEROSA"

NÓ RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda no Rio de Janeiro, em todas as bancas do centro, a partir do dia 5 de cada mês.

Em São Paulo, na Agência Siciliano.

Para a família do Brasil

Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

*
Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO
Diretor-redator-chefe:
MARIO MATOS
Secretário da redação:
JORGE AZEVEDO

*
ADMINISTRAÇÃO:
Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5
Ludércio Telegráfico "ALTEROSA"
Belo Horizonte - Est. de Minas Gerais

*
SUCURSAL NO RIO:
Diretor: Nelson Ribeiro de Castro
Rua Visconde de Santa Izabel, 515
Fone 38-5684

*
ASSINATURAS
(Sob registro postal)
1 semestre (6 números) . . . Cr\$ 20,00
1 ano (12 números) . . . Cr\$ 40,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$ 70,00
(A única revista brasileira que só faz
expedição sob registro postal, sem
ônus para o assinante).

*
VENDA AVULSA
(Preço em todo o Brasil)
Número comum Cr\$ 3,00
Números especiais Cr\$ 5,00
Número atrasado, mais . . . Cr\$ 1,00
(Os números especiais circulam em
agosto e dezembro, comemorando res-
pectivamente o aniversário da revista
e o Natal).

*
SECRETÁRIO FUNDADOR — Teófilo
Pereira.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart,
Alphonsus de Guimarães Filho, Adel-
mar Tavares, Alvarus de Oliveira,
Austen Amaro, Aguiar Brandão, An-
ta Carvalho, Almir Neves, Antonieta
Assumpção, Bahia de Vasconcelos,
Bastos Portela, Cláudio de Souza, Car-
los Maranhão, Djalma Andrade, Dio-
nísio Garcia, Edson Pinheiro, Evágrio
Rodrigues, Francisco Armond, Huber-
to Rohden, Ilza Montenegro, Joaquin
Laranjeira, José Lara, Luís Otávio,
Lourdes G. Silva, Lúcia Machado de
Almeida, Malba Tahan, Maria Emilia
de Castro Goulart, Murilo Araújo,
Moacir Andrade, Murilo Rubião, Ney-
de Joppert, Nóbrega de Siqueira, Ol-
ga Obry, Oscar Mendes, Pedro Ribeiro
da Franca, Vanderlei Vilela e Yara
Nathan.

FOTOGRAFIAS — Francisco Martins
da Silva e Stúdio Constantino.

GRAVURAS — Fotogravura Minas Ge-
rais Ltda. e Gravador Araújo.

DESENHOS — Fábio Borges, Érico de
Paula, J. C. Moura, Rodolfo e Rocha.
IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Brei-
ner Ltda.

*
A redação não devolve, em hipótese
alguma, originais ou fotografias, ain-
da que não sejam aproveitados. E
não mantém correspondência com au-
tores de trabalhos que não tenham
sido solicitados.

*
Os conceitos emitidos em artigos as-
sinados, não são de responsabilidade
da direcção da revista.

JORNALISTAS E ESCRITORES NA ALTA ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO



Dr. Murilo Rubião



Dr. Joubert Guerra

É SEMPRE com verdadeiro júbilo
que o público recebe a iniciativa
dos governantes que chamam para os
cargos de relevo em sua administra-
ção os homens de pensamento, os jor-
nalistas e escritores.

Pela própria natureza de sua ati-
vidade, estes profissionais da pena
constituem sempre os melhores socio-
logos e, como tal, os elementos mais
indicados para apontar a um chefe
de governo as necessidades reais de
seu povo.

No novo Governo do Estado, sob a
chefia clarividente do sr. João Be-
raldo, tivemos a satisfação de constatar o alto apreço que é dispensado aos homens de pensamento, com a nomeação de numerosos elementos destacados em nosso jornalismo e em nossas letras, para cargos de destaque na administração pública.

Murilo Rubião, o jovem e acatado
escritor que constitui um dos mais
positivos valores da nova geração
mineira, foi designado para Oficial

de Gabinete do Interventor Fe-
Waldemar Tavares Pais, o cro-
leve e civilitante que reúne ainda
sólida cultura pedagógica, para
le de Gabinete do Secretário da
cação, Maurício Chagas Bicalho,
tra figura de relevo nos quadros
telectuais do Estado, e também u-
dos mais renomados técnicos que
possuímos em ciências econômicas
na Chefia do Gabinete do Secretário
das Finanças.

Osvaldo Neves Massote, figura de
relevo nos quadros do nosso jornalis-
mo diário, para o alto cargo de Di-
retor da Fazenda, em nossa municí-
palidade. E Joubert Guerra, outro es-
critor vigoroso que os nossos leitores
já se habituaram a conhecer, na che-
fia do gabinete do Prefeito da cidade.

Como se vê, um núcleo numeroso
de jornalistas e escritores cerca a
administração que ora se inicia, em-
prestando ao novo Governo do Esta-
do e do município, a valiosa colabo-
ração de seu talento e de sua cultura.



REVMO. PADRE DORILÓ FERREIRA GLÓRIA

Revmo. Pe. Dorilo Ferreira Glória que foi ordena-
do sacerdote a 8 de dezembro de 1945, na Catedral de
Mariana, filho de D. Maria dos Anjos Corrêa e sr.
Franklin Ferreira Glória.

Abre-se ao novo sacerdote um grande futuro a ser-
vício da Igreja e de Deus pelas suas qualidades, virtu-
des e inteligência comprovadas através do brilhante
curso no tradicional seminário de Mariana, que tantos
valores sacerdotais tem formado para o mais crescen-
te engrandecimento espiritual do nosso clero.

Todos estamos convencidos!
este creme dental antisséptico ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antisséptico.

agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.

...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



UM EMBLEMA MUITO COBIÇADO

2 VEZES CONFERIDO A'



ZENITH
RÁDIO

PELO EXERCITO E PELA MARINHA
DOS EE.UU. EM RECONHECIMENTO
AOS SEUS EXCELENTES SERVIÇOS



Distribuidores exclusivos para Minas
Gerais:

CASA TASSARA S. A.

Av. Afonso Pena, 1162 — Fone,
2-6058 — BELO HORIZONTE

ROCHA/44